

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

RÔMULO FABRICIANO GONZAGA PINTO

**EDUCAÇÃO DO OLHAR E SEMIFORMAÇÃO: (IM)POSSIBILIDADES
EDUCATIVAS NOS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL**

GOIÂNIA
2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☐ Dissertação ☒ Tese

2. Nome completo do autor

RÔMULO FABRICIANO GONZAGA PINTO

3. Título do trabalho

EDUCAÇÃO DO OLHAR E SEMIFORMAÇÃO: (IM)POSSIBILIDADES
EDUCATIVAS NOS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Rita Márcia Magalhães Furtado, Professor do Magistério Superior**, em 14/09/2020, às 11:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **RÔMULO FABRICIANO GONZAGA PINTO, Discente**, em 15/09/2020, às 23:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1549700** e o código CRC **97F40B6C**.

Referência: Processo nº 23070.021322/2020-16

SEI nº 1549700

RÔMULO FABRICIANO GONZAGA PINTO

**EDUCAÇÃO DO OLHAR E SEMIFORMAÇÃO: (IM)POSSIBILIDADES
EDUCATIVAS NOS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof.^a. Dr^a Rita Márcia Magalhães Furtado.
Linha de Pesquisa: Cultura e Processos Educacionais

GOIÂNIA

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Fabriciano Gonzaga Pinto, Rômulo

Educação do olhar e semi formação: (im)possibilidades educativas
nos Centros de Atenção Psicossocial [manuscrito] / Rômulo Fabriciano
Gonzaga Pinto. - 2020.

CCII, 202 f.

Orientador: Profa. Dra. Rita Márcia Magalhães Furtado.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de
Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia, 2020.

Inclui siglas.

1. Educação do olhar. 2. Substâncias psicoativas. 3. Indústria
cultural. 4. Sujeito toxicômano. 5. Semi formação. I. Márcia Magalhães
Furtado, Rita, orient. II. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata nº 12 da reunião da Banca Examinadora da Defesa de Tese de **Rômulo Fabriciano Gonzaga Pinto**.

Aos cinco dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte (05/06/2020), às 09:00h, em plataforma virtual no link público de acesso <https://meet.google.com/hwb-epfz-nic>, realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada “**EDUCAÇÃO DO OLHAR E SEMIFORMAÇÃO: (IM)POSSIBILIDADES EDUCATIVAS NOS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL**”. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora Profª. Drª. **Rita Márcia Magalhães Furtado**, doutora em Educação pela UNICAMP; com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Prof. Dr. **José Leon Crochik**, doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP - membro titular externo; Prof. Dr. **Felipe Wachs**, doutor em Ciências do Movimento Humano - membro titular externo; Profª. Drª. **Silvia Rosa da Silva Zanolla**, doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP - membro titular interno e Prof. Dr. **Tadeu João Ribeiro Baptista**, doutor em Educação pela UFG - membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Tese, tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Profª. Drª. **Rita Márcia Magalhães Furtado**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos cinco dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte.

Banca Examinadora:

Profª. Drª. Rita Márcia Magalhães Furtado

Prof. Dr. José León Crochik

Prof. Dr. Felipe Wachs

Profª. Drª. Silvia Rosa da Silva Zanolla

Prof. Dr. Tadeu João Ribeiro Baptista

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Sílvia Rosa Da Silva Zanolla**, Professor do Magistério Superior, em 05/06/2020, às 15:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Documento assinado eletronicamente por **Rita Márcia Magalhães Furtado**, Professor do Magistério Superior, em 05/06/2020, às 16:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º,

15/06/2020

SEI/UFG - 1358784 - Ata de Defesa de Tese



§ 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por José Leon Crochick, Usuário Externo, em 05/06/2020, às 19:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Tadeu João Ribeiro Baptista, Usuário Externo, em 08/06/2020, às 18:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Felipe Wachs, Usuário Externo, em 08/06/2020, às 20:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 1358784 e o código CRC 80D3FA22.

Referência: Processo nº 23070.021322/2020-16

SEI nº 1358784

RÔMULO FABRICIANO GONZAGA PINTO

**EDUCAÇÃO DO OLHAR E SEMIFORMAÇÃO: (IM)POSSIBILIDADES
EDUCATIVAS NOS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL**

Tese a ser submetida a defesa no Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás perante a Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores (as):

Prof.^a. Dr.^a. Rita Márcia Magalhães Furtado (Presidente) – UFG

Prof.^a. Dr.^a. Sílvia Rosa da Silva Zanolla (membro) – UFG

Prof. Dr. Tadeu João Ribeiro Baptista (membro) – UFG

Prof. Dr. José Leon Crochik (membro) – USP

Prof. Dr. Felipe Wachs (membro) – UFG

Prof. Dr. João Roberto Resende Ferreira (suplente) – UFG

Prof. Dr. Wilson Alves Paiva (suplente) – UFG

AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre esteve presente na minha vida, orientando meus caminhos com entusiasmo, disposição, vontade de aprender e coragem em servir as pessoas com o propósito de colaborar para a transformação da realidade concreta, conforme os meus limites, na lida diária de quem oferece atenção terapêutico-pedagógica a pessoas dependentes de substâncias psicoativas, oferecendo o direito à fala, à escuta e sua visibilidade destas como seres humanos.

A minha família, em especial: meu pai, Aídes Ferreira Pinto, e minha mãe, Maria Helena Gonzaga de Brito Pinto, os quais amo e tenho gratidão eterna por terem me trazido à vida e que me têm oportunizado uma vida digna de ser vivida com muito amor, ética, responsabilidade, luta e sacrifícios. Aos meus irmãos, Amanda Isa Gonzaga Pinto e Laércio José Gonzaga Pinto, os quais amo e me trazem muitas e belas recordações da minha vida e com quem compartilhei e vivi muitos momentos de alegrias e tristezas. A minha filha Luíza, a quem tanto me alegra incomensuravelmente. E hoje, com cinco anos de idade, me faz acreditar na luta cotidiana para, ao evoluir eu mesmo, contribuir para a construção de um outro mundo possível.

A todos os amigos e amizades construídas ao longo da minha vida, em especial: ao professor Sebastião Alves de Almeida, a sua amizade e fato de ter sido uma pessoa marcante na minha vida acadêmica desde o 2º período do curso de Educação Física na ESEFFEGO/UEG e que estimulou fortemente a minha dedicação à formação no campo das ciências humanas e sociais. Ao professor Tadeu João Ribeiro Baptista, a sua amizade, o acompanhamento de boa parte da minha vida e carreira acadêmica com sábios conselhos, que me estimularam a iniciar o curso de Educação Física na ESEFFEGO/UEG e foi meu orientador de monografia ao final do curso. Além disso, o professor Tadeu esteve na banca de qualificação e defesa da minha dissertação de mestrado, enriquecendo o trabalho com múltiplas contribuições.

Sou imensamente grato à minha orientadora Rita Márcia Magalhães Furtado, pelo carinho de mãe, pela disposição, tranquilidade, charme no falar, beleza poética em se expressar, liberdade, paciência, entusiasmo e por ser tão rigorosa e dedicada com o propósito de qualificar esta tese. Meu muito obrigado, Rita! Agradeço muito também à professora Sílvia Rosa da Silva Zanolla com quem iniciei minha experiência no Programa de Pós-Graduação em Educação na disciplina Teoria Crítica, Cultura e Educação e que me instigou reflexões profundas sobre a barbárie a partir da Teoria Crítica da Escola de

Frankfurt. A professora Sílvia é sempre inspiradora da necessidade de lutar contra a barbárie em todos os lugares onde estivermos inseridos, a começar pela barbárie existente em cada um de nós.

Gratidão aos meus colegas de trabalho, gestores dos CAPS, que jamais negaram apoio à minha pesquisa, por vezes negociando mudanças no horário de trabalho no CAPS Ipê e CAPS Girassol/Unidade de Acolhimento Transitório, por vezes flexibilizando minha carga horária e compreendendo as dificuldades de conciliação de meus compromissos pessoais e institucionais com os compromissos de trabalho e acadêmicos. Muito obrigado pelo aprendizado, por contribuírem tanto para minha formação no espaço cotidiano de trabalho.

E, por último, agradeço aos usuários do CAPS AD CASA, CAPS AD NOROESTE, CAPS AD IPÊ, CAPS Adi GIRASSOL e UATi. Sem eles esta tese não existiria para começo de conversa. Suas histórias de vida são inspiradoras, apesar de todos os desafios e dificuldades vividas por eles. Suas histórias me sensibilizam e demonstram a potência humana existente para a superação das condições deletérias de vida imersa no uso prejudicial de substâncias psicoativas.

RESUMO

PINTO, Rômulo Fabriciano Gonzaga. **Educação do olhar e semiformação:** (im)possibilidades educativas nos Centros de Atenção Psicossocial. 2020. 202 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

A presente tese, associada à linha de pesquisa “Cultura e Processos Educacionais”, é fruto de uma pesquisa realizada conforme os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt no contexto dos CAPS AD. O problema da pesquisa, considerando que a educação do olhar pode contribuir para o processo de semiformação e que os mecanismos ideológicos de dominação, como a Indústria Cultural, se impõem com o propósito de padronização das consciências, conflui para a seguinte questão: Como o sujeito toxicômano e os profissionais da saúde mental podem apreender as imagens disseminadas pela indústria cultural em um processo de educação do olhar para se compreender a regulamentação e o controle social do uso de substâncias psicoativas? A técnica de coleta de dados empregada nesta pesquisa foi a entrevista semiestruturada e a observação participante com todos os professores de Educação Física do município de Goiânia que trabalham em CAPS-AD. Com o problema posto, buscou-se compreender como os profissionais da saúde mental e o sujeito toxicômano podem apreender as imagens disseminadas pela Indústria Cultural, e suas possíveis vinculações com um processo de educação do olhar, e ainda se este possui relação com as políticas de regulamentação e controle social do uso de substâncias psicoativas. Assim buscou-se compreender o advento da política proibicionista das drogas e sua articulação com a semiformação humana, identificando os processos de educação do olhar e sua possível relação com as maneiras de ver e sentir na contemporaneidade, relacionando estas com as toxicomanias e, por fim, situando a indústria cultural como mecanismo central de dominação humana na especificidade do recorte da pesquisa. Diante desses objetivos aqui explicitados, este trabalho foi dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, buscou-se compreender os processos de semiformação humana e sua possível relação com a educação do olhar na singularidade histórica do capitalismo, em seu desdobramento enquanto categoria lógica e histórica. No segundo capítulo apresentamos, a partir de Theodor Adorno e Max Horkheimer, o desenvolvimento da indústria cultural ao longo do século XX e concomitantemente, buscamos em Chistoph Türcke, elementos para a compreensão do advento da sociedade excitada. Apresentamos o conceito de fluxos sensoriais contínuos que tem sua origem em Richard Sennett, e que é também desenvolvido por Claudine Haroche, que fortalece os feixes de dominação oriundos da indústria cultural. No terceiro capítulo apresentamos os processos de educação do olhar e semiformação oriundos do advento das tecnologias sociais da exclusão, da gênese e desenvolvimento histórico do uso de drogas, da origem e processo histórico da política proibicionista das drogas. No quarto capítulo, explicitamos como, a partir das perspectivas de profissionais de saúde e usuários do serviço atendidos em CAPS de que modo os processos de educação do olhar podem culminar em processos de (de)formação humana. Conclui-se que, mesmo no âmago das contradições, limites e possibilidades se põem no real dentro e fora dos CAPS caminhos para que intervenções terapêutico-pedagógicas possam expressar possibilidades de superação do existente em novas sínteses históricas futuras possíveis.

Palavras-chave: Educação do olhar; substâncias psicoativas; indústria cultural; sujeito toxicômano e semiformação.

ABSTRACT

PINTO, Rômulo Fabriciano Gonzaga. Education of the look and semi-formation: (im)possibilities educational in Psychosocial Care Centers. 2020. 202 f. Thesis (Doctorate in Education) - Federal University of Goiás, Goiânia.

This thesis, associated with the line of research “Culture and Educational Processes”, is the result of a research carried out according to the theoretical and methodological assumptions of the Critical Theory of the Frankfurt School in the context of the CAPS AD. The research problem, considering that the education of the gaze can contribute to the process of semi-formation and that the ideological mechanisms of domination, such as the Cultural Industry, impose themselves for the purpose of standardizing consciences, converges to the following question: How the subject drug addict and mental health professionals can apprehend the images disseminated by the cultural industry in a process of educating the eye to understand the regulation and social control of the use of psychoactive substances? The data collection technique used in this research was the semi-structured interview and participant observation with all Physical Education teachers in the city of Goiânia who work at CAPS-AD. With the problem posed, we sought to understand how mental health professionals and the drug addict can apprehend the images disseminated by the Cultural Industry, and their possible links with a process of educating the gaze, and even if it is related to the policies of regulation and social control of the use of psychoactive substances. Thus, we sought to understand the advent of the prohibitionist drug policy and its articulation with human semiformation, identifying the processes of gaze education and its possible relationship with the ways of seeing and feeling in contemporary times, relating these to drug addictions and, finally, placing the cultural industry as a central mechanism of human domination in the specificity of the research focus. In view of these objectives explained here, this work was divided into four chapters. In the first chapter, we sought to understand the processes of human semi-formation and its possible relationship with the education of the gaze in the historical singularity of capitalism, in its unfolding as a logical and historical category. In the second chapter we present, from Theodor Adorno and Max Horkheimer, the development of the cultural industry throughout the 20th century and, concomitantly, we search in Christoph Türcke, elements for the understanding of the advent of excited society. We present the concept of continuous sensory flows that has its origin in Richard Sennett, and that is also developed by Claudine Haroche, who strengthens the bonds of domination coming from the cultural industry. In the third chapter we present the processes of education of the gaze and semi-formation arising from the advent of social technologies of exclusion, the genesis and historical development of drug use, the origin and historical process of the prohibitionist drug policy. In the fourth chapter, we explain how, from the perspectives of health professionals and service users treated at CAPS, how the processes of gaze education can culminate in processes of (de) human formation. We conclude that, even at the heart of the contradictions, limits and possibilities, realities are placed inside and outside the CAPS so that therapeutic-pedagogical interventions can express possibilities of overcoming the existing in new possible future historical syntheses.

Keywords: Education of the look; psychoactive substances; cultural industry; drug addict, semi-formation and emancipation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1 – FETICHISMO, REIFICAÇÃO, INDÚSTRIA CULTURAL E SEMIFORMAÇÃO	21
1.1. Do aprofundamento da alienação a partir do fetichismo da mercadoria à reificação.....	21
1.2. Do aprofundamento da reificação a partir da semiformação: percurso deformativo sob a égide da indústria cultural.....	37
1.3. A semiformação: caminhos na direção da deformação humana.....	53
CAPÍTULO 2 – INDÚSTRIA CULTURAL E SOCIEDADE EXCITADA: (IM)POSSIBILIDADES EMANCIPATÓRIAS.....	66
2.1. As mutações da indústria cultural na contemporaneidade e o advento da sociedade excitada.....	66
2.2. (Im)possibilidades emancipatórias na sociedade excitada.....	77
CAPÍTULO 3 – RELAÇÃO DO HUMANO COM AS DROGAS, ADVENTO DO PROIBICIONISMO E TECNOLOGIAS SOCIAIS DA EXCLUSÃO SOCIAL	92
3.1. O humano e sua relação com as drogas.....	93
3.2. O proibicionismo das drogas e seu desenvolvimento histórico.....	111
3.3. Tecnologias sociais da exclusão social e o aprofundamento da brutalização do humano.....	127
CAPÍTULO 4 – O LOCAL DA PESQUISA E SUAS RELAÇÕES: (DES)ENCONTROS NOS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL.....	136
4.1. A Rede de Atenção Psicossocial em Goiânia: uma breve caracterização	138
4.2. Percepção e compreensão de profissionais da saúde e toxicômanos acerca da educação do olhar e semiformação humana.....	143
4.3. Concepções de professores de educação física e usuários do serviço concernente às relações entre os processos de educação do olhar e a semiformação.....	155
4.4. Concepções, condição da toxicomania, experiência/vivência terapêutico-pedagógica e olhares dos usuários do serviço.....	168
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	182
REFERÊNCIAS.....	186
ANEXOS.....	193

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAPS-AD – Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e outras Drogas

IST – Infecções Sexualmente Transmissíveis

ESF – Estratégia Saúde da Família

GERART – Gerando Renda com Artesanato

MS – Ministério da Saúde

NAPS-AD – Núcleo de Atenção Psicossocial – Álcool e outras Drogas

OMS – Organização Mundial da Saúde

PSF – Programa Saúde da Família

RAPS – Rede de Atenção Psicossocial

RD – Redução de Danos

SENAD – Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas

SUPERA – Sistema para detecção do Uso abusivo e dependência de substâncias Psicoativas: Encaminhamento, intervenção breve, Reinserção social e Acompanhamento.

SUS – Sistema Único de Saúde

UAT – Unidade de Acolhimento Transitório

UATi – Unidade de Acolhimento Transitório Infante-juvenil

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento desta pesquisa visa estabelecer uma incursão¹ para se compreender, especificamente, os processos da educação do olhar² e sua possível articulação com a semiformação humana na cidade de Goiânia, nos quatro CAPS-AD (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas) existentes. Essa incursão está relacionada com o processo histórico de regulamentação e controle social do uso de substâncias psicoativas. Desse modo, aqui foram construídas reflexões nas quais possa ser compreendido o momento histórico atual da educação do olhar, como prática transversal e não central³, a partir da experiência terapêutico-pedagógica de educação em saúde, realizada pelos professores de educação física para pessoas atendidas em CAPS-AD na cidade de Goiânia. Foram estas as Unidades de Saúde pesquisadas: CAPS-AD CASA, CAPS-AD⁴-GIRASSOL, CAPS AD NEGRÃO DE LIMA⁵ e CAPS AD NOROESTE.

Em pesquisa anterior que desenvolvi no mestrado, pude explicitar que as possibilidades teóricas estão postas para que o CAPS (considerado nesta pesquisa local privilegiado de intervenções terapêutico-pedagógicas críticas) se apresente potencialmente a partir da prática do professor de educação física como espaço fértil de superação do quadro deletério das toxicomanias. E assim tal prática se constitui como uma das mediações para a emancipação humana (PINTO, 2016).

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, buscou-se aprofundar uma categorização inédita apresentada na dissertação que evidenciou as vertentes de projetos de educação do olhar subsumidos e os contra hegemônicos em relação à política

¹ Antes de abordar os aspectos desenvolvidos nesta pesquisa, serão apresentados os caminhos concretos que foram percorridos na sua realização. É importante dizer que os locais da pesquisa são os Centros de Atenção Psicossocial AD onde trabalho há mais de dez anos. Em relação ao tema desta pesquisa, trata-se de um campo de pesquisa¹ ainda pouco compreendido na dimensão dos processos terapêutico-pedagógicos de educação em saúde que ocorrem cotidianamente nesses centros.

² Conforme Joly (1996), a educação do olhar é uma educação intencional. Não é, portanto, um processo que ocorre naturalmente como mero desenvolvimento biológico do ser humano. No caso desta pesquisa, têm-se, como recorte do objeto a ser aprofundado, o cinema, publicidade, campanhas midiáticas e impressas nos locais públicos que sejam de origem estatal e privada acerca da regulamentação do uso das substâncias psicoativas no Brasil.

³ Trata-se de compreender que e a educação do olhar em si não é central no que tange ao eixo formativo e de cuidado ao mesmo tempo que aqui denomina-se prática terapêutico-pedagógica, mas comparece como tema transversal de tal prática seja de forma intencional ou não no cotidiano do trabalho dos professores de educação física e demais profissionais de saúde dos Centros de Atenção Psicossocial.

⁴ ADi – Esta sigla significa Álcool e Outras Drogas Infanto-juvenil.

⁵ Após a aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa, oriundo de uma perspectiva de construção de uma identidade no campo da saúde mental, esta Unidade de Saúde mudou seu nome para CAPS Ipê.

proibicionista das drogas⁶ no Brasil e no mundo da seguinte maneira: vertente estimuladora do uso, vertente proibicionista adaptada, vertente regulatória acrítica e vertente regulatória crítica.

Nesse sentido, esta pesquisa é um desdobramento da experiência vivida na disciplina “Estética, Educação e Imagens da Arte”, ministrada pela professor Dra. Rita Márcia Magalhães Furtado. O artigo final produzido nessa disciplina foi, na minha compreensão, o embrião para o desenvolvimento desta tese, pois, além de ter sido uma experiência prazerosa estudar conceitualmente a educação do olhar, permitiu-me a construção de categorias para análise e reflexão acerca das imagens e sua relação com o olhar humano. E isso foi muito gratificante porque abriu um campo de questões que foram formuladas, as quais buscou-se respondê-las durante a realização desta tese.

No primeiro momento, este trabalho busca identificar e questionar, a partir do percurso histórico, como o modo de sociabilidade hegemônico atual pode colaborar para a construção de projetos de educação do olhar que limitam o agir crítico e emancipado, em especial no que se refere às substâncias psicoativas e às toxicomanias. Em outras palavras, busca analisar e refletir sobre o projeto social de padronização humana, oriundo da lógica mais ampla do capital, que se referenda nos mecanismos ideológicos e socioculturais de dominação a partir da indústria cultural. É importante ressaltar que a condição de padronização das consciências posta, inclusive pela indústria cultural, contribui com o processo de semiformação⁷.

No segundo momento, este trabalho busca analisar quais são as matrizes de saber, a partir de determinadas correntes científicas colonizadas por mecanismos ideológicos e socioculturais de dominação que se orientam para construção de imagens e conceitos sobre as substâncias psicoativas e toxicomanias. E isso considerando o padrão societário

⁶ Nesta tese, o conceito de substâncias psicoativas será utilizado no lugar da categoria “drogas”, pois se trata de uma categoria que foi coisificada no início do século XX com o advento da política proibicionista das drogas. Importante ressaltar que em muitos autores e discussões foi trazida a categoria drogas, mas sempre explicitando a tensão e sua amplitude em contraposição à simplificação e ao controle realizado ao longo do desenvolvimento da política proibicionista das drogas desde sua gênese até o atual momento histórico.

⁷ No Brasil, existe a discussão no meio acadêmico acerca deste conceito de Adorno, que, no alemão, é *halbbildung*, mas traduzido como semiformação, deformação e pseudoformação. De acordo com Neuvald e Guilhermeti (2006, p. 2), “*Halbbildung* é um termo alemão formado pela justaposição das palavras *Halb* (que pode significar meio, metade ou pseudo) e *Bildung* (que significa, ao mesmo tempo, cultura, formação cultural, formação da personalidade ou educação num sentido amplo). No entanto, *Halbbildung* não pode ser simplesmente traduzido por meia formação ou falsa formação, pois Adorno imprime um sentido dialético ao termo, o qual, simultaneamente, indica uma falsidade ou limitação do processo formativo, quando este perde sua articulação entre autonomia e dominação; mas também indica uma formação real e efetiva, apenas como dominação. Por isso, semiformação é um termo que vem sendo mais utilizado pelos tradutores, como Maar (1992), Pucci, Zuin e Ramos de Oliveira”.

hegemônico de regulamentação das substâncias psicoativas ao longo da história. Dessa forma, infere-se como os projetos de educação do olhar, sob a chancela destas correntes científicas, puderam contribuir para a construção de concepções simplistas, preconceituosas e fragmentadas acerca das substâncias psicoativas e das toxicomanias no Brasil e no mundo.

Devido à escassa produção nesta área específica, as pesquisas concernentes aos processos de educação do olhar relacionadas à regulamentação do uso de substâncias psicoativas e às toxicomanias no Brasil urgem de sistematização, com o intuito de estabelecer o profícuo debate acadêmico. Nesse sentido, esta tese contribui com a reflexão sobre o atual quadro hegemônico de educação do olhar no campo específico da regulamentação do uso de substâncias psicoativas em nosso país. Dessa forma, podem ser construídos, juntamente com a sociedade civil organizada, processos terapêutico-pedagógicos⁸ a partir das intervenções dos professores de educação física, que possam ser orientados na direção da emancipação humana no campo das toxicomanias.

Concernente à metodologia, foi realizada, durante o desenvolvimento desta tese, a pesquisa de campo. Referente ao método, as reflexões foram orientadas pelos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. Este método tem sua fundamentação teórico-epistemológica, entre outros autores, na Teoria do Conhecimento, como Marx, Weber e Freud. Então, diante dessa base epistemológica, foram considerados os fundamentos da dialética histórico-materialista marxiana, a sociologia compreensiva weberiana e a psicanálise freudiana.

A pesquisa desenvolvida foi qualitativa do tipo participante. Para Brandão (2007), a pesquisa participante pode ser compreendida como o meio, fundamentada em uma base científica ou mesmo em um trabalho que expressa as dimensões política e pedagógica que extrapolam os limites mesmo do campo pesquisado (p. 53).

Isso porque a pesquisa participante tem como ponto de origem o fato de estar situada em uma determinada dimensão da realidade social e sua vinculação com uma totalidade em seus fundamentos e dinâmica. Dessa forma, mesmo que seus elementos tenham uma territorialidade e dimensionalidade próprias, nunca eles perdem seu vínculo com as dimensões sociais mais amplas do real que se põe (Ibid., p. 54).

⁸ Durante a tese será explicitado o desenvolvimento deste conceito em suas bases lógicas e históricas. Para o momento, é importante dizer que se trata da especificidade das intervenções em campos não formais de professores de educação física e também de outros profissionais na saúde pública brasileira.

Referente ao tema de pesquisa, esse foi definido como educação do olhar no CAPS. Já o problema partiu do seguinte pressuposto e questão: considerando que a educação do olhar em seu aspecto regressivo⁹ pode contribuir para o processo de semiformação, os mecanismos socioculturais e ideológicos de dominação, como a indústria cultural, se impõem com o propósito de padronização das consciências. Sendo assim, foi levantada a seguinte questão: Como o sujeito toxicômano e os profissionais da saúde mental podem apreender as imagens disseminadas pela indústria cultural em um processo de educação do olhar para se compreender a regulamentação e o controle social do uso de substâncias psicoativas?

No intuito de responder à questão, como objetivo geral, buscou-se compreender como os profissionais da saúde mental e o sujeito toxicômano podem apreender as imagens disseminadas pela indústria cultural, sua possível vinculação com um processo de educação do olhar que possa ter relação com as políticas de regulamentação e controle social do uso de substâncias psicoativas.

A partir deste objetivo geral, foram constituídos três objetivos específicos: entender o advento da política proibicionista das drogas e sua articulação com a semiformação humana; identificar os processos de educação do olhar e sua possível ligação com as maneiras de ver e sentir na contemporaneidade relacionadas com as toxicomanias; e situar a indústria cultural como mecanismo central de dominação humana no que concerne aos choques¹⁰ e fluxos sensoriais contínuos relacionados à semiformação humana no campo das toxicomanias.

Diante desses objetivos específicos, este trabalho foi elaborado em quatro capítulos. No primeiro, busca-se compreender os processos de semiformação humana e sua ulterior articulação com a educação do olhar na especificidade do modo de produção capitalista, em seu desenvolvimento como categoria lógica e histórica. Para tanto, remete-se a Marx a partir do percurso que perpassa a gênese da alienação na particularidade histórica do capitalismo e o seu aprofundamento diante do fenômeno do fetichismo da mercadoria. Posteriormente, busca-se, com base em Lukács, refletir acerca da

⁹ No sentido de comparecer sob a lógica de reforçar a dominação e consequentemente a heteronomia.

¹⁰ Türcke (2010) desenvolve três conceitos relativos à ideia de choque: choques imagéticos, choques filmicos e choques audiovisuais. Tal conceito de choque tem sua gênese epistemológica na psicanálise de Sigmund Freud, o qual é melhor elaborado em suas obras: *Formulações sobre os dois princípios do Funcionamento Psíquico*, de 1911, e *Além do princípio do prazer*, de 1920, e atualizada sob o arcabouço epistemológico da *Teoria Crítica da Escola de Frankfurt* com Walter Benjamin na sua obra *Passagens e Sobre Alguns Temas em Baudelaire*. Uma síntese que estabelece os elos entre as reflexões relacionadas ao conceito de choque em Freud e Benjamin pode ser lida em Warmling e Veras (2017), em artigo intitulado de *Choque & modernidade: Benjamin às voltas com Freud*.

radicalização do fenômeno do fetichismo da mercadoria a partir da categoria da reificação humana. Ao final desse capítulo, baseando-se em Adorno e Horkheimer, foram apresentadas as múltiplas determinações existentes entre a indústria cultural e a semiformação humana como lugar de aprofundamento da reificação no atual momento histórico do capitalismo.

No segundo capítulo, foi apresentado, inicialmente, a partir de Adorno e Horkheimer, o desenvolvimento da indústria cultural ao longo do século XX e, concomitantemente, em Türrcke, elementos para a compreensão do advento da sociedade excitada como eixo teórico que dialoga com o objeto de pesquisa no que concerne a compreensão dos processos de educação do olhar e sua relação que explicita a centralidade da indústria cultural nos aspectos da dominação por meio da ocupação dos sentidos tal qual os dois autores frankfurtianos afirmam ser o fim último da indústria cultural. Apresenta-se o conceito de fluxos sensoriais contínuos, com origem em Sennett e desenvolvido por Haroche, em suas especificidades que contribuem com a ampliação da compreensão dos feixes de dominação oriundos da indústria cultural como categoria central. Dessa forma, explicitou-se de que modo se põem no real, a partir do advento e desenvolvimento da indústria cultural como categoria lógica e histórica em novas formas de educação do olhar e semiformação que impõe caminhos nos quais, ao mesmo tempo, são postas (im)possibilidades emancipatórias.

Quanto ao terceiro capítulo, esse apresenta os processos de educação do olhar e semiformação oriundos da gênese das tecnologias sociais da exclusão, que têm colaborado para a construção de um mundo somente para os sujeitos normalizados e negado aos demais a possibilidade de existirem. Com a modernidade, tal processo remete ao desenvolvimento histórico do uso de drogas¹¹ por parte da humanidade e suas formas de normalização e controle. No final desse capítulo, aborda-se a política proibicionista das drogas que tem sido referência, inclusive ancorada em produção científica, em uma política eugenista cujo propósito orienta-se na direção da eliminação do sujeito toxicômano.

No quarto e último capítulo desta tese, foi demonstrado, a partir da pesquisa empírica, as concepções de profissionais de saúde e usuários do serviço atendidos em CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), de que modo os processos de educação do

¹¹ Do ponto de vista biológico, as drogas são qualquer substância capaz de alterar a atividade cerebral provocando mudanças de estados de humor, cognição e comportamento, seja no aspecto estimulante, depressor e perturbador em nível de sistema nervoso central.

olhar¹², sob os mais diversos prismas, podem culminar em processos de semiformação humana. Além disso, busca-se compreender como a conduta terapêutico-pedagógica de professores de educação física pode, potencialmente como experiência formativa em uma perspectiva de educação integral, se contrapor à lógica da semiformação humana na sociedade capitalista em sua fase tardia.

¹² Muitos destes processos ocorridos anteriormente a vinculação aos processos aqui denominados de terapêutico-pedagógicos dos professores de educação física nos CAPS.

CAPÍTULO 1 – FETICHISMO, REIFICAÇÃO, INDÚSTRIA CULTURAL E SEMIFORMAÇÃO

Os processos de semiformação humana e sua ulterior articulação com a educação do olhar, a partir das ênfases dadas a esta dimensão humana pelo modo de produção capitalista, desde o advento da modernidade, devem ser compreendidos considerando o seu desenvolvimento como categoria lógica e histórica. Para tanto, atenta-se para a concepção do próprio Marx acerca da alienação na particularidade histórica do capitalismo e o seu aprofundamento diante do fenômeno do fetichismo da mercadoria. Posteriormente, será entendido em Lukács o surgimento do fenômeno da reificação humana e as inter-relações recíprocas e complexas estabelecidas, sobretudo a partir da leitura de Adorno e Horkheimer, entre a indústria cultural e a semiformação humana como lugar de aprofundamento da reificação¹³ no atual momento histórico do capitalismo.

Tal percurso é fundamental para se compreender – no que tange ao objeto desta pesquisa – a relação existente entre a educação do olhar e a semiformação quanto à complexidade da problemática das toxicomanias sob um prisma ampliado na sua tensão entre o particular e o universal. Isso implica o entendimento da dinâmica psicossocial dos mecanismos socioculturais e ideológicos de dominação, tendo sua centralidade na indústria cultural, assim como da busca de tratamento nos CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) por parte do sujeito toxicômano e de sua relação aqui denominada de terapêutico-pedagógica com os profissionais de saúde, em especial com os professores de educação física, que lhe ofertam, ao mesmo tempo, momentos potenciais de formação no sentido educativo e cuidado na especificidade da superação do sofrimento psicossocial.

1.1. Do aprofundamento da alienação a partir do fetichismo da mercadoria à reificação

A reflexão acerca do fetichismo e da reificação tem sido desenvolvida a partir de uma vasta produção acadêmica, a qual tem apresentado as consequências nefastas destes dois fenômenos oriundos do desenvolvimento da particularidade histórica do modo de produção capitalista desde a sua gênese.

¹³ A reificação é a categoria lógica e histórica mais desenvolvida concernente à consciência cindida. A indústria cultural e a semiformação comparecem como mecanismos socioculturais e ideológicos de dominação que aprofundam a reificação. Mais detalhes ver em Lukács (2003), Adorno e Horkheimer (1985) e Adorno (2005).

Sob esse prisma, pretende-se compreender o processo de semiformação humana inicialmente com a reflexão que vincula o fenômeno da alienação e seu aprofundamento ao fetichismo da mercadoria e, posteriormente, à reificação. Tal reflexão permite compreender, em sua essência, como se aprofundam as relações de dominação do homem sobre o homem e a subsunção dos homens ao reinado e supremacia das mercadorias e do capital em contraposição às necessidades humanas no que tange à contradição existente entre o reino da necessidade e o reino da liberdade.

Na história da humanidade, o advento da mercadoria foi um marco transformador das relações em sociedade. A mercadorização da vida foi fundamental para o fomento de uma produtividade quantificável para satisfação de determinados interesses da burguesia como classe social ascendente e dominante. Para tal intento, a burguesia apropria-se de um discurso que reverbera um “canto da sereia”, que dia após dia tem assolado tanto a humanidade quanto toda a natureza em um metabolismo social¹⁴ predominantemente autofágico.

O fetichismo e a reificação da vida em sociedade são hoje um dos pilares fundamentais que sustentam um paradigma societário baseado em uma vida ideologicamente¹⁵ dita como sendo livre. Sob esse prisma, busca-se compreender o percurso filosófico do qual depreende o processo de semiformação humana com a reflexão acerca do fenômeno da alienação a partir do fetichismo da mercadoria e seu desdobramento com a reificação humana.

As consequências do aprofundamento do fetichismo da mercadoria e da reificação, ainda no atual momento histórico, são as mais funestas possíveis. Enquanto estes dois pilares da particularidade histórica do modo de produção capitalista não forem superados, a natureza e o homem vão padecer amargamente perante forças sociais que parecem insuperáveis. Tanto que, para István Mészáros, a não superação desta particularidade histórica da humanidade, a sociedade do Capital, só resultará em uma profunda e cada vez maior barbárie (MÉSZÁROS, 2003).

¹⁴ Trata-se da relação metabólica que o homem estabelece com a natureza, fundada sob a égide do trabalho como categoria central dessa relação. Do ponto de vista ontológico, ao mesmo tempo em que o homem transforma a natureza, ele transforma a si mesmo. Na sociedade capitalista, tal processo adentra um novo patamar de destruição do planeta como um todo em um sentido marcadamente pernicioso segundo o qual o homem não trabalha para produção e reprodução da sua existência em uma relação sustentável, nem consigo e tampouco com outras espécies. Daí decorre um conflito insolúvel sob a égide da lógica do Capital entre natureza orgânica e inorgânica do homem. (MESZÁROS, 2003)

¹⁵ Apesar da compreensão polissêmica do conceito de ideologia, aqui ela será, em muitos momentos, entendida como falsa representação.

Porém, para compreender tal processo em sua origem é necessário um entendimento acerca do que seja a mercadoria. Isso porque, nas palavras do próprio Marx (1987, p. 41-42),

A mercadoria é, antes de mais nada, um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenham do estômago ou da fantasia. Não importa a maneira como a coisa satisfaz a necessidade humana, se diretamente, como meio de subsistência, objeto de consumo, ou indiretamente, como meio de produção. (Grifo meu)

Nesse sentido, para Marx (1987), a mercadoria é a essência do modo de produção capitalista. A partir da conversão dos produtos do trabalho humano em mercadorias é que foi desenvolvido, na sociedade capitalista, um novo tipo de relação do ser humano com esses produtos na relação metabólica existente entre homem e natureza. O destaque dado a mercadoria no que se refere a satisfação das necessidades humanas em três aspectos antecipa as consequências deletérias do metabolismo social entre homem e natureza daí resultante.

Antes de se debruçar na especificidade do fenômeno do fetichismo da mercadoria, é importante mencionar que a mercadoria, a partir da teoria marxiana, apresenta quatro dimensões fundamentais. Nesse sentido, a mercadoria é, ao mesmo tempo, no modo de produção capitalista, valor de uso, valor de troca, valor e fetiche¹⁶.

Em primeiro lugar, como já mencionado aqui, a mercadoria é, antes de ser valor de uso, um produto do trabalho humano. Como valor-de-uso, a mercadoria expressa sua utilidade social como produto social do trabalho humano vivo. Cabe reiterar que, independentemente do modo de produção que organiza, e é determinação central da vida produtiva, todos os produtos do trabalho social humano constituem-se como valores-de-uso. Além disso, “o valor-de-uso só se realiza com a utilização ou o consumo” (MARX, 1987, p. 42).

Em sua segunda dimensão, a mercadoria, no desenvolvimento do capitalismo, será, ao mesmo tempo, apresentará sua base material específica¹⁷ para a constituição do valor de troca. Em uma primeira aproximação, o valor-de-troca se expressa “[...] na

¹⁶ Não é possível separar estas quatro dimensões da singularidade dos produtos do trabalho humano na sociedade capitalista a não ser para aprofundar suas especificidades que não podem ser fragmentadas de fato no real existente.

¹⁷ O valor de troca comparece nos produtos do trabalho humano em modos de produção da vida anteriores ao capitalismo a partir do surgimento da propriedade privada e das classes sociais.

relação quantitativa entre valores-de-uso de espécies diferentes, na proporção em que se trocam” (Ibid., p. 43).

No entanto, o valor-de-troca não expressa uma relação da natureza mesma dos produtos do trabalho social humano. Como valor-de-troca, as mercadorias são igualadas a partir de critérios quantitativos vinculados às condições sócio históricas da produção que se modificam ao longo do tempo. O exemplo dado por Marx da igualdade, sob a égide do valor-de-troca, entre um quarter de trigo e n quintais de ferro explicita o significado desta igualdade em que “[...] algo comum, com a mesma grandeza, existe em duas coisas diferentes, em um quarter de trigo e em n quintais de ferro. As duas coisas são, portanto, iguais a uma terceira que por sua vez delas difere. Cada uma das duas, como valor-de-troca, é reduzível, necessariamente, a essa terceira” (Ibid., p. 43).

Então, ao contrário do valor-de-uso que apresenta singularidades específicas de produtos diferentes do trabalho no que se refere à qualidade, as mercadorias como valores-de-troca distinguem-se uma das outras no que diz respeito a quantidade. Para quantificar esta igualdade, Marx compreende que o elemento que torna isso possível é o tempo de trabalho socialmente necessário para fabricação de produtos do trabalho humano abstrato¹⁸. Trata-se do conceito de valor em Marx. O valor-de-troca da mercadoria implica o desaparecimento aparente¹⁹ do seu valor-de-uso. Assim,

Ao desaparecer o caráter útil dos produtos do trabalho, também desaparece o caráter útil dos trabalhos neles corporificados, desvanecem-se, portanto, as diferentes formas de trabalho concreto, elas não mais se distinguem umas das outras, mas reduzem-se, todas, a uma única espécie de trabalho, o trabalho humano abstrato. (Ibid., p. 44-45).

Diante disso, um produto do trabalho humano, detentor de um valor-de-uso, somente possui valor em decorrência de que nele está materializado trabalho humano abstrato. Para identificar o valor, na lógica do capital, é mister mensurar a quantidade de substância que o cria, qual seja, o trabalho (Ibid., p. 45). Dessa forma, o valor pode ser definido como “[...] a quantidade de trabalho socialmente necessário ou o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de um valor-de-uso” (Ibid., p. 46).

¹⁸ Com base em Marx (1987), pode-se compreender o trabalho humano abstrato oriundo do valor-de-troca e o trabalho humano concreto como valor-de-uso. Pode-se depreender, a partir disso, que, sob a lógica do capital, existe a prevalência do trabalho humano abstrato sobre o trabalho humano concreto, o que corrobora a inversão na relação entre os homens e a produção material e imaterial da vida. O que ocorre é o domínio da produção sobre os homens e não o domínio dos homens sobre a produção.

¹⁹ Não é possível que ocorra este desaparecimento na realidade concreta, mas de forma aparente na tentativa de ocultar a utilidade social dos produtos do trabalho humano vivo.

Ao contrário do que se pode supor a partir desta definição de valor em Marx, o critério de quantidade e o tempo de trabalho socialmente necessário não significam que quanto mais o trabalhador seja desleixado, ou não tenha habilidade produtiva, maior será o valor da mercadoria que ele produz. Até porque esse tempo e quantidade de trabalho necessário para ser produzido um valor-de-uso de qualquer espécie implica a sua adequação às condições produtivas existentes e socialmente determinadas como normais. Tais condições produtivas são variadas de acordo com as habilidades produtivas criadas e ou mesmo realizadas pelo ser humano e a intensidade do trabalho (Idem). Dessa forma,

A produtividade do trabalho é determinada pelas mais diversas circunstâncias, entre elas a destreza média dos trabalhadores, o grau de desenvolvimento da ciência e sua aplicação tecnológica, a organização social do processo de produção, o volume e a eficácia dos meios de produção, e as condições naturais. [...]. A grandeza do valor de uma mercadoria varia na razão direta da quantidade, e na inversa da produtividade, do trabalho que nela se aplica. (Ibid., p. 46-47).

Algumas observações que Marx (1987) sintetiza acerca das relações entre valor-de-uso, valor-de-troca e valor expõem uma série de contradições na qual fica demonstrada a complexidade que os produtos do trabalho humano concreto e abstrato apresentam, sob a forma de mercadoria, no modo de produção capitalista. Nesse sentido, um produto do trabalho humano pode ter um valor-de-uso sem ter, necessariamente, valor. Marx cita como exemplos a terra virgem, o ar, os pastos naturais e a madeira que crescem de forma espontânea. Dessa forma,

Uma coisa pode ser útil e produto do trabalho humano sem ser mercadoria. [...]. Para criar mercadoria, é mister não só produzir valor-de-uso, mas produzi-lo para outros, dar origem a valor-de-uso social. [...] O produto, para se tornar mercadoria, tem de ser transferido a quem vai servir como valor-de-uso por meio de troca (Ibid., p. 47-48, grifo meu).

O advento da mercadoria é, ela mesma, uma particularidade histórica. Uma das falsas concepções difundidas pelos ideólogos da burguesia é de que os produtos do trabalho sempre foram mercadoria. A naturalização daquilo que é histórico é estratégia fundamental da ideologia difundida pela classe dominante.

A mensuração do valor que expressa a equivalência das trocas de mercadorias está circunscrita à forma de dinheiro²⁰. O dinheiro é, pois, o elemento de equivalência entre produtos distintos do trabalho humano concreto e abstrato que possibilita o intercâmbio e a circulação das mercadorias por todo o tecido social. Cabe reiterar que, para o dinheiro ser veículo deste intercâmbio e circulação de mercadorias, é preciso compreender que ele é apenas uma realidade social e só pode se manifestar em relações sociais nas quais as mercadorias são trocadas umas pelas outras. Assim, “daí o caráter enigmático da forma de equivalente, o qual só desperta a atenção do economista político, deformado pela visão burguesa, depois que essa forma surge, acabada, como dinheiro” (Ibid., p. 66).

Uma das primeiras aproximações mais explícitas com o fenômeno do fetichismo da mercadoria decorre de dois elementos que Marx (1987) denomina de equalização e comensurabilidade. Essa equalização pode ser compreendida a partir do exemplo explicitado por Marx em que existe a determinação de que a cama seja qualitativamente igualada à casa, e que produtos do trabalho de utilidade social e aparências tão distintas pudessem ser comparados como grandezas comensuráveis. Obviamente, produtos do trabalho de utilidade social e aparência tão distinta não podem ser qualitativamente igualados pela forma dinheiro. Portanto, “essa equalização tem de ser algo estranho à verdadeira natureza das coisas, portanto, um simples “[...] expediente para atender às necessidades práticas” (Ibid., p. 67).

Após esta primeira aproximação com o fenômeno do fetichismo da mercadoria, Marx, em um momento específico do primeiro capítulo de *O Capital*, discute esta sua especificidade. Assim, “à primeira vista, a mercadoria parece ser coisa trivial, imediatamente compreensível. Analisando-a, vê-se que ela é algo muito estranho, cheia de sutilezas metafísicas e argúcias teológicas” (Ibid., p. 79).

Continuando com o desvelar do fenômeno do fetichismo da mercadoria e seu segredo, Marx exemplifica, a partir de uma mercadoria específica, uma mesa. Misteriosamente, é como se a mesa ganhasse vida própria e ela mesma dançasse (Ibid., p. 80). O mistério da mercadoria decorre de ela estabelecer um véu, o qual oculta o caráter social da produção. Dessa forma, “uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas” (Ibid., p. 81).

²⁰ O dinheiro, para Marx (1987), pode ser concebido como o equivalente universal de mercadorias. Ou dito nas palavras do próprio Marx: “Desempenhar o papel de equivalente universal torna-se sua função social específica, seu monopólio social, no mundo das mercadorias” (Ibid., p. 78).

Uma das consequências do processo de fetichismo da mercadoria é a sobreposição do valor-de-troca sobre o valor-de-uso. Dito em outras palavras, o que está no campo de interesse dos que trocam os produtos do trabalho é a quantidade de outras mercadorias, os quais poderão receber pelo que colocam à venda no mercado. Em suma, trata-se de uma vida centralizada na produção, circulação, distribuição e consumo de mercadorias. As mercadorias como que por encanto ganharam vida e dominam o mundo dos homens sob a égide da lógica do capital (Ibid., p. 83).

Dessa forma, o valor é uma das expressões fundamentais do fetichismo da mercadoria. Sob as bases da divisão social do trabalho, as ocasionais e alternadas proporções de troca dos produtos do trabalho, entre particulares, está imposto o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção dessas mercadorias. O valor é, portanto, a lei que regula esse processo, o qual não leva em conta as necessidades humanas e tampouco um metabolismo social simbiótico entre homem e natureza a partir do trabalho (Ibid., p. 84).

A forma dinheiro cumpre papel semelhante ao valor no fenômeno do fetichismo da mercadoria. O dinheiro é a forma acabada do mundo das mercadorias e que “realmente dissimula o caráter social dos trabalhos privados e, em consequência, as relações sociais entre os produtos particulares, ao invés de pô-las em evidência” (Idem).

Assim, a lógica do capital é imposta a partir de

Fórmulas que pertencem, claramente, a uma formação social em que o processo de produção domina o homem e não o homem o processo de produção, são consideradas pela consciência burguesa uma necessidade tão natural quanto o próprio trabalho produtivo. (Ibid., p. 90, grifo meu).

Esta inversão do domínio da vida produtiva, que ocorre a partir do advento e desenvolvimento histórico da sociedade capitalista, expressa a estrutura sobre a qual se assenta o fenômeno do fetichismo da mercadoria. As relações entre mercadorias sobressaem sobre a relação entre os seres humanos. Assim, como diria Marx (1987), as mercadorias, se pudessem falar, assim dialogariam:

Nosso valor de uso pode interessar aos homens. Não é nosso atributo material. O que nos pertence como nosso atributo material, é nosso valor. Isto é o que demonstra nosso intercâmbio como coisas mercantis. Só como valores-de-troca estabelecemos relações umas com as outras. (Ibid., p. 92).

Diante disso, entra em cena, no processo histórico, outro fenômeno que aprofunda o fenômeno do fetichismo da mercadoria: a reificação humana. A reflexão inicial acerca da reificação humana comparece na obra *História e Consciência de Classe* escrita por Lukács (LUKÁCS, 2003). É importante mencionar que Lukács afirma que a base teórica para compreensão deste processo, oriundo do desenvolvimento do modo de produção capitalista, está presente especialmente em *Grundrisse* e *O Capital*, que se iniciam com os estudos de Marx sobre a mercadoria (Ibid., p. 193).

Para Lukács (2003), somente com os estudos de Marx sobre a mercadoria é que são desvelados toda a organização produtiva da sociedade capitalista e o caráter fundamental do seu funcionamento. A partir desses estudos sobre a mercadoria é possível descobrir, na estrutura mesma das relações mercantis, a base material de todas as formas de objetividade e as respectivas formas de subjetividade oriundas da sociedade capitalista (Idem).

No intuito de compreender o fenômeno da reificação, Lukács (2003) afirma que o seu objetivo

[...] é somente chamar a atenção – *pressupondo* as análises econômicas de Marx – para aqueles problemas fundamentais que resultam do caráter fetichista da mercadoria como forma de objetividade, de um lado, e do comportamento do sujeito submetido a ela, de outro. Apenas quando compreendemos essa dualidade conseguimos ter uma visão clara dos problemas ideológicos do capitalismo e do seu declínio. [...]. O que importa *aqui* é saber em que medida a troca de mercadorias e suas consequências estruturais são capazes de influenciar *toda* a vida exterior e interior da sociedade (Ibid., p. 194-195, grifo do autor).

Diante disso, pode-se afirmar que o fenômeno do *fetichismo* é o processo que concede à mercadoria, um produto do trabalho humano, vida própria. Tal processo se realiza porque os valores de troca, como foi afirmado, sobrepõem-se aos valores de uso e passam a determinar as relações humanas, ou seja, os homens perdem o controle de suas criações. A produção domina o homem e não o homem dominando a produção. Do aprofundamento do fetichismo e das relações fetichistas daí oriundos é desenvolvida a base material da reificação do ser humano.

Assim, a reificação é o processo de coisificação do ser humano, pois o indivíduo, visto e reconhecido unicamente como força de trabalho é transformado em mais uma mercadoria da sociedade das mercadorias. Em suma, a coisa é descoisificada e se humaniza e o ser humano é desumanizado e coisificado.

Portanto, a mercadoria se expressa como categoria universal do ser social da sociedade do capital. A reificação, surgida sob a égide desta particularidade histórica, adquire importância central nos processos de objetivação e subjetivação que têm efeito direto naquilo que Lukács denomina de atitude. Tal atitude é subsumida da consciência do ser social da sociedade do capital para compreender este processo de reificação ou de se posicionar contrário aos seus efeitos nefastos e tentar ser livre da servidão da “segunda natureza” que é oriunda desse modo de produção.

Para Lukács (2003), a reificação pode ser concebida objetiva e subjetivamente,

[...] quando surge um mundo de coisas acabadas e de relações entre coisas (o mundo das mercadorias e de sua circulação no mercado), cujas leis, embora se tornem gradualmente conhecidas pelos homens, mesmo nesse caso, uma influência transformadora sobre o processo real por meio da atividade. Subjetivamente, numa economia mercantil desenvolvida, quando a atividade do homem se objetiva em relação a ele, torna-se uma mercadoria que é submetida à objetividade estranha aos homens, leis sociais naturais, e deve executar seus movimentos de maneira tão independente dos homens como qualquer bem destinado à satisfação de necessidades que se tornou artigo de consumo (Ibid., p. 199-200).

A partir da concepção de Lukács (2003), que considera e assim demonstra as dimensões objetiva e subjetiva da reificação, pode-se depreender que o sujeito objetificado só é reconhecido, de forma utilitarista evidentemente, como força de trabalho à venda para ampliação da riqueza da burguesia. Cabe dizer que este tipo de reconhecimento e a própria força de trabalho são, na lógica do capital, uma mercadoria, o que influi no processo de coisificação do ser humano (Ibid., p. 200).

Nesse sentido, Lukács (2003) reitera, tal qual Marx (1987), que o fato de a mercadoria, além de ser valor de uso, ser valor de troca, valor e fetiche, é produto das relações existentes na particularidade histórica do modo de produção capitalista. Um dos elementos fundamentais articulados a este arranjo societário particular, e que contribui para seu aprofundamento e conseqüentemente para a reificação por todo o tecido social, é a tendência à racionalização (LUKÁCS, 2001, p. 201).

Tal racionalização implica uma eliminação progressiva das propriedades qualitativas em nome do produtivismo quantitativista que nega as dimensões propriamente humanas e individuais do trabalhador. Assim, ocorre a fragmentação do processo de trabalho em trabalho abstrato racionalizado, numa proporção cada vez mais ampliada, o que obstaculiza ao trabalhador a sua relação com o produto acabado e limita seu trabalho a uma repetição mecânica (Idem).

As consequências desse processo Marx (2010) já havia desenvolvido em sua obra *Manuscritos econômico-filosóficos*, na qual são engendradas as condições objetivas e subjetivas ulteriores para o advento da reificação:

[...] o homem [trabalhador] só se sente como [ser] livre e ativo em suas funções animais como: beber, comer e procriar, quando muito ainda habitação, adornos etc., e em suas funções humanas só [se sente] como animal. O animal se torna humano, e o humano, animal. Comer, beber e procriar etc. são também, é verdade, funções genuína[mente] humanas. Porém, na abstração que as separa da esfera restante da atividade humana, e faz delas finalidades últimas e exclusivas, são [funções] animais. (Ibid., p. 83).

Tal reflexão, exposta por Marx (2010), nos remete a pensar acerca do processo de alienação, da qual a reificação é o seu aprofundamento. Para Marx, a alienação se dá, na sociedade capitalista, sob a égide de cinco níveis. O primeiro nível de alienação é a perda da vinculação do ser humano ao seu ser-genérico. Esse nível da alienação se expressa a partir do advento da propriedade privada, pois essa gera a separação dos seres humanos em classes sociais, fragmentando a totalidade humana de seu ser-genérico em grupos que digladiam entre si – luta de classes - em nome do monopólio da acumulação de riqueza e de saber, ocasionando uma competição interna que contribui para um processo cada vez maior de individualização do ser humano e para o aprofundamento na sociedade capitalista do individualismo (Idem).

O segundo nível de alienação é a perda do produto. O produto do trabalho, pelo trabalhador exteriorizado, não pertence ao seu ser. O detentor do produto do trabalho é um outro – burguesia – a qual, como detentora dos meios de produção, vende esse produto com o intuito de acumular capitais e continuar a explorar a força de trabalho do trabalhador – uma mercadoria também – a partir de critérios racionais oriundos da lógica do capital (Idem).

O terceiro nível trata-se do desconhecimento do processo de produção. Esse desconhecimento é decorrente da divisão social do trabalho, cujos fundamentos são a especialização do trabalho e a fragmentação crescentes que dificultam a compreensão para o ser humano da totalidade do processo de produção (Idem).

O quarto nível de alienação gera a perda de si mesmo. Como o produto do trabalho produzido pelo ser humano é apropriado por um outro – classe dominante – decorre o estranhamento entre o produto do trabalho e o produtor (trabalhador), que culmina na perda de si (Idem).

O quinto nível de alienação gera a perda dos outros. Como consequência do advento da propriedade privada, da perda do produto, do processo e de si mesmo, o homem se encontra em um estado tal de brutalização do seu ser que os outros deixam, como que por encanto, de ser parte da constituição de seu ser mesmo. É a perda em seu nível mais profundo da perda do ser humano de seu ser-genérico (Idem).

Destarte, feita tal reflexão acerca da alienação em Marx, Lukács (2003) discute o princípio da racionalização. Para Lukács (2003), o princípio da racionalização tem seu fundamento no cálculo ou possibilidade do cálculo. Um dos pilares para o desenvolvimento da racionalização é o aprofundamento da divisão social do trabalho e, consequentemente, da especialização (Ibid., p. 202).

Duas consequências deste processo de racionalização são notáveis, de acordo com Lukács (2003). A primeira é que a unidade dos produtos do trabalho humano convertidos em mercadorias não está mais relacionada com sua unidade como valor de uso. A segunda é que, como consequência da fragmentação do objeto da produção, decorre a fragmentação do sujeito que o produz (Ibid., p. 203).

Dessa forma, o homem coisificado torna-se um agregado autômato à produção automatizada (trabalho morto). Assim, o homem se submete à organização produtiva e suas diretrizes. A subsunção como autômato agregado à maquinaria produtiva mecanizada implica uma atitude contemplativa no lugar de uma atitude ativa (Ibid., p. 204).

Diante disso, é imposta ao homem a subordinação à máquina, uma competição em níveis que o melhor homem é aquele que personifica o tempo em nome da maximização produtiva oriunda dos interesses da ordem social do capital. Pouco importam suas opiniões, concepções e qualquer traço de sua individualidade. Sob a lógica do capital, tudo deve ser aproveitado para satisfação dos interesses da classe dominante e da perpetuação do seu projeto de dominação (Ibid., p. 204-205).

Desse modo, o trabalho realizado pelo trabalhador e o próprio trabalhador são reificados. Trata-se de trabalho mecanicamente objetivado e separado da totalidade da personalidade do indivíduo que o produz. Nesse sentido, mediante as condições e consequências da produção, tendo como base a especialização e a fragmentação, “[...] torna-se o espectador impotente de tudo o que ocorre com sua própria existência, parcela isolada e integrada a um sistema estranho” (Ibid., p. 205).

Para a lógica produtiva do modo de produção capitalista, o homem só existe como pessoa que exerce sua força de trabalho em nome do produtivismo para a acumulação de

riquezas e manutenção do *status quo* da burguesia. O restante do seu ser fica subsumido. Nesse sentido, o domínio do trabalho humano abstrato articula valores para o acirramento da divisão social do trabalho e, conseqüentemente, da especialização (Ibid., p. 205-206).

Lukács (2003) ressalta que o trabalho mecanicamente homogêneo faz parte da história da humanidade em momentos anteriores ao advento do modo de produção capitalista. Empresas de massa podem ser exemplificadas como as Minas de Roma, a construção dos canais no Egito. No entanto, a partir do advento do capitalismo, o trabalho é racionalmente mecanizado, ou seja, as empresas de massa de outrora são universalizadas (Ibid., p. 206-207). Assim, “o princípio da calculabilidade deve abarcar todos os aspectos da vida” (Ibid., p. 207).

Como consequência deste processo de reificação decorre a atomização do indivíduo. A atomização do indivíduo implica, sob a lógica da produção e reprodução do capital, a conversão do ser humano à mera força de trabalho a ser vendida em que, “[...] pela primeira vez na história – toda a sociedade está submetida, ou pelo menos tende, a um processo econômico uniforme, e de que o destino de todos os membros da sociedade é movido por leis também uniformes” (Ibid., p. 208).

Nessa direção, a naturalização das formas valor-de-troca, valor e dinheiro para a consciência reificada tornou-se verdadeira representante de sua vida social.

Sendo assim, para a consciência reificada, esta se torna, necessariamente, a forma de manifestação do próprio imediatismo, que ela, enquanto, consciência reificada, não tenta superar. Ao contrário, tal forma tenta estabelecer e eternizar esse imediatismo por meio de um “aprofundamento científico” dos sistemas de leis apreensíveis. Do mesmo modo que o sistema capitalista produz e reproduz a si mesmo econômica e incessantemente num nível mais elevado, a estrutura da reificação, no curso do desenvolvimento capitalista, penetra na consciência dos homens de maneira cada vez mais profunda, fatal e definitiva (LUKÁCS, 2003, p. 211).

Sob esse prisma, Lukács (2003) mostra que a ideologia tem um papel fundamental para o aprofundamento da reificação por todo o tecido social. Inclusive, ideólogos do capital se posicionam em nome de um proselitismo pseudocientífico em que as forças e interesses oriundos da particularidade do modo de produção capitalista são naturalizados, eternizados e autonomizados como “um tipo intemporal de possibilidades humanas de relações” (Ibid., p. 213).

São perceptíveis por todos as consequências oriundas da ideologização da vida, havendo a colonização da lógica do capital sobre todas as outras esferas da vida social

além da econômica. Sobre isso, Lukács (2003) afirma a necessidade de se compreender de que modo se concebe a separação do fenômeno da reificação e o fundamento da sua existência (Ibid., p. 214).

Um dos fundamentos para consolidação de toda uma estrutura favorável ao desenvolvimento capitalista é a existência do Estado predominantemente vinculado aos interesses da burguesia, o qual formula um sistema de leis para que este se adapte constantemente às necessidades produtivas do capital. Para Lukács (2003), nenhum autor perspicaz desconsideraria essa reorganização constante do Estado e das leis por ele formuladas.

De acordo com Lukács (2003), um dos autores que melhor ilustraram esta estrutura foi Max Weber. Desse modo, para Weber, de acordo com Lukács, a racionalidade econômica do modo de produção capitalista que expressa um tipo ideal de ação social – ação racional com relação a fins – converteu até mesmo o Estado em uma empresa. Enquanto o Estado moderno, que funciona tal qual uma fábrica/empresa, é gerenciado pelos chefes políticos, a empresa capitalista é gerenciada pelo burguês/empresário (Ibid., p. 214-215).

Nesse sentido, o processo de racionalização do Estado moderno e da sociedade como um todo tem vinculação direta com a sua burocratização. É realizada para tal intento uma ruptura com os métodos empíricos que estejam alicerçados sob a tradição, e que não se fundamentem no modelo de racionalidade capitalista, “[...] e são talhados subjetivamente na medida do homem que atua, e objetivamente na medida da matéria concreta, na jurisprudência, na administração etc.” (Ibid., p. 216).

Para legitimar esse processo em sua raiz, a ordem social da sociedade em que vivemos – no caso a capitalista – influencia a produção de conhecimento e, conseqüentemente, a ciência de uma forma geral e mais ampla, engendrando na consciência reificada todo um processo de ideologização da vida.

Sob o ponto de vista da dimensão subjetiva do processo produtivo, é instaurado o domínio de um caráter contemplativo (passivo) da atitude capitalista do indivíduo. Lukács (2003) afirma que, anteriormente, na produção artesanal dominante em outras formas de organização produtiva da vida, havia o domínio na esfera do trabalho, sobretudo de um caráter ativo da produção.

Dessa forma,

O comportamento do homem esgota-se, portanto, no cálculo correto das oportunidades desse curso (cujas “leis” ele já encontra “prontas”), na habilidade de evitar os “acazos” perturbadores por meio da aplicação de dispositivos de proteção e medidas defensivas (que se baseiam igualmente na consciência e na aplicação de “leis” semelhantes); muitas vezes, chega até mesmo a se deter no cálculo das probabilidades dos possíveis efeitos de tais “leis”, sem sequer tentar intervir no próprio processo pela aplicação de outras leis (como nos esquemas de segurança etc.). (Ibid., p. 218-219).

A partir da análise de Lukács (2003), pode-se dizer que a reificação torna o trabalhador uma máquina qualquer, mais uma peça na engrenagem da produção material e imaterial da vida. Nesse sentido, a diferença entre o trabalhador e a máquina é uma variação puramente quantitativa no que concerne à capacidade e potencial produtivo “e não uma diferença qualitativa na estrutura da consciência” (Ibid., p. 219).

Considerando estas consequências da maquinização do humano, a burocracia moderna tem um papel fundamental nesse contexto. Isso ocorre porque a burocracia está associada a uma subsunção do modo de vida e do trabalho e diretamente da consciência humana aos fundamentos socioeconômicos da lógica do capital, que é fruto da universalização das relações de trabalho da empresa capitalista, como foi visto anteriormente.

O modo de produção capitalista engendrado na estrutura burocrática de Estado, e a esta mesma estrutura sendo ressonante, torna a reificação uma categoria fundamental para toda a sociedade. Isso porque “foi o capitalismo a produzir pela primeira vez, com uma estrutura econômica unificada para toda a sociedade, uma estrutura de consciência – formalmente – unitária para o conjunto dessa sociedade” (Ibid., p. 221).

Assim, a subsunção à ordem social cria um ordenamento jurídico e econômico racional para a produtividade, sob a estrutura do capital, e impõe ao trabalhador, como foi visto, uma atitude contemplativa (passiva) dessa quimera por ele criada. Como consequência disso, Marx (1987) já havia afirmado que a produção domina o homem.

O aprofundamento dessa subsunção tem como uma de suas mediações o já aqui denominado de processo de divisão social do trabalho. A cisão entre trabalho intelectual e trabalho manual tem ampliado sobremaneira o processo de reificação ao longo do desenvolvimento histórico do modo de produção capitalista. Até porque

[...] a divisão do trabalho desloca todo processo organicamente unitário da vida e do trabalho, decompõe-no em seus elementos, para fazer com que essas funções parciais e artificialmente isoladas sejam executadas por “especialistas” adaptados a elas psíquica e fisicamente (LUKÁCS, 2003, p. 227).

Uma das consequências deste processo de especialização do trabalho que se aprofunda, tendo como base a divisão entre trabalho manual e intelectual, é a perda em escala cada vez mais ampliada da concepção de totalidade em todas as esferas da vida social (Ibid., p. 228).

Uma das esferas da vida social que colaboram para o acirramento deste processo é a ciência. Nesse sentido,

[...] quanto mais uma ciência moderna for desenvolvida, quanto mais ela alcançar uma visão metódica e clara de si mesma, tanto mais voltará as costas aos problemas ontológicos de sua esfera e os eliminará resolutamente do domínio de conceitualização que forjou. Quanto mais desenvolvida e científica ela for, maior é sua probabilidade de se tornar um sistema formalmente fechado de leis parciais e especiais, para o qual o mundo que se encontra fora de seu domínio e sobretudo a matéria que ela tem por tarefa conhecer, ou seja, *seu próprio substrato concreto de realidade*, passa sistemática e fundamentalmente por *inapreensível* (Ibid., p. 229).

Dessa forma, no avançar da história, e especialmente com o advento e desenvolvimento do capitalismo, a conceitualização formalista das ciências e sua especialização constante tem tornado para a filosofia um *datum*, ou seja, um substrato dado e não passível de alteração na sua estrutura. Assim,

[...] afasta-se, definitivamente e sem esperança, toda possibilidade de revelar a reificação que está na base desse formalismo. O mundo reificado aparece doravante de maneira definitiva – e se exprime filosoficamente, elevado à segunda potência, num exame “crítico” – como o único mundo possível, conceitualmente acessível e compreensível, que é dado a nós, homens (Ibid., p. 239).

Diante deste contexto em que o fetichismo e a reificação estão radicalmente imersos na estrutura da sociedade capitalista, as possibilidades de sua superação nascem a partir das organizações classistas, em várias frentes, para as disputas de hegemonias. Tais disputas nascem das mais diversas contradições, que são o “fermento” para a superação dos padrões societários constituídos ao longo da história.

A sociedade capitalista é baseada nos princípios centrais da luta de classes, na expropriação da mais-valia da classe explorada, na manutenção e aprofundamento da dominação do homem sobre o homem, na crise ambiental a partir do metabolismo autofágico entre homem e natureza sob a égide do trabalho capitalista, da alienação, da racionalização. Tais princípios anunciam antagonismos fundamentais que precisam ser

criticados e superados caso os seres humanos queiram continuar existindo e permitir que o planeta continue habitável para todos (MÉSZAROS, 2003).

Assim, nota-se o quanto o saber está arraigado às necessidades oriundas da lógica do capital. O modo de produção e as forças produtivas que fundamenta²¹ o saber produzido associado as relações sociais de produção e o sustenta não poderia ser oriundo das necessidades da infraestrutura de outra sociedade que tem como princípio a racionalização em todas as esferas da vida social. As forças produtivas desta sociedade, da qual emergem relações sociais de produção que a todo momento, pela via da ideologização da vida e do saber, estão intimamente ligadas à manutenção dos interesses da classe que hegemoniza o poder nessa sociedade.

Juntamente com a ciência, em relação à esfera do trabalho, ficam muito claras quais são as intenções da sociedade capitalista em transforma-la em um campo da vida humana radicalmente regulado na direção do aprofundamento e universalização da reificação. Para a lógica do capital, mais do que se dedicar incessantemente a um tipo específico de deformação para o trabalho e para vida, de uma maneira geral é compulsório se ajustar sem contestar as necessidades produtivas.

Os mecanismos culturais de dominação dessa sociedade obstaculizam ao indivíduo possibilidades de construção de autonomia para que tomem outros rumos contra hegemônicos, mesmo que isso signifique fazer parte de um “exército de reserva” que seja, inclusive, levado à morte. Como exemplos, citam-se a queima de sacas de café no caso do Brasil no início do século XX para reduzir a oferta de café e aumentar o preço do produto, assim como as mortes de trabalhadores nas filas pelos “restos” da produção da vida, pois quanto maior a fila, menor são os salários pagos. E muitos não conseguem esperar pelos “restos” destinados aos que chegam ao final da fila.

Diante disso é importante compreender a que tipo de dominação, no que diz respeito em grande medida a base material, a que estão submetidos a maioria da população e de que maneira é possível pensar especificidade dos sujeitos que fazem uso prejudicial de substâncias psicoativas²² que são um dos sujeitos da pesquisa. Esse é um

²¹ Não se trata de uma relação unilateral e mecânica tal qual Marx é criticado, mas na dialética do processo que existe entre infraestrutura e superestrutura. Importante ressaltar que em contraposição ao idealismo a perspectiva materialista histórico dialética apresenta as forças produtivas como a base material a partir do trabalho como categoria central da qual emergem as relações sociais de produção em que a luta de classes pode romper a infraestrutura do modo de produção, mas também este não é um processo simples e mecânico seguindo os fundamentos da dialética existente entre infraestrutura e superestrutura.

²² Embora não haja, via de regra, níveis seguros de uso das substâncias psicoativas as pessoas que buscam tratamento nos CAPS AD (Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Outras Drogas) apresentam em seu histórico e condição de vida importante sofrimento psicossocial em que o uso da substância ou das

dos eixos de reflexão a que se propõe esta pesquisa explicitando a tensão existente entre sujeito e objeto na direção da não conformação com o existente.

1.2. Do aprofundamento da reificação a partir da semiformação: percurso deformativo sob a égide da indústria cultural

Antes de se ater às especificidades da semiformação, faz-se mister compreender o desenvolvimento de um mecanismo sociocultural e ideológico de dominação que se tornou central com o aprofundamento e manutenção do capitalismo como modo de produção da vida: trata-se da indústria cultural.

A indústria cultural surge diante de um cenário no qual o aprofundamento do esclarecimento, sob a égide da ciência moderna, tentou superar os mitos das diferentes tradições socioculturais e científicas humanas, embora tenha imposto o mito da própria razão instrumental. Tal mitificação da vida, alicerçada pelos valores da ciência, fomentou e tem fomentado um processo de aprofundamento do desamparo e do embrutecimento do ser humano.

Nesse cenário, surgem o rádio, as revistas, o cinema e a televisão com o propósito de conferir a tudo uma aparência de semelhança e ao mesmo tempo constituir um sistema em que “cada sector é coerente em si mesmo e todos os são em conjunto” (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 57).

Importante compreender o fenômeno da indústria cultural e a sua relação com o fenômeno das toxicomanias. O levantamento da pesquisa de campo que será apresentado no último capítulo e articulado com as reflexões acerca da indústria cultural explicitam relações entre este mecanismo ideológico e social de dominação com a cristalização das toxicomanias em que é reforçada a padronização e mero ajustamento ao existente.

Destarte tal reflexão, diante do caráter fascista da estética imposta pela indústria cultural, mesmo os centros de exposição e os prédios decorativos não são passíveis de distinção do ponto de vista arquitetônico e funcional, seja em países em que o processo histórico culminou em regimes autoritários, seja comparado aos demais países considerados democráticos. O que predomina é a padronização da vida em suas múltiplas facetas (Idem).

substâncias psicoativas comparece como sintoma deste sofrimento e a dependência destas substâncias é uma tentativa de existir diante de tal quadro que pode se agravar ainda mais se não for ofertado o cuidado em saúde mental.

Trata-se, pois, de projetos de urbanização que buscam aprofundar o individualismo, em uma alocação de espaços cada vez menores e higienizados (para perpetuar a produção e reprodução da força de trabalho), obstaculiza aos indivíduos a convivência comunitária em nome de sua subsunção ao poderio absoluto do capital (Idem). Assim,

Do mesmo modo que os moradores são enviados para os centros, como produtores e consumidores, em busca de trabalho e diversão, assim também as células habitacionais cristalizam-se em complexos densos e bem organizados. A unidade evidente do macrocosmo e do microcosmo demonstra para os homens o modelo de sua cultura: a falsa identidade do universal e do particular. Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público (Idem).

Aqui cabe uma ressalva que caracteriza a dimensão lógica e histórica do conceito de indústria cultural. Para Adorno e Horkheimer, o conceito de indústria cultural supera o de cultura de massas, pois não se trata de uma manifestação espontânea das massas, mas de uma apropriação planejada da cultura de massas, que, na produção, determina o consumo de bens culturais (ADORNO, 1994, p. 92).

No caso do rádio e do cinema, por exemplo, ambos não se preocupam em impingir em si mesmo o estatuto de arte. Ambos explicitam seu lugar de mais um negócio com o intuito de dar legitimidade aos produtos sem nenhum compromisso formativo. Assim, no fenômeno do fetichismo da mercadoria, os produtos destas duas instâncias de ação da indústria cultural são de fato legitimados pela humanização dos produtos do trabalho humano mercadorizados.

Dessa forma, a padronização da produção impingiu que na sua reprodução o consumo fosse padronizado para todos os sujeitos satisfazerem necessidades que seriam igualadas. Tais necessidades foram igualadas naquilo que de mais primitivo tem na constituição do “Eu”, que é a instância do aparelho psíquico denominada de “id”, que se trata dos nossos instintos pulsionais²³ primários e isso explica por que os produtos

²³ A palavra *instinkt* a qual é traduzida como instinto pode ser compreendida como os comportamentos de uma espécie. A palavra *trieb* a qual é traduzida como pulsão pode ser compreendida como impulso e está vinculada no caso ao impulso instintual. Considera-se que para melhor compreensão deste mecanismo psíquico em Freud que é explicitada a relação entre instinto e pulsão em uma dimensão mais ampla e de síntese das duas traduções do alemão em sua origem.

oriundos da indústria cultural “[...] são aceitos sem resistência” (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 57). Até porque,

De facto, o que o explica é o círculo da manipulação e da necessidade retroactiva, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa. O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o carácter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. (Idem).

Dada a ambivalência inerente ao desenvolvimento da técnica, não se trata de lhe imputar um carácter evolutivo do ponto de vista progressista no que tange à humanização, mas a sua função no desenvolvimento do capitalismo tardio²⁴. Trata-se, pois, de organizar um núcleo de controle central da sociedade administrada, no caso a indústria cultural, para garantir o controle da consciência individual.

Como exemplo disso, Adorno e Horkheimer (1947) mencionam a passagem do telefone ao rádio. O telefone permitia alguma forma de contato humano entre seres humanos. Aparentemente democrático, o rádio transforma a todos, padronizando-os à condição de ouvintes para lhes oferecer autoritariamente programas iguais, mesmo em estações diferentes (Idem).

Atualizando esta reflexão com base nesses dois filósofos, pode-se pensar no papel histórico ulterior realizado pela televisão, que converteu os seres humanos em meros telespectadores colocando em cena o lugar da imagem e de sua estandardização, repetição incessante e autoritária em, assim como no rádio, programas iguais, mesmo em emissoras diferentes.

No avançar da história, com o advento do computador pessoal, internet, foi desenvolvida uma falsa relação de liberdade com as páginas da *web* e outras janelas²⁵ de uma virtualidade efêmera e intangível. Na verdade, houve uma subsunção tão autoritária quanto aquela da televisão no que concerne ao bombardeio de letras e imagens, aparentemente tão diferentes, mas em sua essência tão iguais, que geraram um quadro de confusão administrada imagética e de signos e símbolos estandardizados.

No atual momento histórico, com a popularização dos *smartphones* (computadores pessoais portáteis), o acesso por meio das redes sociais e aplicativos

²⁴ Conceito utilizado por autores da “Teoria Crítica da Escola de Frankfurt”, como Adorno e Horkheimer (1947). A partir desse conceito, existe a compreensão de que a modernidade não foi superada, pois o que ocorre é um aprofundamento e desenvolvimento dos fundamentos oriundos do advento da modernidade.

²⁵ Aqui se trata de uma referência explícita à plataforma *Windows* da empresa *Microsoft* na qual os sujeitos encontram-se encarcerados por janelas diversas tentando se encontrar, mas nunca se encontrando de fato por meio desse recurso tecnológico.

diversos para satisfação de necessidades padronizadas tem intensificado o caos cultural e a exacerbação nunca antes vista e vivida na história da humanidade do individualismo.

Destarte, tal atualização oriunda do desenvolvimento tecnocientífico, a essência do controle individual e social desses diferentes dispositivos tecnológicos, trata-se da busca incessante por formas de entretenimento e da exibição de talentos que são escolhidos para garantir a vinculação instantânea. Até porque

Os talentos já pertencem à indústria muito antes de serem apresentados por ela: de outro modo não se integrariam tão fervorosamente. A atitude do público que, pretensamente e de facto, favorece o sistema da indústria cultural é uma parte do sistema, não sua desculpa (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 57-58).

Um dos processos centrais para o aprofundamento do poderio da indústria cultural foi a colonização da dimensão estética no tocante à padronização do mesmo receituário em diferentes ramos artísticos. Tal padronização ocorre por meio da tecnicalização da arte em nome do mecanismo econômico de seleção com o intuito de alcançar os consumidores a partir de tabelas feitas por executivos para a maximização dos lucros (Ibid., p. 58).

É importante dizer que a indústria cultural não é uma instância isolada e independente como mecanismo sociocultural e ideológico de dominação. Na realidade, a indústria cultural encarna os interesses dos setores principais e mais pujantes da indústria, quais sejam: química, eletricidade, aço e petróleo. Até porque, em comparação com estes grandes monopólios consolidados nestes quatro setores principais, os monopólios culturais ainda são fracos e dependentes (Idem).

Embora seja importante dizer que os monopólios culturais têm crescido em força sobremaneira, principalmente com a centralidade que o setor de serviços tem tomado nas diferentes economias globais. Importante reiterar que o setor de serviços segue a mesma lógica do setor industrial e aprofunda, portanto, a dominação fascista e totalitária da indústria cultural.

Desse modo, toda a trama da indústria cultural, mesmo de setores distintos, colabora para uma unidade em formação política oriunda de sua unidade totalitária mesma. As distinções entre os diferentes produtos fabricados pela indústria cultural, evidentemente, têm muito pouca relação com seus conteúdos implícitos e ideológicos, cujo propósito maior é a organização, classificação e levantamento estatístico dos consumidores.

Os produtos oriundos da indústria cultural são apresentados em formas aparentemente distintas a partir de uma hierarquia de qualidades para o ajustamento dos indivíduos em suas diferenças de classe. Decorre que já na produção, a partir de certas características, os indivíduos são impingidos a optar pela categoria de produtos padronizados destinados ao lugar que ocupam na sociedade do capital²⁶(Idem). Assim,

Reduzidos a um simples material estatístico, os consumidores são distribuídos nos mapas dos institutos de pesquisa (que não se distinguem mais dos de propaganda) em grupos de rendimentos assinalados por zonas vermelhas, verdes e azuis. (Idem)

Diante do esquematismo inerente ao desenvolvimento do capitalismo tardio, mesmo produtos que apresentam uma aparência distinta, no desvelar de sua essência (e mesmo de sua materialidade imediata), revelam-se sempre, no final das contas, como a mesma coisa. Isso ocorre na indústria automobilística da mesma forma que nas grandes redes cinematográficas. Nesse sentido, as possíveis vantagens e desvantagens dos diferentes segmentos dentro do mesmo setor estabelecem uma falsa concorrência e uma ilusória possibilidade de escolha por parte dos indivíduos e grupos de consumidores.

Até mesmo as diferenças entre os modelos mais caros e mais baratos da mesma firma se reduzem cada vez mais: nos automóveis, elas se reduzem ao número de cilindros, capacidade, novidade dos *gadgets*, nos filmes ao número de estrelas, à exuberância da técnica, do trabalho e do equipamento, e ao emprego de fórmulas psicológicas mais recentes. (Idem)

É importante dizer que os valores orçamentários da indústria cultural não têm relação com valores objetivos e sua vinculação com o sentido mesmo dos produtos por ela produzidos. Inclusive, os meios técnicos apresentam uma tendência crescente à sua padronização. No caso da televisão, por exemplo, essa se apresenta como síntese de dois veículos de comunicação e entretenimento (rádio e cinema), o que tem contribuído para o empobrecimento dos materiais estéticos, assim como da experiência estética que tem se constituído no máximo como vivência²⁷ estética.

²⁶ Durante a pesquisa de campo a partir da entrevista semi-estruturada um sujeito da pesquisa (usuário do serviço de saúde) irá mencionar justamente este aspecto da vinculação entre produção, circulação, distribuição e consumo aos distintos produtos da indústria cultural.

²⁷ Aqui se trata da concepção benjaminiana na qual este autor distingue vivência e experiência. A primeira remete à deformação humana diante dos seus propósitos que impinge limites a possibilidade da experiência. Isso implica em uma experiência restringida. A segunda está vinculada à verdadeira formação humana. Para mais detalhes, aprofundar em Benjamin (2014).

Uma atenção especial dedicada²⁸ pela indústria cultural é aquela concernente ao tempo livre, mais especialmente ao lazer. É notável que o momento da vida humana em que comparecem explicitamente os produtos oriundos da indústria cultural reside no tempo livre e sobretudo no tempo de lazer. No lazer é imbuído um sentido marcadamente unificador naquilo que tange ao universo produtivo industrial inerente ao capitalismo tardio (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 59).

Evidentemente, a indústria cultural opera o planejamento da dominação em uma dimensão totalizante em todos os tempos de vida social em que as condições concretas de vida que geram o conformismo permanece irracional. Importante compreender que é na produção²⁹ que são definidos o gosto e a aceitação dos sujeitos aos produtos para sujeitos padronizados.

Nesse sentido,

Não somente os tipos das canções de sucesso, os astros, as novelas ressurgem ciclicamente como invariantes fixos, mas o conteúdo específico do espectáculo é ele próprio derivado deles e só varia na aparência. Os detalhes tornam-se fungíveis. [...]. Desde o começo do filme já se sabe como ele termina, quem é recompensado, e, ao escutar a música ligeira, o ouvido treinado é perfeitamente capaz, desde os primeiros compassos, de adivinhar o desenvolvimento do tema e sente-se feliz quando ele tem lugar como previsto. (Idem)

Nota-se que o papel exercido pela indústria cultural não é aquele de explicitar as contradições existentes do real, mas de uma conciliação constante e ininterrupta entre o particular e o universal. Desse modo, a indústria cultural procura desfazer a capacidade de crítica e autocrítica em nome de uma falsa sinergia e harmonia dos indivíduos em um real que os consome dos fios do cabelo à ponta dos pés. Trata-se, pois, de impingir ao real uma nova totalidade de dominação esquemática.

Sobre o processo de educação do olhar, Adorno e Horkheimer (1947) explicitam o papel do cinema como exemplo da totalidade de como o mundo todo é obrigado a se submeter ao filtro da indústria cultural. Tal processo acontece, para esses autores, quando ao espectador é impingido ver a rua como prolongamento do filme que acabou de assistir

²⁸ Cabe reiterar que a indústria cultural colonizou todos os tempos da vida humana, mas o tempo livre (especialmente o lazer) é conquista histórica da classe dominada. Para dificultar ao máximo qualquer possibilidade de organização da classe dominada em nome de outros saltos qualitativos, é fundamental tentar impedi-la com a colonização do tempo livre, convertendo-o à lógica industrial do tempo de trabalho.

²⁹ Não é na circulação, distribuição e consumo. Este é um axioma marxiano o qual não é negado pelos teóricos da Escola de Frankfurt.

poucos instantes antes. Trata-se de impor aos indivíduos uma realidade falsa com a reprodução mecânica do filme audiovisual (Idem).

Tal processo, a partir da experiência fílmica administrada pela indústria cultural, decorre da hipotrofia da imaginação humana e da tentativa de eliminar a espontaneidade do consumidor dos produtos culturais. Isso decorre da própria constituição objetiva dos produtos fabricados pela indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 60).

Isso porque esses produtos da indústria cultural

São feitos de tal forma que sua apreensão adequada exige, é verdade, presteza, dom de observação, conhecimentos específicos, mas também de tal sorte que proíbem a atividade intelectual do espectador, se ele não quiser perder os factos que desfilam velozmente diante de seus olhos. (Idem)

Nota-se conforme esta característica da produção e dos produtos da indústria cultural sua dimensão contraditória, mas que é rigidamente administrada para evitar qualquer possibilidade de reflexão. Mesmo aquelas pessoas que não estiverem compenetradas e dedicadas ao consumo dos produtos culturais da indústria cultural irão consumir seus produtos sem nenhum pudor, dada a dimensão totalitária do seu alcance e subsunção do humano à dominação inerente à lógica de produção e reprodução do capital. A partir do aparelho psíquico, suas necessidades mais imediatas são orientadas pelo princípio do prazer.

Desse processo decorre a transformação profunda do tempo livre que se assemelha cada vez mais ao tempo de trabalho, tendo como consequência a produção de pessoas padronizadas a partir dos interesses da indústria cultural. A indústria padroniza em sua totalidade, de forma totalitária, a organização da vida social.

Em relação à esfera da arte, a indústria cultural torna-a o equivalente estético da dominação, assim como qualquer mercadoria produzida na sociedade capitalista. Até porque

Tudo o que vem a público está tão profundamente marcado que nada pode surgir sem exibir de antemão os traços do jargão e sem se credenciar à aprovação ao primeiro olhar. Os grandes astros, porém, os que produzem e reproduzem, são aqueles que falam o jargão com tanta facilidade, espontaneidade e alegria como se ele fosse a linguagem que ele, no entanto, há muito reduziu ao silêncio. Eis aí o ideal do natural neste ramo. [...]. É essa natureza, complicada pelas exigências sempre presentes e sempre exageradas do medium específico, que constitui o novo estilo, a saber, “um sistema da não-cultura, à qual se pode conceder até mesmo uma certa ‘unidade de estilo’, se é que ainda tem sentido falar em uma barbárie estilizada”. (Idem)

Por meio da indústria cultural, os mais ínfimos elementos que tematizam as produções artísticas têm sua gênese na mesma maquinaria que o jargão eleito para identificação imediata dos indivíduos. Trata-se de evitar a explicitação de qualquer traço de experiência estética e ao mesmo tempo de escamotear a existência dos diferentes interesses que perpassam a relação do indivíduo com as produções artísticas. Qualquer possibilidade, mesmo que expressada de autonomia temática na produção artística, deve ser regulada pela indústria cultural com o propósito de garantir a manutenção e a subsunção dos indivíduos aos interesses da corporação que produz a mercadoria cultural (Ibid., p. 61).

É importante dizer que, em decorrência da condição essencial da sociedade do capital, os temas já se encontram padronizados para serem aceitos, mesmo diante das disputas que possam ser realizadas pelas instâncias competentes. Busca-se impedir a resistência à produção artística autêntica e formadora do humano em sua gênese mesma. Exemplo disso é que

Antes mesmo de ser adquirida por Zanuck, Santa Bernadette já aparecia aos olhos de seu poeta como um apelo publicitário para todos os consórcios interessados, e isso resultava das potencialidades da figura. Eis por que o estilo da indústria cultural, que não tem mais de se pôr à prova em nenhum material refractário, é ao mesmo tempo a negação do estilo. A reconciliação do universal e do particular, da regra e da pretensão específica do objecto, que é a única coisa que pode dar substância ao estilo, é vazia, porque não chega mais a haver uma tensão entre os pólos: os extremos que se tocam passaram a uma turva identidade, o universal pode substituir o particular e vice-versa. (Idem)

Como não se trata da tensão entre universal e particular, mas do caráter turvo da racionalidade instrumental expressa caracterizado pela substituição de um em relação ao outro, o conceito de estilo autêntico é transformado pela indústria cultural em um equivalente estético da dominação.

Nesse sentido, o estilo na produção artística tem comparecido como uma promessa desvinculada da realidade concreta. A obra de arte é convertida em ideologia. No entanto, é importante compreender que

O elemento graças ao qual a obra de arte transcende a realidade, de facto, é inseparável do estilo. Contudo, ele não consiste na realização da harmonia – a unidade problemática da forma e do conteúdo, do interior e do exterior, do indivíduo e da sociedade –, mas nos traços em que aparece a discrepância, no necessário fracasso do esforço apaixonado em busca da identidade. (Ibid., p. 62).

Ao contrário da obra de arte séria, que nunca sucumbiu ao mero formalismo do estilo, a obra de arte leve, via de regra, se ateuve ao mero formalismo do estilo, buscando construir uma identidade por repetição e semelhança. Trata-se de tornar absoluta a imitação que é um dos fundamentos dos mecanismos de funcionamento da indústria cultural.

Sob a égide dos mecanismos da sociedade administrada, a indústria cultural tem como propósito central submeter todos os setores da cultura a este fim último, qual seja:

[...] ocupar os sentidos dos homens da saída da fábrica, à noitinha, até a chegada ao relógio do ponto, na manhã seguinte, com o selo da tarefa de que devem se ocupar durante o dia, essa subsunção realiza ironicamente o conceito da cultura unitária que os filósofos da personalidade opunham à massificação. (Idem)

Pode-se compreender, a partir do excerto acima, que a indústria cultural é um mecanismo ideológico de dominação que perpassa toda a totalidade temporal e atemporal da cultura do seu tempo. Isso se dá a partir do aprofundamento de movimentos da ordem do universo objetivo e subjetivo, que lutam com todas as forças para manutenção da barbárie e da dominação diante da particularidade histórica do capitalismo tardio.

Sobre a barbárie, Adorno (1995, p. 155) afirma que

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização — e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade.

Contraditoriamente, nota-se que a indústria cultural aprofunda o fenômeno da diferenciação dos indivíduos e, ao mesmo tempo, da padronização desses mesmos indivíduos. No entanto, essencialmente, trata-se, pois, de uma individualidade padronizada e de uma falsa coletividade amalgamada aprofundando o fenômeno da reificação, tal como foi visto aqui anteriormente em Lukács. Dessa forma,

[...] a indústria cultural, o mais inflexível de todos os estilos, revela-se justamente como a meta do liberalismo, ao qual se censura a falta de estilo. Não somente suas categorias e conteúdos são provenientes da esfera liberal, tanto do naturalismo domesticado quanto da opereta e da revista: as

modernas companhias culturais são o lugar econômico onde ainda sobrevive, juntamente com os correspondentes tipos de empresários, uma parte da esfera de circulação já em processo de desagregação. [...] Quem resiste só pode sobreviver integrando-se. [...] Não é à toa que o sistema da indústria cultural provém dos países industriais liberais, e é neles que triunfam todos os seus meios característicos, sobretudo o cinema, o rádio, o jazz e as revistas. É verdade que seu projecto teve origem nas leis universais do capital. (Idem)

Devido ao caráter totalitário do espectro de ação da indústria cultural que se aprofundou nos diferentes tempos da vida em sociedade, os indivíduos são mantidos tão entranhados em suas tramas de corpo e alma que dificilmente apresentam qualquer sinal de resistência diante do que lhe é cotidianamente ofertado como produtos iguais para satisfação de necessidades igualadas (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 63).

Nesse sentido, o que há de original com a criação da indústria cultural em comparação com o desenvolvimento do liberalismo é a exclusão da própria novidade. O movimento que gera a exclusão da própria novidade expressa aparentemente uma mudança constante, mas, essencialmente, ela determina o consumo de produtos sempre iguais e, via de regra, elimina o que não foi experimentado devido aos riscos potenciais daí oriundos (Idem).

Qualquer novidade que escape da indústria cultural e entre no circuito da produção precisa ser adaptada aos seus fundamentos padronizadores da vida. Caso seja consumida, não alcançando os padrões exigidos vinculados ao gosto exigido pelo liberalismo avançado, é mais do que depressa substituída para entrar bem sucedida no circuito da produção, circulação, distribuição e consumo.

É importante ressaltar que

O entretenimento e os elementos da indústria cultural já existiam muito tempo antes dela. Agora, são tirados do alto e nivelados à altura dos tempos atuais. A indústria cultural pode se ufanar de ter levado a cabo com energia e de ter erigido em princípio a transferência muitas vezes desajeitada da arte para a esfera do consumo, de ter despido a diversão de suas ingenuidades inoportunas e de ter aperfeiçoado o feitio das mercadorias. (Idem).

Uma das grandes batalhas que se impõe aos mecanismos ideológicos de dominação da indústria cultural tem relação com a distinção entre arte leve e arte séria. A arte séria é aquela produção artística que estimula a reflexão, a construção da experiência e forma o humano em sua condição de sujeito da contradição e da incompletude com potencial de estimular a construção da resistência e transformação do sujeito e da sociedade. A arte leve é aquela produção aerodinamizada de produtos artísticos

mercadorizados que busca ideologizar a vida, oferecer, no máximo, vivências pseudoestéticas e deformar o humano, buscando sempre conciliar o particular e o universal e colaborando para o mero ajustamento do indivíduo aos padrões históricos e societários oriundos da sociedade capitalista.

Na concepção adorniana e horkheimerniana, o antagonismo entre ambas (arte séria e arte leve) é fundamental para garantir a manutenção de um lugar de resistência da arte com potencial libertador da humanidade perante as investidas frequentes da indústria cultural. Inclusive, o que a indústria cultural tenta, incessantemente é absorver a arte leve na arte séria ou vice-versa.

Um dos elementos centrais que fazem com que os indivíduos sucumbam aos múltiplos mecanismos da indústria cultural, além da ideologia e do tecnicismo da produção, é aquele relacionado ao da diversão, que se torna a extensão do trabalho sob a batuta do capitalismo tardio. A diversão é vivida como uma tentativa de sair da rotina do cotidiano do trabalho da sociedade em que vivemos para depois a ela se submeter novamente.

Ao processo de trabalho, nos diferentes setores da economia e da vida de uma maneira geral, só se pode dele escapar provisoriamente, sujeitando-se a ele durante o tempo livre. Até porque

O espectador não deve ter necessidade de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve toda reação: não por sua estrutura temática – que desmorona na medida em que exige o pensamento – mas através de sinais. Toda ligação lógica que pressuponha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 65).

Tal processo de idiotização dos indivíduos pode ser visto no cinema, quando se vinculam as produções cinematográficas ao absurdo vazio de reflexão, e buscam obstaculizar caminhos para o esclarecimento. Mesmo as animações que tinham, potencialmente, a possibilidade de construir um contraponto ao racionalismo por meio da fantasia tem confirmado a supremacia da razão subjetiva sobre a razão objetiva.

Os dois exemplos que confirmam esta situação estão expressos nas animações da Walt Disney do Pato Donald, personificação do indivíduo padronizado e brutalizado desta sociedade que recebe cotidianamente todos os reveses da vida para que os espectadores se espelhem nele e se acostumem com isso. A indústria cultural busca anular qualquer possibilidade de resistência individual (Idem).

Nesse sentido,

O prazer com a violência infligida ao personagem transforma-se em violência contra o espectador, a diversão em esforço. [...] Deste modo, pode-se questionar se a indústria cultural ainda preenche a função de distrair, de que ela se gaba tão estentoreamente. Se a maior parte das rádios e dos cinemas fossem fechados, provavelmente os consumidores não sentiriam tanta falta assim. [...] Esse fechamento de rádios e cinemas não seria nada de comparável a uma destruição reaccionária de máquinas. Os frustrados não seriam tanto os fãs quanto aqueles que sempre “pagam o pato”, os atrasados. A obscuridade do cinema oferece à dona-de-casa, apesar dos filmes destinados a integrá-la, um refúgio onde ela pode passar algumas horas sem controle, assim como outrora, quando ainda havia lares e folgas vespertinas, ela podia se pôr à janela para ficar olhando a rua. (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 65-66)

Nota-se, no excerto acima, o sentido humano privilegiado que a indústria cultural bombardeia incessantemente, qual seja, a visão, e de que modo seus mecanismos de dominação se encontram tão entranhados pelo véu tecnológico do eclipse da razão que são como as fábricas e seus equipamentos. Diante disso, destruí-los ou abrir mão deles não seria suficiente para eliminar a dominação por eles difundida.

Até porque a indústria cultural não se cansa de causar “coitos interrompidos” frequentes nos indivíduos. Trata-se de apresentar a satisfação como uma promessa constantemente rompida. Dessa forma, a indústria cultural não permite a sublimação, mas opera na esfera da repressão do desejo. Este é o segredo da pseudosublimação estética proporcionada pela indústria cultural (Ibid., p. 66). Assim,

A indústria cultural não sublima, mas reprime. Expondo repetidamente o objecto do desejo, o busto no suéter e o torso nu do herói desportivo, ela apenas excita o prazer preliminar não sublimado que o hábito da renúncia há muito mutilou e reduziu ao masoquismo. [...]. As obras de arte são ascéticas e sem pudor, a indústria cultural é pornográfica e puritana. Assim, ela reduz o amor ao romance, e, uma vez reduzido, muita coisa é permitida, até mesmo a libertinagem como uma especialidade vendável em pequenas doses e com a marca comercial “*daring*”. [...]. Toda voz de tenor acaba por soar como um disco de Caruso, e os rostos das moças texanas já se assemelham em sua espontaneidade natural aos modelos que fizeram sucesso, seguindo os padrões de Hollywood. (Idem)

Curiosamente, a indústria cultural, em cada um dos seus espetáculos oferece algo às pessoas e imediatamente as priva dessa compreensão para que a barbárie prevaleça, assim como a manutenção da dominação por toda a sociedade.

A disseminação do entretenimento, em sua lógica purificada, oferta produtos fugazes que são rapidamente consumidos com o selo da felicidade. Trata-se de uma felicidade falseada que só consegue ser capilarizada entre os indivíduos porque tem como

propositura uma torrente incessante de múltiplas diversões, mas que oblitera o prazer com sua inclinação comercial nos padrões ideologizados da cultura do capital (Ibid., p. 67).

Sob o “espírito” da indústria cultural opera um procedimento de razão planejador que impõe a todas as coisas sua subsunção a provarem sua eficácia e significação. Trata-se da fusão da cultura e do mero entretenimento como tentativa de tornar a diversão um elemento que se torne *conditio sine qua non* da cultura (Idem).

Dessa forma,

Na era da expansão liberal, a diversão vivia da fé intacta no futuro: tudo ficaria como estava e, no entanto, se tornaria melhor. Hoje a fé é de novo espiritualizada; ela se torna tão subtil que perde de vista todo objectivo e se reduz agora ao fundo dourado projectado por trás da realidade. Ela se compõe dos valores com os quais, em perfeito paralelismo com a vida, novamente se investem, no espectáculo, o rapaz maravilhoso, o engenheiro, a jovem dinâmica, a falta de escrúpulos disfarçada de carácter, o interesse esportivo e, finalmente, os automóveis e cigarros, mesmo quando o entretenimento não é posto na conta de publicidade de seu produtor imediato, mas na conta do sistema como um todo. (Ibid., p. 68).

Não se trata, a partir da reflexão de Adorno e Horkheimer (1947), de negar o entretenimento em si, mas de potencializar o lugar da ideologia como falsa representação, pois o divertimento significa, nesta sociedade, ficar de acordo com o existente. Assim, o divertimento tem significado, sob a égide da indústria cultural, na negação do pensamento, no esquecimento do sofrimento explicitado e ou na sua exploração comercial. (Idem).

A grande eficácia da indústria cultural como mecanismo de dominação reside em seu alcance, visto que – mesmo com um discurso vazio da dimensão existencial humana – nem por isso se torna mais visível aos olhos dos indivíduos e tampouco mais frágil, pois sua “[...] aversão quase científica a fixar-se em qualquer coisa, que não se deixe verificar, funciona como instrumento de dominação. Ela se converte na proclamação enfática e sistemática do existente” (Ibid., p. 69).

Dessa forma,

A ideologia fica cindida entre a fotografia de uma vida estupidamente monótona e a mentira nua e crua sobre o seu sentido, que não chega a ser proferida, é verdade, mas, apenas sugerida, e inculcada nas pessoas. (Idem)

A partir de seu imenso potencial de disseminação de ideologias, a indústria cultural elimina as objeções que lhe são feitas da mesma forma que difunde sua

pseudoimparcialidade. Assim, permanecendo a indústria cultural e a ordem social capitalista existente, só há dois caminhos: ou o indivíduo dela participa ou dela se omite (Ibid., p. 70).

Mesmo aqueles que não se submetem ao rádio, à televisão e ao cinema, invocando o teatro amador, por exemplo, são indicadores de para qual lugar a indústria cultural está submetendo esses clientes rebeldes. A indústria cultural tenta incessantemente negar aos indivíduos a experiência em nome da sua concepção imediata do belo e dos percursos e lugares empacotados por ela disponibilizados de acesso ao mundo como pseudoexperiência. O maior inimigo da indústria cultural é aquele mesmo que já se encontra, via de regra, derrotado, qual seja, o sujeito que pensa.

Nesse sentido,

A indústria cultural, porém, reflecte a assistência positiva e negativa dispensada aos administrados como a solidariedade imediata dos homens no mundo dos competentes. [...] Esta espécie de “assistência aos flagelados” espiritual lança uma sombra conciliatória sobre os produtos audiovisuais da indústria cultural muito antes que esse auxílio saia da fábrica e se estenda sobre toda a sociedade. Mas os grandes ajudantes e benfeitores da humanidade, cujos feitos científicos têm de ser apresentados pelos escritores como actos de compaixão, a fim de extrair deles um fictício interesse humano, funcionam como lugar-tenentes dos chefes das nações, e estes acabam por decretar a eliminação da compaixão e sabem prevenir todo contágio depois de exterminado o último paralítico. (Ibid., p. 71).

Em relação à cultura em si, Adorno e Horkheimer (1947) afirmam que ela sempre deu sua contribuição no intuito de suspender os instintos revolucionários e não apenas os meramente anticivilizatórios. Mas a cultura produzida pela indústria cultural vai além. Ela orienta a vida dos indivíduos para o lugar da negação do pensamento livre e da sua subsunção ao mero ajustamento à ordem do existente (Ibid., p. 72).

Dessa forma, a indústria cultural se converte em um amplo sistema totalitário de caráter fascista, pois se trata da adequação da individualidade e da sociedade a um padrão único aceitável de belo (em todos os seus aspectos), bem como da relação do indivíduo com a cultura e da cultura com o indivíduo. Quem participa é integrado de acordo com seu *level* social e quem se omite é marginalizado e ou mesmo eliminado da vida social (Ibid., p. 73).

A indústria cultural converte o indivíduo em algo ilusório. Isso não ocorre somente por causa da padronização oriunda do modo de produção. O indivíduo só é aceito “[...] na medida em que sua identidade incondicional com o universal está fora de questão” (Idem). Assim,

A cultura de massas revela assim o carácter fictício que a forma do indivíduo sempre exibiu na era da burguesia, e seu único erro é vangloriar-se por essa duvidosa harmonia do universal e do particular. O princípio da individualidade estava cheio de contradições desde o início. *Por um lado*, a individuação jamais chegou a se realizar de facto. O carácter de classe da autoconservação fixava cada um no estágio do mero ser genérico. Todo personagem burguês exprimia, apesar de seu desvio e graças justamente a ele, a mesma coisa: a dureza da sociedade competitiva. (Idem)

Sob o baluarte da indústria cultural, tudo é convertido ao utilitarismo. No caso das artes, por exemplo, tal processo culmina, no que tange à estrutura econômica interna das mercadorias culturais, em seu deslocamento. A dimensão inútil esperada pela obra de arte – em contraposição ao funcionamento da sociedade capitalista – é, portanto, negada pela sua sujeição ao utilitarismo (Ibid., p. 75). Isso porque

Tudo só tem valor na medida em que se pode trocá-lo não na medida em que é algo em si mesmo. O valor de uso da arte, seu ser, é considerado como um fetiche, e o fetiche, a avaliação social que é erroneamente entendida como hierarquia das obras de arte – torna-se seu único valor de uso, a única qualidade que elas desfrutam. E assim que o carácter mercantil da arte se desfaz ao se realizar completamente. Ela é um género de mercadorias, preparadas, computadas, assimiladas à produção industrial, compráveis e fungíveis, mas a arte como um género de mercadorias, que vivia de ser vendida e, no entanto, de ser invendível, torna-se algo hipocritamente invendível, tão logo o negócio deixa de ser meramente sua intenção e passa a ser seu único princípio. (Idem).

No caso das composições oriundas da música como arte, essas são expostas nas rádios, aparentemente de forma gratuita. A aparente gratuidade imputa ao rádio a condição de uma autoridade desinteressada e mesmo acima dos partidos políticos. Tal processo coloca a rádio como a voz universal fascista do *Führer*, pois posiciona os discursos humanos como algo absoluto. Estabelece um falso imperativo, tendência imanente do rádio, em que a suposta recomendação traz em si um comando a ser rigorosamente seguido na direção de um esquematismo fascista e no consumo de mercadorias patrocinadoras das rádios (Idem).

Outra reflexão realizada por Adorno e Horkheimer acerca da indústria cultural é que mesmo o barateamento do acesso aos bens culturais não significa que foi perdido o seu carácter de mercadoria. Tal processo, na realidade, culminou no aprofundamento da degradação dos bens culturais. Disso decorre a decadência da cultura e o avanço sem precedentes da barbárie (Ibid., p. 76). Exemplo disso é

Quem, no século dezenove ou no início do século vinte, desembolsava uma certa quantia para ver uma peça teatral ou para assistir a um concerto

dispensava ao espectáculo pelo menos tanto respeito quanto ao dinheiro gasto. O burguês que pretendesse auferir alguma vantagem com isso podia eventualmente buscar algum contacto com a obra. [...]. Mesmo na flor da idade dos negócios, o valor de troca não arrastou o valor de uso como um mero apêndice, mas também o desenvolveu como o pressuposto de sua própria existência, e isso foi socialmente vantajoso para as obras de arte. A arte manteve o burguês dentro de certos limites enquanto foi cara. Mas isso acabou. Sua proximidade ilimitada, não mais mediatizada pelo dinheiro, às pessoas expostas a ela consoma a alienação e assimila um ao outro sob o signo de uma triunfal reificação. Na indústria cultural, desaparecem tanto a crítica quanto o respeito: a primeira transforma-se na produção mecânica de laudos periciais, o segundo é herdado pelo culto desmemoriado da personalidade. Para os consumidores nada mais é caro. Ao mesmo tempo, porém, eles desconfiam que, quanto menos custa uma coisa, menos ela lhes é dada de presente. A dupla desconfiança contra a cultura tradicional enquanto ideologia mescla-se à desconfiança contra a cultura industrializada enquanto fraude. Transformadas em simples brindes, as obras de arte depravadas são secretamente recusadas pelos contemplados juntamente com as bugigangas a que são assimiladas pelos meios de comunicação. Os espectadores devem se alegrar com o facto de que há tantas coisas a ver e a ouvir. A rigor pode-se ter tudo. (Idem)

Adorno e Horkheimer (1947) afirmam que a cultura é uma mercadoria paradoxal. De tanto ser submetida à lei da troca ela não se troca mais. Está tão obtusamente confundida com o uso que perdeu a sua utilidade. O que garante sobrevida a ela e a outras mercadorias é a publicidade, que se tornou seu elixir de vida (Idem).

O caso das revistas *Life* e *Fortune* é emblemático do papel da publicidade sob o amparo da indústria cultural. Do ponto de vista da educação do olhar, foi elaborado um amplo esquema de quase indistinção entre o texto, a imagem das peças publicitárias junto com a imagem da parte redacional. Trata-se de uma indiferenciação totalitária e administrada da vida sensorial visual (Ibid., p. 77).

Tal processo de indistinção se repete novamente quando se fala da indústria cultural e da publicidade. A repetição mecânica e esquemática das mercadorias culturais soa como a repetição mesma do chavão propagandístico. O imperativo da eficácia, sob o esteio da racionalidade instrumental é convertido em psicotécnica, que está centrada na manipulação das pessoas (Idem).

O nível de indistinção da vida é tão aprofundado que mesmo a relação de distinção entre palavras e coisas é orientada para uma mistura perniciosa. Nesse processo, o sentido e o significado das palavras são esvaziados em nome de uma fórmula cristalizada que a fixa nas coisas.

Isso afecta tanto a linguagem quanto o objecto. Ao invés de trazer o objecto à experiência, a palavra purificada serve para experi-lo como instância de um aspecto abstracto, e tudo o mais, desligado da expressão (que não existe mais) pela busca compulsiva de uma impiedosa clareza, se atrofia também

na realidade. O ponta-esquerda no futebol, o camisa-negra, o membro da Juventude Hitlerista etc. nada mais são do que o nome que os designa. Se, antes de sua racionalização, a palavra permitira não só a nostalgia mas também a mentira, a palavra racionalizada transformou-se em uma camisa de força para a nostalgia, muito mais do que para mentira. A cegueira e o mutismo dos factos a que o positivismo reduziu o mundo estendem-se à própria linguagem, que se limita ao registro desses dados. (Ibid., p. 78).

O exemplo de Adorno e Horkheimer alusivo ao “*fad*”, expressão estadunidense usada como referência para modismos com caráter epidêmico – os quais são difundidos por grandes monopólios econômicos – reforça o fenômeno da indistinção entre palavras e coisas para o aprofundamento do caráter fascista e totalitário dos dirigentes publicitários que buscam impor normas gerais para o funcionamento da cultura (Idem).

Nesse sentido, a indústria cultural tomou para si a herança civilizatória da democracia. A indústria cultural difunde uma pseudoliberalidade de escolha – que reflete o caráter próprio da ideologia dominante – como a escolha sempre da mesma coisa com aparências cada vez, inclusive, menos distintas (Ibid., p. 79).

Dessa forma, o maior triunfo da indústria cultural é aquele concernente à imitação amplamente desejada e repetitiva dos consumidores. Em uma identificação sem precedentes, as mercadorias culturais por eles cultuadas e decifradas no cotidiano da vida e das relações aprofundam a reificação³⁰(Idem).

1.3. A semiformação: caminhos na direção da deformação humana

Com base nas reflexões concernentes ao processo que caminha do fetichismo da mercadoria, passa pela reificação e culmina na indústria cultural, esse tem seu eixo organizador sob os recônditos da cultura a partir da compreensão dos processos de semiformação oriundos da semicultura difundida pela sociedade do capital contemporaneamente ancorada no capitalismo tardio.

Nesse sentido, para Adorno (2005), não se trata de meros indicadores de uma decomposição dos processos de formação cultural que podem ser vistos sob diversos prismas em diferentes classes sociais – independente do seu acesso a bens culturais – pois o molde do procedimento de razão da sociedade administrada dá o tom do fracasso, limitando o agir crítico e emancipado dos seres humanos.

³⁰Novamente durante a entrevista semiestruturada um dos usuários do serviço ouvidos reforça este elemento ao se referir as mercadorias que não pode ter pelo que custa, mas que as admira como a um ser humano.

Importante ressaltar que o advento do processo de semiformação corrobora na reflexão sobre tal processo no que aqui concerne a sua relação com os sujeitos da pesquisa de campo que pode colocar em evidência os processos semiformativos que podem imputar, como uma das mediações, elementos que demonstrem o aprofundamento da reificação no desenvolvimento histórico do capitalismo tardio. Tais reflexões são muito pertinentes, para compreender os limites e (im)possibilidades educativas nos Centros de Atenção Psicossocial na relação do professor de educação física e dos usuários do serviço por ele atendidos nos processos aqui denominados de terapêutico-pedagógicos.

Até porque, mesmo as reformas pedagógicas, devido ao seu isolamento e enfrentamento muito limitados aos mecanismos socioculturais e ideológicos de dominação, pouco contribuem na direção da superação dos fundamentos da sociedade que precisam ser rompidos em nome da autonomia e emancipação humana.

O limite dessas reformas pedagógicas é oriundo da desconsideração da realidade extrapedagógica que circunda e interfere como mediação – muitas das vezes central – nos processos de formação humana. Tais reformas, inclusive, acabam mesmo por reforçar as crises no setor educacional em seus múltiplos aspectos ocorridos na dinâmica social.

Além disso, muito pouco esses projetos reformistas têm se debruçado em estudos para compreender a complexidade inerente às mediações psicossociais que medeiam positiva ou negativamente as condições e possibilidades da formação cultural ao longo do processo histórico e da particularidade histórica da sociedade do capital. Para esses reformadores, a própria categoria formação já se encontra cristalizada sob um véu ideológico que oblitera a crítica (ADORNO, 2005, p. 2).

Um primeiro aspecto a considerar é que a semiformação encontra-se engendrada como fundamento na particularidade histórica da sociedade do capital a partir de uma série de mediações recíprocas e complexas. Não cabe somente à educação escolar, portanto, realizar o enfrentamento à problemática da semiformação humana sob um prisma concreto de possibilidades de sua superação. Até porque tais reformas, ao invés de criarem as condições e possibilidades de superação da semiformação, têm sido agentes reforçadores desse processo no âmago da cultura.

De acordo com Adorno (2005), os processos de formação cultural têm convergido para a semiformação. Assim,

[...] tudo fica aprisionado nas malhas da socialização. Nada fica intocado na natureza, mas, sua rusticidade — a velha ficção — preserva a vida e se reproduz de maneira ampliada. Símbolo de uma consciência que renunciou

à autodeterminação, prende-se, de maneira obstinada, a elementos culturais aprovados. Sob seu malefício gravitam como algo decomposto que se orienta à barbárie. (Ibid., p. 2).

Como a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt se fundamenta no princípio da primazia do objeto sobre o sujeito – embora a tensão entre sujeito e objeto permaneça como própria da dialética – pode-se depreender que é do universo objetivo que se entranham no sujeito os caracteres materiais e imateriais da semiformação. Não se trata, evidentemente, de um processo mecânico, mas oriundo de um esquematismo da dominação que se impõe de maneira que os indivíduos a ele submetidos tenham poucas possibilidades de não serem a ele subsumidos. A semiformação é, portanto, o modelo central de subjetivação e de deformação do humano que tem sua base nas condições objetivas.

A ideia de cultura não pode ser sacralizada, como muitos a querem, pois tal processo potencializaria a apropriação subjetiva da própria cultura. Até porque a cultura não pode ser reduzida ao lugar comum da mera socialização humana. A cultura é ambivalente, como pode ser compreendida a partir do processo histórico. Na sociedade capitalista,

[...] a cultura tem um duplo caráter: remete à sociedade e intermedia esta e a semiformação. [...]. Isto bem demonstra que não se conseguiu a emancipação completa da burguesia ou que esta apenas foi atingida até certo ponto, pois já não se pode pensar que a sociedade burguesa represente a humanidade. O fracasso dos movimentos revolucionários, que queriam realizar nos países ocidentais o conceito de cultura como liberdade, provocou uma certa retração das ideias de tais movimentos, e não somente obscureceu a conexão entre elas e sua realização, mas também as revestiu de um certo tabu. Por fim, na linguagem da filosofia pura, a cultura se converteu, satisfeita de si mesma, em um valor. (Ibid., p. 2-3).

Pode-se observar, a partir disso, que a humanidade tem se sucumbido a uma cultura subjetivada pelos interesses da burguesia sob arrimo da sociedade administrada. Tal processo reforça a tendência à barbárie inerente ao avanço da civilização que somente tende a aprofundar aquilo que Freud denomina de narcisismo das pequenas diferenças. Esse narcisismo é o alicerce da subsunção da razão objetiva colonizada pela razão subjetiva culminando no aprofundamento da barbárie (HORKHEIMER, 2002).

Nesse sentido, as condições e possibilidades da formação dos seres humanos, à luz do avanço da civilização, têm, na melhor das hipóteses, controlado a humanidade dos seus instintos pulsionais primários, limitando a civilização ao lugar do recalque. Trata-se

de uma tentativa da cultura em se naturalizar na consciência humana como forma de orientação da conduta acima das pulsões instintuais imediatas. No entanto, no lugar de ser um incomensurável salto qualitativo do ponto de vista da boa convivência humana sob os liames da civilização, a semiformação se impôs a partir de um processo de dominação regressiva.

Tal dominação regressiva trata-se, evidentemente, de um processo oriundo da tensão existente entre a natureza humana e a cultura humana. O grande entrave emancipatório dessa tensão é concernente à tentativa da hegemonia unilateral da cultura humana sobre a natureza humana, que, ao invés de conter a agressividade (como um dos lugares da pulsão de morte), a amplifica pelo controle e recalque em um lugar de não elaboração.

Tal é, conforme Freud o vê, a razão do mal-estar que a cultura carrega em si. A sociedade inteiramente adaptada é o que na história do espírito demonstra esse conceito: mera história natural darwinista, que premia a *survival of the fittest*. Quando o campo de forças a que chamamos formação se congela em categorias fixas — sejam elas do espírito ou da natureza, de transcendência ou de acomodação — cada uma delas, isolada, se coloca em contradição com seu sentido, fortalece a ideologia e promove uma formação regressiva. (Ibid., p. 3).

Diante dos processos de socialização do ser humano, Adorno (2005) menciona que a cultura é constituída de um duplo caráter formativo. Conforme a perspectiva adorniana, esse duplo caráter formativo da cultura³¹ está vinculado a um antagonismo social que não pode ser conciliado e que a cultura se põe a dar solução. No entanto, a tensão própria da cultura humana em relação à natureza humana não permite eliminar esta tensão. Mesmo que seja desenvolvida uma conciliação dos interesses da natureza e cultura humanas, a cultura humana, no máximo, consegue impelir momentânea e transitoriamente momentos de equilíbrio (Ibid., p. 4).

Tal processo de equilíbrio provisória e momentânea estabelece uma dicotomia entre os trabalhos do corpo e trabalhos do espírito. Assim,

A antiga injustiça quer justificar-se como superioridade objetiva do princípio da dominação, o que apenas demonstra que esta ação sobre os dominados é que mantém e reitera tais relações. Mas a adaptação é, de modo imediato, o esquema da dominação progressiva. O sujeito só se torna

³¹ Este duplo aspecto formativo da cultura, conforme Adorno (2005), em seu primeiro aspecto está relacionado com o lugar da cultura como construção sócio histórica. O segundo aspecto formativo da cultura está vinculado ao processo de naturalização de determinados elementos da cultura que são históricos.

capaz de submeter o existente por algo que se acomode à natureza, que demonstre uma autolimitação frente ao existente. Essa acomodação persiste sobre as pulsões humanas como um processo social, o que inclui o processo vital da sociedade como um todo. Mas, como resultado e justamente em virtude da submissão, a natureza volta sempre a triunfar sobre seu dominador, que não se assemelhou a ela por simples acaso, primeiramente pela magia e, por fim, pela rigorosa objetividade científica. (Ibid., p. 4)

Percebe-se, a partir da citação acima, que os elementos que buscaram conciliar os interesses entre natureza e cultura primeiramente foram atinentes com a magia e as religiões de uma maneira geral. O elemento atual que prepondera em nome dessa conciliação de interesses é a ciência. O avanço da ciência, mediante o baluarte da civilização, inaugura uma tendência à racionalização sob o prisma do eclipse da razão, o que amplifica os processos de semiformação humana dada a mitificação do próprio procedimento de razão pelo qual a ciência predominantemente tem operado.

Dessa forma, a semiformação conduz à constituição de uma consciência cindida, pois ao sujeito é posta a sua sujeição ao existente como única possibilidade para manutenção da sua existência material e mesmo imaterial. Portanto,

A adaptação não ultrapassa a sociedade, que se mantém cegamente restrita. A conformação às relações se debate com as fronteiras do poder. Todavia, na vontade de se organizar essas relações de uma maneira digna de seres humanos, sobrevive o poder como princípio que se utiliza da conciliação. Desse modo, a adaptação se reinstala e o próprio espírito se converte em fetiche, em superioridade do meio organizado universal sobre todo fim racional e no brilho da falsa racionalidade vazia. Ergue-se uma redoma de cristal que, por se desconhecer, julga-se liberdade. E essa consciência falsa se amalgama por si mesma à igualmente falsa e soberba atividade do espírito. (Idem)

Como se pode compreender, a semiformação se põe como processo unívoco de petrificação dos processos de subjetivação em sua gênese mesma a partir das condições objetivas de conformação ao existente, o que tem obliterado possibilidades para construção da autonomia e emancipação humana. Trata-se de uma sujeição praticamente absoluta da sociedade aos ditames da razão subjetiva (oriunda da ideologia da classe dominante) sobre a razão objetiva (razão oriunda dos fins últimos e emancipatórios da humanidade), a qual a própria burguesia é também submetida³² (HORKHEIMER, 2002). Nesse sentido,

³² Não se trata evidentemente de um processo mecânico e linear da razão subjetiva se sobrepondo a razão objetiva, conforme definição de ambas em Horkheimer (2002). Nem tampouco se trata de uma concepção

O conceito de formação se emancipou com a burguesia. Caracteres ou tipos sociais do feudalismo, como o fidalgo e o gentleman, e especialmente a antiga erudição teológica, se despiram de seu ser tradicional e de suas determinações específicas e se emanciparam das unidades vitais de que, até então, tinham estado impregnadas. A formação tornou-se objeto de reflexão e, consciente de si mesma, foi devolvida purificada aos homens. Sua realização haveria de corresponder a uma sociedade burguesa de seres livres e iguais. Esta, porém, ao mesmo tempo se desentendeu dos fins e de sua função real, como, de certo modo, ocorre radicalmente, por exemplo, com a estética kantiana que defende uma finalidade sem fim. A formação devia ser aquela que dissesse respeito — de uma maneira pura como seu próprio espírito — ao indivíduo livre e radicado em sua própria consciência, ainda que não tivesse deixado de atuar na sociedade e sublimasse seus impulsos. (Ibid., p. 4).

Nota-se ainda que, como primeira mediação que amalgama nas relações humanas em sociedade, a semiformação está relacionada com a tensão insolúvel entre natureza e cultura. A segunda mediação é o surgimento, ao longo da história, das classes sociais, da dominação e exploração do homem sobre homem. Como a sociedade capitalista moderna e na atual fase do capitalismo tardio se ancora na ciência como tentativa de conciliação entre natureza e cultura, a semiformação tem se tornado ainda mais eficaz. Os grandes fundamentos da cultura capitalista, que dão subsídios a esta eficácia, são o pragmatismo e o utilitarismo. Assim,

Se na ideia de formação ressoam momentos de finalidade, esses deveriam, em consequência, tornar os indivíduos aptos a se afirmarem como racionais numa sociedade racional, como livres numa sociedade livre. No modelo liberal, isso seria tanto melhor atingido quanto mais cada um estivesse formado por si mesmo. E quanto menos as relações sociais, em especial as diferenças econômicas, cumprem esta promessa, tanto mais energicamente se estará proibido de pensar no sentido e na finalidade da formação cultural. Nesse sentido, nem se pode denunciar que ela, sozinha, não garante uma sociedade racional. Não se quer liberar a esperança, desde o princípio enganosa, de que ela poderia extrair de si mesma e dar aos homens o que a realidade lhes recusa. O sonho da formação — a libertação da imposição dos meios e da estúpida e mesquinha utilidade — é falsificado em apologia de um mundo organizado justamente por aquela imposição. No ideal de formação, que a cultura defende de maneira absoluta, se destila a sua problemática (Ibid., p. 4-5).

idealista em contraposição aos avanços trazidos para a compreensão do real oriundo da dialética materialista histórica marxiana-engelsiana. Em tal processo da razão subjetiva e razão objetiva comparece a tensão sujeito e objeto, particular e universal que aponta, apesar dos cristalizações de uma relação de difícil superação, mas existente diante das contradições existentes e das possibilidades de superação em uma historicidade futura. Além disso, de tal processo de dominação que resulta dessa relação no campo da ideologia e de outros mecanismos culturais de dominação nem a própria burguesia escapa dos liames da própria dominação por ela difundida.

Como foi apresentado no tópico anterior deste capítulo, no atual momento do capitalismo tardio, a indústria cultural é a mediação central dos processos de semiformação humana. No lugar da magia ou mesmo da religião como lugares da conciliação entre natureza e cultura, a partir da indústria cultural é constituída a heteronomia dos meios de comunicação de massa. Esses meios de comunicação se apropriam da cultura de massas para a difusão totalitária da mera informação e do conhecimento científico alinhavado à lógica do capital, estimulando o consumo exacerbado de mercadorias, principalmente por meio de um bombardeio incessante, especialmente ao olhar humano, para adestrá-lo.

Desde o prelúdio da modernidade até o atual momento histórico do capitalismo tardio é mister compreender que a ideologia burguesa foi, a partir do véu tecnológico por ela difundido, o imperativo categórico da produção da vida em submeter a classe trabalhadora a um aprofundamento da reificação por meio da ampliação da eficácia dos processos semiformativos.

Nesse sentido, a classe trabalhadora só tem sido vista pela burguesia como máquinas de fazer dinheiro na lida extenuante diária da produção da vida. Assim,

Os primeiros proletários foram pequenos-burgueses, artesãos e camponeses sem posses, e, além disso, oriundos de regiões cuja formação social não era ainda burguesa. E as pressões das condições de vida, o desmedido prolongamento da jornada de trabalho e o deplorável salário durante os decênios, a que se referem *O Capital* e *A condição das classes trabalhadoras na Inglaterra*, os mantiveram ainda mais excluídos da nova situação. Embora nada tenha mudado de substancial no tocante ao fundamento econômico das relações — o antagonismo entre o poder e a impotência econômica — nem quanto aos limites objetivamente fixados da formação cultural, a ideologia se transformou de uma maneira muito mais radical. A ideologia encobre amplamente a grande cisão, inclusive àqueles a quem cabe suportar-lhe a carga. (Ibid., p. 6).

É importante compreender que é no atual momento do capitalismo tardio que ocorre o processo de suprassunção da ideologia da classe dominante com todo o maquinário da indústria cultural e de sua apreensão da cultura de massas que potencializa, de uma forma sem precedentes, os processos de semiformação humana. É a indústria cultural que impõe, de forma totalitária, a concepção de homem, mundo e sociedade da burguesia e a universaliza para toda a sociedade na particularidade histórica do desenvolvimento do capitalismo.

As concepções de homem, mundo e sociedade, difundidas pela indústria cultural, têm ressignificado a dominação e a deformação do ser humano, seja por meio do mero

entretenimento como divertimento, como foi visto no tópico anterior, seja pela fragmentação e simplificação do existente, colaborando para o processo de aprofundamento da reificação humana em níveis quase insuperáveis.

Dessa forma, a formação tem sido, a rigor, um indicador da emancipação da burguesia sobre toda a sociedade. Fato é que, sem a formação cultural, seria pouco provável que o burguês pudesse se dedicar ao empresariado, em atividades gerenciais e do funcionalismo dentro e fora do Estado. Portanto,

Assim que a sociedade burguesa se consolida e já as coisas se transformam em termos de classes sociais. Quando as teorias socialistas se preocuparam em despertar nos proletários a consciência de si mesmos, o proletariado não se encontrava, de maneira alguma, mais avançado subjetivamente que a burguesia. Não foi por acaso que os socialistas alcançaram sua posição-chave na história baseando-se na posição econômica objetiva, e não no contexto espiritual. Os dominantes monopolizaram a formação cultural numa sociedade formalmente vazia. A desumanização implantada pelo processo capitalista de produção negou aos trabalhadores todos os pressupostos para a formação e, acima de tudo, o ócio. As tentativas pedagógicas de remediar a situação se transformaram em caricaturas. Toda a chamada "educação popular" — a escolha dessa expressão demandou muito cuidado — nutriu-se da ilusão de que a formação, por si mesma e isolada, poderia revogar a exclusão do proletariado, que sabemos ser uma realidade socialmente constituída. (Ibid., p. 5).

Diante da primazia do objeto sobre o sujeito, seria ilusório acreditar que o proletariado pudesse se emancipar de sua condição simplesmente por meio de processos de “educação popular”. Tal reducionismo subjetivista demonstra que, mais que a “educação popular”, é fundamental constituir, em níveis psicossociais mais amplos, outras ações refletidas³³ que vão muito além da “educação popular”. Tal processo é possível, pois inúmeros trabalhadores e membros de grupos subalternizados têm, mesmo que de forma limitada, sua consciência de classe para si ainda preservada para que não sejam submetidos às teias da semiformação. No entanto, essas teias da semiformação

[...] são tão fortes a partir da produção, seu estabelecimento está tão de acordo com os interesses decisivos e se adequam tanto às manifestações culturais atuais, que sua representatividade se impõe, mesmo sem a chancela da estatística. No entanto, é ainda a formação cultural tradicional, mesmo que questionável, o único conceito que serve de antítese à semiformação socializada, o que expressa a gravidade de uma situação que não conta com outro critério, pois descuidou-se de suas possibilidades. Não se quer a volta do passado e nem se abranda a crítica a ele. [...]. Potencialmente foram cortados os petrificados recursos com que o espírito

³³ Termo que se contrapõe ao ativismo irrefletido. Mais detalhes ver em Adorno (1995) em *Notas marginais sobre teoria e práxis*.

podia escapar da formação cultural tradicional e sobrepassá-la. [...]. Revela-se num momento, pois está condenada, frente à forma última do constrangimento, como uma cor que tenta manter os tons que se desvanecem. Só por ela, e não por qualquer *laudatio temporis acti*, é que se recorre à formação tradicional. (Ibid., p. 7)

O maior desafio relacionado à superação da semiformação no capitalismo tardio tem relação, como se viu, com a conciliação forçada entre cultura humana e natureza humana. A partir da identificação forçada e da integração social constituídas é que se depreende seu imenso poderio como mecanismo ideológico de dominação. Até porque, sob a base da semiformação, os conteúdos objetivos e subjetivos são coisificados com o caráter de formação cultural diante da particularidade histórica do capitalismo. Nesse sentido,

O fato de que seu nome tenha adquirido hoje as mesmas ressonâncias, antiquadas e pretensiosas, de "educação popular" não indica que esse fenômeno tenha desaparecido, e sim que seu contraconceito, precisamente o de formação - único que lhe dava certo sentido -, perdeu sua atualidade. Da formação só participam, para sua dita ou desdita, indivíduos singulares que não caíram inteiramente neste crisol e grupos profissionalmente qualificados, que se caracterizam a si mesmos, com muita boa vontade, como elites. Contudo, a indústria cultural, em sua dimensão mais ampla — tudo o que o jargão específico classifica como mídia —, perpetua essa situação, explorando-a, e se assumindo como cultura em consonância com a integração, o que, se for mesmo uma, não será a outra. Seu espírito é a semicultura, a identificação. (Ibid., p. 8).

Por mais difícil que seja superar a semiformação, cabe a ressalva de que na concepção frankfurtiana e, no caso, adorniana não existe a negação da possibilidade de serem constituídos verdadeiros processos orientados pela autorreflexão crítica sob um prisma formativo. Na realidade, busca-se o entendimento radical dos limites e a identificação e construção das possibilidades concretas dos verdadeiros processos que direcionem para a autonomia e emancipação humana em contraponto à semiformação. Até porque os ideais são um grande conjunto de concepções ideológicas interpostas entre os indivíduos e a realidade a qual esses filtram. Sendo assim,

Estão de tal modo carregadas afetivamente, que a ratio não pode desalojá-las aleatoriamente. E a semicultura as une. [...]. Entre as condições sociais para a formação se encontrava, entre outras, de um modo essencial, a tradição, que, segundo a doutrina de Sombart e Max Weber, é uma tradição pré-burguesa inconciliável com a racionalidade burguesa. No entanto, a perda da tradição, como efeito do desencantamento do mundo, resultou num estado de carência de imagens e formas, em uma devastação do espírito que se apressa em ser apenas um meio, o que é, de antemão, incompatível com a formação. [...]. A formação se desenvolvia socialmente

da mesma maneira como, segundo Freud, a autonomia, o princípio do ego, brota da identificação com a figura paterna, enquanto que as categorias a que se chega por intermédio desta se voltam contra a irracionalidade das relações familiares. As reformas escolares, cuja necessidade não se pode colocar em dúvida, descartaram a antiquada autoridade, mas também enfraqueceram mais ainda a dedicação e o aprofundamento íntimo do espiritual, a que estava vinculada a liberdade. (Ibid., p. 9)

É importante destacar que, concernente à semiformação, está difundido um projeto educativo de semiformação irradiado do maior centro econômico do capitalismo representado pelos Estados Unidos da América para os demais países do mundo. Trata-se do predomínio social de uma semiformação universalizada (Ibid., p. 10).

As teias da semiformação são tão fortes e amplificadas pela indústria cultural como mecanismo ideológico de dominação que bombardeiam o ser humano, principalmente no que concerne à educação do olhar, mas também a outros sentidos humanos, cindindo-o e limitando-o às condições e possibilidades de construção de uma experiência sensorial e social genuinamente humana.

Sob a lógica da semiformação, o que é oportunizado é uma repetição mecânica e vazia de sentidos e significados de vivências sensoriais que colocam o ser humano em um invólucro de adestramento e do seu aprisionamento em um universo de carências pseudossatisfeitas. Em suma, “[...] a semiformação não se confina meramente ao espírito, adultera também a vida sensorial. E coloca a questão psicodinâmica de como pode o sujeito resistir a uma racionalidade que, na verdade, é em si mesma irracional” (Ibid., p. 10-11).

Nota-se, como será visto em maior profundidade posteriormente nos próximos capítulos e na própria pesquisa de campo, de que modo as imagens e preconceitos são difundidos e administrados acerca do uso de determinadas substâncias psicoativas, dos sujeitos que delas fazem uso e o reforço da própria política dominante³⁴ que regulamenta o uso destas substâncias.

Destarte tal reflexão, para a definição do que seja a semiformação, Adorno (2005) apresenta uma associação desta com o fenômeno do fetichismo da mercadoria. Dessa forma,

A semiformação é o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria. Da mesma maneira que o caráter ou imagem social do comerciante e do balconista dos velhos tempos prolifera como cultura de empregados — Karl Kraus, que investigou a origem do processo, chegava

³⁴ Trata-se do proibicionismo das drogas o qual apresentaremos em detalhes no capítulo 3.

a falar de uma ditadura estética do balconista —, os respeitáveis motivos de lucro da formação encobriram, como um mofo, o conjunto da cultura. E essa situação já adquire consciência do que a separa daqueles — o fato de que o novo é o totalitário. Porém, a semiformação cultural, com o progresso da integração, se desfez de sua pureza assim como a cultura dos empregados liquidou o balconista. Abraça também ao espírito que tinha em outros tempos, e o poda como convém às suas necessidades. Assim, ao pretender participar parasitariamente deste prestígio já algo diminuído, por despojar-se do distanciamento e do potencial crítico, exclui-se do próprio prestígio. (Ibid., p. 11).

Uma das consequências mais nefastas dos processos semiformativos está vinculada com a obliteração da liberdade em todas as suas dimensões e possibilidades. Assim, a semiformação aprofunda o narcisismo das pequenas diferenças. Portanto,

É subjetivo o mecanismo que fomenta o prestígio de uma formação cultural que já não se acolhe e que, em geral, só obtém uma atualidade por malograda identificação. A semicultura colocou, ao alcance de todos, esse clube exclusivista. O narcisismo coletivo alimentado por tal mecanismo faz com que as pessoas compensem a consciência de sua impotência social — consciência que penetra até em suas constelações instintivas individuais — e, ao mesmo tempo, atenuem a sensação de culpa por não serem nem fazerem o que, em seu próprio conceito, deveriam ser e fazer. [...]. A ideia de formação está predestinada a isso porque, analogamente à alucinação racial, exige do indivíduo apenas um mínimo para que alcance a satisfação do narcisismo coletivo: basta a frequência a um certo colégio ou instituto, ou, ainda, a simples aparência de se proceder de uma boa família. A atitude em que se reúnem a semicultura e o narcisismo coletivo é a de dispor, intervir, adotar ares de informados, de estar a par de tudo. [...]. O espírito da semiformação cultural pregou o conformismo. (Ibid., p. 14-15)

A semiformação, como projeção do narcisismo das pequenas diferenças, demonstra, diante da tensão entre o universal e o particular, a incorporação de um fundamento histórico da exploração e dominação do homem pelo homem: o advento das classes sociais. Para Adorno (2005), ela advém da supremacia de determinados grupos sobre outros do semiculto, o qual é o modelo de indivíduo produzido pelos processos de semiformação desde os primórdios da sociedade capitalista. O semiculto é inclusive, o indivíduo médio fabricado pela indústria cultural.

O semiculto se dedica à conservação de si mesmo sem si mesmo. Não pode permitir, então, aquilo em que, segundo toda teoria burguesa, se constituía a subjetividade: a experiência e o conceito. Assim procura subjetivamente a possibilidade da formação cultural, ao mesmo tempo, em que, objetivamente, se coloca todo contra ela. A experiência — a continuidade da consciência em que perdura o ainda não existente e em que o exercício e a associação fundamentam uma tradição no indivíduo — fica substituída por um estado informativo pontual, desconectado, intercambiável e efêmero, e que se sabe que ficará borrado no próximo instante por outras

informações. [...]. No entanto, como a semiformação cultural se liga, apesar de tudo, a categorias tradicionais, a que ela já não satisfaz, a nova figura da consciência sabe inconscientemente de sua própria deformação. Isto irrita e encoleriza a semicultura — quem sabe do que se trata quer sempre em tudo ser um sabichão. (Ibid., p. 15-16)

O sujeito da semiformação, diante do ofuscamento da experiência, ao mesmo tempo com ela concilia, aprofunda sua condição de semiformado por uma segunda cultura que lhe impõe um véu tecnológico em que mesmo

[...] o mundo dos livros que não deixa nas estantes sem ler e que parecem ser igualmente a-históricos e tão insensíveis frente às catástrofes da história como seu próprio inconsciente. E, da mesma maneira que este último, a semicultura aparece como isenta de responsabilidades, o que muito dificulta sua correção pedagógica. (Ibid., p. 17).

É fundamental compreender, a partir de Adorno (2005), que a construção da autonomia e emancipação humana diante da semiformação está relacionada ao universo do particular que não pode ser menosprezado pelas mediações do universal. Trata-se do segundo giro copernicano, que representa a volta do sujeito ao seu contrário, ou, em outras palavras, à autorreflexão crítica.

Em contraposição, a autonomia e a emancipação humana decorrem dos processos semiformativos da regressão à barbárie. O semiformado é o indivíduo que vive a barbárie, tanto na dimensão do discurso como de suas ações concretas. Portanto,

O que ousa chamar-se de progresso da consciência — a penetração crítica e carente de ilusões no que existe — converge com a perda da formação: o escrúpulo excessivo e a formação tradicional são incompatíveis. De modo que não foi casual que, logo que Marx e Engels conceberam a teoria crítica da sociedade, a esfera que caracteriza primariamente o conceito de formação cultural — a filosofia e a arte —, tivesse sido compreendido de modo tão grosseiro e primitivo. Esta simplificação é incompatível com a intenção social de finalmente escapar da barbárie, e assim ao mesmo tempo termina por dar apoio à realidade nua e crua do terror no Leste. A consciência em processo, que resiste à cultura engajada e transformada numa lástima, ao se converter numa posse, não apenas está acima da formação cultural, mas também, por sua vez, está sempre abaixo dela: a nova qualidade que emerge é invariavelmente mais e menos do que a que imerge. Ao progresso, à categoria do novo, está mesclada, como fermento, uma parcela de barbárie, pois se degrada. (Ibid., p. 17-18).

A partir do desenvolvimento deste capítulo, foi possível compreender o advento da semiformação como condição de sociabilidade dominante da sociedade capitalista aprofundada pela indústria cultural sob a tutela do capitalismo tardio. As (im)possibilidades da construção de autonomia e emancipação humana relacionadas com

semiformação humana são tópicos fundamentais da relação entre educação do olhar e semiformação humana, conforme será visto no próximo capítulo, sob a perspectiva do desenvolvimento da indústria cultural e sua complexificação, assim como reflexão sobre o conceito de sociedade excitada e seu desenvolvimento ao longo dos séculos XX e XXI.

CAPÍTULO 2 – INDÚSTRIA CULTURAL E SOCIEDADE EXCITADA: (IM)POSSIBILIDADES EMANCIPATÓRIAS

Neste capítulo, busca-se compreender, em um primeiro momento, o desenvolvimento da indústria cultural ao longo dos séculos XX e XXI, bem como o advento da sociedade excitada e seus desdobramentos.

Em um segundo momento, busca-se compreender de que modo se põem no real, a partir da gênese e desenvolvimento da sociedade excitada³⁵, novas formas de educação do olhar e semiformação que obstaculizam caminhos que, ao mesmo tempo, implicam (im)possibilidades emancipatórias.

2.1. As mutações da indústria cultural na contemporaneidade e o advento da sociedade excitada

Como visto no capítulo anterior, a indústria cultural foi constituída como mecanismo cultural e ideológico de dominação no final do século XIX e início do século XX durante o desenvolvimento histórico do capitalismo.

Aqui será considerado que a sociedade excitada³⁶ é uma das muitas mutações e aprofundamentos das formas de dominação pela qual a indústria cultural constitui toda a sua trama desde a sua origem.

Nesse sentido, a sociedade excitada, para Türrcke (2010), é o modelo social que se desenvolve a partir do final do século XX em diante. Para se compreender a que tipo de excitação este autor se refere, é apresentado inicialmente, o conceito de sensação. Essa, para Türrcke (2010), no início significou meramente a noção de percepção. No entanto, nas últimas décadas, ampliou-se o conceito de sensação o qual se trata daquilo que gera atração à percepção na dimensão do chamativo e espetacular. Assim,

Até o momento a palavra é empregada para acontecimentos totalmente especiais: atos do Estado, entrega de prêmios, estrelas, *vernissages*, concertos etc. Cada assunto comum era antigamente um *affair*, antes de ser adotado como um assunto delicado de Estado ou de amor. Vício, ou

³⁵ Conceito cunhado por Türrcke em sua obra *Sociedade Excitada: filosofia da sensação* (TÜRRCKE, 2010). Ao estabelecer diálogo com Türrcke não se trata de negar a categoria indústria cultural e tampouco de sobrepô-la ao conceito de sociedade excitada, mas diante do objeto aqui em pesquisa, compreender de que modo a indústria cultural em sua dominação do espírito e dos sentidos se torna ainda mais ampla e complexa, bem como da dificuldade de sua superação histórica.

³⁶ Não se trata de ao buscar compreender o conceito de sociedade excitada negar a existência de outra categoria aqui já várias vezes mencionada que é a de sociedade administrada. A sociedade administrada é a lógica oriunda das forças produtivas do modo de produção capitalista que busca incessantemente impingir a conformação ao existente.

dependência, significou principalmente doença. Nos dias atuais, tal palavra é aplicada apenas em relação a determinados estimulantes (TÜRCKE, 2010, p. 9).

É importante compreender que um dos fundamentos da modernidade é que sua inconstância se tornou a constante da sua maneira de ser e agir como organizadora da vida em suas múltiplas dimensões. A modernidade nos prometeu autonomia e libertação dos mitos e vivia tal efervescência, excitação e inquietude geral. Nessa direção, o período compreendido entre o século XVIII até os idos do século XIX, foi grande a possibilidade emancipatória da humanidade (Idem).

No entanto, principalmente a partir do século XX, essa possibilidade emancipatória foi eclipsada. Mas o estado de efervescência em nada foi reduzido. Inclusive, a efervescência foi ampliada. Os resultados e desdobramentos da modernidade têm, na centralidade da dominação, uma administrada cultura visual. No entanto,

[...] quanto mais lhe falta a grande válvula, cuja abertura coletiva ela poderia acionar, mais dificilmente se pode suportá-la, mais faz com que todos procurem com suas forças encontrar aquilo que proporciona alívio, e tudo que fascina, que encanta, serve para tal. Existe orientação, apoio e realização, mesmo que seja apenas um momento fugaz. Mas, para inflacionar esse momento até o infinito, coloca-se à disposição um repleto aparato visual. Ele deixa passar nas telas incontáveis momentos e direciona a percepção para aqueles mais persistentes, os que "fazem sensação", os quais se destacam tanto que provocam uma percepção que permanece. Há uma torrente de estímulos dos meios de comunicação de massa que competem para fazer parte dessas sensações. [...]. Em curtas palavras, é chegado o momento de se falar de uma *sociedade da sensação*. (Ibid., p. 10).

É importante ressaltar que, para Türcke (2010), a sociedade excitada não comparece como sobreposição da polissemia conceitual oriunda desde o advento da modernidade³⁷, mas da determinação que adquire mais potência ao longo do processo histórico e do desenvolvimento da microeletrônica que impinge um produtivismo multifacetado e altamente sofisticado a todos os campos produtivos. A sociedade excitada tem comparecido, essencialmente, como um temporal perene que nos inunda com impressões audiovisuais (Ibid., p. 10-11).

Nesse sentido, Türcke (2010) estabelece as aproximações entre o conceito por ele cunhado de sociedade excitada com o conceito de sociedade do espetáculo cunhado por

³⁷ O conceito de sociedade excitada não se trata também de uma concepção biologicista e voltada meramente ao controle dos sentidos, mas da administração da vida nesta dimensão como conformação do espírito e dos sentidos ao existente.

Guy Debord. Pode-se observar que Debord e Türrcke, a partir de seus conceitos que explicam fenômenos que estabelecem possíveis aproximações com o conceito de Indústria Cultural em Adorno e Horkheimer (1947), são todos críticos radicais do marxismo ortodoxo dogmático que desconsidera o desenvolvimento do próprio capitalismo. Até porque, para Türrcke (2010), a estetização do capitalismo culmina na fixação do sensorio humano no espetacular. Ou dito nas palavras de Türrcke (2010, p. 11-12):

[...] isso ocorre na forma de um projeto que tangencia, de modo genial, o espaço, o tempo e a história, e que raramente aprofunda a análise, como se isso não fosse necessário, como se o trabalho de base da crítica social já tivesse sido feito e bastasse saber o que são o capitalismo e o fetiche da mercadoria e a única coisa que restasse fosse descobrir seus disfarces mais recentes. Isso é muito ingênuo. Tão certo se deve ter um conceito de capitalismo para conceituar suas mudanças, tampouco sua estetização espetacular é apenas uma nova roupagem que se precisa tirar para "desmascará-lo" como um velho conhecido. Essa estetização aderiu ao capitalismo, é a sua pele, e não seu envoltório — e urge, até mesmo os conceitos, os quais são conhecidos, pegá-lo de forma mais precisa, redefinilo. Fetichismo não é mais aquilo que foi quando insiste na fixação do sensorio humano no espetacular.

Nota-se, a partir da citação acima, que Türrcke parte do conceito e das discussões realizadas na obra *A sociedade do espetáculo*, em Debord, para – a partir dela – refletir sobre o desenvolvimento da cultura audiovisual desde a sua origem, que culminou na sociedade excitada. Por meio do que Türrcke denomina de lixiviação do sensorio associado à visão e audição ocorre a revolução das potências das conexões neuronais, constituindo a base de toda cultura na qual quase nada permanecerá da sociedade do espetáculo com o surgimento da sociedade excitada. Indicador do advento da sociedade excitada são o fenômeno dos choques audiovisuais que são administrados como injeções em que

Eles fazem o sistema nervoso dependente e viciado de sensações. O vício deseja mais do que o material viciante pode dar-lhe. Na medida em que o vício se transforma numa constituição social geral, tem de ser compreendido, teológica e messianicamente, como refúgio da utopia. (Idem)

Sob o prisma histórico, político, econômico e cultural das mutações da indústria cultural, esses choques estão relacionados com a gênese do neoliberalismo a partir do modelo estadunidense, bem como dos seus desdobramentos.

E assim começava, já no governo Carter, e depois com mais vigor sob o Reagan, o processo global de "desregulamentação"¹: a privatização de firmas estatais; o afrouxamento de contratos fixos de trabalho; o declínio dos benefícios de seguridade social; a substituição de grupos inteiros de secretárias, telefonistas, tipógrafos, impressores, engenheiros, especialistas até os níveis médios da administração, por *softwares* inteligentes; a redução de uma parte considerável da classe média a empregos de curta duração, ou mal remunerados no setor de serviços; a expulsão de indivíduos há muito ativos até então para o desemprego de longa duração, o tráfico de drogas e a criminalidade - e uma bela recompensa para o quarto ou quinto grupos na parte de cima, que conseguiram galgar à posição de "realizadores" de uma nova economia, cujo truque é prosperar, apesar do desemprego em massa, ou por causa dele. Sua fórmula mágica: *joblessgrowth*. (Ibid., p. 22).

Diante de tal mosaico profuso, a indústria cultural sofre inúmeras mutações que tornam ainda mais desafiador o embate entre autonomia e heteronomia; emancipação e dominação. Nesse sentido, Türcke (2010) estabelece um diálogo com a *Dialética do Esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer (1947), a partir da reflexão que esses dois últimos autores fizeram em relação ao “canto da sereia” na obra *A Odisseia*, de Homero.

Aparentemente, cada indivíduo tem a liberdade para não se envolver quanto Odisseu foi para não subsumir ao canto das sereias. De acordo com Homero, Ulisses só não sucumbiu ao canto das sereias porque foi amarrado ao mastro da sua embarcação, enquanto seus servos remavam com os ouvidos que Ulisses anteriormente tampou com cera, quando passavam próximo ao rochedo delas. No entanto,

[...] como seria possível fazer parar uma corrente que atua 24 horas por dia, que não deixa que se reme contra ela e que constantemente põe a questão silenciosa sobre se seria possível de fato suportar um desligamento do *fluxo geral de informação*, uma estagnação profissional, uma desolação da alma ou o desemprego, apenas para opor sua força de atração? Para quê? (Ibid., p. 14, grifo meu).

Nota-se que os fluxos gerais de informação são uma das muitas mutações pelas quais as notícias midiáticas – sob a batuta da indústria cultural – tão propositais e velozmente difundidas em escala global. Nesse sentido, a indústria cultural tem se orientado não só pela velocidade de difusão das notícias, mas pelos critérios do que deve ou não ser veiculado nesta contraditória presentificação e, ao mesmo tempo, obsolescência acelerada da vida (Ibid., p. 15).

Para todos os efeitos, o ponto pacífico deste processo acelerado e efêmero de difusão de notícias e seus critérios de seleção tem sido dado pelo encontro com o perfil do homem médio. De tal processo decorre a simplificação das notícias e seus sentidos para absorção rápida e efêmera das massas.

Especialmente bem compreensível é aquilo que se deixa quantificar ou visualizar: índices da bolsa de valores e resultados do futebol, números da loto ou de desempregados, estatísticas de trânsito ou de mortes por drogas ocupam, assim, postos permanentes no noticiário. E quando se consegue compreender algo tão intrincado como o processo de paz no Oriente Médio em uma só imagem - a do aperto de mão entre Rabin e Arafat -, então se atinge o máximo de abrangência. Um processo político altamente complicado condensa-se em uma notícia insuperavelmente palpável. (Ibid., p. 16, grifo meu).

É importante destacar, no excerto acima relacionado à educação do olhar, a especificidade do fenômeno da drogadição. Nota-se como, diante das mutações da indústria cultural, a simplificação de um fenômeno complexo e multidimensional em um bombardeio ininterrupto de imagens tem provocado, a partir de um projeto de dominação social, as concepções das pessoas sobre o uso de drogas e suas consequências em um modelo estereotipado.

Nesse sentido, Türcke (2010) faz uma referência à educação do olhar nas propagandas francesas e nas de tabaco da *Marlboro*:

Quando se descortina, em contrapartida, como praticado de maneira precursora pela indústria do cigarro, um mundo mágico de pores do sol, desfiladeiros, cavernas, contornos ondulados de corpos ou carros chiques, barcos, helicópteros, e uma atmosfera é criada em que se acredita que se possa cheirar, tocar e provar, então o meio audiovisual começa a mover-se em seu ambiente próprio. E quando, por fim, "o homem do Camel encontra o do Marlboro ao pé de uma fonte de água e ambos resolvem o problema dos dentes amarelados por meio de um determinado creme dental", esse mundo mágico já se coloca como um padrão perceptivo a partir do qual se podem até criar novos efeitos em tom de brincadeira. A propaganda torna-se autorreferencial, autoirônica, não mais concebe o espectador como um tolo, ou deslumbrado ingênuo a ser esclarecido, mas como um apto compartilhador de conhecimento, um compensador, alguém com quem só se terá sucesso se o comercial adiantar algo do prazer que a compra do produto promete. (Ibid., p. 26-27)

É importante dizer que, a partir de um determinado cartaz de comerciais longos, estes são a base para outros anúncios e outros produtos comercializáveis em um círculo eternizado de retroalimentação de múltiplas cadeias produtivas tendo por base outros comerciais. Disso decorre um processo de desenvolvimento profundo de memórias artificiais que não somente dão lugar ao esquecimento planejado e cada vez maior concentração descentrada do ser humano, mas ainda permite o armazenamento pela transformação, variação, distanciamento em arquivos com todo tipo de material.

A potência de dominação e subsunção do humano presente nas transformações da indústria cultural implica uma compulsão social generalizada pelo consumo de imagens. Tal processo estabelece um modelo inédito, em suas singularidades evidentemente, de imposição de uma neutralização da resistência humana que implica uma nova necessidade ideológica que é naturalizada pelo homem (Ibid., p. 38).

Nota-se, nesse sentido, a ampliação do processo de reificação humana, a partir das atuações da indústria cultural, como forma de manifestação de vida da mercadoria humanizada para o humano desumanizado e coisificado para a dominação mais aprofundada. Daí a semiformação que, a partir de processos de deformação do olhar, é a condição que se põe no capitalismo tardio (Ibid., p. 39).

Uma outra mutação importante da indústria cultural é aquela alusiva à ressignificação do fenômeno dos *racket*, que, a partir desta ressignificação, tornaram-se produtos para as massas se fundirem com eles e depois, na sociedade excitada, encontrarem, na emissão compulsiva, uma forma de existir como tentativa nunca alcançada de gozo. Ou, nas palavras de Türccke (2010), em diálogo com Adorno e Horkheimer (1947):

Quem escreve assim é alguém que por muito pouco escapou do processo de uniformização social total chamado pelos nazistas de "pôr na linha". Nos Estados Unidos, a terra democrática que salvou Adorno teve então de descobrir igualmente tendências de pôr as pessoas na linha, muito menos brutais, sem dúvida, mas não menos abrangentes. Paradigmático para Adorno foi o fenômeno da indústria cultural, que trazia ao mundo artefatos de cultura concebidos desde o princípio como mercadorias de consumo de massa, isto é, uniformizados, assim como carros ou geladeiras: confeccionados com clichês e frases feitas, que marcavam os produtos como aptos para o consumo ligeiro, e se impunham ao consumidor como esquemas para a percepção e para o pensamento. Quando Adorno, sob essa impressão, formulou: "A cultura hoje impõe a semelhança a tudo", reverberava o horror diante do "pôr na linha" nacional-socialista. Mesmo uma estrutura em miniatura da SA e da SS parecia ser encontrável nos Estados Unidos: os *rackets*. Assim se chamavam os bandos e as gangues que ameaçavam os estabelecimentos comerciais de Chicago, Nova York ou São Francisco com sua proteção forçada. [...]. Horkheimer tentou mesmo, por um curto período, caracterizar o *racket* como "a forma fundamental de dominação", que teria começado com a horda humana primordial estendendo-se desde "o sussurro no conselho dos anciãos das tribos primitivas até os entendimentos entre os industriais e o Exército nos clubes ou salas de conferência" (TÜRCKE, 2010, p. 59-60).

A compulsão de emitir tem se tornado cada vez mais uma pressão imposta na totalidade das relações sociais sob a égide da indústria cultural em que o indivíduo

continua com duas opções apenas: a da omissão ou participação da compulsão da emissão (Ibid., p. 78).

Para melhor compreender o processo de compulsão de emissão, é necessário remeter às reflexões de Türrcke (2010), que traz à baila elementos anteriores que remetem, inclusive, à noção de indústria cultural tal como Adorno e Horkheimer cunharam. A categoria não se inicia no século XX, mas já no XIX. Um dos elementos anteriores ao surgimento da indústria cultural é o que Türrcke denomina de imperativo do “faça-se imagens”. Esse imperativo do “faça-se imagens” está relacionado ao modo como, historicamente, a fotografia deixa de ser privilégio do fotógrafo no processo. Qualquer um poderia sê-lo com o desenvolvimento das tecnologias em sintonia com os interesses das indústrias como primeiro lampejo de manifestação da indústria cultural e sua lógica. Ou, dito nas palavras de Türrcke (2010, p. 182):

O imperativo "façam-se imagens" põe em ação um estranho sorvedouro. No estágio inicial da fotografia ele ainda mal é perceptível. Aqui é o fotógrafo que está em primeiro plano, como herói moderno: assim como Deus comanda a luz com sua palavra, Daguerre comanda, com a luz, as torres de Notre-Dame. [...]. Niépce e Daguerre fecharam seu famoso contrato "a fim de tirar todos os proveitos possíveis desse novo ramo de negócios". O contexto ao qual Horkheimer e Adorno deram o nome de *indústria cultural* está aqui previamente estabelecido: o produto cultural em questão não caiu posteriormente nas garras do mercado, foi, pelo contrário, desenvolvido especialmente para ele. A indústria cultural não começa de maneira nenhuma apenas no século XX.

Nessa reflexão, Türrcke (2010) apresenta conceitos que são a expressão do que se compreende aqui como mutações das formas de agir da indústria cultural. Tais conceitos são por ele denominados de choques fílmicos, choques imagéticos e choques audiovisuais. As três manifestações dos choques encontram-se aparentemente separadas, pois, via de regra, articulam-se de forma amalgamada. Trata-se de novas formas de administração do tempo livre realizadas pela indústria cultural que tem constituído novas formas de deformação do olhar (Ibid., p. 267).

Essa nova forma de continuação da lógica do trabalho administrada do tempo livre pela indústria cultural, na dimensão da sociedade excitada, implica a manutenção do ciclo da sociedade industrial e a exposição e envolvimento dos indivíduos em fluxos e bombardeios ininterruptos de imagens. Portanto, da mesma forma que os indivíduos se envolvem com bebidas alcoólicas, tabaco, cocaína e dizem ficar relaxados e satisfeitos do

desejo de usar tais substâncias psicoativas, o mesmo ocorre com o consumo de imagens a partir dos choques imagéticos, fílmicos e audiovisuais. Assim,

Por meio de tal relaxamento, pôde-se demonstrar o que se exigiu do sistema nervoso, que não suportaria mais, em estado desperto, uma quantidade menor de excitação e de tensão. E isso não anula de modo algum o fato de que os choques audiovisuais, que oferecem relaxamento, apenas continuam, de outra forma, a fazer aquilo que a rotina de trabalho deixa transparecer: a "subsunção real" do tempo livre. Mas a adaptação dos procedimentos de tempo livre à lei de movimento da produção que deu, no início do século XX, com o filme, o seu grande salto qualitativo teve, nos anos 1970, um ponto de mutação memorável. Com a revolução microeletrônica, iniciou-se, ao mesmo tempo, uma subsunção reversa: da esfera da produção à batuta da norma do tempo livre. A tela, o grande recheio do tempo livre, penetrou profundamente, por meio do computador, no mundo do trabalho; a coordenação de processos inteiros de produção e administração perpassa por ela, de tal modo que se apresenta como o instrumento de ensino do futuro. (Ibid., p. 267, grifo meu)

Nota-se, no destaque acima, como as imagens têm sido utilizadas a partir de determinados propósitos sob a ótica do dispositivo computacional, de instrumento de dominação que tem coagido os indivíduos a processos de subsunção a uma pseudorrealidade e reforçado inúmeros estereótipos e compreensões distorcidas do mundo. Isso tem fomentado a barbárie em proporção muito mais veloz, eficaz e perniciosa como ideologização, simulacro e ocultação do real.

Nesse sentido, diferentes dispositivos de exposição dos choques audiovisuais, imagéticos e fílmicos convertem-se, no atual momento histórico, em trabalhos virtuais que movimentam a economia do capital com novas formas de subsunção real em projéteis estéticos que bombardeiam constantemente os indivíduos a ele submetidos (Ibid., p. 267-268).

Diante disso, Türcke (2010) apresenta uma síntese histórica importante para o advento da sociedade excitada quando afirma que os surtos inflacionários em diferentes países, as múltiplas metamorfoses psicossociais e a codificação microeletrônica do sagrado no choque imagético na modernidade são fruto de um longo processo histórico.

Com o aprofundamento da Revolução Industrial por todo o globo, o choque imagético atingiu escalas e proporções nunca antes vistas. O primeiro choque imagético ocorreu com o advento da fotografia como símbolo monádico e sua vinculação com os pressupostos orientadores da Revolução Industrial. No lugar da imagem fílmica, o choque apresentou-se como a aparência da submissão concreta do tempo livre à lógica da produção do capital.

Assim, no seu estágio mais avançado até o momento, na tela do computador, o choque deixa a condição imediatamente visível e tem se convertido em coisa. Tal processo implica a transformação do motor da lógica do processo de produção capitalista, reforçando sempre as bases primevas oriundas do advento do capitalismo. Os choques imagéticos inauguram, pois, uma nova forma de convergência e conversão mesma do tempo livre em tempo de trabalho, culminando, portanto, em um tempo não livre de fato.

Tal processo oriundo dos choques imagéticos e do aprofundamento da indiferenciação entre tempo livre e tempo de trabalho tem se transformado em um poder de acumulação e concentração mundial de capital em proporções nunca antes vividas na história da humanidade. Dessa forma, os choques imagéticos se desenvolvem em escala global na qual eles são apresentados como nenhum recurso antes havia alcançado, de uma maneira rápida, precisa, difusa, concentrada, assim como efêmera e profunda, ao mesmo tempo.

Pode-se depreender a partir da reflexão realizada por Türcke concernente ao objeto de pesquisa desta tese que as distintas formas em que os choques ocorrem e suas consequências sobre o universo objetivo e subjetivo explicitam, em sua potência conceitual, a relação existente entre a educação do olhar a partir dos choques e os processos de semiformação humana.

A semiformação sendo o caráter alcançado de fetiche da mercadoria a partir dos mecanismos semiformativos oriundo da sua base central que é a indústria cultural e os choques serem uma necessidade viciante da sociedade excitada que operam pela bombardeio incessante de imagens (estáticas e dinâmicas) amalgamam-se deformando os indivíduos ao lhes impor concepções falsas em múltiplas dimensões da vida que reforçam a dominação e a barbárie.

Além disso, como os choques se fundam na sua difusão rápida, precisa, concentrada, efêmera e profunda ao mesmo tempo daí decorre processos psicossociais sem precedentes na história da humanidade, pois os choques, além de todas estas características, tem sua vinculação com o vício (dependência) conforme será visto com maior profundidade mais adiante. Pode-se afirmar, para o momento, que o vício provocado pelos choques nos indivíduos remonta aquilo que Freud (2015) denomina de compulsão à repetição³⁸.

³⁸ Para Freud (2015) a compulsão à repetição tem relação com as transferências, com as resistências e, em última análise, com as pulsões de morte. Maior aprofundamento desta discussão pode ser lida em Freud (2015).

Em sua relação com os choques são apresentados os fundamentos de uma grande síntese social fundada em signos e símbolos não mensuráveis a não ser em *bytes* armazenados em dispositivos computacionais. Trata-se de uma ampla estetização da totalidade das relações sociais de produção da vida, assim como de uma estetização que aprofunda a desapropriação do humano de si mesmo e aumenta o potencial de dominação de uns sobre outros.

Da mesma forma que Türcke, Richard Sennett (2009) apresenta outro conceito importante para se compreender esse novo momento das mutações da indústria cultural. Trata-se do que ele denomina de fluxos sensoriais. Esses fluxos sensoriais são compreendidos por Sennett (2009, p. 54) a partir da seguinte reflexão:

Desde então, o pensamento filosófico sobre o caráter tem-se esforçado para encontrar princípios de regulação e recuperação interiores que resgatem o senso de individualidade do fluxo sensório.

Diante disso,

A psique permanece num estado de interminável vir a ser — um eu jamais acabado. Nessas circunstâncias, não pode haver uma narrativa de vida coerente, um momento esclarecedor de mudança iluminando o todo. (Ibid., p. 159).

No que tange ao conceito de fluxos sensoriais oriundos destas reflexões de Sennett (2009), existe a contribuição feita por Claudine Haroche, que acrescenta ao conceito a caracterização de contínuos. Portanto, têm-se os fluxos sensoriais contínuos sobre os quais Haroche (2015, p. 851) afirma que:

As condições contemporâneas são dominadas por fluxos sensoriais e informacionais contínuos que, estimulando e até mesmo impondo a instantaneidade e a imediatidade, embaraçam a possibilidade de temporização e de reflexão ao longo do tempo. Esses fluxos provocam efeitos sobre as maneiras de ser, de viver, de pensar os modos de representação de si e do outro e ainda sobre as maneiras de sentir e de perceber: ao exercer uma pressão contínua sobre os indivíduos, provocam a perda de critérios estáveis e o princípio de limites tangíveis ou, pelo menos, perceptíveis no espaço e no tempo. Os fluxos contínuos levam o indivíduo a formas de propriedade de si ilimitadas, ao mesmo tempo em que induzem um estreitamento do espaço interior: induzem uma insegurança psíquica e social profunda e, além disso, formas de angústia inéditas.

De acordo com Haroche (2015), diante do reforço psicossocial oriundo de uma aceleração que cresce cada dia exponencialmente, os fluxos sensoriais têm gerado uma ofensiva ininterrupta sobre os indivíduos. Tal processo tem ocasionado um profundo desamparo. Dessa forma, o indivíduo é incitado

[...] a formas de propriedade ilimitada de si, ao mesmo tempo em que induzem um estreitamento do espaço interior (CASTEL; HAROCHE, 2001). Ao contribuir para mudar os modos de existência, as relações entre os indivíduos, esses fluxos modificam o modo pelo qual o sujeito pensa e, mais do que isso, constrói-se. Trata-se de processos paradoxais, cujo desenvolvimento está ligado, por um lado, à busca ou à obrigação de uma extensão ilimitada de si, o eu exterior, “visível”, concomitante ao processo de redução de si, o eu “interior”. (Ibid., p. 853)

Nesse sentido, os fluxos sensoriais contínuos envolvem os indivíduos na dimensão da sensação, o que corrobora a presentificação da vida desestruturando laços psicossociais de amparo mais estáveis. Tal processo tem consequências nefastas para os processos de formação da subjetividade diante da sua indução que reforça “[...] uma ilimitação espacial e uma aceleração temporal” (Ibid., p. 854). Assim,

[...] decuplicam-se hoje em dia pela intensificação dos fluxos sensoriais, informacionais dos meios de comunicação onipresentes. A sensação de movimento contínuo acarreta um estreitamento da consciência, uma exteriorização da esfera interior, concomitantes a uma fragmentação do eu e a uma espacialização da experiência: uma relação com o tempo que parece dissolver-se, uma relação com o espaço ilimitado e virtual, tendem a ser acompanhadas por um empobrecimento interior, pelo sentimento de perda de si e da extensão ilimitada da sensorialidade. [...]. De fato, esse sentimento supõe certa forma de continuidade, do passar do tempo, requer um limite entre interioridade e exterioridade. Esse limite está atualmente posto em questão pelas evoluções das formas de tecnologias contemporâneas, o que induz perturbações — em parte conhecidas, em parte inéditas — sobre o funcionamento da subjetividade e da formação do eu. (Ibid., p. 854-855).

Conforme afirma Haroche (2011) em diálogo com Sennett, o fluxo contínuo tem relação com o aprofundamento do processo de alienação que pode chegar, no limite, com a perda do eu. Dessa forma, “[...] insistindo na necessidade de ‘salvar o sentimento de si do fluxo sensorial’ (Sennett, 1998). O tipo de personalidade flexível se define paradoxalmente pela visibilidade máxima e pelo movimento, e mais ainda pela mudança incessante” (HAROCHE, 2011, p. 368).

No que tange à discussão aqui realizada sobre as mutações da indústria cultural, Haroche (2011) traz à baila a seguinte reflexão:

Voltamos aqui aos escritos de Bergson – Mas ainda temos tempo? – para discernir as condições da percepção nos fluxos sensoriais: se perceber é tender a imobilizar por momentos, como perceber quando a sensação do movente é permanente? Pode-se, enquanto sujeito, expressar um desejo, uma escolha, uma hesitação, uma recusa, em outras palavras, agir em um movimento ininterrupto, fluido? Envolvidos em um movimento constante, tenderíamos a experimentar apenas impressões difusas e voláteis, mergulhadas em uma sensação de mudança incessante? O ritmo das mudanças econômicas, tecnológicas, sociais entrava a parte da intenção e do projeto, reduzindo nosso papel de atores passivos de nossa própria existência? Adorno e Horkheimer observaram que a imaginação e a espontaneidade dos indivíduos são atrofiadas através das mídias, que impedem qualquer atividade mental ao espectador, se ele não quiser perder nada dos fatos que desfilam a toda velocidade diante de seus olhos” (Adorno e Horkheimer, 1944, p. 135). (HAROCHE, 2011, p. 372-373)

Mediante tal relação aqui estabelecida entre Sennett e Haroche, Türcke (2010) apresenta, para além do potencial de dominação oriunda do bombardeio de imagens, a dimensão emancipatória e formativa das imagens a partir das fotografias do fotógrafo Sebastião Salgado, que consegue capturar e apreender a faceta mais perversa dos salários de fome e da pobreza (Ibid., p. 273-274). Dito nas palavras de Türcke (2010, p. 273-274):

Os salários de fome que são pagos por uma jornada de trabalho fatigante são objetivamente constatáveis e não coincidem com toda pobreza "absoluta", na qual, de acordo com estimativas da Organização das Nações Unidas, mais de um bilhão de pessoas vivem, sendo que essa informação é raramente divulgada. A grande série de imagens publicada no livro *Trabalhadores*, do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, torna público aquilo que é estatisticamente flagrante: a maioria dos trabalhos manuais ocorre na margem da existência mínima, a maioria é mecanicamente tosca e utiliza meios técnicos arcaicos.

Dessa forma, a partir do aspecto ambivalente da imagem diante das mutações impostas pela sociedade excitada, a indústria cultural nos remete à reflexão acerca das (im)possibilidades emancipatórias na dimensão da sociedade excitada. É sobre isso que se discute no tópico a seguir.

2.2. (Im)possibilidades emancipatórias na sociedade excitada

Nota-se com o desenvolvimento da sociedade excitada um processo bastante profundo e complexo de mutações, como foi visto no tópico anterior, em relação à indústria cultural. Esse processo tem se dado a partir de novas formas de dominação com a ampliação sem precedentes do véu tecnológico via choques imagéticos, fílmicos e audiovisuais e no aprofundamento da indistinção existente já inaugurada com o advento da indústria cultural entre tempo de trabalho e tempo livre.

As (im)possibilidades emancipatórias oriundas da sociedade excitada se dão diante das especificidades das novas formas de investimento e educação do olhar em que,

Por um lado, a técnica de transmissão audiovisual abriu um imenso arsenal noticioso. Tudo aquilo que era passível de sobressair sonora ou visualmente era potencialmente material para notícias. Por outro, o crescimento acelerado das matérias brutas também fez com que se aumentasse o número de canais para a veiculação de notícias e deu origem a uma alta pressão noticiosa qualitativamente nova, que se faz sentir de três maneiras: como pressão para a escolha imediata, em uma avassaladora superoferta de notícias possíveis, daquelas que sejam adequadas; como pressão de impor-se com sua própria seleção contra a concorrência; por fim, como a pressão com a qual as notícias devem ser disparadas para o público, para que possam aderir a ele e não se dissolver no fluxo de informação. [...] Sob essas circunstâncias, o sentido teológico e político daquilo que "necessariamente nos atinge" é enfraquecido; o sentido fisiológico da expressão entra em cena de forma renovada. O que atinge, toca, comove é aquilo que, enquanto injeção, foi agudizando o suficiente o nosso sistema nervoso e, ainda que seja apenas por um instante, chama a atenção. (TÜRCKE, 2010, p. 19-20)

Outro aspecto que se agudiza com o desenvolvimento da sociedade excitada é o da pobreza em meio ao excesso. Essa é uma marca indelével da sociedade capitalista. A novidade que se apresenta diante desse processo, com o desenvolvimento da indústria cultural e suas mutações a partir do seu aprofundamento na sociedade excitada, tem relação com a estrutura das crises de superprodução serem incorporadas ao aparato sensorial humano. Tal processo tem íntima relação com a percepção humana, pois caso ela não seja incorporada ao "[...] meu sistema nervoso pode sem dúvida afligir-me e torturar-me, mas nunca realmente pertencer-me" (Ibid., p. 78).

Evidentemente e em concordância com as reflexões marxianas e engelsianas acerca da teoria da mais-valia, Türccke (2010) afirma que as determinações fundamentais da dominação e exploração do homem pelo homem continuam vinculadas à materialidade da vida. No entanto, a desestruturação e a reestruturação produtiva, no esteio da desconstrução aparential dos processos de trabalho em atividades fragmentadas, e dos trabalhadores em atividades fragmentadas, têm sido impelidas com profunda violência nos diferentes setores produtivos no que tange ao controle e ordenamento produtivista da percepção e dos pensamentos. Tal processo tem relação com a menor exigência progressiva de menor dispêndio de força física realizado de maquinários ainda colossais. Nesse sentido, tem sido progressivamente exigido o dispêndio energético físico-perceptivo, especialmente da visão e da ponta dos dedos "[...] refinadamente alinhavados

a aparelhos microeletrônicos, mais se destaca para qual direção a transformação da exploração aponta: para a exploração da concentração” (Ibid., p. 274).

A sociedade excitada aponta a obstaculização da concentração para a reflexão e emancipação em nome da concentração descentrada. Esta é a principal consequência destrutiva da sociedade excitada sobre os indivíduos. Nesse sentido,

Este concentrar-se elementar, nomeado por Kant como "percepção original" — como eixo de toda percepção e pensamento, eixo este que é incondicionado, inatingível, e que transcende a toda transformação histórica —, há muito foi minado e se apresenta atualmente apenas por meio da luz da onipresença dos choques audiovisuais. A grande conquista cultural do concentrar-se, do ater-se em algo, do, por assim dizer, tornar sedentários os sentimentos, as representações e os pensamentos, desde o início dos tempos modernos superou-se a si própria de uma maneira singular. [...]. A concentração nervosa é penetrada pela sistemática e, desde que esta se cristalizou em choques audiovisuais, manifestou apenas aquilo que no fundo há muito já acontece: o quanto a concentração, que é empregada nas atividades isoladas, quando toda a própria vida de trabalho de alguém se reduziu à execução de poucas e simples operações de trabalho nas máquinas, é, em geral, ainda a *sua* concentração. [...] na medida em que a tela se faz presente em todos os recantos privados, até chegar aos locais de direção da produção — em parte integrante de um processo de concentração de toda uma sociedade, fato este que leva à seguinte constatação: a concentração é roubada pela concentração, ou seja, a sistemática rouba a nervosa. (Ibid., p. 275-276).

Assim como Adorno e Horkheimer notoriamente disseram que a totalidade do sofrimento imposto pela indústria cultural recai sobre todas as classes, o mesmo ocorre com as mutações da indústria cultural, embora seja importante reiterar que a burguesia tira todo o proveito, especialmente econômico, da exploração inerente à difusão dos choques audiovisuais sobre o restante da sociedade. No entanto, mesmo a burguesia (média e alta) apresentando maior resistência contra a exploração oriunda dos incessantes choques audiovisuais, ela acaba sendo submetida até mais que intelectuais e artistas de obrigações que têm relação com uma vida ordenada pela repetição de uma sequência fílmica estereotipada de cenários e regulagens vazias de significação humana. Portanto, não há, de fato, no que tange à totalidade da vida, vencedores na sociedade excitada. Esses terminam também sendo vítimas de um processo de controle planejado que se vincula como aqui foi dito aos liames da sociedade administrada.

Nesse sentido, apresenta-se um novo cenário oriundo de uma exploração de todos por todos sem que se identifique um benefício multidimensional exclusivo. E algo novo começa a ter destaque: uma exploração de todos sem que haja um beneficiário

reconhecível. Nota-se, na realidade, a dispersão energética humana com a finalidade de tentar existir e ter condições de suportar, do ponto de vista neurológico, a negação da própria natureza constituinte do humano. Tal exploração tem se elevado a atos de negação da humanidade, amplia a dimensão do lugar material da mais-valia que tem se convertido a um aprofundamento da racionalização de tal exploração.

Mediante tal reflexão, Türrcke (2010) estabelece um diálogo com Flusser acerca da imagem. Para Türrcke (2010), Flusser superou a originalidade a ele concernente no que tange a sua concepção de imagem. De acordo com Türrcke (2010), em Flusser a imagem capturada pela câmera fotográfica é uma imagem produzida por distintos aparelhos, que são, nesse sentido, indiretamente produzidos a partir de textos científicos sob o escopo das imagens técnicas.

Ao desconsiderar este fato, acaba-se afirmando de modo precipitado que estas imagens técnicas são o próprio real. No entanto, o caráter aparentemente destituído do simbólico das imagens técnicas tem sido constituído de complexos simbólicos ainda mais abstratos que as imagens tradicionais. Dessa forma, tais imagens, de acordo com Türrcke a partir de sua leitura de Flusser, muito mais causam engano, ocultação do real e simulacro (Ibid., p. 281).

Diante de tal quadro, no que tange à educação do olhar nos aspectos concernentes à imagem e abstração, os indivíduos têm sido submetidos a exaustivos e repetitivos choques traumáticos. Nesse sentido, para Türrcke (2010), a imagem decorrente da percepção torna-se intensamente desmaterializada. No entanto,

[...] não se pode ter na cabeça a própria coisa percebida, mas sim as suas impressões visuais, auditivas, táteis, palatáveis ou olfativas. A imagem mental é ela própria desprendida dessas impressões físicas; ela é um tipo de imagem deduzida dessas impressões. Mas, tal como dantes, ainda permanece um enigma para a neurofisiologia o modo como os impulsos nervosos se configuram em imagens mentais e como essa materialidade se constitui. Trata-se de uma materialidade fugaz, uma materialidade que se volatiliza em cada nível de abstração posterior, quando se refina das primeiras representações grosseiras e é cada vez mais refinadamente deduzida. Tal materialidade refinada é o conceito. Assim como nenhuma pintura pode ser tão abstrata, a ponto de não mais conter vestígios do concreto do qual ela se abstrai, da mesma forma nenhum conceito pode existir sem o seu fundo imagético. (Ibid., p. 282-283).

O fluxo oriundo do bombardeio de imagens, em suas múltiplas formas e distintos dispositivos, tem provocado no ser humano efeito semelhante ao uso de substâncias psicoativas como aguardente e heroína. Os indivíduos, diante das mutações impostas à

indústria cultural na contemporaneidade, têm, ao contrário do que se diz sobre os usuários de *crack*, se convertido em zumbis tecnologizados.

Esses zumbis tecnologizados não ouvem, não sentem, não cheiram, não saboreiam, não escutam e não interagem em quase nada além do bombardeio de estímulos e interações impostos pela tela de dispositivos cada vez mais diminutos que lhes impõem uma dimensão pseudorrelacional em que sucumbem ao vazio anestesiado e desesperador de um coito interrompido de relação e convivência humana (Ibid., p. 284).

Tal processo tem posto o ser humano em profundo ritmo de aceleração e de desconcentração oriundo do choque imagético e o implicando em um “zapping” de imagens. Esse processo tem como uma de suas consequências o aprofundamento dos processos de semiformação humana, pois tem negado o texto e colocado, no seu lugar, as imagens como a explicação única e cabal da verdade e como veículo do consumismo cada vez mais exacerbado de mercadorias inúteis para satisfação de necessidades verdadeiramente humanas. Nesse sentido, diante de tal processo de aprofundamento da semiformação por meio dos choques imagéticos Türrcke questiona

Pessimismo? Ora, o ler e o escrever ainda pertencem às técnicas culturais elementares. Não obstante, é indubitável que a tinta se empalidece em cada choque imagético. Ela não se acerca por meio de empurrões, tal como faz cada choque imagético. É preciso inclinar-se sobre aquilo que está escrito e decifrar suas linhas publicadas em série, sendo que se consegue isso apenas por meio de uma prática contínua e evidente ao passo que, quando os choques imagéticos transformam em seus vizinhos, isso se torna tão fatigante quanto o passeio de domingo para o motorista habitual. [...]. Suas páginas se tornam “falantes”, ou seja, se tornam pobres de texto e ricas de imagens, e a forma do livro se alinha a isso. Também os olhos acadêmicos se tornam cada vez mais necessitados do comando de um *layout* que é transmitido. [...]. O procedimento de leitura, não só o procedimento de folhear uma revista, como também o científico, assemelha-se ao *zapping*, que se tornou normal defronte à tela. E os teóricos da mídia, tais como agentes de publicidade, vendem esse estado de emergência como uma nova virtude, como se fosse a libertação da servidão das sequências de letras, que seriam substituídas por uma leitura divertida e espontânea que produziria, em vez dos textos fixos, seus próprios textos de forma criativa. Só que a consequência disso seria a seguinte: quando os textos fossem gradativamente escritos e, posteriormente, lidos, cada “versatilidade”, cada inconsistência e cada incontinência se considerariam gênios incompreendidos. [...]. Estimula-se a se tornar imagem tudo aquilo que se aferra às próprias imagens”, diria, atualmente, Fausto a Gretchen. E a relação entre a imagem e a escrita fornece os indícios que comprovam o quanto a abstração mental impulsiona para a imagem externa, uma vez que lhe foi destruído seu fundo imagético, e a salvação se encontra apenas no apoio de seu destruidor. (Ibid., p. 284-285).

Diante do desenvolvimento tecnológico atual, a vivência, especialmente a auditiva e visual, pode ser simulada por meio de capacetes e óculos virtuais que oferecem uma vivência simulada da realidade. Trata-se de novas formas de choques imagéticos e de compulsão à repetição que tem obnubilado os sentidos em nome de novas vivências sensoriais.

Uma outra forma tecnologizada posta pela indústria cultural, que sofre as mutações na contemporaneidade, não só está vinculada à viciante indústria pornográfica, mas também à oferta de um novo produto: bonecas robôs para satisfazer o prazer masculino. Não bastasse o controle da excitação dos sentidos por meio de choques audiovisuais oriundos de cenas performáticas de uma das indústrias que mais crescem no mundo, agora o alvo de investimento é na vida sexual, na interação imediata com um robô que promete o melhor de vários mundos: alguém dedicado ao prazer, asséptico, despojado de doenças e que permite uma convivência absolutamente sem qualquer tipo de conflito. Isto como se não fosse um conflito em si a incapacidade de se relacionar com o outro (Ibid., p. 287-288).

Esse processo de novas buscas pelo prazer tem relação com a instantaneidade própria do prazer virtual vinculada ao choque imagético e sua relação com os capacetes tridimensionais e outros aparatos tecnológicos que prometem economizar tempo que é tão necessário para acumulação de capital na era da sociedade excitada.

Dessa forma,

[...] até mesmo a troca de insignificâncias, cultivada por inúmeros *chats*, pode ocasionalmente ter seu lado bom, quando ajuda o adolescente e o notoriamente tímido a ultrapassar a barreira psicológica para que possam ter seus primeiros contatos. Isso para não falar dos frágeis, solitários e desesperados, para os quais a Internet pode tornar-se uma importante ligação com o mundo exterior, assim como é o telefone. A chamada de emergência e o serviço de ajuda por telefone [no Brasil, o chamado CVV — Centro de Valorização da Vida] são, sem nenhuma dúvida, organizações benéficas. Por meio da proteção do anonimato e da reserva, muitos expressam aquilo que nunca teriam coragem de dizer de outra maneira. Da mesma forma, a Internet não pode ser subestimada na condição de um confessionário moderno e lugar de um cuidado psíquico recíproco e informal. Por outro lado, é fatídico fazer passar a necessidade como virtude, ou seja, as estações psíquicas iniciais como se fossem fóruns de comunicação bem-sucedida. [...]. A comunicação presencial não é necessariamente "melhor" do que aquela mediada midiaticamente, tal como comprovam as inúmeras relações arruinadas. Porém, toda comunicação mediada se nutre da comunicação imediata e a ela permanece referida. [...]. Uma teoria da mídia, que considera a forma de comunicação primária como antiquada e a secundária como uma muito excitante forma de trânsito do futuro, serra o galho da árvore no qual toda comunicação

secundária se apoia e o único pelo qual pode permanecer suportável. Isso é algo tão original quanto a proposta de se desabituair de comer, porque viver de brisa é muito mais excitante. (Ibid., p. 290-291).

Os choques audiovisuais inerentes aos mecanismos de dominação da sociedade excitada têm sido desenvolvidos cotidianamente para a regressão do prazer em vivências de pré-prazer. Nesse sentido, da mesma forma que a mais-valia é expropriada dos trabalhadores, ocorre a expropriação do prazer na sua condição de conquista cultural. A mercadoria posta no lugar do prazer para consumo rápido e viciante é a superexcitação oriunda dos distintos produtos da indústria cultural.

Estas mercadorias geram uma dívida que tem se tornado impagável com o próprio princípio do prazer. Isso tem demonstrado quão frágeis são as vivências do pré-prazer perante a necessidade de experiências de prazer que têm sido obliteradas pela sociedade excitada. Dessa forma, faz-se mister o que Türcke (2010, p. 293) denomina de “retorno ao fundamento” em que “o “tempo anterior ao princípio do prazer” inicia-se na condição de seu tempo posterior.

Perante esse quadro complexo, multifacetado e de difícil superação, a sociedade excitada instaura o caos quase absoluto a partir da deformação do olhar humano. Tal processo de deformação do olhar humano tem se constituído no cenário do choque audiovisual e, como aqui foi dito, do vício³⁹ dele oriundo, assim como da administração e controle da vida.

Nesse sentido, o vício oriundo dos choques audiovisuais teve sua origem no particular que tem sido difundido no âmbito do geral, o qual tem se orientado, semelhantemente ao quadro de dependência de certas substâncias psicoativas, a uma condição de existir por todo o globo. Nesse sentido, é possível compreender o vício a partir de categorias sociais mais amplas, como a teológica, a política e a antropológica, e não mais como um estado estritamente individualizado de sofrimento.

Todos os indivíduos, sob os meandros da sociedade excitada, são viciados em maior ou menor grau. Esse é o caráter de totalidade e totalitário inerente aos mecanismos de dominação da sociedade excitada. A pior consequência desse processo é o que Türcke (2010) denomina, em sua essência, de aspecto meramente adaptativo e conformista do vício. Tal processo pode ser compreendido pela sujeição, sem contestação, da quase totalidade dos indivíduos a ficar, cotidianamente, perante distintos dispositivos submetendo-se a uma exploração estética e neurológica.

³⁹ O conceito de vício será considerado durante a tese como sinônimo de dependência ou de toxicomania.

Um dos elementos que nos permite compreender este processo adaptativo e conformista do vício tem sua base naquilo que Türcke (2010) definiu como “compulsão para emitir”. É importante dizer que a compulsão para emitir não é um processo unilateral oriundo exclusivamente do indivíduo, mas uma coação que se submete aos princípios da tensão entre particular e universal. Dessa forma, tal processo se expressa tanto como coação externa, tanto como necessidade própria. Portanto, diante da tensão entre universal e particular, considera-se “[...] um consenso global tácito que está na base de todas as diferenças manifestas e das notadamente políticas e funciona como seu, por assim dizer, inconsciente coletivo” (Ibid., p. 293).

No entanto, o vício é sempre radicalmente ambivalente. Quem é viciado, ao mesmo tempo que tem um desejo intenso pela substância que lhe vicia, busca nela também algo distinto daquilo que de fato obtém dela. O vício, como uma condição de existir é sempre uma fuga de si mesmo sem si mesmo.

Dessa forma, o vício sempre instiga o aumento da quantidade de uso, pois o vício deseja interromper o próprio vício. No que concerne aos choques audiovisuais pela sociedade excitada, esses são exigidos de forma cada vez mais progressiva, intensa e fugaz, ao mesmo tempo, a partir da exposição da vida cotidiana em *reality shows*, em câmeras escondidas espalhadas pelas grandes e pequenas cidades, pela vivência de cenários artificiais criados pelos capacetes e óculos de realidade virtual, entre outras formas coagidas consciente ou inconscientemente de emissão de si. Este processo impõe aos indivíduos um bombardeio incessante e frenético de todo um mundo de distintas sequências audiovisuais, e do pré-prazer que tais distintas sequências anunciam, mas nunca as entregam.

Notadamente, é exigida dos indivíduos uma vida constantemente conectada como um imperativo categórico, sendo, pois,

[...] um impulso maquinal frenético que é, principalmente na era do capitalismo estético, um impulso imagético frenético: ele despedaça, preferencialmente, a tela para captar aquilo que ela finge dar, mas não concede. Todo aquele que ainda tem algum senso deve reprimir tal impulso, caso ainda não tenha sido totalmente exposto ao ridículo. Mas nenhuma repressão consegue eliminá-lo. E a luta iconoclasta é, como que, por natureza, teologicamente impregnada: revolta contra o substituto, contra a idolatria das imagens. Elas devem ser destroçadas porque meramente simulam a verdade e o salvador em vez de realmente trazê-los. (Ibid., p. 294).

Referente aos processos de deformação do olhar e de semiformação humana, o que está posto, para além da dependência de substâncias psicoativas é um processo cada vez mais profundo de dependência das imagens disseminadas nos mais diferentes dispositivos e das mais distintas formas.

Trata-se de jogos sociais ardilosos que estimulam, como aqui foi dito, o acesso às vivências empobrecidas de pré-prazer que retroalimentam a sociedade excitada existente. É a coação pseudoprazerosa de um ciclo que parece interminável de apertar de botões de *início, fim de jogo e outro jogo*⁴⁰ que estabelecem “picos”, semelhantemente às injeções de substâncias psicoativas no corpo, de ininterruptas sensações audiovisuais que se renovam pelo elixir da pseudonovidade. Nesse sentido, é de “[...] onde esse desejo se aclara, de tal modo que da obscura pressão afetiva se engendram representações mentais, começam a transitar ‘imagens não observadas’ da sociedade mundial unânime” (Ibid., p. 300).

Diante disso, Türcke (2010) chama atenção para um conceito de vício voltado para uma concepção político-teológica, expressando a dialética da difícil distinção entre conformismo e resistência que se impõe na tensão entre particular e universal do sujeito toxicômano, como será visto com maior profundidade no próximo capítulo. Essa tensão se explicita concretamente na dinâmica do sujeito toxicômano, que se torna dependente como resposta, desajuste, transgressão e resistência à ordem histórica vigente em suas múltiplas formas de dominação, mas, ao mesmo tempo, cai nas malhas do conformismo por pressão de múltiplos determinantes psicossociais.

Mediante tal reflexão é mister compreender novas formas de conformismo inerentes à dependência de imagens. Essa dependência deste “novo” sujeito toxicômano⁴¹ apresenta, ao mesmo tempo, formas de resistência latentes. No entanto, esta resistência acaba, via de regra, se convertendo em mera revolta que recai novamente no impulso de emissão em uma “luta pelo aí”, como afirma Türcke (2010), que implica um desejo latente e coagido à incessância de ser observado pelo outro como forma de existir em nome da integração em vez de se deixar considerado como um mero transgressor excluído e estereotipado de dependente. Nesse sentido,

⁴⁰ Aqui se trata de uma referência direta aos videogames em suas diferentes plataformas e dispositivos.

⁴¹ Aqui se trata de compreender a dimensão tóxica em um sentido mais amplo das imagens em nossas vidas. É importante deixar claro que não se trata de uma concepção fatalista e linear da relação do humano com as imagens nos processos de educação do olhar e semiformação, mas de situar as imagens em lugar semelhante às demais substâncias psicoativas existentes.

[...] tal necessidade se faz presente não apenas onde ela se expressa na forma de um potencial difuso de inquietude e de descontentamento, mas também na ação política visada. Tal como existe na filosofia transcendental de Kant um "eu penso" que pode acompanhar "todas as minhas representações", há também, sob todas as condições quase transcendentais de uma compulsão universal para emitir, um "eu devo ficar no loco que acompanha todas as minhas ações de resistência". Fisiologicamente, observou-se esse "devo ficar no foco" na qualidade de vício; mentalmente, ele instituiu a consistência da forma de intuição da sensação; e na dimensão política, o "ficar no foco" se revela o impulso conformista que se tornou condição da possibilidade de toda subversão. (Ibid., p. 303).

Concernente à emancipação da humanidade em um prisma social mais amplo, Türrcke (2010) menciona que houve poucas ideias de salvação que foram capazes de mobilizar coletivos significativos ao longo da nossa história. Para Türrcke, a última dessas ideias foi a marxiana-engelsiana e marxista⁴².

Na obra *Crítica da Filosofia do Direito*, de Marx (2010), a afirmação de que “A filosofia não pode se efetivar sem a supressão [*Aufhebung*] do proletariado, o proletariado não pode se supressumir sem a efetivação da filosofia” (Ibid., p. 157) tem em si, de acordo com Türrcke (2010), suas mais filosóficas e geniais origens, como figura de pensamento, na dialética hegeliana.

Assim, Türrcke (2010) rememora que tal frase tem uma referência ainda mais antiga: a figura do Velho Testamento. Essa figura remete ao povo hebreu maltratado tal como o proletariado, mas também do povo eleito, diante do qual remonta a esperança de que a sua salvação/emancipação seja a salvação/emancipação de todos os povos e, portanto, sejam agentes legítimos e impulsionadores da salvação/emancipação. Assim,

Em várias ocasiões pôde ser constatado como as ideias teológicas podem, subitamente, tornar-se extremamente reais. Foi perfeitamente adequado à situação social do meio do século XIX o pensamento de que o proletariado é a classe que, graças às máquinas produtivas até então nunca vistas, produz não apenas uma riqueza inaudita, como também, concomitantemente, sua própria miséria e, com isso, a estrutura de toda uma sociedade. Quem poderia, senão essa classe, solapar o modo de produção capitalista? (Ibid., p. 295).

⁴² É marxiana-engelsiana, pois é oriunda da teoria desenvolvida, em grande medida, pelo próprio Marx e também por Engels. Ela é marxista, pois se trata das distintas leituras e interpretações da teoria de Marx e Engels. Para mais detalhes, ver Xavier (2007) e Netto (2006).

A partir disso, estabeleceu-se o seguinte raciocínio baseado na lógica dedutiva: o proletariado como a classe social dominada que carregava a tocha da emancipação da humanidade seria responsável pela derrocada da sociedade capitalista, de tal sorte que a riqueza centrada nas mãos da classe social dominante (minoría absoluta da humanidade) passaria para regulação e controle coletivo da administração da vida em prol do reino da liberdade e satisfação das necessidades de toda a humanidade.

Diante de tal perspectiva histórica, os agentes expropriadores do coletivo em prol de suas necessidades egoístas e individualistas fariam tudo o que estivesse ao seu alcance para manter o *status quo* da dominação e não seria possível superar esta condição sem custos em uma longa e árdua luta de classes em diferentes âmbitos e dimensões.

Nesse sentido, na condição probabilística da história ulterior da ascensão da classe dominada ao poder,

[...] ainda se conservaria o sinal materno da antiga sociedade em cada relação econômica, sensorial e espiritual, de tal modo que se adiariam por um prazo as mais árduas atividades de distribuição e de gerência, para as quais ela ainda não estaria preparada. (Ibid., p. 295).

Evidentemente, essas dificuldades são levantadas sob o axioma da sua possível superação, de tal modo que, após longo e penoso embate, o proletariado libertaria toda a humanidade da ordem historicamente imposta da dominação. Dessa forma,

As próprias cabeças que giravam em torno de Max Horkheimer não hesitaram em portar consigo o mencionado pressuposto marxiano. Para elas, o socialismo soviético não significou nenhum período árduo para que se chegasse ao caminho correto, mas sim um equívoco pavoroso da teoria marxiana. (Ibid., p. 296).

Nesse sentido, já na década de 30 do século XX, a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt já anunciava bem antes de 1989⁴³ a necessidade de formulação de uma Teoria Crítica que fosse erguida sob os “escombros” do fracasso do socialismo real. Os filósofos frankfurtianos foram críticos radicais do bloco do leste europeu, embora compreendessem que se tratava, dialeticamente, da forma falsa do socialismo possível diante das múltiplas determinações do momento do seu advento e desenvolvimento histórico.

Então, a reflexão feita pelos filósofos frankfurtianos para o projeto socialista de uma grande fraternidade com a liberdade de seres humanos ainda se apresentaria, mesmo

⁴³ Ano da Queda do Muro de Berlim e símbolo da derrocada do Socialismo Real.

diante dos “escombros” do socialismo real e desde que consideradas as próprias vontades⁴⁴ e realizações das necessidades humanas, como possibilidade histórica real se houvesse o empenho e dedicação rigorosa da humanidade nessa direção.

Nesse sentido, a denúncia feita pelos filósofos frankfurtianos do socialismo real é o espírito para as possibilidades, oriundas da tensão do particular e do universal, de uma nova perspectiva histórica real de superação da barbárie no/do capitalismo.

Diante disso, Türcke (2010) apresenta uma importante reflexão, síntese concernente às possíveis saídas e limites na/da sociedade excitada, assim como os limites próprios das revoluções ao longo da história da humanidade. Nesse sentido,

"Usar a propaganda para a transformação do mundo, que dispare!" deixaram escapar Horkheimer e Adorno em 1944. A propaganda manipula os homens; onde ela grita "liberdade!" ela contradiz a si mesma. A falsidade é inseparável dela. É na comunidade que os líderes (*Führer*) e seus liderados se reúnem, graças à propaganda, mesmo quando os conteúdos enquanto tais são corretos. A própria verdade torna-se para ela um simples meio de conquistar adeptos para sua causa. Ela já a falsifica quando a coloca em sua boca. Por isso, a verdadeira resistência não conhece nenhuma propaganda. A propaganda é inimiga dos homens".

Com base no excerto acima, poder-se-ia afirmar que há uma compreensão fatalista e mecânica da propaganda em Adorno e Horkheimer. No entanto, a compreensão dos fenômenos da ambivalência e contradição não permite que esses dois autores frankfurtianos tratem fenômenos da realidade de tal maneira.

Esta e outras reflexões apresentadas por esses dois filósofos de Frankfurt apresentam como é fundamental o seu contexto para a compreensão dos respectivos significados que deles se pode esperar. Só contribuem para a tese dos teóricos críticos de Frankfurt, Adorno e Horkheimer, de que as verdades são históricas e transitórias. Até porque

[...] não existe mais o tempo no qual se podia isolar a propaganda de sua perspectiva exterior, na crença de que ela seria percebida de forma pura. Talvez tenha sido assim nos anos 1940. Porém, nesse meio-tempo, isso se torna evidente, pois ninguém pode articular-se fora da forma de intuição da sensação; ninguém pode criticá-la, ninguém pode fazer-se ouvir contra ela sem que participe de seus canais e filtros amplificados, diluídos e adulterados. (Ibid., p. 302).

⁴⁴ Não confundir aqui vontade (realização de interesses coletivos mais elevados e emancipatórios) com os desejos humanos (ciclo egoísta de satisfação imediata e efêmera dos seres humanos).

Portanto, é tão reducionista a insistência na afirmação de um ato puro e verdadeiro de resistência que esteja isento de qualquer forma de propaganda. Sendo assim, é possível afirmar que não existe nenhum ato de resistência verdadeiro que também não possa se imbuir de falsidade. Isso porque ele é imbuído de critérios de verdade, em sua dimensão racional, quando se contrapõe ao modelo de globalização imposto por meio de greves, protestos e formas de sabotagem com o propósito maior de alimentar um processo revolucionário com potencial de gerar uma profunda ruptura histórica. Mas tal processo se esbarra na dimensão probabilística dos critérios racionais de historicidade futura apresentados a partir de axiomas lógicos, mas que precisam passar pelo crivo da história.

Desse modo, trata-se, de acordo com Türrcke (2010), daquilo que o frankfurtiano Walter Benjamin denominou de pressuposto de sua autopetulância a partir de uma nota ácida na qual afirma:

Marx afirmou que as revoluções são as locomotivas da história mundial. Mas talvez sejam algo totalmente diferente. Talvez as revoluções sejam a alavanca para o freio de emergência da humanidade que viaja nesses trens. Essa imagem é mais verdadeira do que a imagem da construção triunfal da sociedade comunista mundial, pois ela expressa, de forma incomparavelmente mais realista, as efetivas relações de forças entre os indivíduos e a obstinada esteira sistêmica que os arrasta. Contudo, isso também é ainda mais falso, pois o que a alavanca para o freio de emergência ainda tem de revolucionário? Ele não transforma nada; conduz, na melhor das hipóteses, para a interrupção, para uma greve geral, politicamente falando, sendo que não se pode viver dela, e tem-se que regressar para o velho trabalho, e isso quando não são apresentadas novas relações de vida e de trabalho que não se originam por meio dos freios. (Ibid., p. 303).

De acordo com o excerto acima, conforme reflete Türrcke (2010), compreender o processo revolucionário como “freio de emergência” representa a falsidade do próprio processo revolucionário. Nesse sentido, compreender o processo revolucionário apenas como “freio de emergência” redundaria em apenas demonstrar uma das muitas dimensões desse fenômeno histórico.

Portanto, o “freio de emergência” é ao fim e ao cabo, tão somente mera aparência da revolução, mas, mesmo somente como aparência da revolução, trata-se do retorno comum para que a revolução possa ser, via de regra, concretizada. Assim, a revolução apresenta-se como “[...] um caso exemplar da ‘segunda melhor viagem’” (Ibid., p. 303).

A partir do diálogo de Türrcke (2010) com Benjamin, estabelecendo as possíveis comparações entre o que Benjamin denomina da “primeira melhor viagem”, a “segunda melhor viagem” torna-se falsa. No entanto, conforme Türrcke, enquanto a revolução não

gerar a ruptura utópica por ela prometida, o que remete a um horizonte dificilmente realizável na realidade concreta, ainda assim, a segunda melhor viagem é mesmo sendo falsa, tornando-se, ao mesmo tempo, singularmente verdadeira.

Dessa forma,

Nessa perspectiva, a ideia do freio pode tornar-se extraordinariamente produtiva, pois pode tornar-se o denominador comum de inúmeras ações e atividades dispersas e desconexas, nas quais o potencial difuso de revolta, presente na condição de vício em geral, recebe o perfil de resistência. (Ibid., p. 303).

Normalmente, tal potencial difuso de revolta se converte infelizmente, como mostra a história, e aqui foi apresentado, em mero proibicionismo do vício. No que concerne aos choques audiovisuais inerentes à lógica de controle e dominação da sociedade excitada, recomendar a mera abstinência isolada como recurso seria equivalente a impor a guerra insana e inglória de Dom Quixote contra moinhos de vento de uma sociedade em que circulam, em sua totalidade e totalitariamente, ventos visíveis e uivantes, torrencialmente prontos para nos devorar em bombardeios audiovisuais contínuos e incessantes. Na sociedade excitada, parafraseando Adorno e Horkheimer (1985) em relação à indústria cultural, ou você participa, inclusive como forma de sobrevivência econômica e mesmo neurológica aos contínuos e incessantes choques audiovisuais, ou se omite assumindo todas as sanções, inclusive de manutenção da existência, daí oriundas.

No entanto, mesmo diante desta dimensão de totalidade e totalitária dos choques audiovisuais é possível se vacinar, assim como o próprio Benjamin se vacinou do saudosismo da sua infância burguesa com as imagens memoradas da própria infância. Mas Türcke (2010) afirma que não compartilha da vacina apresentada por Benjamin para o proletariado oriunda das imagens fílmicas. Até porque

A dosagem pertence à vacina, e todo dosar é freio, ou seja, alimentar o organismo com substância tóxica em doses pequenas, de tal modo que ele a domine ao invés de ser por ela subjugado. Pais e professores agem diariamente como freios quando eles dosam o consumo de imagens televisivas das crianças, sendo esta uma atividade pouco valorizada. [...]. O traço estético da arte de vanguarda é evidente; ele é, para Adorno, exatamente o seu critério qualitativo, ou seja, o traço de que "a arte de vanguarda não se permite fruir". "Toda arte simples" e admissível tornou-se aparente e mentirosa [...], e a promessa de felicidade, tal como certa vez se definiu a arte, não se encontra mais em parte alguma, uma vez que foi arrancada a máscara da falsa felicidade". (Ibid., p. 303-304).

É importante ressaltar que Türrcke (2010) não orienta para uma negação do prazer em suas múltiplas dimensões, mas sim para, no máximo, vivências, por ele denominadas de pré-prazer, que são amplamente difundidas na sociedade excitada. Tal difusão de pré-prazer é decorrente dos choques audiovisuais que nos bombardeiam como um mero deteriorado e vicioso estímulo.

Nesse sentido, o embate direto ao pré-prazer, para Türrcke (2010), é encontrado nas formas fundamentalmente abstratas, geométricas, e no que concerne à música atonal, pois, diante da sua dimensão estética de origem, podem proporcionar verdadeiras experiências de prazer.

Dessa forma, as verdadeiras experiências de prazer necessitam da mediação, que, assim como a “segunda melhor viagem” de Benjamin, tornem o “segundo melhor prazer” em contraposição às meras vivências imediatistas de pré-prazer, que se converteram na forma fugaz, simplória, mas eficiente, nos seus propósitos de controle e dominação de um “comichão de sentidos” externos. Este “segundo melhor prazer” nos promete, portanto, proteger a nossa relação com o mundo da mera resposta estereotipada a estímulos (Ibid., p. 304).

Portanto, refletir sobre as (im)possibilidades emancipatórias na sociedade excitada implica em considerar a tensão existente entre as possibilidades e as impossibilidades diante de tal processo histórico. Para aprofundar e articular este arco teórico fundamental desta tensão concernente a relação entre educação do olhar e semi-formação é necessário compreender a relação do humano com as drogas, o advento do proibicionismo das drogas e das tecnologias sociais da exclusão social.

CAPÍTULO 3 – RELAÇÃO DO HUMANO COM AS DROGAS, ADVENTO DO PROIBICIONISMO E TECNOLOGIAS SOCIAIS DA EXCLUSÃO SOCIAL

Os processos de educação do olhar e semiformação são compreendidos inicialmente pelo advento das tecnologias sociais da exclusão sob um prisma ampliado em relação ao objeto desta pesquisa. Tal processo, como será visto, tem colaborado para a construção de um mundo somente para os sujeitos normalizados e negada aos demais a possibilidade de existir.

Tal condição normalizada fica explicitada no próximo capítulo quando os sujeitos da pesquisa expressam suas concepções e entendimento de si mesmos, do sofrimento psicossocial por eles vividos referente ao uso prejudicial de substâncias psicoativas, bem como de outros aspectos da condição da toxicomania. Assim como é explicitada a normalização por parte dos professores de educação física, igualmente sujeitos da pesquisa, em relação as suas concepções da dependência e do tratamento bem como dos estereótipos e concepções que aqui denominamos de terapêutico-pedagógicas nesta perspectiva de cuidado no campo da saúde mental nos Centros de Atenção Psicossocial.

Dessa forma, aborda-se a especificidade do objeto de pesquisa no que concerne ao sujeito toxicômano. E apresenta-se o processo histórico da gênese e desenvolvimento do uso de drogas por parte da humanidade. A intenção aqui é desmistificar os saberes tão cristalizados e obscurecidos relacionados a esta temática e compreender o uso de drogas como uma das formas de existir da humanidade.

No último tópico, discute-se a política proibicionista das drogas que tem sido a referência, inclusive no tocante à produção científica e acadêmica, para uma “Nova Inquisição” com o propósito de eliminar o sujeito toxicômano. Tal política tem relação mediata e imediata com as necessidades produtivas do modo de produção capitalista, da ideologia liberal burguesa puritana que retroalimenta o modo de produção e a própria dialética intra e extrapsíquica oriunda do mal-estar na civilização.

Os três fenômenos aqui desenvolvidos explicitam a gênese de todo um referencial da cultura imagética que foi construída especialmente na particularidade histórica do capitalismo, o que tem culminado em processos de deformação do olhar, em múltiplos aspectos acerca da especificidade do fenômeno do uso de drogas e suas consequências.

3.1. O humano e sua relação com as drogas

A partir do tratado intitulado *Historia General de Las Drogas*, depreende-se que a relação do ser humano com as substâncias psicoativas remonta ao advento da espécie *homo sapiens* no planeta e é tão antiga quanto a existência do próprio homem. Portanto, o homem se relaciona com as substâncias psicoativas com diferentes propósitos sócio e historicamente determinados.

As primeiras formas de uso de drogas que se têm registro estão vinculadas a ritos de passagem e iniciação, bem como a celebrações coletivas, inclusive com finalidades mítico-religiosas visando alcançar um estado de espírito superior no intuito de estabelecer contatos com entidades divinas ou mesmo dimensões superiores.

Considerando uma linha histórica, o uso individual de drogas é uma prática cujas raízes culturais remetem aos primórdios da nossa pré-história. Existem evidências arqueológicas e antropológicas do uso de drogas por parte de homínídeos anteriores ao Período Neolítico (entre 12.000 e 4.000 anos a.C.) que faziam uso de substâncias psicoativas em cerimônias míticas e rituais religiosos com o propósito de estabelecer contato com deuses e ou ser uma experiência transcendental para expiação de dívidas que os seres humanos tivessem contraído com os deuses (ESCOHOTADO, 1998).

De acordo com Escohotado (1998), os agrupamentos humanos do período Paleolítico já faziam uso frequente de drogas com tais finalidades. O uso de substâncias psicoativas se amalgamou, nessas culturas, com rituais de purificação e fins catárticos, a partir do desenvolvimento de práticas ritualísticas. Tais propósitos são anteriores ao surgimento do uso de drogas com fins curativos de enfermidades ou quaisquer males e ou mesmo fins medicinais (Idem).

Pode-se caracterizar dois modelos que estão vinculados ao uso das drogas conforme seus efeitos oriundos das aglomerações humanas primevas. O primeiro modelo estava relacionado com atos sacrificiais expiatórios, nos quais se recorria às substâncias psicoativas em rituais que buscavam estabelecer relações de agradecimento para distintas divindades em oferta sacrificial, morta ou viva, a qual era oferecida como pedido de perdão de pecados e faltas. O segundo modelo de uso de substâncias psicoativas buscava estabelecer o canal de comunicação e conexão entre os seres humanos e as divindades.

Nesse sentido, os efeitos do uso de substâncias psicoativas tinham como finalidade elevar seus usuários a condições superiores para uma condição de quase igualdade com os deuses, mesmo que momentaneamente. Assim, o uso dessas substâncias fazia os

homens parte do sagrado, sendo, portanto, um rito de santificação. A crença comum desses povos era de que as divindades tinham o poder de se encarnar nas diferentes plantas psicotrópicas e que bastava que fossem ingeridas para que seres humanos pudessem manter contato direto com os deuses (Ibidem).

Dessa forma, foi durante os séculos IV a.C. até o início do século III d.C. que os estudiosos do corpo humano e da saúde produziram escritos no campo da medicina relacionados aos fenômenos fisiológicos observados, sob vários prismas da área médica. A síntese de todos estes estudos ficou sintetizado no livro denominado *Corpus Hippocraticum*.

O *Corpus Hippocraticum* já mencionava a utilização e os efeitos das drogas quando em contato com o organismo humano. Dizia o texto que drogas são “as substâncias que atuam esfriando, esquentando, secando, umedecendo, contraindo e relaxando, ou fazendo dormir” e, ainda, que o estado presente é algo que pode ser mantido através da ingestão de alimentos, ou pode ser modificado mediante a ingestão de um fármaco (Ibid., p. 381).

Somente a partir do início do século XIX em diante é que o uso de drogas passou a ser visto como um problema sobre o prisma social e em escala global (Idem). O vocábulo droga não foi, desde o início, desenvolvido para caracterizar as substâncias com efeitos psicoativos nos seres humanos. De acordo com Escohotado (1998), a partir da Antiguidade Clássica, os gregos faziam uso do vocábulo *phármakon*, que tinha a significação de veneno ou remédio ao mesmo tempo. Existem referências do vocábulo nos poemas atribuídos a Homero, como a *Odisseia* e *Iliada*, de preparados ou mesmo plantas com efeitos mágicos ou medicinais.

Nesse sentido, Escohotado (1998) afirma que os limites entre os efeitos benéficos e prejudiciais não residiam nas drogas em si. O parâmetro para compreender os prejuízos e benefícios tinha seu fundamento na intensidade ou modos de uso que o ser humano fazia das drogas. Na Antiguidade Clássica, não havia distinção entre fármacos maléficos e fármacos benéficos.

É durante a Idade Média que surge o termo droga como referência a substâncias que alteram estados de consciência.

Tem-se admitido mais de uma hipótese quanto à gênese da palavra, indicando-se o étimo *droghe*, da língua alemã antiga, que era o termo usado para designar o recipiente em que se guardavam folhas secas (BLOCH, 1986); e, com maior aceitação, aponta-se o étimo do neerlandês antigo *droog*, que significa folha seca (SKINNER, 1961; OBSERVATÓRIO BRASILEIRO DE INFORMAÇÕES SOBRE DROGAS, 2014). Tal

denominação justificava-se pelo fato de que, à época do surgimento do termo, grande parte dos compostos e fármacos eram preparados a partir de vegetais (OBID, 2014). Há ainda referências ao vocábulo hebraico *rakab*, que quer dizer perfume, e ao persa *droa*, cujo sentido remete a odor aromático (MORAES; BARRETO NETO, 2014, p. 3).

De acordo com Escotado (1998) é somente no início do século XX que o vocábulo narcótico passou a ter relação com as drogas. Etimologicamente, a palavra narcótico advém do grego *narkoun*, que tem como significados a sedação e o adormecimento. Na Antiguidade Clássica grega, a palavra *narkoun* não era eivada de significações negativas. Nesse período histórico, trata-se simplesmente de substâncias indutoras do sono e que causavam sedação (Idem).

Em oposição a este sentido da palavra *narkoun*, a sociedade estadunidense a incorporou, impingindo-lhe um sentido moralista que vinculava a droga em si e o seu uso a atos de delinquentes, incorporando-a à esfera jurídica. Desse modo, o vocábulo em inglês *narcotics* deixou de ter o significado de substâncias indutoras do sono e sedação, mas de substâncias consideradas proibidas de serem utilizadas pelo estatuto legal (Idem).

Assim, Escotado (1998) demonstra que, nesse período, as autoridades e os órgãos sanitários se viram diante de um imbróglio quanto à nova significação conferida ao vocábulo *narcotics*. Isso decorre do fato de que nem todas as substâncias rotuladas de ilícitas podiam ser classificadas como narcóticos, de acordo com a origem etimológica da palavra, pois nem todas tinham efeitos sedativos. Da mesma forma, nem todas as substâncias indutoras do sono podiam ser taxadas de negativas a partir da nova significação da palavra narcótico, pois eram substâncias lícitas. Assim, acerca do conceito de narcótico, não eram todas as substâncias que se enquadravam nele e nem nele estavam todas as substâncias que eram narcóticos, conforme a origem etimológica da palavra (Idem).

Nas referências oriundas de outros determinantes, que serão explicitados no próximo tópico deste capítulo⁴⁵, predominou a tendência à categorização das drogas em ilícitas e lícitas, o que se trata, aparentemente, da negação das propriedades inerentes a essas substâncias e seus efeitos e reações no corpo humano (Idem).

Paralelamente à construção conceitual imprecisa e eivada de estigmas da língua inglesa associada ao termo *narcotics*, esse termo foi traduzido para o francês como

⁴⁵ Trata-se dos fundamentos ideológicos da política proibicionista das drogas, os quais serão abordados no próximo tópico.

stupéfiants. Do francês, a palavra foi traduzida para o português como estupefaciente e entorpecente, que lhe conferiu a significação estigmatizadora (Idem).

No que concerne à língua portuguesa, as drogas passaram então a ser definidas como qualquer substância ou produtos utilizados em tinturarias e farmácias, bem como o nome comum vinculado a entorpecentes e narcóticos (Idem).

Mediante tal reflexão etimológica e histórica desenvolvida por Antonio Escotado (1998) no livro já anteriormente analisado, *A sociedade excitada*, de Christoph Türcke (2010), são apresentados também elementos históricos e sociológicos para se compreender a gênese do uso de drogas e do ulterior advento do vício. Para Türcke (2010, p. 233),

[...] De algum modo, o coletivo humano teve que preparar seu sistema nervoso para o costume pavoroso de arrastar seus membros familiares mais próximos, sua carne e sangue, por assim dizer, para a matança, com o objetivo de suportá-la. Mas ainda não existiam drogas pesadas, capazes de imediatamente entorpecer os sentidos. Desse modo, precisou-se do auxílio dos recursos do próprio corpo, precisou-se vacinar a dor com a própria dor por meio da automutilação e da automaceração, e também através de uma repetição constante de movimentos e sons rítmicos que gradativamente conduziram ao frenesi, de tal maneira que, por um lado, se sentia um certo padecimento em relação àquilo que acontecia com a vítima do sacrifício; e, por outro, se tornava insensível e anestesiado da melhor forma em relação a esse mesmo sofrimento. Deve ter sido fora do comum, a princípio, o processo de autodisciplina extrema, uma vez que não se alucinava por meio de um dado estado cultural. Pelo contrário, tentou-se construir morosamente, pela primeira vez, tal situação por meio de uma das mais antigas técnicas, ou seja, a confraternização com o horror da vítima do sacrifício com o objetivo de gradativamente converter sua dor no "espinho da luxúria".

Dessa forma, a droga foi utilizada pelo ser humano em momentos festivos, ritos de iniciação e passagem em substituição ao frenesi da automutilação, encontrada em raízes, folhas e frutos. As festas, o frenesi e o êxtase tinham o mesmo significado. Mesmo desejando e confiando nas drogas, o seu consumo parece não ter provocado o vício (TÜRCKE, 2010).

Diante disso, Türcke (2010) afirma que, nos primórdios da humanidade e mesmo em eras posteriores, nunca se observou, de forma explícita, nenhum sinal da síndrome de abstinência. Assim,

De fato, não se encontra qualquer indício de sintoma de abstinência nem nas gravuras das culturas mais desenvolvidas e antigas, situadas entre o Eufrates e o Tigre (onde o ópio é conhecido desde o século IV a.C.), nem nos papiros do velho Egito (nos quais o ópio é mencionado, no século XVI a.C., como parte integrante de mais de 700 medicamentos), ou na literatura dos médicos da Grécia antiga, que consideravam o ópio o mais importante

remédio e o usavam frequentemente. O mesmo vale para o álcool. Em muitas culturas, ele possuía tanto um significado religioso quanto medicinal, além de ter uma benquista função de relaxamento na condição de droga utilizada no cotidiano e nos dias festivos. E mesmo na literatura da Grécia antiga, que possui muitos tratados sobre o efeito frenético do álcool, nos quais as vantagens e desvantagens eram cuidadosamente avaliadas, nunca se observou, explicitamente, nenhum sinal de sintomas de abstinência. (Ibid., p. 234)

A grande ruptura histórica, que culmina com o advento de um novo padrão de uso de drogas, remonta aos modos de vida mais sedentários e mais acelerados ao mesmo tempo, os quais tiveram grande contribuição para o aumento do uso de substâncias psicoativas – especialmente de bebidas alcoólicas – inclusive com teor alcoólico mais elevado. Especialmente, as bebidas alcoólicas encontraram terreno fértil entre a apatia advinda de uma vida cada vez mais sem sentido oriunda das condições de vida pré-capitalista e do seu desenvolvimento (Idem).

O acontecimento fundamental, para Türrcke (2010), que culminou com a gênese do vício em relação às drogas está relacionado com a separação entre festa e frenesi. Data desse período, inclusive, o que se pode denominar dos primeiros lampejos históricos do proibicionismo das drogas, ainda em nível local, já “em 1594 em que o príncipe eleitor *Johann Georg* decretou uma portaria que ameaçava com prisão [...] todo aquele que, sob sermão, portasse bebida destilada” (Ibid., p. 235).

Entre o dito e o não dito, o que se dizia era a evitação do acesso às bebidas destiladas para não permitir a “[...] devastação e a corrosão do culto de Deus, da moral do trabalho e do sentido de família. Entre o não dito era possibilitada a “[...] disciplina com muito mais eficácia” (Idem). Assim,

Com a separação da festa e do frenesi nasce aquilo que hoje significa vício. Seu princípio histórico foi uma invenção que os árabes levaram para a Europa já no século XII: a destilação do álcool de alta percentagem. A “água queimada” foi mencionada pela “primeira vez por Salernus (aproximadamente 1130-1167) em seu livro *Teoria das Enfermidades e das Terapias* como um medicamento especialmente valorizado que ajudaria no tratamento de doenças complicadas”. No início o álcool foi usado de forma mais econômica. Mas já no século XVI a situação era outra, ou seja, quando a erosão da sociedade pré-moderna se propagou na Europa central. [...]. O desenraizamento social que separou uma parte considerável dos trabalhadores rurais de suas glebas, dos artífices de suas ferramentas, da aristocracia e dos cavaleiros de seus bens hereditários, sendo que uma parte dessas pessoas foi jogada nas cidades, na condição de pessoas sem recursos, e outra parte foi absorvida pelos exércitos nascentes como aventureiros e mercenários, encontrou no “desenraizamento” do álcool, na sua destilação uma técnica cultural congenial. A partir de 1500, mencionaram-se em diversos lugares, tal como no caso da crônica berlinense, os “destiladores de fundo de quintal” correspondentes aos

"destiladores clandestinos" que fizeram concorrência ao farmacêutico. (Ibid., p. 234-235).

Conforme Türrcke (2010), a dependência de substâncias psicoativas mudou os padrões de relação do ser humano com as drogas desde o início da era industrial capitalista. O principal sujeito histórico do qual as experiências de dependência são apresentadas remete aos trabalhadores. No início da era capitalista industrial, eles chegavam em casa exaustos após jornadas extenuantes de trabalho. Ao chegar em casa, deparavam com moradias desconfortáveis, úmidas, desagradáveis e com muita sujeira. Para conseguir conviver em condição tão miserável, o trabalhador precisava rapidamente de algo que o deixasse alegre, para fazer algum sentido e valer a pena todo empenho nas exaustivas jornadas de trabalho cotidianamente vividas (Ibid., p. 236). Assim,

[...] sua disposição abatida, desconfortável e hipocondríaca [...] é recrudescida por meio da situação de vida que lhe resta, por meio da insegurança de sua existência, pela sua dependência de todos os possíveis acasos e pela sua incapacidade de salvaguardar sua própria situação, até o ponto de se tornar insuportável [...] e, diante de tudo isso, o trabalhador não deveria ser tentado a se entregar ao alcoolismo? Ele deveria ser capaz de resistir a essa tentação? Além disso, "donos de fábricas, até o final do século XIX, distribuíram gratuitamente aguardente para a sua força de trabalho e, com isso, estimularam consideravelmente o alcoolismo entre os trabalhadores. Em muitas fábricas, uma parte do salário era paga em bebida destilada. (Idem).

De modo semelhante, assim como na Bíblia é dito que Deus se fez homem, a partir da modernidade o mercado desenfreado com seus fundamentos na aceleração da vida em todos os aspectos se fez representar no uso descontrolado das drogas. Dessa forma,

[...] uma comunidade antiquíssima adentrou numa nova fase. Da mesma forma que o mercado, as drogas têm sua origem no sacrifício sacro; tal como o mercado, elas se desenvolveram na condição de inseparáveis companheiras e benfeitoras, como acessório e ingrediente de ações de culto, e permaneceram, mesmo quando se destacam desse contexto de culto, a ele relacionadas. O medicamento e o banquete profanos foram identificados como "camadas externas" do uso sacro das drogas, da mesma forma como ocorreu a relação do mercado com o sagrado. E também na virada moderna ambos se ratificam. O mercado se torna absoluto, ele desce ao chão, ao primeiro "absoluto", ou seja, por meio da destilação da droga, que é extraída de seu meio de fermentação natural, ele apresenta seu verdadeiro cortejo triunfal. E a droga é absoluta não apenas num sentido técnico, mas também social. Ela é como que destilada para fora de todos os contextos sacros e cessa de ser uma experiência que extasiava e alçava todo o coletivo para além do seu cotidiano. (Ibid., p. 236-237).

A droga, como substância inebriante que passou a fazer parte do cotidiano de vida para suportar a existência frenética e fugaz, a partir da gênese da modernidade, tornou-se mero agente do frenesi, perdendo, via de regra, qualquer relação com sentidos e

significados mais elevados que outrora representaram em momentos históricos anteriores (Ibid., p. 237).

Nesse sentido, a relação do ser humano com as drogas perdeu o seu elemento de humanização e, de forma abrupta, começou a representar, aparentemente, o lugar de algo mais elevado, pois deixou de ser acessório para se tornar algo fundamental no sentido utilitário, deixando de ser experiência do acaso e da ocasião para se converter em substância no sentido filosófico utilitário. Assim, em um sentido duplo, ela se torna um poderoso concentrado. Exemplo disso são as bebidas alcoólicas destiladas que não só aumentam o teor alcoólico em dez ou até mais de 20 vezes, mas porque seu ampliado teor alcoólico eleva expectativas relacionadas, em sua origem, a um contexto cultural harmônico que ulteriormente é elevado à esfera do sagrado (Idem).

Dessa forma,

A aguardente se transforma no sucedâneo do sagrado desaparecido, no substituto da própria coisa. O frenesi absoluto produzido releva-se como o par da sensação absoluta que irradia o "olhe para cá" da fotografia. Sabe-se que não existe a epifania salvadora que as fotos sugerem, mas a sugestão não deixa de existir. Da mesma forma, sabe-se que a aguardente não proporciona nenhuma experiência extática redentora e, entretanto, ela não para de simular tal experiência. (Ibid., p. 2)

Tal processo remete à relação entre as drogas e as imagens e ao modo como esta ruptura histórica na modernidade tem com os processos de educação do olhar. Portanto,

Há milênios as drogas e imagens coexistiram, a reboque do culto, como meio heterogêneo de elevação ao sagrado. Por meio do moderno procedimento técnico da isolação, que desprende as substâncias ativas de seu contexto original num piscar de olhos, sendo que uma é despreendida através da destilação e outra, por meio da paralisação do instante, tanto a droga quanto a imagem recebem, repentinamente, uma inédita e conhecida homogeneidade. Nas condições de substância viciadora e de foto revelada, a droga e a imagem, tanto na maneira de serem feitas quanto na forma de se efetivarem, se aproximam como parentes íntimos. Inicia-se uma comunicação idiomática entre ambas, pois compartilham particularidades entre si, de tal modo que sem essa comunicação não se pode compreender seriamente a atual dependência da sensação. (Ibid., p. 237-238).

Nessa relação entre as imagens e as drogas, Türcke (2010) situa o advento do vício como fruto da condição moderna. Assim, são apresentados sentidos e significados objetivos e subjetivos para a origem do vício. Inicialmente, é demonstrado o lugar que as substâncias psicoativas ocuparam como recurso para o anestesiamento durante cirurgias que não seriam possíveis sem o uso desse recurso, antes do desenvolvimento das modernas técnicas de anestesiamento. A bebida destilada, com elevado teor alcoólico, foi largamente utilizada para reduzir as dores e angústias não suportadas por soldados. Tal

processo de uso de bebidas alcóolicas como anestésico por parte dos soldados culminava no entorpecimento do próprio caráter do soldado. Desse modo,

O destilado, como ração periódica para os soldados, como meio de lubrificação fisiopsicológico, como algo que garante o funcionar sem dificuldades é, no entanto, algo qualitativamente diferente, a saber, preparação para um cotidiano que não é de nenhum modo composto apenas por estados de dor e de angústia cortantes, mas que se tornou, em certa medida, profano, e que, sem a ajuda desses meios de entorpecimento, dificilmente seria suportado. (Ibid., p. 238).

O desenvolvimento deste novo modo de viver teve início na época do já mencionado processo de ruptura, datado nos primórdios da era moderna. Evidentemente que a sociedade feudal que se erodia não pode ser considerada como um momento histórico memorável da relação do humano com as drogas. Nesse sentido, a sociedade feudal antes pode ser situada como um momento histórico de enclausuramento oriundo de um amplo e coercivo controle social e pouca mobilidade em diferentes níveis de liberdade social. Dessa forma,

Os servos e vassalos que vegetavam sob a ameaça da fome ou do chicote dos senhores feudais, bem como a austera disciplina dos monges e freiras nos mosteiros, tornaram notório aquilo que a crescente sociedade moderna obsta à vista: que a integração é um ato de violência, antes que suas indenizações possam ter alguma chance. Mas estas também não faltaram na sociedade feudal. O efeito terapêutico dos sacramentos e das relíquias foi tão inculcado milenariamente por meio das festas cíclicas, dos ritos e das preces, que finalmente ele se converteu num apoio, num consolo, numa dada e desejada rotina. (Idem).

A erosão do modo de produção da vida feudal não propiciou somente liberdade de espaço. Ela implicou também a fratura desse apoio, no sentido de que grupos sociais cristalizados se converteram em massas amorfas e lançadas à própria sorte, sem que lhes fossem oportunizados os meios seguros de subsistência, sem laços sociais seguramente estabelecidos, cujos hábitos e costumes tradicionais fossem colocados em cheque ou mesmo eliminados. Nesse sentido,

Todos sentiram a necessidade de escapar desse estado e aspiraram a uma saída. Eis que o álcool destilado a oferece triplamente: ele era muito barato, facilmente acessível e agia de forma rápida, tal como nenhuma outra droga o fizera anteriormente. O sustentáculo do desenraizado representado na garrafa de aguardente que, por sua vez, sustenta um apoio existencial, representa simplesmente a data-base do vício, a chave da compreensão para o seu desenvolvimento geral que se torna cada vez mais difuso e complexo. (Ibid., p. 238-239).

Para Türrcke (2010), o vício representa a busca insaciável de um amparo vital em um objeto falso, sendo que os sujeitos que buscam a droga não devem ser orientados de que se trata de algo falso. Assim,

Eles sentem, eles sabem que a substância na qual se aferram não fornece nenhum apoio, mas eles não têm outra e, por isso, cada vez mais se jogam a ela, a mesma substância que os priva daquilo que lhes deveria proporcionar. Quando se fala em sintomas de abstinência, os quais seguem o vício do mesmo modo como a sombra segue a luz, esquece-se facilmente de que o próprio vício já é um sintoma de abstinência. Entretanto, a sua abstinência, que representa uma forma de reação desamparada, silenciosa, e continuamente moderna, não é tão evidente. Deve-se deduzi-la e, para tanto, não se pode evitar o emprego de reflexões teórico-pulsionais. Onde há abstinência perdeu-se algo que fora desejado. A energia emocional, por meio da qual se ligou ao desejado, vagueia por todos os lados, pressiona por recolhimento; e onde ela se vincula com algo que serve como alternativa para tal, e que não se distancia tanto assim do que fora privado e desejado, mas como que se coloca em seu lugar e é tratada como se fosse esse algo, realiza-se aquilo que Freud denominou "fetichismo". (Ibid., 2010, p. 239).

Nesse sentido, o fetiche apresenta um significado singular e mutante. O fetiche representa o que é abstrato e, concomitantemente, o que é ocultado. De acordo com Türrcke (2010), para Freud, essa escolha já é autorreveladora, tratando-se de um conceito do campo religioso para poder refletir acerca dos processos da esfera do profano na vida pulsional dos sujeitos neuróticos. Portanto, na psicanálise freudiana, o fetiche não é compreendido tal como a comunidade religiosa, ou seja, como um objeto identificado que dá corpo às forças oriundas das personas divinas, mas sim como um objeto totalmente banal. Assim,

O consumo do tabaco, que no século XVII já demonstrava, de forma semelhante, indícios de ser algo que vicia, foi inicialmente considerado pela opinião pública como um apêndice do consumo de aguardente, sendo que não tinha sequer um nome próprio, pois era chamado "Álcool de névoa", "Beberfumar" ou "Bebedeira seca" que é meramente sobrecarregado de significado ou, psicologicamente falando, hipercatexizado com energia libidinal. E tal hipercatexia é observada por Freud, tanto na ocasião em que uma comunidade se apinha diante de uma lasca da cruz de Cristo ou do hábito de São Francisco quanto no comportamento do neurótico que acaricia um sapato de mulher. A neurose se afirma tanto no culto privado quanto coletivamente no culto da relíquia oficial. (Ibid., p. 240).

O conceito oriundo da psicanálise freudiana de fetiche tem, na dimensão metafórica e literal, conotações "profana" e "sacra", com o mesmo sentido homologicamente falando, assim como Marx compreende tal conceito. No entanto, a

perspectiva freudiana colabora para iluminar aquilo que a marxiana oculta: o mecanismo de formação substitutiva. Portanto,

O caráter de fetichista da mercadoria não consiste na observação de que a sociedade de mercado venera o valor de troca (literalmente como força divina) presente em todos os seus valores de uso. A ressacralização da troca de mercadorias resulta, antes (tal como foi observado no capítulo anterior), do fato de que o mercado profano perdeu seu ponto de referência, seu centro profundamente carregado de sentido sacro, sobre o qual o mercado se alicerçou na forma de uma camada externa. Uma vez que ele se sobressaiu em relação ao outro e se tornou sistematicamente autorreferente, ele assumiu o lugar do sagrado que fora perdido e se transformou em seu sucedâneo. (Idem).

Diante disso, o mercado se converteu em um gigantesco sistema de abstinência. Trata-se de uma virada para a dependência em todas as dimensões da vida social calcadas sob o esteio do capitalismo – em que tudo se tornou mercadoria. Pode-se afirmar que essa é uma mediação central e fundamento da dependência generalizada por todo o tecido social a partir da modernidade, a qual tem relação direta e indireta com a eclosão do capitalismo (Ibid., p. 240-241). Assim,

O sentido comparativo da mercadoria faz dela própria um sintoma de abstinência, pois fornece a ela, também no aspecto teórico pulsional, um caráter fetichista, e revela a dinâmica de expansão do capitalismo como viciadora. Uma dinâmica que se origina dos organismos humanos e que, todavia, passa por eles a ponto de não mais se identificar com os próprios. (Ibid., p. 241).

É importante mencionar que tanto o uso de bebidas alcoólicas como o uso de ópio não foram alvo de registro histórico, anterior à origem do capitalismo, como substâncias que eram consideradas viciantes. Nesse sentido, de acordo com Türrcke (2010, p. 244-245),

Antes de tudo, foi uma imensa experiência de privação que engendrou um novo padrão de comportamento social, que se denomina vício, assim como a ele correspondeu uma dinâmica sistemática geral que foi denominada "crescimento econômico", sem que seu caráter viciador fosse seriamente considerado.

Com o processo que culminou no consumo exacerbado de aguardente, a partir dos trabalhadores assalariados, em que o custo do ópio se apresentava bastante elevado, de acordo com Türrcke (2010), Marx pôde construir a metáfora da religião como o “ópio do povo”. Em certo aspecto, essa metáfora perdeu seu sentido histórico, pois a ela não está

interessada no tempo em que a condição de pobreza não mais se alinha ao amparo oferecido pela religião. Dessa forma,

[...] a "absoluta" substância viciadora assume seu lugar e se consubstancia com a indiferença confessional ou mesmo com o ateísmo manifesto, de maneira que ocorre, antes de tudo, a seguinte reviravolta: a aguardente e o ópio se transformam na religião do povo. Essa nova religião do povo é uma religião que se codifica e se nega a si própria. O destilado, na sua condição profana, oculta e substitui o sagrado negado. O álcool destilado pôde existir por séculos sem que fosse considerado uma substância viciadora. E tanto as privações pessoais quanto os golpes do destino não eram agentes provocadores de uma "epidemia de destilado". Antes de tudo, foi uma imensa experiência de privação que engendrou um novo padrão de comportamento social, que se denomina vício, assim como a ele correspondeu uma dinâmica sistemática geral que foi denominada "crescimento econômico", sem que seu caráter viciador fosse seriamente considerado. (Ibid., p. 244-245).

Nesse sentido, e em outras palavras, como se pode afirmar a partir de Marx e Engels no *Manifesto do Partido Comunista*, a insegurança e o desamparo impostos pela sociedade burguesa capitalista distam a época burguesa de todas as outras. Até porque

A burguesia não pode existir sem revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção e, com isso, todas as relações sociais. A conservação inalterada do antigo modo de produção era, pelo contrário, a primeira condição de existência de todas as classes industriais anteriores. Essa subversão contínua da produção, esse abalo constante de todo o sistema social, essa agitação permanente e essa falta de segurança distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Dissolvem-se todas as relações sociais antigas e cristalizadas, com seu cortejo de concepções e ideais secularmente veneradas; as relações que as substituem tornam-se antiquadas antes de se consolidarem. Tudo que era sólido e estável se desmancha no ar, tudo que era sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusões a sua posição social e as suas relações com os outros homens (MARX; ENGELS, 2005, p. 43).

O embrutecimento e a miserabilidade da condição de vida do proletariado impuseram, como dito por Marx e Engels, uma vida orientada por “olhos sóbrios” que são a metáfora da tragédia que o cotidiano de vida desta classe subalternizada tem reunido, desde então, energias quase super-humanas para viver sem o uso de destilados. Para Türrcke (2010), dois fenômenos caminham lado a lado no desenvolvimento histórico a partir de então, implicando um par de gêmeos do fetichismo moderno que culminam em vício e fundamentalismo.

A Era do Vício e do Fundamentalismo inconsistente implica dois fenômenos com verossimilhanças, sob vários prismas. O religioso fundamentalista tem consciência da fragilidade da afirmação absolutista de suas teses, mas as impõe com o intuito de garantir seu espectro de dominação social. O viciado, por outro lado, tem uma crença que se fia

fundamentada na descrença. Ele sabe que a substância ao qual se liga intensamente não lhe proporciona um amparo verdadeiro, mas ele se sente neste lugar e as alternativas a ele não são apresentadas para superação desse quadro e na substância ele se afunda. (Ibid., p. 246-247).

Diante disso, “a decorrida forma de fundamentalismo teológico tem sua correspondência exata na forma fisiológica do vício” (Ibid., p. 248). A consonância existente entre o fundamentalismo teológico e a forma fisiológica do vício culminaram na epidemia inicial imputada ao destilado e em seguida na epidemia do ópio, que caminharam lado a lado na onda histórica inicial como substâncias psicoativas com amplo potencial viciador diante das condições de vida constituídas a partir da era capitalista (Ibid., p. 248-249).

Diante deste quadro, mesmo o uso de drogas (principalmente o haxixe e o ópio) apresentou, a partir da experiência estética e produção artística – especialmente no que tange à literatura – uma das formas de resistência e crítica à sociedade capitalista. Nesse sentido,

Este foi um fato rapidamente esquecido, em vista da conhecida realidade de que a vanguarda artística e literária do mesmo período consumia ópio de forma abundante, assim como haxixe, que foi, nesse período histórico, uma droga usada de forma restrita. De Quincey, Coleridge, Poe, Baudelaire, Nerval, Théophile Gautier, só para citar os mais conhecidos, foram notórios apreciadores de ópio e haxixe. O "clube do haxixe" de Paris destacou, na sua programação, a equação entre a produção literária e a apreciação de drogas. [...] Vida e obra devem tornar-se uma só, elas devem ser radicalmente separadas do crescente e repugnantemente vivenciado mundo burguês. (Ibid., p. 249).

Dessa forma, o lugar do artista é demarcado por aquele que busca nos “paraísos artificiais” (livro-termo de Baudelaire), que se posiciona com resistência à era capitalista, o ópio e o haxixe como condição de um afastamento do mundo. Trata-se de um mundo de sensação absoluta:

[...] o completo, isolado e desesperançoso deleite da felicidade na forma de seu fugaz substituto. O insistir obstinado em antiparaísos artificiais, como sendo paraísos exclusivamente humanos, num mundo destituído de paraísos, fornece como que a radiografia de cada fundamentalismo teológico que se empenha em teoremas cuja insustentabilidade lhe é bem familiar. (Ibid., p. 250-251).

Mediante tal reflexão acerca do contraponto estético de resistência à sociedade capitalista da sua relação outra com as drogas, para Türrcke (2010), o vício está

relacionado com o surgimento de substâncias com potencial mais viciante que extrapolavam ao prazer moderado e inofensivo até então existente e com os ritos impostos para a compulsão em outros alvos (metas) para economia libidinal em vícios que foram mercadorizados como o da comida, do emagrecimento, dos jogos, do sexo e do amor. Nesse sentido, Türcke (2010) expande o conceito de vício para além da relação do ser humano com as substâncias inebriantes.

Trata-se, portanto, de compreender a especificidade do vício na sua gênese e desenvolvimento ulterior, bem como do potencial viciante das substâncias *per se* e suas implicações que geram suas ligações sobre determinadas condições psicossociais (transitórias ou não) que têm, nesse sentido, suas singularidades, mudanças e diferenciações (Ibid., p. 252).

A definição de vício, em Türcke, implica a capacidade de uma substância, experiência espiritual ou artística (no caso do cinema) em promover distração, diversão e entretenimento. A partir da leitura de Türcke e das afirmações do revolucionário russo Trótski, o cinema seria o lugar que suplantaria o vício em substâncias psicoativas e na vida religiosa. De acordo com Türcke, para Trótski, o cinema trata-se do melhor instrumento como propaganda e

[...] da propaganda técnica, cultural, relativa à produção, antialcoólica, sanitária, política, em geral ao alcance de todos, atraente, além de se fixar na memória — e, eventualmente, uma coisa rentável”. Quando o cinema se torna atraente e divertido, ele concorre, consequentemente, com a economia e com o botequim”. Mas *"o cinema concorre não apenas com o botequim, como também com a igreja"*. "Não se frequenta a igreja por causa da religiosidade, pois a igreja é iluminada, bela, muitas pessoas lá se encontram e cantam. Esta é toda uma série de momentos públicos e esteticamente atraentes que não são oferecidos nem na fábrica, nem na família e nem na vida cotidiana. [...]. A propaganda antirreligiosa não é suficientemente poderosa para poder libertar a grande massa do cerimonial, da religiosidade da vida cotidiana. E, então, nosso pensamento é naturalmente direcionado para a ferramenta mais poderosa, porque democrática, da teatralidade: o cinema. Ele "liberta da necessidade de estar sob influência da igreja. O cinema é o grande concorrente não apenas do botequim, como também da igreja. (Ibid., p. 252-253).

De acordo com Türcke (2010), a potência do cinema, para Trótski, reside na condição e possibilidade não de ele dar cabo às experiências inebriantes e extracotidianas prometidas e vividas pela igreja (religião) e aguardente (substâncias psicoativas), mas de ser o melhor substituto destas duas formas de busca de diversão, distração e entretenimento. Assim, o cinema seria o melhor aguardente (substância) e igreja (religião)

ao mesmo tempo. Nesse sentido, “A paixão em relação ao cinema se localiza no empenho de promover distração, de ver algo novo, algo que nunca existiu” (Ibid., p. 254).

Em Trótski, de acordo com Türcke, vislumbra-se uma nova potência que pode implicar uma educação do olhar (humano), que pode ser revolucionária por meio do cinema. Trata-se, nessa perspectiva, de um novo tipo, daquilo que Türcke (2010) denomina de choque imagético, que culmina na superação da compulsão à repetição que é um dos determinantes da reificação na modernidade por uma cultura visual que pode libertar o ser humano das malhas da igreja e do aguardente (Ibid., p. 254-255). Assim, igreja, aguardente e cinema apresentam-se como

[...] um dos três é apenas ele próprio e nunca um dos outros dois e, contudo, cada um deles é também o poder total, indiviso e concentrado de distrair, divertir e entreter. É nesse aspecto que Trótski identifica a grande chance do cinema. Entretanto, neste momento, não há mais analogia com a trindade cristã em virtude de uma súbita e diabólica intenção oculta: o cinema só é melhor que a aguardente e a religião, conquanto ele se transforme na melhor aguardente e na melhor religião. Quando Marx cunhou a expressão "ópio do povo" isso ressoou da seguinte forma: quando as relações miseráveis fossem transformadas, ninguém mais teria necessidade de se drogar. A vida seria prazerosa e livre, livre também das drogas, pois elas são meros sucedâneos da felicidade. Uma tal liberdade já não é mais prometida pelo político socialista real Trótski, uma vez que ele a substitui por um credo antropológico: "A necessidade de o ser humano ter contato com o teatral, ou seja, para ver e ouvir algo que o conduza para o incomum, para o deslumbrante, para fora da monotonia da vida, é enorme, insaciável e se faz presente desde a infância até a velhice". Igreja, botequim e cinema oferecem isso de diversas formas, mas eles o fazem neste mundo. (Idem)

No entanto, tal concepção redentora do cinema nega que, por meio dele, também decorre um determinado tipo de choque imagético que implica uma nova compulsão à repetição anterior da ordem do sagrado presente na experiência com a igreja e que se atualiza a partir da modernidade como da ordem do sagrado, mas que, desde então, se vincula “[...] até nas vísceras de cada sensação absoluta que o choque imagético administra” (Ibid., p. 255). Nesse sentido, o equívoco de Trótski redundava na junção aguardente e cinema para que

[...] num propósito propagandístico, sem o menor escrúpulo (de modo que também a propaganda "correta" pode ser lavagem cerebral), sem a menor preocupação se a necessidade do deslumbrante é condição humana ou mera deformação moderna — por meio da religiosidade que se encontra em ambos, e faz isso com grande perícia. A tríade de sua fórmula é grosseira, mas extraordinariamente clara. Com um só golpe, transforma vício em fenômeno sensacional, a sensação é reconhecida como fenômeno viciador e ambos se tornam decifráveis como manifestações de um idêntico: do sagrado inflacionado por meio da técnica moderna. Isso se torna manifesto

eletronicamente no choque imagético e tecnicamente na destilação das drogas pesadas, de modo que a ingestão de drogas se revela como o equivalente da percepção de choques audiovisuais. (Idem).

O destilado, em sobreposição à cerveja e ao vinho, apresenta-se como recurso que promove um frenesi cuja consequência é imediata. É possível, nesse sentido, para Türrcke (2010), estabelecer aproximações entre a Revolução Industrial e o vício. Dessa forma, o destilado comparece como filho genuíno da Revolução Industrial, uma vez que “[...] na esfera do beber o destilado representa em termos de aceleração, redução do preço e maximização do efeito o equivalente àquilo que a cadeira de tear mecânica representa para a tecelagem” (Ibid., p. 255-256).

Retomando a reflexão acerca do cinema em Türrcke (2010), agora, a partir do diálogo estabelecido com Walter Benjamin, o filme apresenta-se como projétil e lugar de um choque imagético que instaura novas formas de educação do olhar por meio da aceleração, frenesi, entretenimento e diversão (Ibid., p. 256).

Para Benjamin, de acordo com Türrcke (2010), a arte exige concentração mental e as massas procuram distração que é o oposto da experiência e educação estética a partir desta concepção. Em contraposição à experiência estética e mesmo à distração, nota-se, nesse período, a predominância de uma ascese do tipo intramundana então absorvida pelo capitalista e imposta para o trabalhador sob os fundamentos de determinadas correntes do protestantismo. Assim, a oposição política tão revolucionária com focos de excitação incontrolável (como no carnaval) é ambivalentemente reacionária do proletariado, culminando em sofrimento infligido contra si mesmo como autodestruição, na dependência de bebidas alcoólicas, no endividamento e no abandono (Ibid., p. 260-261).

É importante dizer que Türrcke (2010) identifica equívocos de Benjamin em relação à absorção produtiva e revolucionária a partir dos choques fílmicos. Nesse sentido,

O filme vem ao encontro dessa forma de recepção através de seu efeito de choque". Mas como? De acordo com o raciocínio de Benjamin, assim como todo tipo de percepção distraída da paisagem de uma construção se transforma em um hábito, tal percepção deve ser precisamente exercitada por meio dos choques fílmicos. Mas como isso é possível, se cada choque diz o seu próprio "olhe para cá"? [...] o filme distrai as massas de outra maneira: quando ele as reúne em grandes salas, de modo que as massas se tencionam e se fascinam diante das sequências de imagens emitidas pelo filme. [...]. O filme distrai aqueles que o assistem, no sentido de que eles se esquecem de suas necessidades pessoais no período de duração da fita excitante [...]. Mas a distração, que é obtida por meio do desviar sistemático, é totalmente diferente da distração que se tem através da adaptação a um ambiente que permanece sempre igual. Benjamin confundiu ambos os momentos como se os choques fílmicos, que são

permanentemente alternados, pudessem engendrar uma forma tranquila de percepção distraída, como se eles pudessem produzir uma construção na qual se confiasse. Isso significa o mesmo que exigir que a criança durma enquanto nela se fazem cócegas ininterruptamente, em vez de niná-la por meio de uma canção calma e de um balançar compassado. (Ibid., p. 262-263).

De todo modo, trata-se, a partir dos pressupostos da sociedade administrada⁴⁶, da regulação do tempo livre em que o cinema, ambivalentemente, é um dos seus recursos. Nenhuma instituição social ficou de fora do bojo do projeto maior de dominação da burguesia. No entanto, o cinema, entre outras produções artísticas, transcendeu ao lugar de dominação da classe dominada. Neste mister, a própria burguesia sucumbiu à distração (Ibid., p. 263).

Portanto, trata-se da distração, mas de uma distração, contraditoriamente, concentrada. Um tipo específico de distração que seja direcionada para a realização de determinados interesses de dominação. Assim,

Todos precisam de distração. A distração mais tranquila é o sono, no qual o organismo ajusta totalmente o seu autocontrole desperto e objetivo que foi denominado "eu". O deixar-se impulsionar físico ou mental, o estado de relaxamento distraído é, visto dessa forma, como uma forma preliminar de sono, na qual o "trabalho" regressou no sono, o que significa que nunca cessa totalmente o processamento do que fora vivenciado no estado de vigília. Mas o trabalho é reduzido a um mínimo. Porém, a formação social moderna interveio no ritmo natural de produção da tensão — e de sua redução —, da concentração e da distração, de uma maneira inaudita. A produção em massa capitalista não apenas trouxe consigo a jornada de trabalho e tornou independentes as fases do trabalho e do descanso das fases do dia e da noite, como também penetrou no tempo livre ao regulá-lo. [...]. Assim como outrora a fotografia concentrou, num único ponto, a litografia, o panorama, a exibição nas feiras, e os filmes consubstanciaram os espetáculos de massa em si e os transformaram em imagens sequenciais claras, velozes e impactantes, da mesma forma todas as sensações se tornaram legíveis na imprensa e nos escritos sensacionalistas. (Ibid., p. 263-264).

Para além da distração, pode-se pensar a experiência fílmica ambivalentemente como um lugar de possibilidade de reflexão acerca da temática do uso de substâncias psicoativas em diversos prismas. Podem ser citados, a título de exemplos, filmes como *Trainspotting*, *Réquiem para um sonho*, *Bicho de sete cabeças* e *Cortina de fumaça*. Cada qual, a sua maneira, desvela uma constelação ampliada de elementos oriundos dos limites e contradições psicossociais em uma perspectiva contra hegemônica da cultura audiovisual imposta pela indústria cultural sobre o uso de substâncias psicoativas.

⁴⁶ Reitera-se aqui novamente que se considera a sociedade excitada como uma das dimensões da sociedade administrada.

Trainspotting, lançado em 16 de agosto de 1996, cuja direção é de Danny Boyle, foi filmado no Reino Unido. Trata-se de uma adaptação da obra literária homônima de Irvine Welsh. O filme aborda a temática do uso de drogas na cidade de Edimburgo, sob o prisma do capitalismo tardio no início dos anos de 1990. A trama inicia demonstrando elementos da aceleração de uma vida vazia de sentido e significado, a partir da perspectiva do personagem principal Mark Renton com suas estratégias de superar a dependência em heroína, a qual tem repercussões em suas relações e convivência com amigos e familiares.

Esse filme apresenta a juventude escocesa (mas poderia ser a juventude de qualquer nação capitalista, guardadas suas especificidades) atolada na dependência como uma forma de existir. A dependência de heroína e outras drogas, assim como modos de viver são expostos como contraponto ao vazio existencial inerente ao capitalismo tardio, mas que, ao mesmo tempo, mostra suas consequências deletérias.

Diante da tensão entre o particular e o universal, *Trainspotting* explicita o fenômeno da aceleração da vida no atual momento histórico como poucos filmes, a partir da vida de Mark Renton, seus familiares e amigos, retratando uma imagem nua e crua do momento de desamparo e desesperança nos idos dos anos de 1990 sob as bases do capitalismo tardio.

Réquiem para um sonho (no original *Requiem for a Dream*), lançado em 2 de novembro de 2001 e com direção de Darren Aronofsky, foi filmado nos Estados Unidos da América. O filme apresenta como tema as expectativas de felicidade prometidas pelos padrões estereotipados do capitalismo tardio, seja na vida conjugal, laboral, assim como nas promessas feitas pela televisão para a fama e o sucesso.

A trama tem início com presença dos jovens Harry Goldfarb e Marion Silver perspectivando o futuro perfeito de felicidade prometido pela indústria cultural. Ao mesmo tempo, a mãe de Harry (Sara Goldfarb), em sua subsunção profunda de um estado de quase absoluta reificação exercida pela indústria cultural, luta para entrar em um vestido após receber o convite para participar de seu programa de televisão preferido intitulado de *Tappy Tibbons Show*.

Harry e Marion, ambos viciados em heroína, lutam para sobreviver e Harry frequentemente penhora a televisão de sua mãe para continuar existindo subsumido ao vício. Enquanto isso, sua mãe (Sara), viciada em televisão e no programa *Tappy Tibbons Show*, quer a todo custo entrar no vestido. Para tanto, a partir de uma receita médica, passa a fazer uso de anfetaminas para emagrecer e torna-se, progressivamente, viciada nesse medicamento.

Bicho de Sete Cabeças, lançado em 22 de junho de 2001 e com direção de Laís Bodansky, foi filmado no Brasil. Trata-se de uma adaptação de uma história real fundamentada no livro autobiográfico de Austregésilo Carrano Bueno, intitulado de *Canto dos Malditos*. O filme apresenta como tema a hipocrisia de uma sociedade que condena o uso de drogas classificadas como ilícitas e explícita, como poucos, a tragédia do modelo manicomial hospitalocêntrico para pessoas com os mais diversos transtornos mentais, bem como dos dependentes de substâncias psicoativas.

A trama inicia com a apresentação do relacionamento conturbado entre Neto e seu pai Wilson. Mesmo a mãe de Neto, e esposa de Wilson, sendo uma tabagista inveterada, quando Wilson encontra nas coisas do filho papelotes para fazer cigarro de maconha o interna em um manicômio contra sua vontade. As consequências para Neto, nessas condições, são as mais funestas possíveis até que ele consegue sair deste regime de tratamento no qual muitos prejuízos (muito maiores que o uso de drogas) lhe são trazidos.

Cortina de Fumaça, lançado em 2010 e com direção de Rodrigo Mac Niven, foi filmado no Brasil, Reino Unido, Suíça, Holanda, Espanha, Estados Unidos da América e Argentina. Trata-se de um documentário que coloca em debate a política mundial de drogas vigente.

Com tal intento, busca estabelecer o embate com diversos preconceitos e concepções acerca da uso de substâncias psicoativas a partir do diálogo com profissionais de saúde, pesquisadores, advogados, pessoas ligadas à administração pública em diversos cargos (policiais, delegados, diplomatas, secretários, entre outros cargos), ativistas e representantes de movimentos civis.

No documentário, o jornalista Rodrigo Mac Niven apresenta uma visão, que para a maioria da população é nova, esfumaçada em nome da política sobre drogas vigente de forma hegemônica no mundo. Trata-se da política proibicionista das drogas que é colocada em cheque pelo documentário no qual são demonstradas todas as suas consequências hediondas desde seu advento até os dias atuais.

Com base nas temáticas de cada um dos quatro filmes acima, pode-se observar o potencial do cinema para mobilizar o aprofundamento da problemática da drogadição e de seu desenvolvimento histórico. No próximo tópico deste capítulo, busca-se compreender a gênese da política proibicionista das drogas e o seu desenvolvimento como movimento que aprofunda radicalmente os discursos e práticas para o aperfeiçoamento das tecnologias sociais da exclusão.

3.2. O proibicionismo das drogas e seu desenvolvimento histórico

A partir do tópico anterior, considerando a longa história da humanidade no planeta, o lugar das drogas como problema no que tange à dimensão social mais ampla é muito recente. Assim, parafraseando Marx, a história se repete primeiro como tragédia e depois como farsa (MARX, 2011, p. 25). Isso porque, desde o final do século XIX e início do século XX, o mundo tem revivido o surgimento de uma “Nova Inquisição”. Não se trata agora da eliminação por meio da fogueira Santa da Inquisição dos hereges e sua “purificação”, mas dos indivíduos que não se apresentam bem ajustados às necessidades oriundas do universo objetivo e subjetivo vinculadas à lógica do capital, que, diante da condição humana do mal-estar na cultura, são obnubiladas em grande medida a sua economia psíquica libidinal para o uso prejudicial e constante de substâncias psicoativas.

Considerando a longa história dos seres humanos no planeta, a problemática do uso de drogas só adquiriu escala mundial nos três últimos séculos, sendo, portanto, muito recente. Um dos primeiros registros históricos, nessa direção, está vinculado à Guerra do Ópio entre Inglaterra e China. A Guerra do Ópio foi motivada pela imposição de interesses imperialistas ingleses sobre a China – em prejuízo de agravos de saúde à população chinesa por meio da expansão do comércio do ópio – como meio de ampliação de mercados e de caráter compensatório dos prejuízos nas relações comerciais com a China, que comercializava mercadorias com maior valor agregado, como chás, sedas e porcelanas, com a Inglaterra (HOBBSBAWM, 2015).

Como foi visto no tópico anterior deste capítulo, houve uma disputa e mesmo confusão conceitual e linguística importante no que concerne ao fenômeno do uso de substâncias psicoativas como problema social. A origem deste processo está no uso indevido do termo *narcotics*, que foi estigmatizador da condição do uso de substâncias psicoativas e um dos propulsores para o acirramento da ulterior política proibicionista das drogas. Dessa forma,

Quer dizer, adaptou-se o sentido original do verbete às intenções dos grupos políticos dominantes da época, de forma que, a partir de então, *narcotics* tornou-se sinônimo de droga ilícita, não importando os efeitos que viessem a desencadear no usuário (MORAES; BARRETO NETO, 2014, p. 4).

Conforme Escohotado (1998) demonstra, a partir destes propósitos dos grupos políticos dominantes, a natureza farmacológica das substâncias psicoativas foi

desconsiderada em nome da categorização política e jurídica em drogas ilícitas e lícitas. Como não foram construídos critérios farmacológicos que justificassem qualquer nível de interdição do uso social e mesmo individual de determinadas substâncias, inverteu-se a lógica para sobrepor o aspecto farmacológico do uso destas substâncias ao viés político e jurídico normativo. Assim,

Sin embargo, la imposibilidad de hallar criterios químicos y fisiológicos pone de relieve hasta qué punto algo puede no ser lo que parece. Aunque a principios de siglo se dijo que el régimen jurídico de ciertas sustancias era una función de su naturaleza farmacológica, el mero transcurso del tiempo se ha encargado de mostrar que la naturaleza farmacológica es una función de su régimen jurídico. Durante los años veinte la ley prohibía en Estados Unidos la difusión libre del opio, la morfina, la cocaína y el alcohol, siendo indiferentes para el derecho penal las demás drogas psicoactivas. Hoy están prohibidas un millar de sustancias, y aunque el alcohol ha dejado de ser una de ellas es evidente que no preocupan unos productos u otros; ya de modo expreso, el principio de que lo no expresamente prohibido está autorizado dejó de regir en Estados Unidos desde La reciente *Designer Drugs Act*, por la cual todo psicofármaco no autorizado previamente debe entenderse inmerso en el mismo régimen de prohibición que los ilegales.⁴⁷(ESCOHOTADO, 1998, p. 10)

Em observância aos critérios científicos, racionais e críticos, deveriam ser construídos critérios para a significação do vocábulo *droga* aos seus efeitos neuroquímicos diante de seu uso pelos seres humanos e, mais do que isso, dos propósitos buscados pelos usuários nas diferentes situações de uso. Nesse sentido, os efeitos e os propósitos do uso de substâncias psicoativas denotam um critério racional e ao mesmo tempo com potencial crítico da compreensão do uso de drogas sobre os conceitos, ideologicamente produzidos no cerne do arcabouço político e jurídico-normativo, denominados de drogas lícitas e ilícitas. Portanto,

[...] o conceito de droga ora esboçado dá destaque à substância, sua forma de ação e contextos de uso. E não às balizas segundo as quais os órgãos políticos valoram a prática do consumo individual em dados lugar e época (MORAES; BARRETO NETO, 2014, p. 9).

⁴⁷ Tradução: No entanto, a impossibilidade de encontrar critérios químicos e fisiológicos destaca até que ponto algo pode não ser o que parece. Embora o status legal de certas substâncias fosse considerado uma função de sua natureza farmacológica na virada do século, a mera passagem do tempo foi responsável por mostrar que a natureza farmacológica é uma função de seu regime legal. Durante a década de 1920, a lei proibiu a livre difusão de ópio, morfina, cocaína e álcool nos Estados Unidos, enquanto outras drogas psicoativas eram indiferentes ao direito penal. Hoje, mil substâncias são proibidas e, embora o álcool não seja mais uma delas, é evidente que alguns produtos ou outros não nos interessam; já expressamente, o princípio de que o que não é expressamente proibido está autorizado deixou de se aplicar nos Estados Unidos desde a recente Lei de Drogas para Desenhistas, pela qual qualquer droga psicotrópica anteriormente não autorizada deve ser imersa no mesmo regime de proibição que as ilegais.

Dessa forma, compreender o processo histórico relacionado ao uso de substâncias psicoativas é *conditio sine qua non* para se compreender a relação do humano com as substâncias psicoativas desde sua gênese até o momento histórico atual. Tal compreensão é fundamental para se refletir sobre como a prática social e individual do uso de drogas foi e é alvo das estigmatizações sociais, morais e jurídico-normativas ainda no presente momento histórico. Assim,

Acompanhar o perfil histórico do uso de drogas e da sua proibição demonstrará os fatores jurídicos e socioinstitucionais que entraram em jogo quando do desiderato político de coibir sistematicamente o consumo pessoal, em praticamente todas as nações do globo (Ibid., p. 11).

É a partir do século XVII que tem início a produção de conhecimento científico associada à dinâmica da fisiologia e morfologia do corpo humano, por meio do papel destacado neste interim que a medicina ocidental e a biomedicina ganham paulatinamente. A partir desse momento, se estabelece a ruptura quase total entre os saberes científicos relacionados às drogas no que concerne à sua farmacologia, efeitos sobre o nosso organismo, em contraposição aos saberes populares tão difundidos até aquele momento.

Mas, foi no final do século XVIII, com o advento do capitalismo liberal e da sociedade proletária consumidora, que se nota um expressivo aumento da preocupação do Estado em regular o uso individual de drogas. Principalmente, em razão do interesse em disciplinar a vida dos indivíduos mesmo nas esferas mais íntimas, sendo esta a origem da política contemporânea sobre drogas (Ibid., p. 12).

Diante das necessidades impingidas pelo advento do capitalismo liberal, o uso de drogas adquiriu, ideologicamente, conotações de condenação moral e religiosa que associavam a estados de suposta ascensão a “paraísos artificiais”, o que foi considerado uma transgressão e mesmo blasfêmia do ponto de vista da moral católica e puritana hegemônica.

Além disso, as sensações vividas pelas pessoas que usavam drogas rompiam com os padrões aceitáveis da moral e costumes padronizados e exigidos naquele momento histórico pela sociedade. Assim, em pouco tempo, o uso de substâncias psicoativas tornou-se alvo de censura oriunda de diversas instituições, alcançando a esfera estatal, com a finalidade de interditar qualquer manifestação humana que se desviasse do bom ajustamento à ordem existente. É importante dizer que,

[...] àquela época, não eram conhecidos ao certo as consequências e os efeitos fisiológicos e psíquicos derivados do uso de drogas. E isto criava uma áurea de mistério e insegurança quanto à prática, levando à sua estigmatização e condenação. No mesmo período, a medicina, a biomedicina e a microbiologia passam a ser alvo de normatização e padronização. São inseridos os conceitos de “desvios”, “incoerências” e “excessos”, que representam estados patológicos do funcionamento do corpo (LOCK; NGUYEN, 2010). Os comportamentos relacionados com o uso de drogas são taxados, então, de “desvios de normalidade” e passam a receber tratamento médico (SEDDON, 2010). Neste momento, a biomedicina se torna o campo técnico responsável pela regulamentação do consumo de drogas. (Ibid., p. 12-13).

Diante desse processo, a ampliação crescente do uso de drogas, que esteve de fato vinculado a problemas psicossociais e de saúde pública oriundos do uso prejudicial, foi fundamental para que diversas instituições pressionassem o Estado na direção da formulação de um conjunto de políticas públicas que contivesse os males ocasionados pelo uso dessas substâncias. Trata-se de um momento histórico em que também o higienismo e o sanitarismo ganharam amplo destaque e aprofundamento como *locus* das ideias e ideologias relacionadas às políticas públicas estatais no campo da saúde (Ibid., p. 13).

Naturalmente, os juízos morais também exerceram forte influência sobre a percepção sociopolítica do uso de drogas, designadamente os julgamentos morais levados a efeito pelas instituições religiosas dominantes. Tradicionalmente contrário às drogas, em virtude de sua associação com cultos ritualísticos pagãos e por conta das sensações de prazer físico geradas, o cristianismo engrossou a voz de condenação ao consumo de substâncias com propriedades psicoativas. Na virada do século XIX para o século XX, o uso de drogas foi demonizado pela Igreja e considerado causa de comportamentos violentos nos consumidores (RIBEIRO; RIBEIRO, 2014). Na esfera social, o repúdio moral às drogas foi patrocinado pelas classes pertencentes aos escalões mais altos. Os episódios de uso de substâncias químicas pelos escravos em seus ritos culturais tradicionais foram vistos como manifestações de lascívia, violência e descontrole. E, portanto, rapidamente rechaçados pela cultura do homem branco colonizador, que, ainda, viu-se ameaçado pela alteração de ânimo dos escravos após a ingestão de drogas (MORAES; BARRETO NETO, 2014, p. 13-14).

No que concerne à particularidade histórica do capitalismo, o uso de substâncias psicoativas feito pelas classes sociais mais subalternizadas em subestratos de negros, imigrantes e operariado em determinados momentos foi estereotipado como movimentos impulsionadores da desordem, do caos e de afetação ao ajustamento social esperado da vida orientada pela lógica produtivista. Diante deste risco, a burguesia se organizou a partir de ações isoladas e até invisíveis para, posteriormente, levadas para prática estatal controladora da vida, eliminar os riscos de ruptura do *status quo* que gozava (Ibid., p. 14).

Dessa forma, esse cenário complexo, contraditório e multifacetado por determinações associadas às dimensões políticas, econômicas, religiosas, éticas, estéticas e sociais, foi fundamental para a formulação de mecanismos de intervenção estatal relacionados ao uso individual e social de drogas com caráter restritivo e regulador (Idem).

Sob a perspectiva de Pinto (2012), uma nova política sobre drogas, de caráter restritivo e regulador, teve seu núcleo irradiado para outras esferas da vida social por meio do elemento religioso tradicional que

[...] considera que as substâncias psicoativas proporcionam um paraíso artificial e, por isso mesmo, condenável, das tensões sociais decorrentes do rápido processo de proletarização e industrialização com aparição de grandes concentrações urbanas (sendo que o uso de drogas começa a simbolizar a medida de desvio de determinados grupos sobre os quais existe um esforço de controlo), através da profissionalização da medicina e da farmacologia (que conduz ao aumento do controlo das ações individuais sobre o uso de substâncias psicoativas), da transição para o governo liberal (que implementou estratégias de normalização dos cidadãos, cujo carácter “defeituoso” os impedia de cumprir as suas obrigações sociais) e do conflito entre a China e a Inglaterra a propósito do ópio (que culminou com uma aliança anglo-francesa, conseguida através das guerras do ópio em meados do século XVIII, o que fez com que a China aceitasse o livre comércio do ópio, convertendo-a num imenso mercado de ópio com milhões de consumidores, influenciando um sistema internacional de controlo de drogas) (SHERRATT, 1995; ESCOHOTADO, 1998; ROMANÍ, 1999; SEDDON, 2010 apud PINTO, 2012, p. 19).

Em relação ao primeiro marco regulatório estatal que se tem notícia para o controle do uso de substâncias psicoativas, este foi formulado no Reino Unido em 1868 e ficou conhecido como Ato de Farmácia. Tal marco regulatório foi constituído com o intuito de normatizar o uso individual de drogas por meio do controle estatal e que regulava a venda de determinadas substâncias, colocando sob a chancela dos médicos quais fármacos poderiam ser utilizados com propósitos terapêuticos e quais seriam de uso restrito (MORAES; BARRETO NETO, 2014).

Ao longo do século XX, a humanidade propaga uma nova política de normalização e normatização da vida humana ulteriormente denominada de proibicionismo das drogas. Em relação aos marcos regulatórios, outro marco jurídico normativo importante concernente às políticas de regulamentação estatal do uso de drogas foi a Lei Seca nos EUA, no início do século XX. Sobre a Lei Seca, é importante compreender que

Na emergente sociedade estadunidense do final do século XIX, o discurso moral de condenação ao uso de drogas foi mais consistente, fundamentado

em iniciativas teóricas e políticas de proibição, cujos germes podem ser atribuídos às igrejas cristãs (católicas e protestantes) da época. O excessivo consumo de álcool em *saloons* e bares, associado a práticas de prostituição, vadiagem, jogos de azar e, ocasionalmente, brigas violentas, contrariava as bases puritanas daquele povo, provocando a desaprovação das classes sociais mais moralistas – que eram também as mais influentes –, representadas pelos religiosos e aristocratas (MUSTO, 1987). A partir de então, não demorou que a sociedade civil se organizasse em instituições e associações de combate ao uso de álcool e outras drogas, tanto em âmbito local – com a criação de ligas e uniões de cidadãos e vizinhanças – quanto em âmbito nacional – por intermédio de novos partidos políticos, fóruns universitários e veículos de comunicação de expressão contrária às drogas. [...]. A luta contra as drogas logrou, então, reunir os ingredientes necessários a tornar-se um modelo estatal institucionalizado, com o apoio dos estratos dominantes e detentores de capital, amparados por ideologia sedimentada, respaldada por fundamentos teóricos e absorvida moralmente como uma afronta à paz social. O próximo passo seria a criação de instrumentos legais de repressão, o que veio a acontecer em 1906, com a edição de duas leis que proscriviam o uso indiscriminado de ópio e obrigavam o detalhamento da composição química dos medicamentos. O movimento atingiria seu ápice em 1920, com a entrada em vigor da 18ª Emenda à Constituição dos Estados Unidos da América, também conhecida como *Volstead Act*, ato responsável pela famigerada Lei Seca, que proibiu nacionalmente o comércio, fabricação, importação, exportação e transporte de bebidas alcoólicas nos Estados Unidos durante treze anos (MUSTO, 1987 apud MORAES; BARRETO NETO, 2014, p. 15-16).

No entanto, é importante compreender que, com o surgimento da então crise de 1929 nos Estados Unidos e outras determinações sociais, a comercialização de bebidas alcóolicas volta a ser permitida, pois se tratava de um grande lastro tributário para o Estado (D'ELIA FILHO, 2007).

Após a derrocada do proibicionismo do uso de bebidas alcóolicas nos EUA com o retorno ao campo da legalidade do seu consumo, a distinção entre drogas lícitas e ilícitas passa para um novo modelo inaugurado pela política de “Guerra às Drogas” de Nixon e aprofundada por Reagan na gênese da fase neoliberal do capitalismo. Tal política foi culturalmente mundializada e se perpetua até o momento histórico atual como política mundial hegemônica de regulação do uso individual e social de drogas.

Sob o descortinar das penumbras explicitadas pela “Guerra às Drogas”, essa se tornou, na realidade, uma guerra contra seres humanos – especialmente contra as classes subalternizadas com o propósito de dar visibilidade contra os inimigos comuns a serem derrotados.

Nesse sentido, o proibicionismo tem se constituído como uma macropolítica estatal em nível mundial que foi imposta inicialmente no século XIX na Inglaterra e aperfeiçoada no século XX pelos Estados Unidos da América. Isso se deu com o intuito de não permitir a produção, circulação, distribuição e consumo de determinadas drogas

cujo mercado fica submetido aos ditames e liames da legalidade (FERNANDES E FUZINATTO, 2012, p. 2).

Nesse sentido, cabe reiterar que é a partir do século XX que a política proibicionista das drogas aprofunda ainda mais seus vínculos com ideais puritanos, imperialistas e de mercado, os quais se amalgamam com a área da saúde pública estatal.

E foi assim, com berço em tais raízes históricas estadunidenses, que o proibicionismo, como modelo sociopolíticoideológico que orientou (e ainda orienta) o tratamento oficial e extraoficial conferido pelas instâncias formais do Estado e pela comunidade como um todo de combate e repúdio ao uso individual de drogas psicotrópicas, foi delineado (MORAES; BARRETO NETO, 2014, p. 16).

A finalidade principal das instituições sociais que fomentaram o proibicionismo era disseminar (a partir dos mecanismos ideológicos de dominação, como a indústria cultural) a estereotipia progressiva da demonização das drogas e das pessoas como “zumbis”. Isso porque, após o encontro fatídico delas com tais substâncias, nada podiam discernir ou responder por seus atos, justificando as intervenções autoritárias do Estado (D’ELIA FILHO, 2007).

Durante os séculos XX e XXI, o aprofundamento da política proibicionista das drogas estabelece a normalização na área da saúde rotulada por ela como grande mal comum da humanidade a ser combatido, que elimina vidas, destrói as famílias, entre outras consequências hediondas exibidas por meio de imagens estáticas e dinâmicas (no cinema e fora dele). Essas imagens estão frequentemente associadas a temas comuns ao gênero fílmico de terror e de guerras civis, anunciando um caos que precisa ser ferozmente combatido.

Como foi visto nos capítulos anteriores, todo esse processo de ideologização do uso de drogas foi muito bem organizado pelos roteiristas que buscam, por todos os meios possíveis, impor a padronização dos seres humanos por meio de mecanismos ideológicos de dominação produzidos pela indústria cultural.

No entanto, com o desvelamento e compreensão dos propósitos de dominação classista do proibicionismo que se apresenta muito maior que a estereotipia das drogas estabelecidas pela indústria cultural, depreende-se que a primeira proibição social explícita do uso de drogas

[...] ocorreu em 1909 por meio da Comissão de Xangai. Rodrigues aponta que a Comissão de Xangai vinha para elaborar “restrições à livre produção,

venda e consumo de drogas estimulantes, como a cocaína, e narcóticos, como os opiáceos (ópio, morfina, heroína)” [...] proibindo o uso do ópio fumado. O ópio fumado é a forma menos nociva da utilização do ópio, o que no início já apontava seus interesses: Com as imigrações, os chineses se tornaram concorrentes diretos dos americanos no mercado de trabalho, assim a proibição do ópio teve o intuito de criminalizar chineses, que traziam o hábito de fumar ópio de seu país de origem (FERNANDES; FUZINATTO, 2012, p. 2).

A partir do marco político e jurídico-normativo explicitado acima, nota-se que o proibicionismo estabeleceu totalitariamente a estigmatização de pessoas para que se tornassem meramente bem ajustadas ao existente. Ainda estabeleceu um projeto amplo xenofóbico, inclusive de negação e eliminação das formas de existir de minorias fundadas em um individualismo etnocêntrico estabelecido pela lógica capitalista.

Essa cisão das substâncias consideradas seguras (convencionadas como drogas lícitas) das substâncias consideradas perigosas (convencionadas como drogas ilícitas) gerou uma falsa condição em que as substâncias ilícitas poderiam ser de fato prejudiciais. Assim, durante o século XX, as bebidas alcoólicas, o tabaco e os medicamentos foram dissociados misteriosamente do rol de substâncias danosas para a humanidade.

Em contraposição, as substâncias convencionadas como perigosas e convertidas ao lugar da ilicitude são frequentemente expostas a um bombardeio de cenas imagéticas aos olhos humanos que espetacularizam os prejuízos causados por elas. A maconha, a cocaína, o *crack*, o ópio, a heroína, entre outras substâncias psicoativas, são frequentemente “bombardeadas” pela lógica da política proibicionista com seu lema de “Guerra às Drogas”.

Diante dessa cisão entre drogas lícitas e ilícitas, a definição de “drogas” foi reificada como o vocábulo que separa, no limite, as substâncias que deixaram de ser potencialmente prejudiciais à vida, como bebidas alcoólicas, tabaco e medicamentos. Sobre este falseamento típico da ideologia que orienta e fundamenta as bases do proibicionismo, é importante destacar que cerca de 92% dos dependentes de drogas são exatamente dessas substâncias tidas como “seguras em si”, o que corrobora um falseamento da problemática da drogadição e das contradições insolúveis inerentes à lógica do capital fundamentada em outros fins relacionados aos ditames do mercado, religiosos e imperialistas (VERONA et al., 2010).

O proibicionismo ganha terreno nos diferentes contextos sociais e momentos históricos diante de múltiplas determinações psicossociais. No caso brasileiro, desde a ascensão do atual governo federal e de muitos governos estaduais, juntamente com o predomínio de um parlamento que é uma síntese lógica e histórica do nível de

embrutecimento e ignorância da sociedade brasileira em geral, a mais recente pesquisa realizada pela Fiocruz (Fundação Instituto Oswaldo Cruz) apresenta dados bastante reveladores. Então, a partir de um levantamento nacional sobre o uso de drogas no Brasil, esse se contrapõe às hipóteses da lógica manicomial, asilar e hospitalocêntrica, o qual ganhou força com o cenário de ignorância e obscurecimento da ciência arquitetada por muitos políticos eleitos de distintos segmentos sociais reacionários e, inclusive, pelo atual presidente da República⁴⁸ (BASTOS et al., 2017).

O Levantamento, em seu início, já aponta que não são as drogas consideradas ilícitas que são o pior problema de saúde pública do país, visto que

As estimativas referentes à carga de doença, divulgadas pelo *Institute for Health Metrics and Evaluation*, vêm apontando que o uso de álcool ou outras substâncias estão entre os principais fatores de risco para morte e incapacidade no Brasil. Esta estimativa coloca o III Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira (III LNUD) no centro da missão institucional da FIOCRUZ, qual seja: “*Produzir, disseminar e compartilhar conhecimentos e tecnologias voltados para o fortalecimento e a consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS) e que contribuam para a promoção da saúde e da qualidade de vida da população brasileira, para a redução das desigualdades sociais e para a dinâmica nacional de inovação, tendo a defesa do direito à saúde e da cidadania ampla como valores centrais.*” (BASTOS et al., 2018, p. 5).

O III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira foi realizado no período de maio a outubro de 2015. Durante o estudo, os pesquisadores entrevistaram aproximadamente 17 mil pessoas na faixa etária dos 12 aos 65 anos, em todo o território nacional, com o intuito de construir estimativas acerca dos critérios epidemiológicos sobre o uso de drogas no Brasil. Além da Fiocruz, outras instituições colaboraram com a pesquisa, tais como: Instituto Nacional de Câncer (Inca), Universidade de Princeton, nos EUA, e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Essa pesquisa realizada pela Fiocruz trata-se do levantamento mais amplo e detalhado já realizado no Brasil concernente ao uso drogas. Inclusive, é a primeira vez que um estudo relativo ao uso de drogas no Brasil alcança escala nacional. Nesse sentido

⁴⁸ Houve, inclusive, censura da pesquisa da Fiocruz, que será apresentada a seguir, por parte do atual presidente da República e pelo então Ministro da Saúde. Tal censura tem a ver com um projeto de construção de uma política que privilegia o potencial de risco de determinadas drogas (as ainda ilícitas, especialmente o *crack*) e a adoção de políticas públicas estatais, não estatais asilares e autoritárias na intervenção e tratamento dos dependentes em Comunidades Terapêuticas Religiosas em regime de longa permanência inclusive com o maior aporte orçamentário do Estado brasileiro, neste campo específico, a partir da nova Política Nacional de Saúde Mental editada em 2019.

é um estudo com rigor estatístico de se estabelecer uma relação bastante precisa entre amostra e população total. Além disso, dada a estratificação da pesquisa, o estudo tem representatividade em municípios com pequenos contingentes populacionais e mesmo em zonas da ampla fronteira do Brasil (Idem).

Durante a pesquisa, as pessoas entrevistadas responderam a questões relativas ao uso, abuso e dependência de diferentes substâncias psicoativas, tais como: bebidas alcóolicas, tabaco, maconha, cocaína, solventes, heroína, crack, ecstasy, esteroides anabólicos, tranquilizantes benzodiazepínicos, sedativos barbitúricos, analgésicos opiáceos, estimulantes anfetamínicos, anticolinérgicos, LSD (ácido lisérgico), quetamina, chá de ayahuasca e drogas injetáveis. Outras questões foram relacionadas com a violência e seu possível vínculo com o uso prejudicial de substâncias psicoativas e como o usuário avalia o uso de drogas que ele faz. Além disso, foi levantado o que os entrevistados pensam acerca das políticas públicas desenvolvidas pelo Estado brasileiro relacionadas com a drogadição, questões sociodemográficas, bem como questões mais amplas sobre saúde.

Para apresentar uma relação estatisticamente relevante da amostra em relação à população brasileira de 12 a 65 anos, durante o Levantamento foi estabelecido o plano amostral a partir de parâmetros metodológicos similares aos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE. Isso contribuiu para diminuir eventuais distorções (desvio padrão) oriundas da diversidade cultural e das desigualdades sociais existentes no Brasil.

No que concerne aos dados mais preocupantes vinculados aos padrões de uso de drogas no Brasil, esses não estão associados às substâncias psicoativas ilícitas, mas às bebidas alcoólicas. Considerando a população brasileira na faixa etária dos 12 a 65 anos, mais da metade dessas pessoas declararam ter ingerido bebidas alcóolicas em algum momento da vida. Aproximadamente, 46 milhões (30,1%) declararam a ingestão de ao menos uma dose nos 30 dias pregressos à entrevista. E cerca de 2,3 milhões de indivíduos apresentaram critérios para dependência de álcool nos 12 meses pregressos à pesquisa (BASTOS et al., p. 7).

Além dessa dimensão da problemática do uso de bebidas alcóolicas, a relação entre o uso dessas bebidas e as diferentes formas de violência também foi abordada pela pesquisa, apresentando os seguintes resultados: o percentual de indivíduos que se envolveram em acidentes de trânsito enquanto estavam sob o efeito de uso de bebidas alcóolicas foi de 0,7%; cerca de 14% dos brasileiros do sexo masculino de 12 a 65 anos

dirigiram após uso de bebidas alcoólicas, no último ano antecedente à pesquisa. Quanto às brasileiras do sexo feminino, o resultado mostrou que a mesma situação da associação entre uso de bebidas alcóolicas e direção foi de 1,8% (Ibid., p. 150).

Outros dados importantes acerca do uso de bebidas alcoólicas são de que, aproximadamente, 4,4 milhões de indivíduos declararam ter entrado em discussões com outras pessoas após consumir bebidas alcóolicas nos 12 meses que antecederam à entrevista. Desse quantitativo, 1,5 milhões eram do sexo feminino e 2,9 milhões, do sexo masculino. Outro dado relevante apresentado pela pesquisa, no item “destruiu ou quebrou algo que não era seu” após o uso de bebidas alcóolicas, também foi estatisticamente relevante, com a maioria do sexo masculino (1,1%) ante 0,3% do sexo feminino (Ibid., p. 157).

Ainda referente às distintas formas de violência,

[...] diferenças relevantes e estatisticamente significativas, uma vez que sejam discriminadas as diferentes modalidades de agressão, com amplo predomínio de “ameaças de bater, empurrar...”, mas proporções preocupantes com ameaças com arma ou arma de fogo, eventos claramente extremos e associados a riscos e danos de forma evidente (como, aliás, se verifica no próprio gráfico, em que uma proporção substancialmente menor, mas não desprezível, foi espancada ou vítima de tentativa de estrangulamento [prevalência pontual 0,6%] ou foi esfaqueada e/ou levou tiro [0,3%]). O Gráfico 8.3.3 mostra que 1,3% da população de 12 a 65 anos refere ter sido vítima de alguma situação de violência onde o agressor estava sob efeito de álcool, 0,75% onde o agressor estava sob efeito de alguma droga e 0,72% onde o agressor estava sob efeito de álcool e drogas. (Ibid., p. 163).

Concernente ao uso de drogas ilícitas em geral, os dados deste último levantamento apontam que cerca de 3,2% dos entrevistados fizeram uso de drogas ilícitas nos 12 meses antecedentes à pesquisa. Isso equivale a 4,9 milhões de pessoas. Entre as pessoas da faixa etária jovem, 7,4% das pessoas entre 18 e 24 anos fizeram uso de substâncias ilícitas no ano antecedente ao levantamento (Ibid., p. 18).

A droga ilícita mais consumida no Brasil é a maconha, visto que 7,7% dos brasileiros de 12 a 65 anos fizeram uso, mesmo que tenha sido ao menos uma vez durante a vida. A segunda droga ilícita mais consumida é a cocaína na forma de pó, representando 3,1% dos usuários. Referente ao uso de crack, 1,4 milhão de brasileiros entre 12 e 65 anos disseram ter usado crack e substâncias psicoativas semelhantes pelo menos uma vez durante a vida. Esse dado corresponde a cerca de 0,9% da população do levantamento, com o predomínio do consumo maior entre pessoas do sexo masculino (1,4%) que

peessoas do sexo feminino (0,4%). Nos 12 meses que antecederam à pesquisa, 0,3% da população disseram ter feito uso de crack (Ibid., p. 14).

É importante mencionar que o relatório do levantamento afirma que esses resultados devem ser observados com cuidado, pois o recorte utilizado pela pesquisa foi a abordagem em domicílios. A abordagem em domicílios não é suficiente para encontrar as pessoas que fazem uso de crack e não se encontram em moradias fixas, em situação de rua ou mesmo em condições transitórias e ou permanentes, como os que vivem no sistema prisional ou em abrigos estatais ou não estatais. Esse dado evidencia o fenômeno apontado pelos pesquisadores sobre a pouca abrangência e quantidade de pessoas que faz o uso fixamente domiciliado se dá porque o uso do crack no Brasil ocorre, principalmente, nos espaços sociais. Assim,

A mesma falta de bom senso e lógica têm sido infelizmente aplicado à questão do crack, quando se confundem, de forma inadvertida, dados referentes a inquéritos domiciliares e dados referentes a cenas de uso, onde – como demonstrado por pesquisas anteriores do nosso grupo (disponíveis em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/10019>) – uma fração substancial de usuários entrevistados em uma amostra de mais de 7.000 entrevistados mantinha vínculos extremamente tênues com seus domicílios e famílias de origem, portanto, eram de difícil abordagem no contexto dos seus domicílios de origem, ou estavam em situação de rua, ou seja, eram absolutamente inabordáveis nos seus domicílios de referência, uma vez que estes inexistiam. Não é possível combinar, cotejar e contrastar dados de indivíduos inseridos em situações mutuamente excludentes. Esta evidência, entretanto, não tem impedido que diversas pessoas, dos meios de comunicação e do público em geral o façam, chegando à óbvia conclusão de que os achados não são coincidentes. Como eles são propositalmente distintos, qualquer coincidência eventual é meramente fortuita, e destituída de consistência e validade científica. A opção por abordar em determinados estudos a população geral, e, em outros, populações inseridas em contextos específicos é parte integral da natureza necessariamente complementar desses estudos (Ibid., p. 9-10).

Um outro dado que pode ser destacado no levantamento tem relação com o uso de tranquilizantes benzodiazepínicos e os analgésicos opiáceos. No último mês que antecedeu à pesquisa, os entrevistados relataram consumo sem prescrição médica ou em dosagem diferente daquela prescrita ou de modo diferente àquele recomendado pela prescrição médica, por cerca de 0,6% (sem prescrição) e 0,4% (com prescrição, mas sem segui-la rigorosamente) da população brasileira (Ibid., p. 99).

Concernente ao uso de tabaco, a pesquisa aponta uma redução progressiva do uso. No entanto, outros tipos de produtos fumígenos têm tido aumento em seu uso, como os narguilés e cigarros eletrônicos. Mesmo com essa redução, aproximadamente, a terça parte da população brasileira (33,5%) mencionou ter feito uso de tabaco ao menos uma

vez na vida. E, no último mês que antecedeu ao levantamento, 13,6% dos brasileiros declararam ter feito uso de tabaco, o que representa cerca de 20,8 milhões de indivíduos (Ibid., p. 89).

Sobre o potencial de risco do uso de determinadas drogas, de acordo com a pesquisa, os brasileiros apontam um maior risco em relação ao uso do crack, se comparado ao uso de bebidas alcóolicas. Cerca de 44,5% dos entrevistados afirmou que o crack é a droga que causa o maior número de mortes no país. Concernente ao uso de bebidas alcóolicas, cerca de 26,7% acredita que essas bebidas são a substância psicoativa mais prejudicial à saúde (Ibid., p. 294).

No entanto, as principais pesquisas relacionadas com a temática do potencial de risco das drogas, como, por exemplo, a pesquisa de cargas de doenças da Organização Mundial de Saúde, afirmam que não são as drogas ilícitas ou alguma droga ilícita, mas as bebidas alcóolicas como a substância psicoativa mais vinculada, seja diretamente, seja indiretamente, com múltiplos agravos à saúde e mesmo óbitos decorrentes desses agravos ou não (Ibid., 2018).

No que se refere ao caso do Brasil, no cenário da drogadição ainda existe o fenômeno das múltiplas dependências. Tal processo resulta no uso simultâneo de muitas substâncias psicoativas diferentes, o que aumenta os riscos e agravos à saúde individual e coletiva.

Mediante tais considerações sobre a atualidade do uso de drogas no Brasil, determinações centrais da lógica produtiva do capital orientam essas diferenciações e falseamento do real. No que tange especificamente aos interesses da lógica produtiva do capital, esses estão relacionados aos ditames das indústrias de bebidas alcoólicas, indústria do tabaco, indústria farmacêutica, indústria bélica e do crime organizado e seu amalgamento com os Estados-nação para fins de manutenção e aprofundamento do proibicionismo.

É importante ressaltar a existência de movimentos existentes oriundo da contradição inerente ao proibicionismo que tanto lhe são reforçadores ou lhe combatem. No caso brasileiro os movimentos que mais reforçam a lógica da política proibicionista das drogas são aqueles vinculados direta ou indiretamente aos segmentos religiosos reacionários e que ofertam o tratamento para os brasileiros em Comunidades Terapêuticas Religiosas e que tem apoio e ressonância com o atual governo federal, como aqui já foi

dito, de grande aporte orçamentário a partir de 2019 com a Nova Política Nacional Sobre Drogas⁴⁹ (BRASIL, 2019).

No tocante aos movimentos que são contrários a política proibicionista das drogas estes buscam trazer à tona os elementos de barbárie aqui já apresentados que são escamoteados por tal política de regulação e controle de uso de determinadas substâncias psicoativas. Pode-se se citar a título de exemplo de principal movimento contrário a política proibicionista das drogas no Brasil que é a Marcha da Maconha⁵⁰ que defende a regulamentação do uso medicinal, recreativo e de outros produtos oriundos da *Cannabis sativa*. O movimento tem se articulado a outros movimentos menores, pesquisadores e outros representantes da sociedade civil organizada para defender a regulamentação para além da Cannabis Sativa e em crítica e combate a política proibicionista das drogas (MORAES; BARRETO NETO, 2014).

Os principais argumentos dos movimentos e indivíduos que defendem a regulamentação de algumas ou de todas as substâncias psicoativas atualmente consideradas ilícitas podem ser assim sintetizados: a taxação de impostos sobre a produção, circulação, distribuição e consumo destas substâncias; a criação de locais regulamentados pelo Estado para o uso destas substâncias; o controle estatal da produção e da qualidade das substâncias psicoativas produzidas; o fomento tributário dada a taxação de impostos aos sistemas de saúde para as pessoas que eventualmente se tornem dependentes; o fim ou a quase extinção do crime organizado associado ao mercado das substâncias psicoativas atualmente ilícitas; a mudança de concepção social estereotipada da pessoa que faz uso das substâncias atualmente consideradas ilícitas e até da liberdade de escolha pelo uso ou não destas substâncias atualmente consideradas ilícitas.

No entanto, advêm processos muito bem elaborados oriundos da lógica da sociedade administrada inerentes ao seu procedimento de razão que ideologiza a vida e impele um movimento para a consecução do autoritarismo higienista e sanitário na área da saúde pública para a sua falsa solução como pode ser visto, por exemplo, no decreto

⁴⁹ Trata-se do Decreto nº 9.761 de 11 de abril de 2019.

⁵⁰ O movimento social iniciou nos Estados Unidos em 1990 e atualmente ocorre em mais de 300 países do mundo. Atualmente ocorre em cerca de 40 cidades do Brasil. O movimento tem ampliado para além da regulamentação do uso da maconha e em defesa da regulamentação de outras substâncias psicoativas ainda ilícitas em contraposição a atual política proibicionista das drogas no Brasil e no mundo.

de nº 9.761/2019⁵¹. E isso aprofunda ainda mais o sofrimento humano, pois estabelece um véu nas condições psicossociais de dominação (NERY FILHO, 2009). Desse modo,

[...] na publicidade de prevenção acerca do usuário e do contexto, considera-se que, no primeiro caso, são reforçadas as imagens de perdedor, delinquente ou enfermo que aparecem de forma exclusiva ou combinada. No limite, exacerba-se o caráter ilícito do uso das drogas e suas implicações com o tráfico e o crime organizado. O contexto, por sua vez, em consonância com esses arquétipos, alia elementos mórbidos e tenebrosos (TRAD, 2015, p. 3).

Em contraposição a estes arquétipos disseminados pela indústria cultural, as imagens estáticas e dinâmicas (cinema, peças publicitárias etc.) relacionadas ao tabaco e tabagismo estiveram vinculadas ao *glamour*, às conquistas de superação diante de situações adversas impostas pela natureza (turismo de aventura em locais gélidos e esportes radicais), bem como a demonstrações de força e resistência.

Ainda referente a tais arquétipos mórbidos e tenebrosos mencionados por Trad (2015) comparecem nas falas dos professores de educação física, sujeitos da pesquisa de campo aqui realizada, em que muitos deixam claro que antes de conhecer as pessoas que tem problemas com o uso de substâncias psicoativas era essa concepção estereotipada que tinham. Como será aqui visto no próximo capítulo essa concepção estereotipada modificou a partir da aproximação dos professores com os sujeitos que fazem uso de substâncias psicoativas durante o tratamento nos Centros de Atenção Psicossocial.

No que tange à interdição da publicidade televisiva do tabaco, essa é muito recente. No Brasil e em outros países, o início foi em meados dos anos 1990. É importante compreender que, mesmo com a interdição da publicidade televisiva do tabaco e do surgimento de leis antifumo, ainda persiste uma publicidade ocultada do tabaco e tabagismo no cinema, por exemplo, com os mesmos fundamentos que disseminaram a publicidade dessa droga lícita. Principalmente, a partir da década de 1980,

[...] as campanhas do cigarro direcionaram-se para o segmento jovem, exibindo esportes radicais, patrocinando festivais de música etc. Os anúncios passaram a associar a vida dos fumantes à aventura, ao perigo, à juventude, ao mesmo tempo em que produziam um novo conceito sobre o comportamento do fumante, até então relacionado à categoria dos produtos que revelariam maturidade no indivíduo. As peças analisadas exaltam algumas das tendências encontradas entre os jovens atuais, como respeito às diferenças e ao individualismo, utilizando frases do tipo: – Não importa

⁵¹ Como pode ser visto em detalhes neste decreto editado pelo atual presidente da república o reforço a política proibicionista das drogas e a lógica manicomial, hospitalocêntrica e médico centrada que ganha força nesta nova política sobre drogas no Brasil.

o que faço, o que vale é a marca que vou deixar no mundo. – Cada um na sua (Ibid., p. 2).

Em relação às bebidas alcóolicas, essas foram cada vez mais valorizadas como mercadorias por meio de forte apelo publicitário que rompeu “tabus” associados à exibição erótica, via de regra, de corpos femininos para alcançar o seu principal público consumidor que é do sexo masculino. Além do forte apelo erótico feminino, o uso de bebidas alcoólicas foi associado à fama, sucesso, alegria, acesso a lugares paradisíacos, entre outros valores intensamente orientados para se alcançar a felicidade mercadorizada pela sociedade capitalista. Com este intuito, em peças publicitárias de bebidas alcoólicas,

[...] são apresentados estilos de vida, que se diferenciam segundo a modalidade da bebida ou ainda segundo o público-alvo. No caso da cerveja, prevalece o apelo ao seu caráter democrático, como a bebida de todas as idades, classes, estilos. Quanto às mulheres, estas continuam sendo o ingrediente básico no apelo erótico das cenas; com as modelos possuindo atributos semelhantes ao da cerveja: refrescante, relaxante, sedutora. “Nada mais sedutor do que poder ser o que não se é”. (Ibid., p. 2).

Assim como no caso das bebidas alcoólicas e do tabaco, as peças publicitárias de medicamentos se orientam pela mesma lógica da indústria cultural. Os medicamentos sempre aparecem associados a cenas de pessoas que inicialmente têm algum mal-estar e como que por encanto se tornam alegres e realizadas após o uso de determinados medicamentos. A sociedade capitalista busca obstaculizar, nesse sentido, o lugar da dor e sofrimento como pertencentes à condição humana em determinados momentos de nossas vidas.

Outro aspecto a ser considerado pelo uso indiscriminado de medicamentos é o processo iatrogênico⁵² daí oriundo. Esse processo pode acarretar múltiplas consequências, mesmo quando sendo feito por meio de uma prescrição médica que não foi de fato orientada para uma necessidade terapêutica farmacológica dos indivíduos. A iatrogenia é uma das formas mais comuns de tornar uma pessoa dependente de medicamentos (NERY FILHO, 2009).

Dois aspectos precisam ser considerados diante desta situação. Em primeiro lugar, na realidade, os medicamentos estão no topo como os maiores causadores de casos de intoxicações graves com risco de morte em nosso país e em grande parte do planeta

⁵² A iatrogenia é uma conduta terapêutica utilizada de forma errônea para a melhora ou cura de uma doença e ou agravo de saúde, mas por não considerar as múltiplas determinações dos processos de adoecimento acaba causando novos agravos, níveis de adoecimento e ou até mesmo a piora do quadro que deveria ser superado com a terapêutica proposta.

(SATO, 2002). Em segundo lugar, o uso cada vez mais indiscriminado de medicamentos tem sido o álibi para a fabricação das mais diversas doenças como forma de retroalimentar o ciclo produtivo da sociedade capitalista.

Dessa forma, torna-se cada vez mais complexo compreender em que aspecto há verdadeiramente o controle de agravos de saúde ou do adoecimento em suas múltiplas manifestações por meio do uso de medicamentos e em que momento começam os ditames da indústria farmacêutica para que as prescrições desnecessárias só favoreçam o capital em detrimento das necessidades humanas de saúde (NASCIMENTO, 2003).

Notam-se, nesse sentido, a sedimentação e a agudização da barbárie no que tange às relações humanas sob os liames da indústria cultural em um combate à diferença em nome da padronização da vida. Diante disso, as imagens cotidianamente sobre nossos olhares são imbuídas de uma tecnicidade que estabelece *per si* o normal e o patológico, ocultando os interesses oriundos da sociedade administrada pela lógica do capital no que tange ao universo objetivo (HORKHEIMER, 2002). Em relação ao universo subjetivo, o aparelho psíquico é domado de tal maneira que os indivíduos são impelidos a se manterem na condição do narcisismo primário e somente se ajustarem ao superego autoritário existente (FREUD, 2010).

Estas determinações oriundas dos universos objetivo e subjetivo colaboram, portanto, para a agudização da política proibicionista das drogas que, como foi dito aqui, estimula a indústria das bebidas alcoólicas, do tabaco e a farmacêutica. E de quebra, a partir da proibição da produção, circulação, distribuição e consumo de determinadas substâncias psicoativas e como forma de combate a este inimigo comum visibilizado, existe o amplo fomento da indústria bélica, das internações em clínicas psiquiátricas, da própria indústria farmacêutica e o advento dos estados paralelos (milícias, tráfico de drogas e outras formas de organizações criminosas vinculadas ou não aos Estados-nação).

3.3. Tecnologias sociais da exclusão social e o aprofundamento da brutalização do humano

Para que se compreendam os processos de educação do olhar e semiformação humana sob um prisma social mais amplo, desvela-se aquilo que Türccke (2010), a partir da sua leitura de Foucault, denomina de tecnologias sociais da exclusão. Assim, a história remonta a momentos em que a exclusão foi sendo paulatinamente racionalizada, via de regra com mais força com a gênese da sociedade disciplinar, por meio de medidas de

disciplinarização, internação, esquadrinhamento, normalização e quartelização, que culminaram em uma sujeição radical e violenta dos indivíduos a normas consideradas invioláveis e coercitivas para o processo de clivagem e de seleção do mercado (Ibid., p. 63).

Antes de abordar as singularidades das tecnologias sociais da exclusão, busca-se compreender o processo histórico desenvolvido por Foucault para surgimento da sociedade disciplinar. Para compreender o processo que culminou na ascensão da sociedade disciplinar, desvela-se, a partir da perspectiva foucaultiana, o percurso histórico dos modelos de sociedade por ele desenvolvidos.

Inicialmente, é mister compreender que a base material das sociedades disciplinares são suas arquiteturas de poder. A arquitetura de poder está relacionada, em Foucault (2007), aos dispositivos de poder-saber denominados de panóptico e esquadrinhamento. O panoptismo tem como fim o exercício do poder e a manutenção da sua invisibilidade da totalidade com que convergem seus intentos⁵³. O esquadrinhamento como tecnologia de poder intenciona dividir, fragmentar e impedir manifestações coletivas em diferentes localidades contrárias à ordem social vigente⁵⁴.

Nas instituições disciplinares, os dispositivos disciplinares, como o panóptico e o esquadrinhamento, se materializam na organização do espaço na seguinte disposição: lugar onde fica o núcleo central de direção, a posição das instâncias de suporte à direção, a sala de encontros de grandes grupos (trabalhadores, encarcerados, loucos, estudantes, etc.), a disposição espacial desses dois lugares em relação ao núcleo central de direção e instâncias de suporte desse núcleo.

A disposição das carteiras em salas de aula, das linhas de produção nas fábricas, das prisões, e a ocupação deste espaço pelo professor, administradores e supervisores explicitam distintos elementos que compõem a sociedade disciplinar. Dividir, fragmentar e impedir as pessoas nas distintas instituições disciplinares é o propósito central que culmina na brutalização do humano. Os especialistas e coordenadores dessas diferentes instituições disciplinares exercem poder também pela posição de autoridade que ocupam.

⁵³ O fenômeno do panoptismo está vinculado aos projetos de prisões circulares desenvolvidos no final do século XVIII por *Jeremy Bentham*. Trata-se do nascedouro dos modelos de prisões na modernidade em que ao mesmo tempo em que um vigilante pudesse controlar todos os presos, a sua sombra poderia também ser projetada em cada cela a partir de uma arquitetura circular sofisticada com a finalidade de garantir a presença contínua da vigilância e ao mesmo tempo não ser vista pelos encarcerados.

⁵⁴ Embora não seja necessariamente impedida a Marcha da Maconha pode ser caracterizada como uma das manifestações coletivas com estas características.

Já fazem algumas décadas que o modelo de sociedade disciplinar tem dado sinais de esgotamento. Os mecanismos de sujeição não têm funcionado mais como planejado. Isso é evidenciado quando estudantes, trabalhadores e encarcerados entram em disputa com especialistas e coordenadores dessas instituições disciplinares, colocando em cheque sua autoridade como especialistas e produtores de verdades⁵⁵.

Dessa forma, o que se coloca acerca da sociedade disciplinar é o exercício do poder, que engloba especificidades históricas relacionadas às suas origens. As bases que dão sustentação a qualquer modelo de sociedade, e em específico da sociedade disciplinar, são, para Foucault (2007), representadas pela tríade composta da relação entre direito, poder e verdade. No que concerne a essa tríade, Foucault (2007, p. 102) afirma:

[...] quando digo direito não penso simplesmente na lei, mas no conjunto de aparelhos, instituições e regulamentos que aplicam o direito põe em prática, relações que não são relações de soberania e sim de dominação. Por dominação eu não entendo o fato de uma dominação global de um sobre os outros, ou de um grupo sobre outro, mas as múltiplas formas de dominação que podem se exercer na sociedade. Portanto, não o rei em sua posição central, mas os súditos em suas relações recíprocas: não a soberania em seu edifício único, mas as múltiplas sujeições que existem e funcionam no interior do corpo social.

Concernente ao poder, em suas nuances, Foucault (2007) desenvolve uma outra perspectiva. Trata-se de pensar o poder como algo que somente é exercido em cadeia circulando por todo o tecido social. Não há, para a teoria foucaultiana, o poder detido por determinadas pessoas, grupos ou mesmo um núcleo específico. O poder tem sua capilaridade e é exercido em rede com muitas tessituras. O poder circula em rede e os indivíduos o exercem e são afetados por ele. Portanto, os indivíduos não são sujeitos passivos, mas sempre são lugar do seu exercício. Assim, “[...] o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles” (Ibid., p. 103).

Referente ao momento histórico da gênese da sociedade disciplinar, existe uma relação direta desta com o advento e desenvolvimento do capitalismo e sua ruptura com a sociedade de soberania⁵⁶. A sociedade disciplinar trata-se de um novo tipo de poder

⁵⁵ Embora não seja diretamente tema da tese aqui construída trata-se de experiência comum nos Centros de Atenção Psicossocial tanto da parte dos usuários deste serviço de saúde mental como dos profissionais que ali trabalham.

⁵⁶ A sociedade de soberania é o modelo de sociedade imediatamente anterior ao modelo de sociedade disciplinar. Para Foucault (2007), o exercício do poder na sociedade de soberania tinha como centro irradiador o rei, seu corpo, pelas leis por ele produzidas e a devoção dos súditos. Para a eficácia do exercício do poder na sociedade de soberania, era fundamental a existência do rei manifestada de múltiplas maneiras por todo o tecido social. Exemplo histórico do auge da sociedade de soberania são as monarquias absolutistas. A sociedade de soberania se fundamenta em privilégios hereditários oriundos da descendência

oriundo de uma grande invenção da sociedade burguesa. Foi recurso fundamental para desenvolvimento do capitalismo industrial que rompe com o poder soberano em nome do poder disciplinar. Assim,

Indescritível nos termos da teoria da soberania, radicalmente heterogêneo, o poder disciplinar deveria ter causado o desaparecimento do grande edifício jurídico daquela teoria. Mas, na verdade, a teoria da soberania continuou não só existindo como ideologia do direito como também organizando os códigos jurídicos inspirados nos códigos napoleônicos de que a Europa se dotou no século XIX. (Ibid., p. 105).

O processo histórico de desenvolvimento da sociedade disciplinar, alinhado aos ditames da burguesia, culminou na reforma e no surgimento de distintas instituições disciplinares para o incremento da eficácia dos então novos dispositivos de poder-saber.

A partir das instituições disciplinares, houve a difusão por todo o tecido social de formas eficazes de segregação, controle, fiscalização, normatização, normalização e medicalização da vida, que impingiu o exercício do poder do centro (comum na sociedade de soberania) para as periferias. Assim, instituições disciplinares materializadas na escola, no hospital, na prisão e nas fábricas foram sendo constituídas e aperfeiçoadas em nome da normalização do viciado, da sexualidade, do delinquente, do louco, do trabalhador, do aluno. Nesse sentido, é importante ressaltar que

A burguesia não se interessa pelos loucos mas pelo poder; não se interessa pela sexualidade infantil mas pelo sistema de poder que a controla; a burguesia não se importa absolutamente com os delinquentes nem com sua punição ou reinserção social, que não têm muita importância do ponto de vista econômico, mas se interessa pelo conjunto de mecanismos que controlam, seguem, punem e reformam o delinquente. (Ibid., p. 104).

Com o intuito de alcançar seus propósitos, a sociedade disciplinar passou a investir um feixe em rede de exercício de poder sobre o corpo humano, em contraposição ao modelo presente na sociedade de soberania que tinha sua centralidade voltada para a terra e os produtos produzidos por ela. Trata-se de nexos de poder-saber que potencializam ao máximo o corpo convertido em máquina no sentido produtivista. A vigilância contínua passou a ser a conduta da ordem do dia e realizada pelo olhar do outro.

real e em privilégios classistas (especialmente do clero e da nobreza). Na sociedade de soberania, a organização da vida produtiva era dedicada para satisfazer as necessidades, no máximo que fosse possível, das classes privilegiadas. Para mais detalhes sobre a sociedade de soberania, ver em Foucault (2007) e Foucault (2010).

Dessa forma, a vigilância contínua exercida pelo olhar de uns em relação aos outros na sociedade disciplinar se sobrepôs ao lugar outrora ocupado pelo monarca.

A perspectiva histórica, para a teoria foucaultiana é contrária à perspectiva cronológica e etapista da história. A história, para Foucault (2007), acontece a partir de continuidades, descontinuidades e rupturas. A partir do século XVIII, a sociedade disciplinar se impôs como lugar de verdade de princípios por ela anunciados como “da natureza”, baseada em saberes oriundos das ciências humanas. A sociedade disciplinar é uma sociedade de normatização e normalização, sendo a sobreposição da lei pela norma que encontra, nas diferentes instituições disciplinares, formas distintas de escolarização como centro de um poder-saber oriundo da escola (Idem).

A escola é pois, a principal instituição disciplinar que foi o cerne de amplo investimento do poder disciplinar a partir do advento da modernidade. É uma tecnologia social central da exclusão referente aos feixes de sujeição com relação íntima com nexos de poder-saber. O fundamento principal da sociedade disciplinar é o confinamento dos indivíduos que circulam cotidianamente pelas diferentes instituições disciplinares (escola, prisão, fábrica, hospital etc.) e o seu propósito maior é constituir corpos dóceis.

Para se compreender os processos de exclusão social oriundos das instituições disciplinares, é fundamental compreender o conceito de disciplina. Para Foucault (2007), a disciplina não foi criada no século XVIII, mas é a partir daí que ela passa por um profundo processo de reformulação e sofisticação (Idem).

Para tanto, a disciplina é aperfeiçoada em diferentes aspectos. Em primeiro lugar, trata-se de estabelecer a disposição dos indivíduos nos distintos espaços sociais. Em cada detalhe, busca-se exercer no corpo os dispositivos de poder-saber que o assujeitarão. A instituição escolar, sendo a principal instituição disciplinar, busca impregnar a ordem dos corpos no espaço e o que se pode e o que não se pode fazer neles. Dessa forma, na perspectiva foucaultiana, a disciplina busca avaliar o espaço para garantir o seu ordenamento, individualização, classificação e alocação dos corpos nos diferentes espaços sociais⁵⁷.

Em segundo lugar, é fundamental compreender como é exercido controle por meio da disciplina. Seu maior aperfeiçoamento, a partir do século XVIII, não está relacionado com a dedicação última dos resultados por ela almejados, mas na supervisão feita nos

⁵⁷ Tal referência acerca do papel da disciplina fica implícita e até explícita na fala de alguns sujeitos da pesquisa (professores de educação física e usuários do serviço de saúde) nos CAPS concernente a estes elementos pela disciplina normatizados e normalizados.

mais ínfimos detalhes para potencializar ao máximo o caminho entre o estado atual e o estado desejado. Assim, os meios recebem um investimento maior oriundo do poder disciplinar do que os fins. Aqui está o lugar daqueles que vão se adequar e os dos que não se adequarão, dos incluídos pela sua adequação a eficácia imposta para o aparente bem viver na sociedade disciplinar e dos excluídos que serão marginalizados (Idem).

Em terceiro lugar, concernente à disciplina, trata-se da sua maior potência de capilarização por toda a sociedade disciplinar, cuja ação sutil é o monitoramento contínuo e, ao mesmo tempo, permanente dos indivíduos. Portanto, o poder disciplinar atua sem ser visto. Mesmo que, por lapsos, o poder disciplinar identificado tenha sido totalitariamente impellido em todos os corpos, são dificultadas as possibilidades de rupturas dos seus distintos feixes de ação, remetendo à concepção do fenômeno do panoptismo, como foi visto neste capítulo anteriormente.

Dessa forma, a partir da teoria foucaultiana, a disciplina é também uma tecnologia social da exclusão para constituir uma nova forma social humana: trata-se do indivíduo moderno. Nessa perspectiva, o indivíduo é uma invenção muito recente, levando-se em conta a longa trajetória da humanidade no planeta. A individualização do humano passa pelo utilitarismo e produtivismo, que são fundamentos essenciais gestados na modernidade, aos quais são submetidos os corpos em seus mais ínfimos detalhes. Assim, sobre o indivíduo recai a

[...] transferência da informação de baixo para cima, de modo que, no cume da pirâmide disciplinar, nenhum detalhe, acontecimento ou elemento disciplinar escape a esse saber. No sistema clássico o exercício do poder era confuso, global e descontínuo. Era o poder do soberano sobre grupos constituídos por famílias, cidades, paróquias, isto é, por unidades globais, e não um poder contínuo atuando sobre o indivíduo. A disciplina é o conjunto de técnicas pelas quais os sistemas de poder vão ter por alvo e resultado os indivíduos em sua singularidade. E o poder de individualização que tem o exame como instrumento fundamental. O exame é a vigilância permanente, classificatória, que permite distribuir os indivíduos, julgá-los, medi-los, localizá-los e, por conseguinte, utilizá-los ao máximo. Através do exame, a individualidade torna-se um elemento pertinente para o exercício do poder. (Ibid., p. 63).

Nesse sentido, o modelo de indivíduo perfeito que apresenta seu corpo em sua mais alta eficácia e docilidade é o do soldado⁵⁸. A partir do século XVIII, o soldado

⁵⁸ As pessoas com dependência de substâncias psicoativas são, em geral, o oposto do arquétipo do soldado e, portanto, estão no grupo dos excluídos em distintos aspectos. Importante dizer que não se trata de ufanar nem o soldado e nem a pessoa com dependência de substâncias psicoativas. Trata-se de evidenciar que tipo de indivíduo bem ajustado, conformado e dócil a sociedade disciplinar busca produzir e a quais ela se contrapõe.

passou a ser produzido em série. A totalidade dos corpos para que ele fosse convertido em corpo de soldado foi constituída a sua maquinização utilitária com a correção progressiva das posturas, uma lenta incorporação de uma coerção calculada infinitesimalmente e seu conjunto constantemente disposto para as necessidades da sociedade disciplinar. Assim, “[...] foi ‘expulso o camponês’ e lhe foi dada a ‘fisionomia de soldado’” (FOUCAULT, 2013, p. 131).

A individualização assujeitada debruçou-se sobre os corpos como lugar de controle dos gestos, de movimentos e das suas potências produtivas no mais sutil detalhe. Os resultados do exercício do poder disciplinar, via de regra, têm se mostrado os mais trágicos possíveis, o que intensificou a dominação em todos os seus aspectos, ampliando ainda mais a exclusão social.

Nesse sentido, um dos dispositivos criados para forjar o necessário corpo do soldado a partir do século XVIII foram os exercícios ginásticos. Portanto, a coação

[...] se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício. A modalidade enfim: implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. (Ibid., p. 133).

É importante destacar que a utilitarização e docilização dos corpos são elementos nevrálgicos para o poder disciplinar assujeitar os indivíduos à obediência e utilidade. Trata-se de estabelecer, a partir de nexos de poder-saber, a capilarização de todo o exercício de poder das periferias para os centros, o que garante sua máxima invisibilidade e eficácia ao mesmo tempo. Assim, ao corpo humano é submetida uma

[...] maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência) [...]. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada. (Ibid., p. 133-134).

Dessa forma, as distintas instituições disciplinares são articuladas com o propósito de potencializar diversas tecnologias sociais da exclusão, como será visto a seguir, assim

como estão imbuídas de promover o assujeitamento nos processos de dominação nelas presente.

Para se garantir o máximo de capilaridade social, em Foucault (2007), o poder é exercido a partir de dois aspectos. O primeiro está vinculado a sua dimensão positiva, que tem uma relação mediata e imediata com a vida produtiva. O segundo eixo tem relação com sua dimensão negativa, que tem relação mediata e imediata com a repressão. Para Foucault (2007), o poder é exercido na sociedade disciplinar, via de regra, a partir de sua dimensão positiva. Assim,

Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: “Fique nu... mas seja magro, bonito e bronzado!”. A cada movimento de um dos dois adversários corresponde o movimento do outro (FOUCAULT, 2007, p. 83).

Pode-se afirmar assim que se o poder somente fosse exercido em sua negatividade a partir do recalque, do impedimento, da divisão, da censura, ele seria extremamente fragilizado e lugar de resistência a ele. Torna-se poderoso e de difícil superação, pois exerce fortes efeitos positivos no nível dos desejos humanos mais imediatos e também no que concerne ao nível do saber. Portanto, “o poder, longe de impedir o saber, o produz” (Ibid., p. 84).

Diante disso, e em síntese, as tecnologias sociais da exclusão, como foi visto pela apresentação do processo de desenvolvimento histórico da sociedade disciplinar, são um modo de marginalização incessante como de enclausuramento segregatório de sujeitos mal ajustados e adaptados ao *status quo* em vigor (TÜRCKE, 2010, p. 63-64). Nesse sentido,

Ela abre mão de sua própria base, impossibilitando a abordagem dos nexos mais decisivos: que somente pode ser excluído aquele que anteriormente já estava integrado às coerções do grupo como um todo; que a exclusão hoje ocorre sempre *dentro* da sociedade, e que os desempregados e os e sem-teto, longe de estarem excluídos do mercado, são aqueles que estão mais desprotegidamente sujeitos às suas coerções, quanto menos participem de seus benefícios; que ser excluído pode significar tanto um vagar incessante quanto o enclausuramento em prisões, asilos, clínicas e instituições de retenção. (Idem)

É importante observar que, mais do que a marginalização incessante, assim como o enclausuramento segregatório, a dimensão positiva do poder, como se viu anteriormente, é exercida também na integração compulsória como violência tão aviltante quanto a exclusão. Exemplo disso são o trabalho e a assistência na sociedade capitalista. A princípio, ter um trabalho remunerado é melhor do que estar desempregado. Ter

assistência é melhor do que estar totalmente desamparado, inclusive e principalmente do Estado. Nesse sentido, a integração seria boa em si mesma, assim como a exclusão seria má em si mesma (Ibid., p. 64).

No entanto,

A integração sempre se deu de forma compulsória, antes de tornar-se algo a se buscar, assim como, inversamente, o tabu sempre representou um "ser marcado", em um duplo sentido: tanto ser excluído quanto estar em evidência. O assassino distinguia-se pelo apedrejamento, o xamã, pela santificação. A ambiguidade do ser marcado não pode ser ignorada na história dos grandes conflitos da humanidade. Se o banido não entendesse a excomunhão também como distinção, sua perseguição também como grande eleição e prova, os profetas do Velho Testamento não teriam existido, nem o cristianismo primitivo, nem a Reforma, nem mesmo o *proletkult*, ou o lema "*Black is beautiful*". [...]. Quem apenas quisesse integração, nada mais do que pertencer, fazer como os outros, ficar por dentro, seguir a moda, revela que a homogeneização completa já não é algo que o assuste minimamente, e então, colocasse a questão sobre a razão disso: Por que na era da desregulamentação desenfreada não há mais homogeneização ou por que sua forma microeletrônica se tornou tão abrangente e óbvia, que praticamente não é mais percebida? (Idem).

Em outras palavras, Türcke (2010) apresenta a dialética existente entre integração e exclusão na qual, contraditoriamente, tanto uma como a outra podem ser degradantes. A integração não refletida e pensada trata-se de mera adesão a grupos para superficialmente satisfazer o sentimento de pertença com o intuito de aderir aos modismos grupais, revelando uma padronização completa que se tornou ordem de sua naturalização.

Diante disso, será visto a seguir, a partir das concepções de profissionais de saúde e usuários do serviço atendidos em CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), de que modo os processos de educação do olhar, sob os mais diversos prismas, culminam em processos de semiformação humana. Além disso, buscar-se-á compreender em que a conduta terapêutico-pedagógica de professores de educação física pode, potencialmente como experiência formativa em uma perspectiva de educação integral, e evidentemente inclusive do olhar, ser um dos contrapontos à lógica da semiformação humana na sociedade capitalista em sua fase tardia.

CAPÍTULO 4 – O LOCAL DA PESQUISA E SUAS RELAÇÕES: (DES)ENCONTROS NOS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

Antes de serem expostos os dados obtidos e a análise destes na pesquisa propriamente dita, serão apresentados o método, a metodologia, o tipo de pesquisa e a técnica de coleta de dados.

Em relação ao método, as reflexões foram construídas, via de regra, pelos pressupostos teórico-metodológicos da teoria crítica da Escola de Frankfurt. Este método tem sua fundamentação teórico-epistemológica, entre outros autores oriundo da Teoria do Conhecimento, em Marx, Weber e Freud. Portanto, foram considerados os fundamentos da dialética histórico-materialista marxiana, da sociologia compreensiva weberiana e da psicanálise freudiana.

A pesquisa desenvolvida é qualitativa do tipo participante. De acordo com Brandão (2007, p. 53):

[...] a *pesquisa participante* tende a ser concebida como um instrumento, um método de ação científica ou um momento de um trabalho popular de dimensão pedagógica e política, quase sempre mais amplo e de maior continuidade do que a própria pesquisa.

Além disso, a pesquisa participante tem como ponto de origem o fato de estar situada

[...] em uma perspectiva da realidade social, tomada como uma totalidade em sua estrutura e em sua dinâmica. Mesmo que a ação de pesquisa e as ações sociais associadas a ela sejam bem locais e bem parciais, incidindo sobre apenas um aspecto de toda uma *vida social*, nunca se deve perder de vista as integrações e interações que compõem o todo das estruturas e das dinâmicas desta mesma *vida social*. (Ibid., p. 54)

Como técnica de coleta de dados, foram utilizados entrevista semiestruturada e observação participante com todos os profissionais de educação física do município de Goiânia que trabalham em CAPS-AD⁵⁹, totalizando seis pessoas. Ainda foi realizada entrevista semiestruturada com cinco usuários⁶⁰ atendido por uma intervenção terapêutico-pedagógica de cada um dos professores educação física em todos os CAPS-

⁵⁹ São exatamente quatro CAPS AD localizados em diferentes regiões de Goiânia.

⁶⁰ O critério de seleção dos usuários dos CAPS foi baseado naqueles necessariamente atendidos pelos professores de educação física. Além disso, estes usuários selecionados já eram acompanhados por processos que aqui se denomina terapêutico-pedagógicos por estes professores há pelo menos três meses.

AD do município de Goiânia no início do acompanhamento pelo professor, totalizando cinco⁶¹ usuários do serviço. Para Triviños (1987, p. 146),

Podemos entender por *entrevista semiestruturada*, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. É útil esclarecer, para evitar qualquer erro, que essas perguntas fundamentais que constituem, em parte, a entrevista semiestruturada, no enfoque qualitativo, não nasceram a priori. Elas são resultados não só da teoria que alimenta a ação do investigador, mas também de toda a informação que ele já recolheu sobre o fenômeno social que interessa, não sendo menos importantes seus contatos, inclusive, realizados na escolha das pessoas que serão entrevistadas.

A entrevista semiestruturada foi desenvolvida com o intuito de refletir e compreender as contribuições terapêutico-pedagógicas dos professores de educação física para os usuários dos CAPS-AD, no que se refere a educação do olhar e sua possível relação com processos de (de)formação humana.

No entanto, embora houvesse a intenção, na pesquisa, de realização da análise documental dos prontuários dos usuários atendidos pelo professor de educação física e o plano de trabalho de cada professor, a estes elementos não nos foi permitido acesso. Mesmo reiterando as permissões concedidas pelo Comitê de Ética e Pesquisa, os professores mencionaram razões de sigilo terapêutico que impediriam tal acesso aos prontuários. Sobre o plano de trabalho, os professores de educação física mencionaram que esse instrumento inexistia⁶².

Além disso, foram realizados dois instrumentos de coleta de dados, sendo a entrevista semiestruturada e a observação participante, que consistiu em vivências na condição de usuário do serviço, nas práticas terapêutico-pedagógicas dos professores de educação física com os grupos que eles conduzem seu trabalho nos CAPS-AD do município de Goiânia (TRIVIÑOS, 1987).

⁶¹ Foram realizados acompanhamentos a cinco usuários em observações participantes, bem como cinco entrevistas semiestruturadas com usuários do serviço, pois, como será visto posteriormente, devido ao tipo de atendimento realizado pelo professor E, não foi possível alcançar o número de usuários previsto no projeto de pesquisa.

⁶² De acordo com os professores de educação física, como existem na rotina do CAPS semanalmente reuniões de equipe que envolvem estudos de caso e o planejamento geral dos processos de trabalho a serem desenvolvidos ao longo da semana, neste dia em que não há atendimento à comunidade ocorrem os momentos de planejamento das atividades terapêutico-pedagógicas oferecidas nos demais dias da semana.

Quanto à coleta de dados, essa foi realizada no período de junho, julho e agosto de 2018. Desse modo, a análise de dados foi feita nos meses de agosto de 2018 até abril de 2019.

Concernente à sistematização dos dados buscados nas idas a campo e nas entrevistas, foi realizada a análise de conteúdo, que é compreendida por Krippendorff (1980 apud ANDRÉ; LÜDKE, 1996, p. 41) como “uma técnica de pesquisa para fazer inferências válidas e replicáveis dos dados para o seu contexto”. De acordo com o autor, a análise de conteúdo é uma metodologia de investigação do conteúdo simbólico das mensagens, que pode ser compreendida a partir de distintas perspectivas. Desse modo, a análise de dados qualitativos exigiu, assim, “uma sistematização e coerência do esquema escolhido com o que pretende o estudo” (PATTON, 1980 apud ANDRÉ; LÜDKE, 1996, p. 42).

Com a sistematização, categorias podem emergir e ser desenvolvidas, já que, conforme Guba e Lincoln (apud ANDRÉ; LÜDKE, 1986), tais categorias são sintetizadas a partir de dados que se repetem, os quais são oriundos de distintas fontes e em distintos contextos, sendo que o fundamento para possíveis agrupamentos são os aspectos que comparecem com certa regularidade.

Tendo por base o método acima apresentado, a metodologia utilizada, as técnicas de pesquisa desenvolvidas, considerou-se que a educação do olhar pode influir na condição de semiformação humana e que os mecanismos culturais e ideológicos de dominação, como a indústria cultural, se impõem com o propósito de padronização das consciências. Então, foi levantada a seguinte questão: Como o sujeito toxicômano e os profissionais da saúde mental podem apreender as imagens disseminadas pela indústria cultural em um processo de educação do olhar para se compreender a regulamentação e o controle social do uso de substâncias psicoativas?

4.1. A Rede de Atenção Psicossocial em Goiânia: uma breve caracterização

Primeiramente é importante registrar que os serviços de saúde componentes da Rede de Atenção Psicossocial que serão mencionados que existem estão situados no período temporal que abrange o início da pesquisa até junho do ano de 2020. O momento histórico atual da Reforma Psiquiátrica e da caracterização da Rede de Atenção Psicossocial em Goiânia e no Brasil é fruto de um processo reacionário em curso que

privilegia com dotação orçamentária vultuosa para serviços manicomiais⁶³ e não vinculados a lógica psicossocial.

Tal processo oriunda da lógica da nova política governamental em vigor⁶⁴ implica em um momento em que ou a lógica psicossocial se fortaleça expressando seu compromisso histórico com o projeto de emancipação do sujeito toxicômano e das pessoas com os transtornos mentais os mais diversos ou seja subsumida a pressão imediatista da “cura milagrosa” imposta, via de regra, pelo aparato religioso reacionário-autoritário que se alinha com a ideologia da nova política governamental em vigor representado, via de regra, pelas Comunidades Terapêuticas Religiosas.

Dentro da Rede de Atenção Psicossocial, o espaço considerado com maior privilégio referente aos processos terapêutico-pedagógicos são os Centros de Atenção Psicossocial. Muito além dos fundamentos que orientam o funcionamento dos CAPS, tal privilégio tem a ver com a centralidade da sua potência organizacional dos demais serviços da Rede de Atenção Psicossocial.

No que se refere a Rede de Atenção Psicossocial no município de Goiânia, estão em funcionamento os seguintes serviços: Residências Terapêuticas, Geração de Renda com Artesanato (GERARTE), nove Centros de Atenção Psicossocial, sendo que quatro são CAPS-AD, uma Unidade de Acolhimento Transitório Infanto-Juvenil (UATi) e um Pronto Socorro Psiquiátrico (GOIÁS, 2015).

Sobre o Pronto-socorro psiquiátrico em Goiânia ele é chamado de “Wassily Chuc”. O Wassily Chuc foi criado para substituir um antigo serviço manicomial que se chamava Aداuto Botelho. Importante registrar que esse pronto-socorro psiquiátrico tem funcionado de modo semelhante ao antigo manicômio Aداuto Botelho, com exceção do tempo de permanência do usuário do serviço que foi reduzida para até três dias e antes caracterizava um processo de moradia permanente. No entanto, ainda hoje, nesse pronto-socorro psiquiátrico ainda existem moradores do antigo manicômio que foi fechado. Além disso, o Wassily Chuc regula as internações não para Hospitais Gerais, Hospitais de Urgência e Emergência e Unidades de Pronto Atendimento, mas para diferentes clínicas psiquiátricas que tem convênio com o município de Goiânia as quais tem funcionado sob a égide da lógica manicomial que foi alvo de crítica e denúncia por parte de Movimentos Sociais Progressistas da Saúde que impulsionaram o movimento da Reforma Psiquiátrica no Brasil (CARVALHO *et al*, 2009).

⁶³ Comunidades Terapêuticas Religiosas.

⁶⁴ Governo do presidente Jair Bolsonaro.

Dessa forma, contrariando a organização da política de saúde mental de outras cidades e estados do Brasil que apresentam em sua Rede de Atenção Psicossocial com o implementação de todos ou quase todos os serviços previstos pelo Decreto nº 7508/11, em Goiânia, assim como outros municípios do estado de Goiás, muitos serviços ainda não foram constituídos. Assim, Goiânia é uma das cidades do nosso país com uma das mais limitadas Rede de Atenção Psicossocial do Brasil.

Tal conformação tem aberto espaço para que os mecanismos ideológicos e culturais de dominação confluentes com movimentos políticos reacionários no campo da saúde e instituições aparentemente filantrópicas em Goiânia padronize nas consciências que os serviços de saúde mental vinculados com a Reforma Psiquiátrica são muito limitados ou mesmo são absolutamente ineficazes para atender a demanda de usuários dos serviços com dependência de substâncias psicoativas e transtornos mentais os mais diversos. Tal processo tem fortalecido serviços de saúde mental radicalmente opostos aos preconizados pela lógica psicossocial (CARVALHO *et al*, 2009).

Nesse sentido, em Goiânia determinados serviços têm recebido maior dotação orçamentária da atual gestão municipal. Um destes serviços são as clínicas psiquiátricas. Considerando que, desde a Lei nº 10.216/2001, está prevista a substituição (em Hospitais Gerais) dos leitos psiquiátricos, o que ocorre em Goiânia, por conta de políticas avessas a Lei nº 10.216/2001 é a manutenção e até ampliação de leitos em estruturas privadas.

Outro serviço criado pelo governo do estado de Goiás, diametralmente em oposição aos serviços oriundos da lógica psicossocial trata-se do Centro de Referência e Excelência em Dependência Química (CREDEQ). O CREDEQ oferta internação de curta duração e de longa duração para as pessoas com dependência de substâncias psicoativas no estado de Goiás a partir de uma perspectiva religiosa (desconsiderando o caráter laico do Estado) assim como em uma estrutura manicomial.

O governo do estado de Goiás enfraquece a Rede de Atenção Psicossocial com a criação de um serviço oposto aos princípios legais os quais são originários da reforma sanitária e psiquiátrica. O aporte financeiro para construção dos CREDEQ pelo governo do estado de Goiás alcança a cifra de investimentos de mais de cem milhões de reais (R\$ 100.000.000,00). Dado o volume de investimento público estatal este mesmo recurso resolveria em grande medida boa parte das lacunas do estado no que tange a Lei nº 10.216/2001, Decreto nº 7.508/2011 e Portaria nº 3.088/2011.

Este mesmo recurso ampliaria a rede de CAPS-AD em todo território do estado de Goiás; garantiria a existência e funcionamento de leitos psiquiátricos em Hospitais

Gerais para internações de curta duração diante da necessidade de cada caso, além de fomentar outras ações de prevenção e tratamento que seriam muito mais viáveis tanto economicamente como em termos de resultados benéficos para a população em geral (BRASIL, 2001).

Além disso, como foi dito, o Pronto Socorro Psiquiátrico Wassily Chuc regula as internações nos leitos privados por até 30 dias. É notável, neste caso, a priorização do ente público municipal em uma das mais velhas estruturas da política manicomial em Goiânia. Tal priorização corrobora para um maior recrudescimento da Rede de Atenção Psicossocial de serviços que operam sob a lógica psicossocial.

Em pesquisa anteriormente realizada⁶⁵, foi afirmado que os CAPS são locais privilegiados para atuação do professor de educação física, especialmente no tocante às possibilidades para a emancipação do sujeito toxicômano a partir de projetos terapêutico-pedagógicos fundamentados em uma perspectiva de educação crítica (PINTO, 2016). Para maior entendimento desta condição privilegiada é mister explicitar o funcionamento desta Unidade de Saúde para que sejam compreendidas as dimensões conceituais e atitudinais construídas na cotidianidade desse serviço de saúde mental.

Diante disso, define-se CAPS como um Centro de Atenção Psicossocial resultado de um longo processo histórico de embates no campo da psiquiatria e saúde mental em todo o globo e de reformas nos sistemas de atenção em saúde mental em nosso país. Acerca desta temática, conforme é afirmado no texto da Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental,

O início do processo de Reforma Psiquiátrica no Brasil é contemporâneo da eclosão do “movimento sanitário”, nos anos 70, em favor da mudança dos modelos de atenção e gestão nas práticas de saúde, defesa da saúde coletiva, equidade na oferta dos serviços, protagonismo dos trabalhadores e usuários dos serviços de saúde nos processos de gestão e produção de tecnologias de cuidado (BRASIL, 2005, p. 6).

O desenvolvimento histórico de toda a reforma no campo da saúde mental e psiquiatria no Brasil tem apresentado avanços importantes na oferta de diferentes formas de tratamento em liberdade, assim como na promoção e educação em saúde aos usuários dos CAPS (pessoas com os mais distintos transtornos mentais e dependentes de

⁶⁵ Aqui se trata de referência direta à dissertação de mestrado anteriormente desenvolvida. Conforme a pesquisa esta pesquisa estão dadas as condições possibilidades para a construção de processos de educação crítica – especialmente nos Centros de Atenção Psicossocial – para a emancipação do sujeito toxicômano. Para maior aprofundamento da temática, ver em Pinto. (2016).

substâncias psicoativas). Porém, existem contradições e limitações ainda de ordem da estrutura material, do aporte de recursos para manutenção e desenvolvimento das atividades e da própria concepção e prática da equipe multidisciplinar que trabalha na lida diária nos CAPS.

Sendo assim é importante ressaltar que nem mesmo um modelo aparentemente revolucionário de cuidado no campo da saúde mental, representado pelos CAPS e demais dispositivos de cuidado da Reforma Psiquiátrica, está isento ou descolado dos interesses da organização produtiva da sociedade capitalista desvelados por Marx-Engels, pelos mecanismos culturais e ideológicos de dominação apresentados pela Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, assim como pelos liames de uma subsunção às sensações mais primitivas e instintivas da sociedade excitada, conforme apresenta Türcke.

Um dos temas a serem tratados neste capítulo estão relacionados as idas ao campo nos distintos momentos da pesquisa. Em primeiro lugar, serão apresentadas as singularidades das quatro unidades de saúde (CAPS-AD) pesquisadas, que incluem diálogos prévios com os seis professores de educação física, usuários do serviço e coordenações do serviço para que fosse oportunizada a experiência de pesquisa de campo nesses espaços.

Em segundo lugar, trata-se de compreender as concepções, contradições, potencialidades e limites dos próprios professores de educação física acerca de suas práticas terapêutico-pedagógicas em atividades por eles coordenadas, seja individualmente, seja em duplas com profissionais de outras áreas da saúde. Evidentemente, não se trata de padronizar as características dos distintos CAPS e tampouco padronizar as perspectivas de professores de educação física e usuários do serviço no que se refere aos processos de educação do olhar e semiformação.

Assim, tenho afirmado, desde a dissertação de mestrado, que os CAPS são locais privilegiados de oferta de processos terapêutico-pedagógicos com potencial para a formação humana, sob a ótica da resistência aos liames da dominação tão difundidos e aprimorados ao longo do desenvolvimento do capitalismo desde o seu advento. Os CAPS são, portanto, a materialização de políticas públicas das reformas oriundas no campo da saúde mental e centrais para a organização da assistência em saúde. Entre essas pretensões, estão a constituição de equipes multiprofissionais e a instituição de novos recursos terapêuticos e pedagógicos para potencializar o cuidado.

No que concerne à composição da equipe multidisciplinar, conforme a Portaria GM n.º 336/2002, não há a obrigatoriedade da presença do professor de educação física,

embora esse possa fazer parte da equipe. Então, fazendo parte da equipe multidisciplinar, o professor de educação física precisa ser integrado aos processos de trabalho inerentes ao projeto terapêutico dos CAPS. É importante dizer que cada CAPS deve organizar seu projeto terapêutico conforme as necessidades do seu território. Nesse sentido,

Cada CAPS, por sua vez, deve ter um projeto terapêutico do serviço, que leve em consideração as diferentes contribuições técnicas dos profissionais dos CAPS, as iniciativas de familiares e usuários e o território onde se situa, com sua identidade, sua cultura local e regional (BRASIL, 2004, p. 16).

Mesmo cada um dos diferentes CAPS pesquisados sendo orientados por uma legislação única, estes foram construídos em diferentes conjunturas históricas, com usuários distintos, com equipes multidisciplinares muito heterogêneas, e sendo administrado por gerentes com concepções e formações diferentes. O entendimento acerca dos princípios das reformas nos serviços de saúde mental remete a uma constelação de singularidades, conforme cada realidade específica em que foram construídos seus respectivos projetos terapêuticos.

Os professores de educação física de cada CAPS apresentam distintas concepções e propostas terapêutico-pedagógicas nos variados espaços que coordenam grupos, sozinhos ou em duplas com profissionais de outras áreas. Apresentam-se a seguir, a partir das observações participantes, a concepção, o planejamento e a ação de cada um deles referentes à questão-problema acima levantada.

4.2. Percepção e compreensão de profissionais da saúde e toxicômanos acerca da educação do olhar e semi formação humana

O advento do CAPS-AD representa as mudanças balizadas pela Reforma Psiquiátrica dos modelos de tratamento na realidade concreta do estado de Goiás. A primeira unidade de saúde com esta característica criada em Goiás foi o Núcleo (antes de se tornar Centro) de Atenção Psicossocial para dependentes de Álcool e outras Drogas (NAPS-AD), em 2004, no município de Goiânia. Cabe ressaltar que a unidade já existia vinculada à estrutura do Pronto Socorro Psiquiátrico Wassily Chuc poucos anos depois da fundação desse pronto-socorro, em 1999, com o nome de Centro de Apoio à Saúde do Alcoolista.

O CAPS Alpha⁶⁶ foi, até 2011, a única Unidade de Saúde Mental existente que oferecia tratamento em liberdade (para alcoolistas e dependentes de outras substâncias psicoativas com idade a partir de 18 anos) no estado de Goiás até a abertura do CAPS AD III, no município de Aparecida de Goiânia, há cerca de sete anos. Isso mostra o quanto é difícil a disputa para ampliação da rede de serviços de saúde mental orientados pela legislação da Reforma Psiquiátrica (GOIÁS, 2015).

O CAPS Alpha⁶⁷ foi o primeiro serviço oriundo da Reforma Psiquiátrica do tipo AD (Álcool e outras Drogas), cujo marco legal foi a Lei 10.216/2001, a ser aberto no estado de Goiás. Começou a funcionar com apenas três salas atendendo somente alcoolistas na sede de um hospital psiquiátrico, que ainda existe em Goiás, para posteriormente, em 2004, ser estabelecido em uma sede alugada na estrutura de sobrado em uma região central de Goiânia e em 2010 mudar para outro sobrado, ainda nessa mesma região. Trata-se, portanto, do serviço mais antigo de Goiás que atende o sujeito toxicômano.

Quanto ao CAPS Beta, trata-se do segundo CAPS AD aberto, no ano de 2013, em Goiânia, que atende adultos com dependência de substâncias psicoativas. Esse CAPS apresenta várias especificidades que precisam ser mencionadas. A primeira é que foi fruto de organização de usuários da região – controle social local – o qual foi construído e planejado de acordo com as necessidades e características para ser um CAPS Tipo III⁶⁸.

Nesse CAPS, são atendidos não somente dependentes de substâncias psicoativas, com 18 anos ou mais, mas pessoas com os mais diversos transtornos mentais. Trata-se da coexistência de duas unidades em um mesmo espaço.

Referente ao CAPS Gamma, trata-se do terceiro CAPS aberto, no ano de 2014, em Goiânia, que também atende adultos com dependência de substâncias psicoativas. Foi aberto diante da necessidade de abertura de mais um serviço para esse público em específico. Seu planejamento e construção ocorreram para se tornar o primeiro CAPS AD Tipo III da cidade à época o que até o presente momento não ocorreu.

Em relação ao CAPS Delta, trata-se do primeiro CAPS aberto em Goiânia que, desde sua inauguração, atende somente crianças e adolescentes com dependência de substâncias psicoativas. Tal especificidade, a primeira do país e contrária à Portaria n.º

⁶⁶ Denominação para garantia do sigilo.

⁶⁷ Serão nomeados cada um dos quatro CAPS AD com as quatro primeiras letras do alfabeto grego.

⁶⁸ O CAPS Tipo III é uma modalidade de CAPS que funciona 24h e em que está previsto o Acolhimento Noturno por até 15 dias dos casos mais graves que estão sendo acompanhados pela equipe multidisciplinar. Importante ainda registrar que os CAPS tipo II funcionam das 7 às 19h.

336/2002, que orienta que tal unidade atenda também crianças e adolescentes com transtornos mentais os mais diversos. Esse atendimento adveio de uma lacuna de cuidado com esse público específico na capital de Goiás.

Quanto aos professores de educação física de um dos quatro CAPS, existem dois profissionais trabalhando em turnos distintos. No que se refere à observação participante, bem como a entrevista semiestruturada feita com os dois profissionais, essas foram bastante reveladoras das concepções, planejamento e processos terapêutico-pedagógicos. Resguardado o sigilo da pesquisa, denomina-se cada um desses profissionais com as letras do alfabeto de A até F. Também não será realizada a distinção de sexo (masculino e feminino) durante as referências aos profissionais e nem será feita nenhuma referência a qual das quatro unidades cada um deles trabalha para garantir o sigilo.

Inicialmente, são sintetizados os elementos comuns a conduta terapêutico-pedagógica de cada um dos professores de educação física que participaram das observações participantes e posteriormente serão apresentados os elementos singulares dos mesmos acerca da questão-problema posta acima.

Mas, antes disso, buscou-se, junto ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), compreender os procedimentos para realização da pesquisa de campo. Foi seguido rigorosamente todo o percurso de documentos e autorizações para que esta pesquisa fosse permitida conforme os critérios éticos de pesquisa exigidos pelo CEP, conforme consta do anexo I.

Mesmo autorizado para realizar a pesquisa, foi estabelecido diálogos com todos os gerentes e professores de educação física das quatro unidades de saúde solicitadas e autorizadas para a pesquisa. É importante dizer que o fato de ser um professor de educação física que trabalha em um desses serviços e conhecedor deles (dos lugares e das pessoas) facilitou todo o processo de início, andamento e término da pesquisa de campo.

Em relação à minha presença pessoal nos atendimentos realizados, disse que participaria dos grupos como observador participante, na condição mais próxima possível dos usuários dos serviços, gravando em áudio todo o atendimento e anotando tudo o que fosse importante.

É importante dizer que, diante da minha experiência na área, tornou-se difícil permanecer no lugar proposto. Primeiro, porque em uma das unidades pesquisadas foi-me solicitado, no primeiro atendimento, a apresentar um tema, no modelo roda de conversa, para conduzir o grupo com os usuários. Segundo, porque minha presença

acabou interferindo no planejamento das atividades subsequentes de alguns profissionais semelhante ao papel de um supervisor.

No que concerne aos usuários, no começo de todos os atendimentos lembrava a razão de ali estar conforme os critérios éticos acordados, dizendo que estava fazendo doutorado e estudando os processos de educação do olhar e sua possível relação com a semiformação humana no campo das toxicomanias. Mencionava minha condição de observador participante semelhante ao lugar dos usuários atendidos.

Dada a rotatividade de usuários, algo muito comum nos CAPS, sempre lembrava os usuários dos meus propósitos como pesquisador ali reiterando a não obrigatoriedade de se submeterem à pesquisa e que só poderia permanecer ali caso todos, sem exceção, concordassem. Mesmo com tal rotatividade, todos diziam aceitar a minha presença e demonstravam, inclusive, entusiasmo com a pesquisa.

Em relação ao professor A contatado para a entrevista semiestruturada e observação participante, este trabalha no CAPS desde 2014. O professor foi contratado via concurso público para a área da saúde desde 2002, com jornada de trabalho semanal de 30 horas. Coordena dois Grupos Terapêuticos juntamente com um profissional do campo da psicologia, realiza o acolhimento de novos usuários, reacolhimento de usuários já em tratamento no serviço e participa das reuniões de pesquisa.

O Grupo Terapêutico coordenado pelo professor A juntamente com um colega da psicologia, que atendeu aos critérios da pesquisa, ocorre semanalmente em média com dez usuários do serviço. Os membros do Grupo são admitidos a partir de critérios do tipo de substância a qual são dependentes⁶⁹, além de terem de ser necessariamente do sexo masculino. Por opção, escolhi o Grupo denominado de “D”, pois este atende usuários dependentes de bebidas alcoólicas, tabaco e outras substâncias psicoativas. O outro Grupo, denominado de “A”, atende apenas dependentes de bebidas alcólicas e tabaco.

De maneira geral, as observações participantes realizadas no CAPS, neste Grupo Terapêutico “D”, trouxeram elementos cotidianos ditos e não ditos de processos que aqui se denomina de terapêutico-pedagógicos ali estabelecidos que permitem debruçar sobre os seguintes aspectos. Em primeiro lugar, trata-se de uma abordagem psicologizante da dinâmica de sofrimento do sujeito toxicômano restrita somente ao campo de saber da psicologia. As distintas mediações que culminam no sofrimento psicossocial não são trazidas à baila e há, inclusive, momentos explícitos em que os indivíduos são

⁶⁹ Grupo D (substâncias psicoativas ilícitas predominam) e Grupo A (bebidas alcoólicas e tabaco).

culpabilizados⁷⁰, como na fala do professor A, que diz: “A culpa é somente de vocês! Vocês precisam assumir a culpa por serem dependentes” (Professor A, CAPS, *Transcrição de áudio*, em 14/08/2018).

Importante destacar que não houve, ao menos nos três meses em que acompanhei o Grupo, algum tipo de intervenção terapêutico-pedagógica oriundo do campo disciplinar da educação física, com exceção de orientações gerais de cuidado à saúde física em sua dimensão biológica, via de regra.

Sobre a abordagem terapêutico-pedagógica da educação física reduzida aos saberes das ciências biológicas, essa remete ao biologicismo. Sobre este assunto, Lobo Filho (2003, p. 19) afirma que

É possível registrar hoje, após a virada do milênio, em que pese o fato de pensadores brasileiros e estrangeiros, desde a década de 1980, terem desenvolvido teorias ditas modernas, concebendo novas conceituações, em novas dimensões dessa área de conhecimento, propondo novas formas do fazer da Educação Física, que toda essa produção técnica, científica, pedagógica e filosófica não conseguiu quebrar a hegemonia do biologicismo, marca definidora da compreensão da cultura corporal de movimento, presente no mundo contemporâneo.

Em relação aos usuários participantes do Grupo, nota-se, pelas falas, que muitos deles estão frequentando o CAPS há muitos anos. Um desses usuários era o protagonista no Grupo, exercendo, inclusive, o lugar de co-terapeuta, dizendo sempre que estava bem, mencionando algumas dificuldades vividas e exaltando sempre que os medicamentos que foram receitados pelo médico psiquiatra e usados em certo momento do tratamento foram fundamentais para a melhoria da sua condição geral de vida.

Curiosamente, ele não menciona a importância do Grupo que frequenta há mais de sete anos no CAPS como também responsável pela melhoria da sua saúde. Em situações como esta, pergunta-se: não está neste e em outros casos sendo construído, com bem menos danos evidentemente, um processo não terapêutico-pedagógico, mas iatrogênico, contrário ao modelo de atenção psicossocial?

No que se refere à iatrogenia, é importante compreender que

[...] figura tão aterrorizante é a iatrogenia? [...]. Revendo a literatura sobre o tema, encontro o termo iatrogenia designando a doença ou enfermidade

⁷⁰ O processo de culpabilização da vítima ou do indivíduo implica em imputar ao cidadão, a inteira responsabilidade pela sua saúde individual, ignorando as múltiplas determinações que atuam sobre sua saúde e dos quais ela não possui controle. Além disso, implica na redução e afastamento do Estado da responsabilidade pela saúde pública e coletiva em nome da privatização irrestrita de setores essenciais como da saúde pública estatal universal.

que resulta de uma ação médica. Tradicionalmente, esta situação assume uma conotação negativa por sua estreita relação com situações de omissão, imperícia, imprudência ou negligência. Mas a iatrogenia é um fenômeno que envolve somente nossos colegas médicos? (MADALOSSO, 2000, p.12, Grifo meu).

Um dos grandes embates realizados pelos defensores das reformas nos serviços de saúde mental é o relacionado à superação do modelo estritamente biomédico e hospitalocêntrico. No intuito de estabelecer a autorreflexão crítica acerca do fenômeno da iatrogenia é necessário perceber que esse é um problema mais amplo do que o da atuação equivocada de somente uma categoria de profissionais (no caso dos médicos), mas é prática possível de todos os profissionais que ofertam atenção psicossocial. Sobre isso, Adorno (1995, p. 121) afirma:

Culpados são unicamente os que, desprovidos de consciência, voltaram contra aqueles seu ódio e sua fúria agressiva. É necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica. (Grifo meu).

A autorreflexão crítica é o eixo mais importante de um processo de verdadeira formação em qualquer dimensão da vida. A educação em saúde ou a saúde em educação deve ser um processo que converge elementos verdadeiramente terapêuticos e pedagógicos ao mesmo tempo. Para que se constitua como processo formativo voltado para a emancipação, a atenção em saúde deve ser necessariamente terapêutico-pedagógica.

A prática terapêutico-pedagógica será definida como um processo educativo com fim verdadeiramente formativo que ocorre nos espaços das distintas unidades de saúde ou fora delas com o mesmo fim. Evidentemente, o campo da saúde privilegiado para que ocorram tais processos terapêutico-pedagógicos é o da saúde mental orientado pela lógica psicossocial. É necessária uma formação pedagógica e ao mesmo tempo terapêutica⁷¹, em seu sentido mais amplo, para cuidar do sofrimento e adoecimento psicossocial e, ao mesmo tempo, educar e formar os indivíduos na direção da sua autonomia e emancipação.

Importante ressaltar que as práticas terapêutico-pedagógicas podem ser realizadas por qualquer profissional da saúde, além dos professores de educação física. Evidentemente, diante da formação acadêmica presente nos diferentes espaços de

⁷¹ Extrapola a dimensão psicoterapêutica e está presente em qualquer campo da formação humana que lida com pessoas em adoecimento e sofrimento de origem psicossocial.

formação no campo da educação física, quando comprometida em toda a sua amplitude disciplinar (licenciatura e bacharelado), os professores de educação física encontram-se, potencialmente, mais preparados para conduzir um processo que aqui é denominado de terapêutico-pedagógico. Dessa forma, trata-se do recorte desta tese compreender essa dimensão terapêutico-pedagógica a partir da atuação dos professores de educação física na especificidade da saúde mental nos Centros de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas compreendendo as relações existentes entre a educação do olhar e a semiformação humana.

Mediante tal reflexão, no tocante aos processos de educação do olhar e semiformação, notam-se elementos explícitos e difusos que comparecem neste quadro. Tratam-se de sujeitos, via de regra, em uma condição de classe social subalternizada, com poucos anos de vida escolar, com conflitos familiares graves, casos de abuso sexual na infância e ou adolescência, outros transtornos mentais associados (esquizofrenia, depressão, transtorno afetivo de humor, entre outros transtornos), conflitos conjugais vividos e ou mal resolvidos, grandes dificuldades para se organizar e ter oportunidades para geração de emprego e ou renda, entre outras mediações psicossociais que corroboram a vinculação de processos de educação do olhar e a deformação humana.

Ainda em relação aos usuários do serviço deste Grupo é possível compreender casos de pessoas que estão ali sem também exercer sua corresponsabilidade nos processos de superação do quadro de sofrimento psicossocial por elas vividos. Isso remete à autenticidade do cuidado ofertado pelo CAPS. Dessa forma, uma outra questão é importante: como construir processos autênticos que aliem oferta de cuidado terapêutico-pedagógico, envolvimento e corresponsabilização dos usuários do serviço?

Diante disso, cabe uma reflexão sobre outra problemática comum na atenção psicossocial que ocorre nos CAPS denominada de “encapsulamento”. O encapsulamento nos CAPS pode ser inicialmente compreendido como proveniente de um processo de fragmentação do cuidado de saúde integral diante da precariedade da construção de processos de vinculação dos indivíduos aos equipamentos (muitos deles não existentes) no território (FURTADO et al., 2017).

Em outra medida, o encapsulamento pode ser compreendido como uma dificuldade das equipes multidisciplinares (ou de parte de seus membros) em construir a alta terapêutica por diversas razões que não têm relação com os princípios da Reforma Psiquiátrica. Tal processo conduz para a construção de processos de institucionalização dos usuários semelhantes à lógica hospitalocêntrica e manicomial. Dessa forma,

Este duplo movimento indica a necessidade de superação de estigmas, preconceitos e inseguranças da população e na construção do cuidado, assim como do fortalecimento do projeto institucional do CAPS e da RAPS. Aponta, ainda, para enfrentamentos das precárias condições de trabalho e da reprodução de práticas manicomiais nos serviços substitutivos aos hospitais psiquiátricos, no mesmo sentido que alguns autores já vêm alertando como um “encapsulamento do CAPS”, podendo induzir a um processo de institucionalização do cuidado e da produção de novas cronicidades, reforçado pelas fragilidades intersetoriais que expressam as dificuldades de construção de uma rede ampliada e integrada de atenção psicossocial (Ibid., p. 193).

Em relação ao professor B também contatado para a entrevista semiestruturada e observação participante, esse trabalha no CAPS desde 2011 e foi contratado via concurso público para a área da saúde desde 2011, com jornada de trabalho semanal de 30 horas. O professor coordena uma Oficina de Produção de Trabalhos Manuais juntamente com um profissional da arteterapia, realiza o acolhimento de novos usuários, recolhimento de usuários já em tratamento no serviço e participa das reuniões de equipe.

A Oficina de Produção de Trabalhos Manuais coordenada pelo professor juntamente com o arteterapeuta, que atendeu aos critérios da pesquisa, ocorre semanalmente em média com 12 usuários do serviço. Os membros desse Grupo são admitidos a partir de critérios que envolvem o interesse para realização dos trabalhos manuais na Oficina de Produção e também não há restrição de sexo e o Grupo é misto.

Sob um prisma geral, as observações participantes realizadas no CAPS nesta Oficina de Produção de Trabalhos Manuais trazem elementos cotidianos ditos e não ditos de processos terapêutico-pedagógicos ali estabelecidos que permitem debruçar sobre os seguintes aspectos. Em primeiro lugar, trata-se de uma abordagem que envolve a produção de objetos como forma de ocupação saudável do tempo, conforme a disponibilidade e interesse dos usuários presentes.

É importante dizer que, diferentemente do Grupo Terapêutico “D”, no qual houve momentos implícitos e explícitos de culpabilização dos indivíduos, como na fala do professor A, em nenhum momento existiu alguma fala que insinuasse qualquer processo nessa direção. Pelo contrário, todos os usuários e usuárias eram instigados, mesmo diante de dificuldades apresentadas, a desenvolver os trabalhos manuais que conseguissem, conforme o interesse envolvendo a participação de todos.

Em segundo lugar, é importante dizer que o professor B exerce um papel mais direto e dedicado no dia a dia mesmo como co-terapeuta desse Grupo. No entanto, não se configura uma parceria interdisciplinar⁷² entre educação física e arteterapia.

Em terceiro lugar, e em consequência dos outros dois aspectos mencionados, não houve, ao menos nos três meses em que acompanhei o Grupo, algum tipo de intervenção terapêutico-pedagógica oriunda do campo disciplinar da educação física.

Em relação aos usuários participantes da Oficina de Produção é notável, assim como pelas falas de muitos, que eles estão frequentando o CAPS há muitos anos. No que se refere aos processos de educação do olhar e semiformação, são notados elementos explícitos e difusos que comparecem nesse grupo. Porém, é difícil explicitar tais elementos, pois os diálogos são muito livres, com pouca diretividade, diante da dinâmica de trabalhos manuais, além dos transtornos mentais e déficit cognitivo de determinados usuários que apresentam condições idiossincráticas que dificultam compreender tais aspectos com maior clareza.

Em suma, pode-se dizer, em linhas gerais, que o trabalho dos professores de educação física no primeiro CAPS aqui apresentado não comparece de modo disciplinar nas atividades terapêutico-pedagógicas desenvolvidas. Os usuários ali atendidos estão há muito tempo na unidade e o serviço tem tido sentido como uma proposta de Redução de Danos, que já foi central na política de drogas em nosso país. No entanto, a Política Nacional de Redução de Danos apresenta limites nos casos observados, no que concerne à reorganização geral de vida, via de regra, para além do uso das substâncias psicoativas.

Em relação ao professor C, esse foi contatado para a entrevista semiestruturada e observação participante. Ele trabalha no CAPS desde 2014. Foi contratado via concurso público para área da saúde desde 2011 e com jornada de trabalho semanal de 30 horas. Coordena dois Grupos Terapêuticos juntamente com uma psicóloga, outro Grupo Terapêutico junto com uma assistente social, coordena sozinho um Grupo de Caminhada, realiza o acolhimento de novos usuários, recolhe usuários já em tratamento no serviço e participa das reuniões de equipe.

Inicialmente, ficou acordado que eu iria participar do Grupo que ele coordena junto com uma psicóloga, chegando a participar de dois encontros. Nesses dois encontros, pude observar uma situação bastante semelhante à vivida no CAPS Alpha com o professor

⁷² É o que se espera em um trabalho na saúde mental em uma perspectiva psicossocial é uma parceria interdisciplinar. Tal parceria é fundamental para ampliar a compreensão do caso e viabilizar uma prática que aqui é denominada de terapêutico-pedagógica.

A. Após conversar com o professor C, sugeri a minha participação no Grupo de Caminhada, o que foi prontamente aceito por ele.

As minhas observações participantes no Grupo de Caminhada permitiram-me ter contato com a primeira experiência disciplinar da área de educação física em um CAPS. Percebo isso como um avanço, pois, por mais que nos CAPS os profissionais em geral não se dediquem predominantemente às especificidades de sua área disciplinar de base é importante ofertar experiências distintas daquelas de um cenário de cuidado onde predominam, via de regra, os processos psiquiátricos e ou psicoterapêuticos de cuidado.

No entanto, e de maneira geral, pode-se afirmar, perante a proposta terapêutico-pedagógica que tem relação com os processos de educação do olhar e semiformação, que esses enfrentam limites, pois há pouco diálogo entre o professor e os usuários. A atividade física acaba sendo uma ocupação alternativa do tempo, mas não mobiliza, ao menos intencionalmente, aspectos que possam problematizar as conformações inerentes ao processo de semiformação humana. Nesse sentido, a atividade física converte-se em mera adaptação ao existente. Embora Adorno (1995, p. 143-144) faça as seguintes ressalvas, afirma que

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém, ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de well adjusted people, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. Nestes termos, desde o início existe no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade uma ambiguidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos desviar dela.

Em relação ao professor D, contatado para a entrevista semiestruturada e observação participante, esse trabalha no CAPS desde 2014. Ele foi contratado via concurso público para a área da saúde desde 2009, com jornada de trabalho semanal de 30 horas no turno vespertino. Coordena dois Grupos específicos da área de educação física nessa unidade. Em um deles, trabalha com *yoga* e no outro, com práticas corporais diversas. Além disso, realiza o acolhimento de novos usuários, faz recolhimento de usuários já em tratamento no serviço e participa das reuniões de equipe.

Ficou acordado que eu iria participar do Grupo de *yoga*. Frequentei durante o período da pesquisa o Grupo do professor D, exceto em suas férias no mês de julho. As minhas observações participantes no Grupo de *yoga* permitiram-me o contato com a segunda experiência disciplinar da área de educação física em um CAPS. Como foi dito

anteriormente, isso é um avanço, pois, por mais que nos CAPS os profissionais em geral não se dediquem predominantemente às especificidades de suas áreas disciplinares de base, é importante ofertar experiências distintas daquelas de um cenário de cuidado onde pode predominar a lógica psicologicista e psiquiatrizante de cuidado.

Inclusive, identifico nessa proposta terapêutico-pedagógica do professor D, em relação com os processos de educação do olhar e semiformação, que esses apontam uma direção que estes temas passam a ser experienciados em alguns aspectos. Em primeiro lugar, isso ocorre porque o professor problematiza situações da vida cotidiana que remetem a elementos da cultura em geral, que geram adoecimento antes da realização da prática corporal propriamente dita. Em segundo lugar, a *yoga* em si mesma estimula estados de percepção e consciência corporal diante dos limites e possibilidades de reconhecimento de si. Em terceiro lugar, como a última atividade do Grupo de *yoga* é a meditação, sugere-se que os usuários do Grupo busquem centrar-se em suas condições atuais de vida e em propósitos vindouros para modificar o que não está bem em suas vidas, o que permitiu momentos de reflexão.

Sobre isso, um dos usuários afirmou que

Acho que a yoga tem me ajudado. Agia no impulso e sem pensar. Estou com mais paciência nas minhas relações, principalmente com a minha mulher. Era um poço de nervos. (Professor D, CAPS, *Transcrição de áudio*, em 27/08/2018).

Evidentemente não se trata de idealizar a prática terapêutico-pedagógica do professor D e tampouco da *yoga* em si mesma, mas dos sentidos e significados que se põem nos encontros semanais do grupo. Problematicar elementos da cultura visual a partir das práticas corporais é um desafio vivido em todos os encontros semanais deste e em qualquer grupo vivido nos CAPS.

No que concerne ao professor E, esse foi contatado para a entrevista semiestruturada e observação participante. Ele trabalha no CAPS desde 2011. Além dele, há o professor F, que trabalha nessa mesma unidade de saúde. Ele foi contratado via concurso público para a área da saúde desde 2009, com jornada de trabalho semanal de 30 horas. Além disso, realiza o acolhimento de novos usuários, faz reacolhimentos de usuários já em tratamento no serviço e participa das reuniões de equipe.

Devido ao tipo de atendimento que esse professor de educação física desenvolve na unidade, não me foi permitido participar de nenhum atendimento por ele realizado. Ele

menção que, nesses atendimentos, remete, entre outros temas, à temática da corporalidade dos usuários do serviço por ele atendidos.

No que tange ao professor F, contatado para a entrevista semiestruturada e observação participante, esse trabalha no CAPS. O professor F trabalha no CAPS desde 2011. Ele foi contratado via concurso público para a área da saúde desde 2009, com jornada de trabalho semanal de 30 horas no turno matutino. Assim como o professor D do CAPS Gamma, ele coordena dois Grupos que tematizam temas da especificidade da área de educação física.

Em um destes Grupos, ele desenvolve sua prática terapêutico-pedagógica com *slackline* e o outro com *muay thai*. Além disso, o professor F realiza o acolhimento de novos usuários, faz recolhimento de usuários já em tratamento no serviço e participa das reuniões de equipe.

Ficou acordado com o professor F que eu iria participar do Grupo de *slackline*. Frequentei, durante todo o período da pesquisa, o Grupo desse professor, exceto em suas férias em julho. As minhas observações participantes no Grupo de *slackline* permitiram-me ter contato com a terceira experiência disciplinar da área de educação física em um CAPS. Como foi dito antes, trata-se de um avanço, pois, por mais que nos CAPS os profissionais em geral não se dediquem exclusivamente à sua especialidade é importante ofertar outras experiências nesse cenário de cuidado onde têm predominado, via de regra, atendimentos e abordagens da psicologia e da psiquiatria.

É possível perceber, do ponto de vista terapêutico-pedagógico do professor F, no que tange aos processos de educação do olhar e semiformação, que esses apontam, assim como a experiência com o professor D, uma perspectiva segundo a qual esses temas passam a ser experienciados sob múltiplos prismas. Num primeiro momento do diálogo prévio e durante a atividade de *slackline*, o professor F apresenta eixos de reflexão sobre a importância do equilíbrio em nossas vidas para caminhar. Tal processo tem a ver com a prática corporal do *slackline*, que pode ser resumidamente descrita em caminhar sobre uma corda esticada. O professor F reforça elementos da vida para pensar como caminhamos sobre uma corda, comparando com a caminhada de nossas vidas e quais são os princípios de vida que orientam um bem viver.

Cabe a ressalva de que novamente não se trata de idealização da prática terapêutico-pedagógica do professor F e nem apenas do *slackline* em si mesmo, mas da dinâmica trazida por esse professor, que instiga a reflexão por meio dessa prática corporal e da realidade vivida pelos usuários do CAPS.

Diante dessas observações gerais concernentes à pesquisa de campo na dimensão da observação participante, no próximo tópico serão abordadas as entrevistas semiestruturadas.

4.3. Entrevista semiestruturada: concepções de professores de educação física e usuários do serviço acerca das relações entre os processos de educação do olhar e semiformação

Em relação às concepções de professores de educação física e usuários dos serviços nos CAPS AD em Goiânia, esses responderam às questões presentes no roteiro de entrevista semiestruturada, conforme anexo II.

De acordo com a análise dos dados coletados na entrevista semiestruturada, serão apresentados os aspectos gerais concernentes às respostas e colocadas em destaque as respostas dos professores que responderam à questão-problema anteriormente anunciada.

Em relação à primeira questão, três professores dizem que esperam alcançar os princípios da lógica psicossocial e da Política Nacional de Redução de Danos, a qual é ancorada na Portaria n.º 1.028/2005. Dois professores referem-se ao protagonismo e à autonomia do usuário vinculados à lógica da atenção psicossocial e um professor se refere à melhoria geral de vida, também vinculada à lógica psicossocial e consequente abandono do uso das substâncias psicoativas.

Sobre a segunda questão, que tem relação com os estereótipos imagéticos do sujeito toxicômano, quatro professores mencionam as imagens mentais mais comuns que a maior parte das pessoas tem em relação à condição do sujeito toxicômano. Dois desses professores disseram que esta imagem mudou com a experiência e atendendo pessoas fora do estereótipo imagético mais comum conforme havia sido dito anteriormente. Sobre isso, o professor A diz:

Então, eu acho isso aí interessante, porque antes de entrar no CAPS a primeira imagem que você vê é morador de rua, é sujo, é aquele barbudo, é aquele trapo humano mesmo que a gente vê e fala, “ah, usuário de droga”, a gente cresce com essa imagem... (Professor A, CAPS, *Transcrição de áudio* em 12/06/2018).

A fala do professor A reforça o estereótipo vinculado a aspectos mórbidos e tenebrosos que Trad (2015) apresenta. Ainda concernente à segunda questão, o professor D disse lembrar das imagens de pessoas difundidas pelas mais distintas mídias, mas não

do sujeito toxicômano, e sim dos indivíduos nas propagandas de bebidas alcoólicas e medicamentos. O professor E remete à imagem da condição do sujeito para além do toxicômano referindo-se aos excessos do uso de substâncias psicoativas, alimentos e agrotóxicos, que também podem trazer prejuízos para as nossas vidas. Isso demonstra no discurso do professor e a amplitude e eficácia da categoria indústria cultural como mecanismo cultural e ideológico de dominação. O professor C apresenta a seguinte representação imagética do sujeito toxicômano:

A gente lembra, quando a gente pensa nessas imagens a gente lembra do que a gente assiste né, a gente vê, na verdade é isso, quando eu olho pra usuário de droga a gente pensa num zumbi, né, num zumbi humano, aquele lá da Cracolândia de São Paulo e tal, essa é a, quando a gente fala assim “você é um usuário de droga”, né, a princípio, hoje eu já tenho outras imagens né, porque com o passar dos anos, tenho seis anos na saúde mental as imagens melhoraram bastante, né, hoje eu descobri que o uso abusivo de medicamentos também é uso de drogas né... (Professor C, CAPS, *Transcrição de áudio* em 15/06/2018).

Já o professor B acrescenta à representação imagética do professor C outros elementos:

Então, pensando que o nosso serviço atende pessoas que ela já tá em sofrimento mental já tem um tempo, pensando nas pessoas que frequentam o serviço a imagem que vem na minha cabeça é uma pessoa que tá mais debilitada, fragilizada, com a saúde já fragilizada, mas ao mesmo tempo também me vem a cabeça pessoa normal, pessoa que leva a vida como, pra quem não sabe que a pessoa usa drogas, é uma pessoa normal, trabalha, que estuda, que dirige, que tá inserido, então ao mesmo tempo que vem a imagem que é o que seria antes deu começar a trabalhar aqui, a imagem que, se fosse, essa pergunta fosse feita antes eu imaginaria aquela pessoa que usa crack, que tá na rua, que já tá em situação precária. Depois, essa imagem mudou depois que eu comecei a trabalhar aqui no serviço, aqui a gente tem contato com usuário e a gente percebe que nem todo mundo tá tão debilitado, que tem gente que consegue levar a vida, que consegue se organizar, mesmo tendo uso da droga. (Professor B, CAPS, *Transcrição de áudio* em 20/06/2018)

Conforme pode-se depreender a partir das concepções de professores acerca da imagem mental do dependente de substâncias psicoativas nota-se novamente a relação existente entre a educação do olhar e a semiformação humana. Trata-se evidentemente de uma relação múltívoca em que a tensão entre sujeito e objeto comparecem, pois se não os professores mesmo tendo a experiência do tratamento de dependentes não alterariam a sua concepção imagética e extra imagética sobre o dependente.

No entanto, o aspecto deformativo comparece antes do contato com os dependentes de substâncias psicoativas, nos relatos dos professores, pois a imagem mental do dependente foi falseada por um estereótipo que tem múltiplas raízes imagéticas e extra imagéticas para justificar o medo e uma necessidade de intervenção mais incisiva contra o sujeito toxicômano que não é bem ajustado às necessidades produtivas e da manutenção da dominação da lógica do modo de produção capitalista.

Quanto à terceira questão, os professores, em geral, dizem que assistem a poucos programas televisivos, sendo que um deles, o professor E, não assiste a nenhum deles. Três professores criticam o jornalismo sensacionalista, mas gostam de assistir a programas jornalísticos sem essa característica. O professor A assiste somente a jornais não sensacionalistas e programas infantis do *Discovery Kids* junto com sua filha de cinco anos. O professor D gosta de assistir, além de jornais não sensacionalistas, a programas esportivos. O professor B gosta de assistir a jornais não sensacionalistas, filmes e seriados. Já o professor F gosta de assistir a jornais não sensacionalistas, ouvir a rádio de uma igreja protestante, programas com assuntos temáticos denominados por ele de “complexos” e, principalmente, seriados.

Em relação à quarta questão, o professor F diz que gosta muito de ler livros literários que sejam “diretos ao assunto” e não gosta literatura clássica. Considera que tem “muita enrolação” para dizer/descrever coisas muito simples. O professor B diz que gosta de ler muito literatura infantil por causa dos filhos. O professor C diz que gosta de literatura que “ensina” a cuidar dos filhos, obras literárias por ele denominadas de “literatura de massas” e literatura clássica brasileira e internacional.

O professor A diz que, por ser católica, gosta de ler qualquer obra literária que questione os dogmas religiosos como as de *Dan Brown* e *William Paul Young*. O professor D diz que a última obra literária que leu foi *Robinson Crusoe* de *Daniel Defoe* e que outras obras literárias clássicas leu somente na adolescência. O professor E diz que gosta de ler muito qualquer literatura que trate de temas da espiritualidade.

No tocante à quinta questão, o professor E tem preferência por dramas e documentários. O professor C disse que só assiste a filme em cinema porque, se for em casa, ele dorme. Em relação aos gêneros fílmicos, o professor C gosta de ver filmes de ação com muitos efeitos especiais e filmes infantis que tragam algum conteúdo para além do entretenimento na formação dos filhos. O professor D relata que gosta de filmes que contem a história de vida de uma pessoa e que, de preferência, sejam baseados em fatos reais. O professor F diz que gosta de assistir a filmes de mero entretenimento, mas

também gosta de filmes com conteúdo, desde que tenham cenas de ação. Diz não gostar do gênero drama e nem de filmes que aumentem seu nível de ansiedade. O professor B relata que gosta de filmes de ficção científica e que retratem fatos históricos. Já o professor A menciona que gosta muito de filmes e dos seguintes gêneros: comédias, comédias românticas, baseados em fatos reais e ficção científica. Como se pode observar pela fala dos professores a maioria busca nos filmes e cinema o entretenimento.

Refletir sobre o entretenimento a partir da experiência fílmica e do cinema apresenta uma ambivalência necessária de ser compreendida. Para Adorno e Horkheimer (1947) o entretenimento não é um problema em si, mas o uso que dele é feito para mera diversão sem nenhum compromisso com a autorreflexão crítica e emancipação humana. Até porque como afirmaram estes autores frankfurtianos o entretenimento é anterior a própria indústria cultural e deixou de ser uma das experiências possíveis no tempo livre para ser mais um momento em que se aperfeiçoou, sob a égide da sociedade administrada, a dominação pela via do prazer instantâneo como sucedâneo de uma aparente liberdade.

Referente à sexta questão, o professor B diz que lê de três a quatro artigos por mês que tratam da temática da drogadição. O professor A diz ter feito o curso SENAD (Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas) denominado de SUPERA⁷³ e considera que sua experiência de formação quando trabalhou em outro CAPS foi muito rica. O professor F relata que, devido aos estudos para seleção do mestrado, que pretende fazer na área da saúde tem lido muito para construir um projeto de pesquisa acerca da temática da drogadição. O professor F diz ainda que também fez o curso do SENAD denominado de Supera. O professor D menciona também ter feito o curso Supera, organizado pelo SENAD mas que busca adaptar os conteúdos da educação física aprendidos na época em que fez a graduação em educação física de maneira dialógica, inclusiva e motivadora. O professor C relata que tem lido artigos sobre a temática da drogadição, bem como participado de momentos de troca de experiências nas reuniões de equipe. Em relação ao professor E, esse diz que, devido a sua atuação no CAPS, considera sua formação suficiente para os atendimentos diários. Atualmente, ele disse que tem lido artigos relacionados com a temática da drogadição para ampliar sua formação teórica sobre o assunto, bem como acerca das portarias e leis que estabelecem as diretrizes de funcionamento dos CAPS.

⁷³ Curso a distância oferecido pelo SENAD. A sigla significa Sistema para detecção do Uso abusivo e dependência de substâncias Psicoativas: Encaminhamento, intervenção breve, Reinserção social e Acompanhamento.

No que tange à sétima questão, o professor F diz que percebe que as mídias em geral repercutem negativamente a condição de sofrimento psicossocial e da semiformação do sujeito toxicômano, pois veiculam cotidianamente ódio e violência. O professor C acredita que este mesmo problema tem dois eixos fundamentais: na carência de boas condições materiais de vida, a rejeição em diferentes instituições em um âmbito psicossocial; e o sentimento de inferioridade procedente das desigualdades sociais existentes no Brasil. O professor D diz que a educação do olhar é fundamental para a constituição do sujeito, seja para a formação, seja para a semiformação, e a educação do olhar está vinculada à compreensão de quem conduz os processos educativos e os interesses sócio históricos daí oriundos. O professor F acredita que o sofrimento psicossocial e a semiformação surgem em contextos psicossociais extremistas: de vitimização do sujeito ou da culpabilização dele. Para esse professor, tal processo tem relação com a alienação do indivíduo na sociedade capitalista. Para o professor A, o sofrimento psicossocial e a semiformação têm a ver com a repetição da história familiar de desamparo ou mesmo dos pais que usando drogas influenciaram, pelo exemplo, os seus filhos para que se tornassem dependentes. Ou, nas palavras dele:

Eles trazem, assim, é engraçado que quando eles começam a contar a história de vida deles a história se repete. As vezes eles estão fazendo com os filhos o que os pais fizeram com eles, e aí é uma história de vida muito dolorosa, né, pra eles e assim, tem um aqui que fala, e vem muito na cabeça, ele fala assim, ele fala assim, meu pai usou cocaína comigo... (Professor A, CAPS, *Transcrição de áudio* em 12/06/2018).

Nota-se, nas respostas dos professores a esta questão, aquilo que Adorno (1995) denomina de barbárie e como, por meio dos processos de reprodução social, Auschwitz se repete de outras formas. Por isso,

A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la. Não consigo entender como até hoje mereceu tão pouca atenção. Justificá-la teria algo de monstruoso em vista de toda monstruosidade ocorrida. Mas a pouca consciência existente em relação a essa exigência e as questões que ela levanta provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que depender do estado de consciência e de inconsciência das pessoas. Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação. Fala-se da ameaça de uma regressão à barbárie. Mas não se trata de uma ameaça, pois Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que tem de fundamental as condições que geram esta regressão. É isto que apavora (ADORNO, 1995, p. 118-119).

Na reflexão que permite pensar a barbárie ainda relacionada com a repetição de Auschwitz, o professor B apresenta uma resposta bastante parecida com a do professor A, mas acrescenta dizendo do papel pernicioso das propagandas que estimulam o consumismo, violência e acabam aproximando as pessoas das drogas pelas frustrações. Para ele:

Então, eu acho que a propaganda, que as propagandas têm influência muito grande, então pela questão do fetiche e aí da condição da maioria financeira não ser boa, da pessoa não poder consumir e nos acolhimentos né, “ah, eu queria, que queria tanto aquele tênis, eu queria tanto aquele tênis e aí eu vou assaltar, porque minha condição financeira não permite que eu tenha aquele produto”, então, o que eu vi assim do mundo que eu trabalho aqui né, envolvimento com crime por conta da baixa condição financeira e aí a propaganda tem influência pela questão do consumo... (Professor B, CAPS, *Transcrição de áudio* em 20/06/2018).

Acerca da oitava questão, o professor E diz que, no início da sua experiência no CAPS, fazia um planejamento mínimo para as intervenções. Atualmente diz que não precisa do planejamento. O professor B diz que constrói seu planejamento terapêutico-pedagógico a partir das demandas apresentadas pelos usuários nos primeiros atendimentos. O professor A menciona dificuldades na realização do planejamento quando começou a trabalhar no CAPS.

O professor A, realiza Grupos Terapêuticos com um profissional da área da psicologia no CAPS e consegue, inclusive, trazer conteúdos da área da saúde, que considera ser da educação física, para estimular, nas palavras dele, a “qualidade de vida” e “bem-estar” dos usuários por ele atendidos. O professor F acredita que a única forma possível de planejamento terapêutico-pedagógico nos CAPS é do tipo aberto devido às inúmeras contingências da dinâmica de cuidado e tem como eixo central o desenvolvimento da autonomia e a responsabilização do usuário atendido. O professor C diz que não há planejamento das suas atividades, pois ele precisa ouvir e entender as demandas de cuidado dos usuários por ele atendidos para ofertar as atividades. O professor D acredita que não só a ausência de planejamento, mas trazer as especificidades da educação física para o CAPS é um grande desafio a ser pensado e buscado soluções no cotidiano desse serviço de saúde.

Sobre o planejamento das atividades terapêutico-pedagógicas nos CAPS, é importante compreender que, via de regra, se nota uma dificuldade nesta construção diante das especificidades do serviço e sua dinâmica, conforme relato dos professores

entrevistados, mas também pela falta de propósito das atividades desenvolvidas. Quanto a isso, Ribeiro et al. (2008, p. 520) afirmam que:

A ausência de clareza sobre a finalidade (para quê) dessas atividades contribui para a mera reprodução dela nos moldes psiquiátricos de assistência, pois “é a racionalidade que embasa a prática, a finalidade que se quer alcançar, além do modo como se organiza a participação de todos nesse trabalho, que orientará a atividade” para um ou outro modelo de atenção em saúde mental. Ademais, essa abordagem corresponde a um risco para a qualidade em saúde na proposta da atenção psicossocial, pois esta é obtida por uma combinação de autonomia profissional com responsabilização dos trabalhadores pelos usuários na construção de um pacto em torno de um projeto coletivo.

No que toca à nona questão do roteiro de entrevista, o professor C afirma que a finalidade da sua intervenção terapêutico-pedagógica é que o usuário melhore vários aspectos da sua condição de vida desde quando iniciou o tratamento e isso envolve não necessariamente o abandono do uso da substância que ele tem dependência. Para o professor D, significa basicamente a “relação dialética entre conteúdo que a gente aprendeu, objetivo, avaliação, e o método” (Professor D, CAPS, *Transcrição de áudio* em 11/06/2018). Para o professor F, a finalidade da sua intervenção seria, de acordo com sua vontade, a abstinência da substância, mas, como considera esse processo muito difícil, acredita que a redução de danos aliada com o indivíduo se tornar um cidadão funcional já seria um grande ganho. Para o professor A, sua finalidade central é contribuir para a mudança do estilo de vida dos usuários por ele atendidos, mas sem se preocupar com a abstinência como eixo central de cuidado, pois também considera difícil alcançar esse propósito. Para o professor B, a intervenção tem como finalidade superar os preconceitos que os usuários trazem e melhorar sua condição geral de vida.

Nota-se pela fala dos professores de educação física que a maioria compreendem o trabalho no CAPS na dimensão do cuidado que é algo próprio dos serviços de saúde em uma lógica mais estrita. É necessário relacionar a própria lógica oriunda do modelo psicossocial com a dimensão terapêutico-pedagógica aqui apresentada para construir junto ao projeto terapêutico singular dos usuários nos CAPS de perspectivas mais ampliadas que possam ser mais efetivas na direção da autonomia, emancipação e do cuidado ao mesmo tempo.

Em relação à décima questão, essa envolve as referências visuais que os professores de educação física entrevistados acreditam que podem contribuir para um processo contra hegemônico que colabore para a construção da autonomia e emancipação

dos usuários por eles atendidos. Nesse sentido, o professor D afirma que é necessário ampliar os olhares dos usuários por ele atendidos sobre as imagens para que se possa apreendê-las a partir de uma perspectiva histórica e crítica. O professor A acredita que os filmes são um ótimo recurso contra hegemônico para uma educação do olhar que contribua para um processo de construção da autonomia e emancipação humana. O professor A diz:

Filmes eu acho bem bacana, eu falo pra eles demais, “gente, assistam filmes”, de vez em quando eu trazia, esse ano é que eu não trouxe. Assistir filmes, porque eu acho que quando você vê mesmo uma situação que tá acontecendo com você o desenrolar de toda situação até ela finalizar, seja ela deu errado, deu negativo ali, você fala, “nossa, foi isso que aconteceu comigo mesmo, né, será que eu quero esse fim também”, ou então o desenrolar que deu positivo, deu bem bacana no final, fala assim, “é isso que quero pra mim”, sabe, acho que eu gosto muito dessa imagem de filme, de filme... (Professor A, CAPS, *Transcrição de áudio* em 12/06/2018).

Ainda sobre a décima questão, o professor B diz que pode existir uma educação do olhar que mantenha o indivíduo subalternizado e outra que pode contribuir para seu processo de autonomia e emancipação, mas não soube dizer exatamente como o segundo processo poderia ocorrer. O professor C acredita na imagem contra hegemônica em direção da autonomia e emancipação:

[...] eu penso que a gente não tem registro de imagem mas uma coisa importante seria assim, você tirar uma foto quando você chega e depois tirar uma foto de certo tempo, aí você vê que vai ter progresso... [...] e eu percebo isso, percebo que as pessoas chegam de um jeito e passa ali dois, três meses e eles estão de outra forma, então eu acho que a melhor imagem pra romper é dos próprio usuários entre eles... [...] dele mesmo, porque a imagem de um outro ser, né, por exemplo, você pegar o Casagrande lá, comentando a copa e pegar ele lá, a imagem dele lá, usando cocaína e tal, então é uma imagem de alguém, mas não é uma coisa que vai convencê-los... [...] porque ele vai falar, “não, porque ele tem dinheiro”, entende, então eu acho que o maior convencimento tá dentro do próprio grupo, eu acho que a melhor imagem é daqueles que estão, né, então, a gente tinha um servidor da prefeitura, da COMURG, e o camarada chegou aqui de um jeito assim, lastimável, morando na rua e passou ali uma ano ele era outro, voltou pra casa, tava trabalhando, tava feliz, tava, outra pessoa, né, então assim, e ele mesmo falava isso no grupo né, falava, “gente, quando eu cheguei aqui achei que isso aqui não ia resolver nada na minha vida, achei que isso aqui era uma conversa fiada, e passou o tempo e tô aqui e tal”, então eu acho que a gente poderia registrar isso, que a gente não tem feito... (Professor C, CAPS, *Transcrição de áudio* em 15/06/2018).

Já o professor F, em relação à décima questão, diz que a imagem dele como professor pode ser uma referência que ajude os meninos a ter o seguinte entendimento:

Talvez uma visão, uma, uma, são imagens, voltando na questão do corpo, demonstrar que uma imagem um pouco mais descolada na perspectiva dos meninos não precisa necessariamente ser bandido ou porra louca, como eu disse, a minha própria imagem, pelo meu biótipo de corpo, pelo meu jeito, minha tatuagem, o brinco eu consigo chegar nos meninos e mostrar pra eles que dá pra levar uma vida mais tranquila e mais correta, dentro do nosso conceito de ética, sem necessariamente ser o cara quadradin, que anda de terno e gravata... [...] e não necessariamente, também, andar de terno e gravata não significa que andar de terno e gravata seja bom ou ruim, entendeu, na verdade eu acho que a, a imagem que possa ajudá-los é exatamente a desconstrução das imagens estereótipos. (Professor F, CAPS, *Transcrição de áudio* em 06/08/2018).

Ainda em relação à décima questão, o professor E afirma que é necessário que os usuários por ele atendidos tenham acesso a um cinema, teatro e artes em geral, que tenham uma proposta de contracultura e de educação estética.

Sobre as imagens, Flusser (1985, p. 7) nos ajuda a compreendê-las como

[...] superfícies que pretendem representar algo. Na maioria dos casos, algo que se encontra lá fora no espaço e no tempo. As imagens são, portanto, resultado do esforço de se abstrair duas das quatro dimensões espaço-temporais, para que se conservem apenas as dimensões do plano. Devem sua origem à capacidade de abstração específica que podemos chamar de imaginação. No entanto, a imaginação tem dois aspectos: se de um lado, permite abstrair duas dimensões dos fenômenos, de outro permite reconstituir as duas dimensões abstraídas na imagem. Em outros termos: imaginação é a capacidade de codificar fenômenos de quatro dimensões em símbolos planos e decodificar as mensagens assim codificadas. Imaginação é a capacidade de fazer e decifrar imagens.

Concernente à questão número onze, todos os professores acreditam que a educação do olhar pode exercer influências sobre as concepções de homem, mundo, sociedade e sobre a relação do ser humano com as substâncias psicoativas. O professor E acredita em influências tanto positivas quanto negativas e que os usuários que ele acompanha têm mais acesso às influências negativas. O professor F acredita que a relação dos seres humanos com as imagens é de identificação. Sendo assim, com aquilo que se identifica é o que se vai querer ter e ser.

[...] Então, na verdade a imagem ela tem toda a influência na formação do indivíduo, seja de quem vier, um exemplo, essa conversa até eu tive com um menino quinta passada, falando a respeito de favela, favela, falei “pô, como assim favela, o que você quer dizer com isso?”, aí ele fala, “ah, favela é pobre, é o bandido...”, “pô, mas será que é bandido mesmo, será que é?”, a imagem do bandido ele começava a se identificar, se eu me identifico com essa imagem, então logo eu sou bandido, então na verdade eu tô desconstruindo essa imagem do bandido pra mostrar que ele é mais que um bandido, ele não é bandido, eu perguntei pra ele, “você quer ser

bandido?”, “não”, “então pronto”, mas ele se identifica com isso. (Professor F, CAPS, *Transcrição de áudio* em 06/08/2018).

Já o professor C, no que concerne à questão onze, acredita na influência da educação do olhar nas múltiplas concepções mencionadas nessa questão e que a escolarização reduzida limita as concepções. Acredita ainda que, quanto maior a escolarização, melhor é o processo de construção de concepções que podem humanizar mais a pessoa. O professor B acredita na influência da educação do olhar nas distintas concepções mencionadas e destaca a importância da socialização primária no ambiente familiar para oportunizar a formação ou semiformação da pessoa. Sobre isso, a professor B diz: “eu acho que a maioria das pessoas aprendem, são muito visuais, aprende a partir do que ela vê...” (Professor B, CAPS, *Transcrição de áudio* em 20/06/2018).

O professor D acredita nas influências da educação do olhar e destaca a história de vida da pessoa nos diferentes contextos sociais que podem levar à formação ou à semiformação. O professor A acredita nas influências da educação do olhar nas diferentes dimensões das concepções humanas e destaca a formação de estereótipos que limitam o entendimento e alienam as pessoas.

Em relação às concepções teóricas que fundamentam a prática terapêutico-pedagógica dos professores de educação física nos CAPS, o professor A diz que são múltiplas. Em cada situação de diálogo com os usuários, ele lembra de algo da época da faculdade que considera útil para a intervenção, embora considere os saberes oriundos do campo biológico da educação física como mais importantes.

É, aí eu lembro de alguma coisa e falo, “olha...”, esse dia alguém me falou de motricidade também, eu falei, “ah...”, lembrei de uma coisa, anatomia eles estão sempre perguntando pra gente de alguma coisa de parte do corpo, principalmente eu que foco muito a saúde, eles tão sempre perguntando alguma coisa da anatomia, da fisiologia, acho que é por aí. (Professor A, CAPS Alpha, *Transcrição de áudio* em 12/06/2018).

O professor D, assim como o professor A, no tocante à questão doze, destaca os saberes, principalmente da época da faculdade e do campo disciplinar da educação como sua referência teórica central para suas intervenções terapêutico-pedagógicas. Destaca, inclusive como fundamental em sua formação, Paulo Freire como autor e a obra *Metodologia de Ensino da Educação Física* escrita por um Coletivo de Autores⁷⁴.

⁷⁴ CASTELLANI FILHO, L. et al (2009)

O professor B diz não se lembrar dos autores que o embasam, mas remete ao corpo docente que a constituiu como professor de educação física. Menciona que trabalha a partir daquilo que lhe foi ensinado na época da graduação. Já o professor F afirma:

Cara, muito interessante sua pergunta, quando eu entrei no CAPS eu literalmente entrei em crise, inclusive filosófica e religiosa, em tudo, tô falando sério, entrei em crise de verdade, meu começo nessa área foi tipo assim, “porra, eu vivo uma perspectiva em que usar droga é coisa do capeta e quem serve o capeta vai pro inferno e acabou, não tem conversa”. Aí de repente me vem alguém com uma perspectiva de redução de danos pra crack, eu “hãã, como assim?”, entendeu. [...] Porém, eu tive que buscar um diálogo com isso daí, diálogo esse que não barateasse aquilo que eu acredito enquanto fé, mas que ao mesmo tempo também não desvirtuasse aquilo que a lei, aquilo que o trabalho preconiza... (Professor F, CAPS, *Transcrição de áudio* em 06/08/2018).

O professor C menciona que trabalha com a pedagogia histórico-crítica, pois no turno vespertino trabalha em uma escola e procura trazer a sua formação do campo pedagógico escolar para sua prática terapêutico-pedagógica no CAPS.

Referente à questão treze, que pergunta o que cada professor pensa acerca da política que estabelece a existência de drogas lícitas e ilícitas, todos os professores são unânimes em afirmar que se trata de mera convenção que tem raízes políticas, jurídicas e históricas e que o fato de serem ilícitas não as torna necessariamente mais prejudiciais que as drogas lícitas. O professor C destaca que tal política gera muito preconceito no “mundo específico” dos dependentes e que é necessário oportunizar reflexões para romper estes preconceitos internos. Para o professor E, o mais importante não são os rótulos de lícitas e ilícitas, mas os prejuízos que as drogas podem trazer para a saúde do ser humano. Importante destacar que, embora o professor A discorde da política de distinção entre drogas lícitas e ilícitas, ele menciona que a baixa qualidade da educação e demais serviços públicos estatais em nosso país é o principal problema a ser atacado. O professor F resume a definição da atual política acerca de drogas lícitas e ilícitas como “hipocrisia, hipocrisia. Tem até que tomar cuidado pra falar isso...” (Professor F, CAPS, *Transcrição de áudio*, em 06/08/2018). O professor B destaca o problema desta política e afirma que a população mais pobre e negra é criminalizada junto com ela em nosso país:

É, não sei se é setenta e dois ou setenta e um, é muito alto. Então, quando você pensa que são quase todas negras, é... o critério pra avaliar se a pessoa é usuária de droga ou se ela é um traficante ela é subjetiva, ela não é objetiva, ela é subjetiva, é... [...] a maioria são negras, são negros, se a gente leva, se a gente, isso é população masculina, se a gente vai pra população feminina carcerária é muito maior é muito maior inclusive, por tráfico, quase todas é, já tem uma quantidade de filhos grandes, são dados interessantes que eu tenho... [...] aí elas vão ficar, elas vão ficar, agora não,

porque se você tiver filho pequeno é, você vai pra prisão provisória e ela foi revogada se você tiver criança pequena, mas a maioria tinha, estava grávida ou tinha filho pequeno, então ficava sem assistir o filho... depois eu te mando esses dados, é superinteressante, é... então é uma política muito atrasada, política de drogas no Brasil ela, a política assim, a legislação ela é um atraso, foram vários passos pra trás, ela prejudicou muito a população, principalmente a população mais pobre, porque se o critério pra avaliar se a pessoa é usuário ou traficante é subjetivo, então é, é uma política muito cruel. (Professor B, CAPS, *Transcrição de áudio* em 20/06/2018).

Ainda em relação à questão treze, o professor D identifica os principais problemas da política que define a existência de drogas lícitas e ilícitas como um dos fundamentos da exclusão, estigmatização e preconceito na sociedade brasileira.

Atinente à última questão sobre o que cada professor pensa acerca da regulamentação das drogas hoje consideradas ilícitas no Brasil, todos fazem ressalvas à efetivação de um processo de regulamentação das drogas consideradas ilícitas. O professor B, embora acredite em muitos benefícios da regulamentação como a redução da violência, arrecadação de impostos pelo Estado, constituição de um mercado formal das drogas, lembra do caso das bebidas alcóolicas que, apesar de serem regulamentadas, é a droga mais consumida no Brasil. O receio dele é que a regulamentação aumente o número de dependentes de drogas em nosso país. O professor D acredita na necessidade da regulamentação, mas como um processo “dialógico e democrático” para que traga mais soluções do que problemas. O professor F é a favor da regulamentação, mas com amplo investimento em prevenção e educação para evitar que a regulamentação traga mais prejuízos que benefícios. Segundo ele, “[...] mas por outro lado do jeito que tá também não dá pra ficar. É isso” (Professor F, CAPS, *Transcrição de áudio*, em 06/08/2018). O professor A é contrário à regulamentação se não houver uma qualificação dos serviços público-estatais, especialmente de educação. O professor E é favorável à regulamentação, embora faça ressalva semelhante à do professor B dizendo que

A regulamentação eu acho que se faz necessário. Agora, eu acho que a questão vai pra além da regulamentação. Existe uma regulamentação sobre o álcool... [...] ela continua sendo a droga que mais mata no mundo... [...] É, a... porque eu acho que o problema maior, então eu acho que tá na, que vai, que foge né, que extrapola, que tá além da regulamentação, são os interesses, o poder que tão por trás disso né, então o que eu percebo no álcool, o grande problema que eu percebo, não é ela ser regulamentada, o problema, até porque eu entendo que é necessário regulamentar, a questão é o incentivo que se é feito de uma forma indiscriminada. [...] nas propagandas, são exatamente o que você falou né, são desses meios visuais... [...] e, e assim como eu também percebo, faço até uma analogia tanto com relação ao álcool quanto com relação aos brinquedos, as propagandas direcionadas né, os marketings que são direcionados pras crianças aqui no Brasil. Então, você vê que é feito de uma forma assim,

abusiva e indiscriminada. Então, é nesse sentido que eu percebo, não é o álcool, mas é a forma como ela é incentivada, né. (Professor E, CAPS, *Transcrição de áudio* em 07/08/2018).

O professor C percebe que a regulamentação traria muitos benefícios, pois

Vai ser até melhor pro usuário de droga, porque hoje ele usa uma coisa que não sabe nem o que tá usando, porque não tem regulamentação nenhuma, “ah, é crack?”, “é”, mas não sabe nem o que tá dentro do crack lá... [...] que crack é aquele... [...] como que ele foi produzido... [...] não sabe, não sabe, o cara joga não sei o que de bateria, joga não sei o que, e o cara vup, joga tudo pra dentro... tem que, a população tem que ser ensinada sobre, ele tem que enxergar que nós vamos ter mais ganhos com essa legalização do que perdas, porque eles acham assim, a imagem na cabeça do senso comum é o que liberou, todo mundo vai usar, todo mundo vira zumbi, acabou aí nós vamo... [...] não, acabou, não existe mais, não vai existir mais hospital pra ter essas pessoas e a gente sabe que é minoria, um por cento da população está no serviço de saúde... (Professor C, CAPS, *Transcrição de áudio* em 15/06/2018).

Quanto à questão-problema apresentadas no problema científico desta pesquisa, no tocante aos profissionais de saúde, nota-se, em relação ao primeiro aspecto da questão, a subsunção desses professores(as) em maior ou menor grau aos mecanismos ideológicos de dominação. E isso no que concerne às deformações imagéticas, que têm seu núcleo irradiador a partir da indústria cultural. É importante ressaltar, como já foi dito aqui, que Adorno e Horkheimer (1947) já alertavam que só existem dois caminhos acerca da nossa relação com a indústria cultural: ou se participa dela ou se omite. Contudo, os professores de educação física demonstram, em maior ou menor grau, compreender os liames da indústria cultural em suas vidas no que tange às deformações imagéticas e às consequências para os usuários do serviço que atendem cotidianamente. No entanto, pode-se afirmar, a partir das observações participantes e da entrevista semiestruturada com cada professor(a), que muitas lacunas ainda limitam um processo terapêutico-pedagógico na direção da proposição de caminhos para o agir crítico e emancipado.

Concernente ao segundo aspecto da questão apresentada no problema desta pesquisa, não é possível perceber, de forma direta, se tem sido feito um trabalho terapêutico-pedagógico por parte dos professores de educação física na direção de processos de educação do olhar para compreender e estabelecer o debate sobre a regulamentação das drogas, bem como o controle social do uso de substâncias psicoativas. Até porque esta não é necessariamente a dinâmica de trabalho ou tema a ser trabalhado de qualquer forma e em qualquer momento, pois requer planejamento e disposição para estudar sobre a temática, a escuta qualificada, debate conjunto e autorreflexão crítica. Porém, não se quer dizer com isso que nada foi feito pelos

professores para estabelecer caminhos possíveis para este amplo debate e possível construção.

4.4. Concepções, condição da toxicomania, experiência/vivência terapêutico-pedagógica e olhares dos usuários do serviço

Em relação às concepções, condição da toxicomania, experiência/vivência terapêutico-pedagógica e olhares dos usuários do serviço atendidos pelos respectivos professores de educação física diariamente nos CAPS AD em Goiânia, esses usuários responderam às questões presentes em dois roteiros de entrevista semiestruturada. O primeiro foi feito para pessoas com 18 anos ou mais de idade e o outro para menores de 18 anos, conforme anexos III e IV, respectivamente.

De acordo com a análise dos dados coletados da entrevista semiestruturada, são apresentados os aspectos gerais concernentes às respostas dadas pelos usuários do serviço atendidos pelos seus respectivos professores de educação física nos quatro CAPS AD. Assim, põem-se em destaque as respostas dos usuários e usuárias do serviço acerca do problema anteriormente apresentado.

Sobre a primeira questão, trata-se de eixo comum que todos buscam melhorar suas condições gerais de vida em relação ao vício. A usuária A, atendida pelo professor A, menciona que

Na verdade pra mim eu sinto o tratamento, pra mim ele fortalece muito, então aqui, devido ao vício que eu me encontrava eu também procurei, eu procurei o CAPS através de uma conhecida minha que também era viciada né, na mesma droga que eu, aí ela me forneceu o número, aí eu liguei de livre e espontânea vontade, sem pressão de ninguém, eu já com a decisão tomada, que eu ia vim pra poder andar e progredir dentro do tratamento. (Usuária A, CAPS, *Transcrição de áudio* em 14/08/2018).

O usuário C, atendido pelo professor C, apresenta múltiplos eixos de cuidado que podem ser alcançados com o tratamento no CAPS:

Eu espero, eu sou dependente químico né e transtorno mental, esquizofrenia né, espero que o CAPS um tratamento legal para que eu saia do mundo das droga, certo, voltar a trabalhar que eu trabalho na área de enfermagem né, sou enfermeiro, sou aposentado no caso né, e meu sonho é ser enfermeiro de novo, e proposta do CAPS é voltar integrar de novo a comunidade né, é viver, eu moro sozinho, entendeu, é voltar a viver de novo, tá tudo na sociedade de novo, entendeu, isso que eu espero do CAPS. (Usuário C, CAPS, *Transcrição de áudio* em 16/08/2018).

O usuário B, atendido no CAPS pela professor B, relaciona a busca pelo tratamento à melhoria do quadro de transtorno mental e uso de múltiplas drogas, mas ainda não sabe como o CAPS pode ajudá-lo.

Eu espero que possa me ajudar da melhor maneira possível, porque eu tenho transtorno de atenção, tenho problema de alcoolismo e droga, então espero que aqui eu possa encontrar todo apoio que eu necessito. (Usuário B, CAPS, *Transcrição de áudio* em 15/08/2018).

O usuário D, atendido pelo professor D, acredita que a grande ajuda do CAPS é no abandono do uso prejudicial da droga. Assim, ele diz: “bom, espero melhorar né, a tendência é essa né, já tô já algum tempo sem beber, porque bebia todo dia né... e o tratamento aqui é muito bom e cada dia eu melhoro mais” (Usuário D, CAPS, *Transcrição de áudio* em 15/08/2018).

Quanto ao usuário E⁷⁵, atendido pelo professor F, em relação à primeira questão, este responde da seguinte maneira: “que eu consiga administrar a minha vida de forma que eu não saia perdendo nada, que eu entenda o que eu tô fazendo, sabia que... saiba controlar... espero que me ajude... isso” (Usuário E, CAPS, *Transcrição de áudio* em 20/08/2018).

Ainda quanto a esta primeira questão, cabe destacar que tem sido ponto comum nos estudos qualitativos⁷⁶ sobre a dependência e a oferta de cuidado realizado nos CAPS, na perspectiva dos usuários do serviço, em que

[...] as expectativas relacionadas ao tratamento, o desejo de mudanças e viabilização de projetos palpáveis estão condicionados a novas atitudes e abandono do uso da droga (GOMES, 2015, p. 331).

Nota-se como afirma Gomes (2015) que tais aspectos reforça aquilo que os usuários mencionaram anteriormente que buscam e tem conseguido nos CAPS. O primeiro elemento que comparece de busca é do cuidado. Dessa forma é preciso garantir a vinculação mais consistente dos usuários para momentos de cuidado e ao mesmo tempo formativos. Evidentemente o cuidado também é formativo porque fortalece os processos de humanização no sentido do afeto e da relação.

⁷⁵ Único usuário do serviço menor de 18 anos de idade que foi entrevistado e acompanhado nas observações participantes.

⁷⁶ Mais detalhes ver em Sousa et al. (2012), Pacheco et al. (2016) e Siqueira et al. (2018).

No que tange à questão de número dois, as imagens podem ser categorizadas em três grupos. A resposta do usuário E apresenta uma imagem de um possível processo futuro de regulamentação do uso das drogas ainda ilícitas no Brasil e como ele pode impedir menores de ter acesso às drogas. A resposta do usuário B remete aos aspectos midiáticos do uso de drogas. Então, ele diz que

A propaganda né, do, do cigarro, quando, é... quando passa né, por um bar, por uma distribuidora, também um supermercado né, onde fala lá, “cerveja, vinho”, a propaganda tá lá, eu vejo aí eu já imagino já né, o uso da substância. (Usuário B, CAPS, *Transcrição de áudio* em 15/08/2018).

É possível identificar a partir da fala do usuário B de que modo a indústria cultural mobiliza os nossos instintos pulsionais primários em nível de Id conforme foi dito no primeiro capítulo da tese. Evidencia-se na fala do usuário a produção da imagem mental nos espectadores para impulsionar o consumo imediato da substância psicoativa.

Já os outros três usuários remetem a imagens que lhes rememoram os prejuízos psicossociais que tiveram com o uso de drogas. A resposta dada pelo usuário C, atendido no CAPS, pode ser uma síntese das respostas dadas pelos outros dois usuários que remetem aos prejuízos do uso das drogas em suas vidas. Nesse sentido, ele afirma:

Olha, eu mexo tem uns treze anos, tô com quarenta e um ano, entendeu, eu sou usuário de cocaína, crack e cigarro, bebida nunca bebi não, menos mal né, então a imagem que tenho assim é de derrota, destruição, entendeu, me sinto inválido, sabe, uma coisa ruim assim, imagem ruim pra família, entendeu, família não aceita, claro não vai gostar duma coisa dessa né, família não aceita, então faz muito tempo que faço tratamento no CAPS, muito tempo mesmo, desde quando foi fundado o CAPS né, então imagem ruim pra sociedade né, pra gente mesmo né, no caso, e é isso. (Usuário C, CAPS, *Transcrição de áudio* em 16/08/2018).

Sobre a imagem que o dependente tem de si e da dependência, recorre-se novamente a Trad (2015). Esse autor afirma que, acerca da publicidade estatal oficial que tem como propósito a prevenção no uso de drogas reforçando as imagens de derrotado, criminoso ou doente os quais

[...] aparecem de forma exclusiva ou combinada. No limite, exacerba-se o caráter ilícito do uso das drogas e suas implicações com o tráfico e o crime organizado. O contexto, por sua vez, em consonância com esses arquétipos, alia elementos mórbidos e tenebrosos. (Ibid., p. 3).

Em relação à terceira questão, os usuários apresentaram respostas muito distintas acerca de suas preferências por programas que passam na televisão. Diferentemente dos professores de educação física que tinham preferências, via de regra, por poucos programas ou nenhum programa da televisão aberta brasileira, o que há em comum, da parte dos usuários do serviço, é o acesso e interesse justamente pelos programas que passam na televisão aberta no Brasil. Sobre essa questão, o usuário E diz que gosta de assistir a desenhos infantis que explicam a origem das coisas. Um exemplo que ele dá são desenhos que ensinam como

[...] plantar uma árvore, que você tem que plantar pra poder crescer e tal, coisinhas bobas que é regar e tal, mas que se torna na vida uma coisa top pra uma criança, então um desenho é bem melhor do que ele tá vendo outra coisa. (Usuário E, CAPS, *Transcrição de áudio* em 20/08/2018).

O usuário B declara sua preferência por programas televisivos religiosos de duas emissoras: a Rede Record e suas atuais novelas com temas bíblicos e a Rede Mundial e as pregações do pastor Valdemiro Santiago de Oliveira. Assim, ele relata:

Através dele minha vida tá mudando por causa dele, na igreja né, porque Deus e depois ele que é usado por Deus e gosto de assistir as novelas da Record, né, a de Jesus, a terra prometida, as novelas da Record. (Usuário B, CAPS, *Transcrição de áudio* em 15/08/2018).

Em relação ao usuário C, esse diz que gosta de assistir aos programas jornalísticos Jornal Nacional e Balanço Geral com o intuito de se informar. Para se entreter vendo programas de televisão, fala que assiste aos programas de Geraldo Luís, Sílvia Santos e Ratinho.

Concernente à usuária A, essa diz que não gosta de assistir a nenhum programa de tragédia, pois afirma que isso lembra “sua tragédia” pessoal, o que inclui os programas jornalísticos em geral. Menciona que gosta de assistir às novelas da Rede Globo, de Malhação até a novela das nove.

Em relação ao usuário D, esse gosta de programas culinários. Assim,

Bom, eu gosto de assistir muito programa de culinária, apesar que eu não, eu não cozinho quase nada e adoro pinturas, pinturas na televisão é comigo mesmo, então é... no geral é isso aí eu assisto de tudo um pouco, Ana Maria Braga essa é minha, minha principal, como se diz... (Usuário D, CAPS, *Transcrição de áudio* em 15/08/2018).

Quanto à experiência como telespectador dos programas televisivos e da televisão em si, Adorno (1995, p. 76) menciona seu caráter ambivalente:

Por um lado é possível referir-se à televisão enquanto ela se coloca diretamente a serviço da formação cultural, ou seja, enquanto por seu intermédio se objetivam fins pedagógicos: na televisão educativa, nas escolas de formação televisivas e em atividades formativas semelhantes. Por outro lado, porém, existe uma espécie de função formativa ou deformativa operada pela televisão como tal em relação à consciência das pessoas, conforme somos levados a supor a partir da enorme quantidade de espectadores e da enorme quantidade de tempo gasto vendo e ouvindo televisão. Contudo, é importante ressaltar que as pesquisas ainda não encontraram uma resposta específica à pergunta tão popular nos Estados Unidos: "What television does to people? (Que efeitos a televisão provoca nas pessoas?)".

No tocante à quarta questão, todos os usuários entrevistados não gostam de fazer leituras de livros. A usuária A diz que não lê porque precisa “forçar muito a vista” devido ao grau dos óculos que usa. O usuário C menciona que já gostou de ler, mas atualmente não lê livros. Ele relata que já leu “muito romances né, muito romance no caso, li bastante livro espírita, kardecista, li bastante, Chico Xavier né, mas no momento agora não tô fazendo leitura não” (Usuário C, CAPS, *Transcrição de áudio* em 16/08/2018).

Sobre a leitura, Freire (1989) nos remete à reflexão da sua importância para a leitura nas maneiras de ser e estar no mundo, bem como dos caminhos trazidos por esta experiência na direção da autonomia. Dessa forma,

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (Ibid., p. 9).

Referente à quinta questão, todos os usuários afirmaram gostar de assistir a filmes. É gênero de preferência quase unânime entre os entrevistados os filmes de ação com seus distintos subgêneros. O único que não compartilha dessa preferência é o usuário B, pois menciona que seu gênero favorito já foi o de aventura, embora atualmente demonstre gostar mais do gênero terror.

Bom, eu falei que gosto de assistir vários de aventura né, só que ultimamente eu tenho assistido mais é de terror. [...] Jogos Mortais, todos né, ah *O Exorcista*, *O Massacre da Serra Elétrica*, um monte, tem um monte legal, tem uns trezentos filmes que fala só de terror, mas nada que influencia na minha vida não, gosto só do filme mesmo e lado do bem, então gosto de filme de terror, acho interessante. (Usuário B, CAPS, *Transcrição de áudio* em 15/08/2018).

É importante destacar que quase todos os usuários demonstram preferência pelos filmes de luta (usuária A e usuários C, D e). Destacam-se duas situações em relação às preferências pelos gêneros fílmicos. A primeira é o sentido de utilidade de ver filme em que o usuário C diz que “os de ação eu gosto mais pra desenvolver mais assim né, luta essas coisas, sabe, eu gosto disso”. (Usuário C, CAPS, *Transcrição de áudio*, em 16/08/2018). O outro destaque é a reflexão do usuário D relacionada à sua experiência fílmica – com mais amplo repertório de todas que versam em filmes mais antigos com pouco investimento tecnológico - que possibilita refletir sobre a relação entre educação do olhar e semi formação a partir da experiência fílmica. Assim,

Pesquisador: O que que você mais gosta nesses filmes de ação, de comédia brasileira que você falou, Mazzaropi, e esses filmes de bang, o que você mais gosta nesses filmes, de ver nesse filmes? Usuário D: é porque não tem tanta tecnologia, hoje os filmes é tudo tecnológico, então a gente começa a assistir mas não sabe como que é o começo, meio e fim, porque é tudo feito no computador, antigamente o bang a gente achava marmelada, mas a gente via né, hoje não, hoje é tudo feito no computador, é feito igual os políticos nosso, é feito pra ludibriar a gente e fazer de conta que é bão, mas no fundo no fundo é titica de galinha, não vale nada, tudo, tudo é chama consumismo pra distração momentânea, nada que venha fixar na sua memória pra poder aproveitar no futuro. (Usuário D, CAPS, *Transcrição de áudio* em 15/08/2018).

No tocante à fala desse usuário sobre experiência fílmica, pode-se compreender que a relação entre educação do olhar e semi formação perpassa pelas reflexões de Adorno e Horkheimer (1947) acerca da relação entre arte leve e arte séria. Os processos de educação do olhar que apontam um embate contra hegemônico com a semi formação são oriundos da arte séria.

Isso decorre da apropriação frequente que a indústria cultural faz da arte leve. Como foi visto anteriormente, em contraposição à obra de arte séria que não pode ser subsumida ao mero formalismo estilístico, a obra de arte leve, de maneira geral, se atém ao imediato e efêmero formalismo estilístico, o qual constrói sua singularidade a partir da semelhança e repetição que conduz à mera adaptação ao existente. E isso está na centralidade da mimese alienante que é um dos pressupostos de ação típicos da indústria cultural.

Em outras palavras, trata-se da simplificação da experiência convertida em mera vivência cujo empobrecimento impele aos indivíduos uma condição de aprofundamento

da reificação. Tal processo culmina em um domínio de uma vivência pseudossensível calcada em uma superficial imanência e negadora da transcendência que remete ao mero ajustamento psicossocial existente. Isso reforça a barbárie tanto na dimensão individual quanto social, visto que a conciliação passa a ser a regra de um suposto bem viver no qual a tensão entre o princípio do prazer e o princípio de realidade é desconstruída.

A arte séria trata-se daquela produção artística que, em uma perspectiva mais ampla é formativa, constitui e é constituinte do processo de humanização. Com a arte séria, de fato ocorre uma experiência estética verdadeira, pois dela irradia a tensão entre passado, futuro e presente, colocando-nos no lugar de sujeitos históricos, da contradição, da nossa apetência e da nossa incompletude. Isso nos confere a potência para o agir crítico e emancipado na construção da resistência, na transformação de si e da sociedade.

Para Adorno e Horkheimer (1947), a tensão entre arte séria e arte leve reveste a arte séria de uma aura libertadora para os seres humanos perante os ataques constantes da indústria cultural. Assim, o que a indústria cultural tenta, incessantemente é absorver a arte leve na arte séria ou vice-versa. Até porque, e diante de possíveis idealizações filosóficas, não está se afirmando aqui que a arte séria esteja isenta de tentativas de incursões para ser apropriada pela indústria cultural.

Defender a arte séria e seu lugar na humanização do ser humano não implica assumir uma postura elitista como frequentemente os dois filósofos frankfurtianos são acusados. Trata-se, na verdade, da tensão entre ética, estética, técnica e política nas obras de arte. Até porque, como foi dito, a experiência artística verdadeira remete a uma relação com o sensível como experiência, mantendo a tensão entre imanência e transcendência que articula os tempos (passado, presente e futuro) e tem cunho formativo na direção da autonomia (ADORNO; HORKHEIMER, 1947).

Uma referência anterior à arte séria para melhor compreender o que é a educação do olhar e seus desdobramentos pode ser buscada em Schiller e sua concepção de belo. O belo reside na arte séria, assim:

Tínhamos necessariamente de encontrar todas as representações / do belo / em conflito com a experiência, porque a experiência não expõe absolutamente a Ideia do belo, ou antes por aquilo que sente comumente como belo não é absolutamente o belo. O belo não é um conceito de experiência, mas antes um imperativo. Decerto, ele é objetivo, mas apenas como uma tarefa necessária para a natureza racional e sensível; na experiência real, porém, ela permanece comumente inacabada, e por mais belo que um objeto seja, o entendimento antecipador o torna um objeto perfeito ou o sentido antecipador o torna um objeto meramente agradável.

É algo inteiramente subjetivo se sentimos o belo como belo, mas deveria ser algo objetivo (SCHILLER, 2002, p. 10).

Considerando tal reflexão fundamental desta tese, em relação à sexta questão, embora reconheçam os prejuízos das formas de uso, lugares e pessoas com quem usam as substâncias psicoativas, os usuários dos serviços relatam não ler nada a respeito do assunto. A fala do usuário D é uma síntese da fala dos demais usuários:

Não, não, não, eu leio muito livro de autoajuda, mas sobre as substância assim não, só sei que é altamente prejudicial a mim mesmo, porque a saúde dos outros não interessa, o que interessa mais é, é a minha própria saúde, porque hoje eu tô pagando o preço do, do uso do cigarro e do álcool, porque há um ano e meio atrás, um ano e dois meses atrás eu sofri uma intervenção cirúrgica no qual eu tirei cinquenta por cento da minha língua acometido de um câncer proveniente do uso do cigarro e do álcool e graças ao bom Deus e Nossa Senhora da Aparecida eu tô aqui vivo e até conversando com a metade da língua, mas graças a Deus tô bem. (Usuário D, CAPS, *Transcrição de áudio* em 15/08/2018).

Concernente à sétima questão, a maioria não gosta de ler jornais impressos (usuária A, usuários C e). Somente os usuários B e D disseram que leem jornais. Ambos gostam de ler o *Jornal Daqui* e o usuário D menciona gostar de ler *O Popular*. O usuário B menciona interesse por ler, preferencialmente, notícias relativas ao transporte coletivo na capital do estado de Goiás. Então, o usuário D diz:

É o jornal Daqui e O Popular, mais é, é, é sobre, sobre, sobre o cotidiano, sobre o que que vai acontecer, até mesmo em novela rapaz, coisa ruim mais a gente assiste, ler e tal, mas eu gosto mesmo do jornal Daqui é fazer a palavra cruzada, aquilo ali é indispensável e jogo dos sete erros, distrai bem e faz com que a gente continue pensando pra responder corretamente aquelas, aquelas, caça palavras lá, ok. (Usuário D, CAPS, *Transcrição de áudio* em 15/08/2018).

Referente à oitava questão, os usuários B e D demonstraram não ter interesse por uso de computador e nem *smartphone*, embora o usuário B tenha dito que considera necessário o uso do celular para ter contato com sua mãe e o usuário D relata ter feito uso de computadores antigos (386, 486, etc.) no sistema DOS em inglês. Como o usuário D acredita que o uso de computador prejudicou a sua visão e o fez usar óculos com maior grau, atualmente não tem interesse de usar computador e tampouco *smartphone*.

Já a usuária A diz que vendeu seu *notebook* e que usa *smartphone* e a rede social *whatsApp* para manter contato com os poucos amigos e amigas que não usam drogas. O usuário C diz que usa *smartphone* para acessar o *whatsApp* e *messenger*. Relata que

buscou essas redes sociais para conhecer pessoas e que, inclusive, iniciou na época da pesquisa, duas semanas antes, um relacionamento amoroso. Além disso, diz que usa as duas redes sociais para ter contato com familiares. O usuário E menciona que usa tanto o *notebook* (para trabalhar) como um *smartphone*. Em relação às redes sociais, o usuário E diz que usa *messenger*, *instagram* e *whatsApp*, mas a sua rede social preferida é o *whatsApp*. Sobre essa, o usuário E diz que gosta de “conversa, conversa, fotos no status que você tá em um lugar, você vai lá e tira uma fotinha, isso que eu mais faço, só isso mesmo” (Usuário E, CAPS, *Transcrição de áudio* em 20/08/2018). Tal necessidade de ver e ser visto mencionada pelo último usuário, quanto a esta questão, tem relação com o que Aumont (1993) denomina de pulsão escópica. Para ele, a pulsão escópica

Como indica o esquema geral, essa pulsão compõe-se de um objetivo (ver), uma fonte (o sistema visual), enfim, um objeto. Este último, o meio pelo qual a fonte alcança seu objetivo, foi identificado por Jacques Lacan como o olhar. Compreende-se que esse conceito de pulsão escópica, implicando a necessidade de ver e o desejo de olhar, tenha encontrado aplicação no domínio das imagens (AUMONT, 1993, p. 125).

Diante da nona questão, a imagem que faz o usuário D se sentir bem é a dos profissionais que o atendem na Unidade com os quais tem vínculo. O usuário B diz que a imagem que o faz sentir bem são das pessoas em tratamento no CAPS, mesmo em semanas difíceis, vê-las chegarem nas semanas seguintes melhores do que estavam em semanas anteriores. A usuária A menciona aspectos que remontam à padronização da beleza feminina imposta pela indústria cultural:

Falando de imagem assim, eu gosto de imagem de, dessas modelos com roupa, salto. [...] Aqueles da *Victoria Secrets*... [...] das *langerie*... [...] essas coisas assim. Gosto da Gisele também... [...] é, de ver, porque é uma brasileira né, que tá pra fora, [...] eu gosto de imagens assim né, coisas bonita, que eu não tenho condições de comprar né, mas eu gosto de ver. (Usuária A, CAPS, *Transcrição de áudio* em 14/08/2018).

Sobre esta subsunção à padronização autoritária do belo pela indústria cultural, Adorno e Horkheimer (1947, p. 66) afirmam:

A reprodução mecânica do belo – à qual serve *a fortiori*, com sua idolatria metódica da individualidade, a exaltação reaccionária da cultura – não deixa mais nenhuma margem para a idolatria inconsciente a que se ligava o belo. O triunfo sobre o belo é levado a cabo pelo humor, a alegria maldosa que se experimenta com toda renúncia bem-sucedida.

Ainda relativo à nona questão, o usuário C diz que a imagem que vem à sua mente e lhe faz sentir bem é a de liberdade simbolizada pelo “desenho de um pássaro” (Usuário C, CAPS, *Transcrição de áudio* em 16/08/2018). Já o usuário E diz que a

[...] imagem que me faz vê que, que melhora pra mim é igual na minha família que tem um gay lá que hoje em dia ele é riquíssimo, ele é médico. Antigamente todo mundo, meu vô mesmo, não queria nem ficar perto dele, hoje todo mundo pega na mão dele, abraça, dá até beijin aqui do lado, “tudo bem?” tal, mas hoje porque o cara é gay, ô, porque o cara é rico, mesma coisa de um médico que tem lá perto de casa, ele usa só o uso de maconha, só de maconha, disse que todo mundo odiava, pai dele falou um monte de coisa pra ele, mas hoje ele tem dinheiro, hoje todo mundo fica de boa, minha mãe que não é muito fã deu fazer esse uso e tal, conversa com ele de boa, vai na casa dele toma um cafezin tranquilo, mas porque acho que hoje em dia você bem de vida parece que todos querem você, é um trem assim, entendeu, quando você tá na mal ninguém te quer, mas acho que caráter ou você tem ou você não tem, não é a maconha que vai te dizer se você tem, se não tem. (Usuário E, CAPS, *Transcrição de áudio* em 20/08/2018).

Concernente à décima questão, assim como a nona, as imagens são múltiplas e profundamente distintas. O usuário E diz que, diferentemente da imagem que lhe faz bem, ver um parente seu estigmatizado pela sua orientação sexual e ser bem sucedido é a imagem que mais que lhe causa sofrimento:

É... reunir, vê um monte de gente sentado assim, numa rodinha e eles vê que essas pessoas são da minha família pra vim conversar sobre isso. Falar coisas que eles não entendem, eles as vezes assim, o dia que foi num lugar desse, muito medo, não sabe o que faz, não sabe como que funciona né, mas acredito eu que eles deveriam pelo menos pesquisar e poder conversar, as vezes eles falam coisas que num tem nada a ver, entendeu, ou seja, você vê que eles estão com muito medo e não sabe o que fazer as vezes. (Usuário E, CAPS, *Transcrição de áudio* em 20/08/2018).

O usuário C vê a imagem do sofrimento da pessoa em depressão como a que mais lhe causa sofrimento. A usuária A relata que a imagem que mais lhe causa sofrimento é de ter estado ausente no velório do pai e irmão. Trata-se de uma imagem não vivida, mas imaginada. Além disso, menciona imagens que vêm à sua mente de estar usando drogas mesmo não “desejando usar” (Usuária A, CAPS, *Transcrição de áudio* em 14/08/2018). O usuário B relata que a imagem que mais lhe causa sofrimento é de se ver internado em um Hospital de Urgências após uma agressão física que sofreu em sua cabeça. Já o usuário D remete à imagem abstrata que não sabe representar, mas que é do seu próprio desespero.

Relativo à questão de número onze, as concepções são muito distintas entre os usuários entrevistados. O usuário D percebe, na concepção dele, a intervenção

inconveniente do Estado neste processo, visto que esse ente preocupa-se apenas em arrecadar impostos e não tem preocupação alguma com a saúde das pessoas.

Eu acho o seguinte, esse Brasil nosso, é... cheio de injustiça, o que é ilícito hoje que é o jogo do bicho, a maconha e a cocaína se começar a pagar imposto tudo se torna lícito, porque eles tão querendo provar a lei do, do, do cassino no país porque vai render dividendos, porque tudo hoje é, é ilegal né, porque o jogo do bicho é ilegal porque não recolhe imposto, mas a partir do momento que recolher todo político vai querer uma beirinha, então é, é vamos legalizar exatamente por isso, porque são gananciosos, só pensa nos impostos que gera, mas não pensa no bem-estar da população, não pensa no mal que vai causar e não pensa em nada além da, da, além da, da, do, do, do bem-estar, quer é o retorno financeiro. [...] no entanto, vai legalizar porque vai gerar impostos, mas que é bão pra população, não. (Usuário D, CAPS, *Transcrição de áudio* em 15/08/2018).

A usuária A acredita que mais do que existir a política que define a existência de drogas lícitas e ilícitas seria melhor que elas não existissem.

Se fosse possível melhor não existir, eu vejo que aqui no CAPS muitas pessoas luta, luta, luta e tem hora que eu percebo quando eles chegam, porque como se diz, já fiz amizade com todo mundo, eu percebo que quando eles chega eu percebo que eles bebeu, eu ainda brinco com eles assim, “você bebeu um pouquinho né”, eles sorri, “é você percebe mesmo”, falo, “te conheço sóbrio”, eu olho no olho, percebo, “você bebeu”, mas não falo assim, condenado né, [...] Realmente não é fácil, aliás, nenhum vício é fácil. [...] E as fábricas não pensasse só no próprio lucro né, sem se preocupar com a saúde da pessoa, seria melhor. (Usuária A, CAPS, *Transcrição de áudio* em 14/08/2018).

O usuário B acredita que a regulamentação da maconha seria aceitável, pois ela causa poucos prejuízos, em sua concepção, embora considere que a regulamentação de outras drogas, como cocaína e crack, por exemplo, não seja, na concepção dele, desejável.

No caso, aí já falando de droga, porque tudo é ruim, eu não vejo a maconha assim, sabe, igual as outras drogas não, igual cocaína né, igual o crack, a maconha é, acho que prejudica muito não em vista das outras drogas... [...] as outras prejudica, porque eu conheço pessoas né, não sou a favor não, conheço pessoas que fuma todo dia e trabalha normal até mais que uma pessoa que não usa nada. [...] não faz mal pra ninguém, agora as outras drogas igual cocaína, o crack já leva a pessoa a química né, já leva a pessoa a fazer coisa errada, eu penso assim. (Usuário B, CAPS, *Transcrição de áudio* em 15/08/2018).

A fala do usuário B remete à reflexão feita por Nery Filho (2009) relativa ao processo de demonização do *crack* e outras drogas tão bem organizada e inculcada na concepção das pessoas a partir da padronização das consciências realizada pela indústria

cultural. Ainda relativo à questão onze, o usuário C diz que a política que distingue drogas lícitas de ilícitas não é adequada, pois oculta que ambos os tipos causam dependência.

Pra mim um trem desse assim é muito ruim né, porque todas causam dependência, dependência, todas. Claro que tem umas drogas mais forte, com certeza né, mexe com o psicológico, vamos supor o cigarro, cigarro causa dependência, tem nicotina, eu mesmo se ficar sem fumar me dá até dor de cabeça, entendeu, e é uma droga lícita que pode ser vendida, você consegue em qualquer lugar, você vai num bar, você vai num mercado você compra, você entendeu, mas é uma droga, mexe com o seu psicológico, mexe com a mente, entendeu, eu penso isso, eu acho que não há diferença ter droga lícita e ilícita, é droga do mesmo jeito, porque tudo mexe com seu psicológico com sua mente, entendeu, causa dependência. (Usuário B, CAPS, *Transcrição de áudio* em 15/08/2018).

Já o usuário E acredita que a política que distingue drogas lícitas de ilícitas está equivocada, baseada nas experiências que viveu sob o efeito de ambas (bebidas alcóolicas e maconha) em que os prejuízos psicossociais foram maiores, inclusive com as drogas lícitas (bebidas alcóolicas).

Eu comecei a fazer uso de álcool primeira vez na minha vida, quando eu comecei nessa vidinha minha de curtir com os amigos. Eu passei tanta vergonha já em Mozarlândia, tanta vergonha mesmo assim, de cair na praça, ficar bêbado, louco, nunca passei essas vergonha com maconha por exemplo, quando eu fumava muito mesmo, muito o máximo que podia acontecer era deitar mesmo que seja no chão mesmo e dormir e ficar ali no meu cantin e pronto, agora não com álcool eu ficava louco, agressivo, saía atrás de muié, trem mais louco do mundo com cara casado já, sabe, esquisito, então eu acho que essa política tá errada pra mim, na minha informação, do jeito que eu penso eu já vi muitos realidade como a minha, muitos mesmo, então eu acho que tá errado. (Usuário E, CAPS, *Transcrição de áudio* em 20/08/2018).

Em relação à última questão, a de número doze, que envolve a concepção dos usuários acerca da regulamentação das drogas ainda hoje ilícitas, três identificam mais aspectos positivos na regulamentação e dois usuários são contra a regulamentação. O usuário C é contra, pois o acesso às drogas hoje ilícitas ficaria muito mais fácil. Sobre isso, o usuário diz: “sou totalmente contra. [...] Não, porque fica mais acessível a ter essas drogas né, ter essas drogas, certo, né, e é ruim pra gente e pra sociedade né (Usuário C, CAPS, *Transcrição de áudio* em 16/08/2018).

Para o usuário D, a regulamentação fará com que os usuários percam o medo devido à quebra da barreira social atual da ilegalidade. Para ele,

Perde o medo da ilegalidade mesmo sabendo que vai ser prejudicial pra saúde, mas, mas perde o medo da ilegalidade, tendo acesso? Aí não tem dinheiro vai começar a roubar e matar pra, pra adquirir o produto que vai passar a ser lícito, mas na realidade vai ser, não um adiantamento, mas um retrocesso na própria conjuntura que o país se encontra, porque a polícia prende e aí a justiça solta aí, aí que vai ser difícil porque não vai ter prisão, aí vai comandar o país mesmo. (Usuário D, CAPS, *Transcrição de áudio*, em 15/08/2018).

Entre os usuários que são favoráveis ao processo de regulamentação, o usuário E afirma que tal mudança permitiria que as pessoas usassem diferentes drogas – não mais segregadas – em lugares adequados cada um respeitando o direito do outro. Nesse sentido, para ele, quem usa drogas não se sentiria desrespeitado por quem não usa drogas e vice-versa. O usuário afirma que

Na minha opinião acho que seria ótimo, seria muito bom porque eu já usei muita maconha, falei hora nenhuma de crack, dessas coisas que as pessoa mais tem medo hoje em dia, pelo menos a maconha assim muita gente faz uso já né, crack você vê menos é uma coisa que é mais tenso vamos se dizer assim, eu falando, então o que acontece acredito eu que seria bem melhor, porque tendo lugar certo, aonde comprar e o lugar de fazer uso, você num, eu não estaria por exemplo, eu penso, você já pensou se tivesse o meu filho eu vou andando com ele aqui tem um cara com uma latinha ali e fazendo uso de crack, o trem tanto que fede eu não acharia legal, mas também não acharia legal se fosse eu lá fazendo o uso da minha maconha ou senão se fosse dum crack, por exemplo, o cara vem falar merda pra mim também não acharia legal, porque eu tô no cantin, então se tivesse o meu canto exclusivo, pra eu fazer meu uso, pra eu poder comprar e ninguém encher meu saco, seria bem melhor, seria ele fazendo o uso dele tranquilamente e eu com meu filho lá na outra praça de cima, que é a área branca, por exemplo, tem a área vermelha e área branca, andando com meu filho de bicicleta todo mundo feliz, cada um no seu lugar, cada um no seu quadrado. (Usuário E, CAPS, *Transcrição de áudio* em 20/08/2018).

Já o usuário B, embora seja favorável à regulamentação, em uma reflexão pessoal sobre os aspectos positivos e negativos de tal processo, identifica dois aspectos que pesam a favor da regulamentação. O primeiro é que as drogas passariam por um controle de seu processo de produção. O segundo é que o dinheiro arrecadado dos impostos poderia ser revertido no próprio tratamento do dependente. Dito nas palavras dele:

A regulamentação né, legalizando eu acho que todo tipo de droga aí ter o controle melhor, eu acho que vai ter o controle melhor. [...] uai, pra melhor que vai pagar os imposto, vai ajudar né, pode usar o dinheiro para outras, até pra um tratamento né, sobre as drogas. A regulamentação, o lado bom é esse né, que pode né, usar o dinheiro pro tratamento. Agora, o lado ruim é que vai usar droga do mesmo jeito né, a pessoa vai tá se destruindo, então, tá na mão de Deus, né. (Usuário B, CAPS, *Transcrição de áudio* em 15/08/2018).

Em relação à usuária A, essa nos diz:

De repente se acontecesse a regulamentação menos pessoas iam usar. [...] Porque tudo que é bom é proibido. [...] Tudo quando é proibido é uma delícia. [...] aí tipo assim, liberou, eu num... eu acho que a pessoa já não ia ter muita graça de usar, porque a tipo assim, a ênfase, a ganância, o tesão de usar é quando é proibido. “eu tô usando escondido”. [...]. Escondido que é mais gostoso. [...] na regulamentação, é ter o lugar certo da pessoa usar [...] Eu acho que na regulamentação evitaria mais os crimes né, questão de crimes. [...] porque aí não seria uma coisa tão proibida, a polícia estaria em cima mas tipo, vistoriando só, só mantendo as coisas em ordem, já não existiria tanta morte nem tanto bandido, porque eu acho errado a pessoa, o cara ser traficante de repente tirar a vida de uma pessoa que era usuário, eu acho que um traficante não tem, um traficante nem ninguém tem direito de tirar a vida da pessoa, porque a partir do momento que uma pessoa já usa droga, ele já em si já está se destruindo a sua vida, aí o traficante vem aponta uma arma, um revólver e termina de acabar, porque a partir do momento que a pessoa tá usando droga ela tá sendo destruído. (Usuária A, CAPS, *Transcrição de áudio* em 14/08/2018).

De acordo com a fala da usuária A, inicialmente, ela identifica que a regulamentação seria benéfica se estivesse relacionada com a sua concepção do senso comum de que “o que é proibido é mais gostoso”. Dessa forma, com o fim da proibição, haveria, para ela, uma redução do interesse pelo uso das drogas hoje ilícitas. Outro aspecto que a usuária vê como positivo, semelhante ao usuário E, é a existência de locais destinados para o uso de drogas. Outro aspecto que ela encara como positivo da regulamentação é que a polícia não ficaria despendendo esforços na perseguição de traficantes e também os traficantes de drogas deixariam de existir e os crimes – como “acerto de contas” – que envolvem homicídios feitos pelos traficantes deixariam de ocorrer também.

Com base em todas as reflexões feitas até aqui e nas respostas dadas por professores e usuários do serviço, foi possível apresentar um panorama polifônico de concepções acerca dos processos de educação do olhar e semiformação humana concernentes ao processo de regulação social do uso de substâncias psicoativas.

Evidentemente, não se trata de universalizar, a partir do particular, uma pesquisa que, do ponto de vista estatístico, representa uma ínfima parcela da população para efeitos de generalização, mas que representa, nos liames da sua especificidade como pesquisa qualitativa, os inúmeros discursos que perpassam os diferentes contextos relativos à temática aqui abordada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento, é mister elencar diversos elementos postos no intuito de sintetizar toda a discussão apresentada nas considerações finais em torno das questões centrais desta tese. Nesse sentido, reitera-se que, durante este trabalho, buscou-se constituir um percurso que tivesse como caminho precípua a historicidade e seu desenvolvimento, abrindo o profícuo debate acadêmico em campos de reflexão e entendimento desta temática em contraposição à cristalização de estratégias típicas dos modelos de saber dominantes que somente impulsionam, em suas múltiplas dimensões, uma adaptação ao existente.

Buscou-se evitar, o máximo possível, a idealização da lógica psicossocial em sua dimensão terapêutico-pedagógica em que foram apresentados seus limites e possibilidades por meio da crítica e da autorreflexão crítica. A clareza da conduta terapêutico-pedagógica não pode ser exclusiva da educação física como campo de saber e da ação do profissional de saúde formado nessa área. Para que uma conduta terapêutico-pedagógica mais efetiva se materialize na prática cotidiana nos CAPS é fundamental que seja um compromisso ético de toda a equipe multidisciplinar nessa direção, embora Adorno (1995, p.182-183) afirme que

[...] a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência.

Novamente, aqui comparece a síntese entre o cuidado no campo da saúde e a formação para autonomia no que se refere ao que aqui foi denominado de terapêutico-pedagógico a partir dessa reflexão adorniana na direção da humanização. É importante ressaltar que a fragmentação típica do modelo de sociedade que separa a educação da saúde e vice-versa, mediante os mecanismos ideológicos e socioculturais de dominação do capitalismo tardio é oriunda da desumanização e, conseqüentemente, da barbárie que são fruto de múltiplas determinações psicossociais apresentadas como sínteses na realidade.

Diante disso, a alienação, a reificação e a padronização dos indivíduos realizadas pela indústria cultural e pela semiformação humana apresentam-se como faces do aprofundamento da desumanização ao longo do desenvolvimento histórico do capitalismo.

Concernente à relação do humano com as substâncias psicoativas, buscou-se apresentar as múltiplas dimensões da origem do uso de drogas por parte da humanidade, seu desenvolvimento histórico e o surgimento, muito recente, do vício/dependência como problema de ordem psicossocial que atingiu escala global sob a lógica do capitalismo tardio agudizado pela política proibicionista das drogas.

Nesse sentido, buscou-se compreender o desenvolvimento histórico do proibicionismo das drogas como categoria lógica e histórica e sua articulação com a indústria cultural como categoria desenvolvida por Adorno e Horkheimer (1947). Além disso, buscou-se compreender os diferentes choques (imagéticos, audiovisuais e fílmicos), conforme apresentado por Türcke (2010), e as mutações da própria indústria cultural sob o esteio da sociedade excitada como um dos núcleos da sociedade administrada. Tal processo permite a reflexão sobre um mosaico lógico e histórico de fundamentos da realidade de difícil superação histórica.

Assim, mesmo diante de toda a luta histórica que permitiu o desenvolvimento e a organização de serviços substitutivos ao modelo asilar-manicomial-hospitalocêntrico e médico centrado, a partir dos princípios da lógica psicossocial, essa tem apresentado limites muito importantes. Os mecanismos remanescentes no inconsciente da cultura no seu sentido *lato*, que reverberam a barbárie, limitam a implementação efetiva e concreta de modelos que de fato busquem trilhar caminhos na realização da humanização do ser social desumanizado da sociedade burguesa capitalista.

O resultado disso é a reprodução da lógica asilar-manicomial-hospitalocêntrica e médica centrada sob novas formas conforme modelos e estruturas psicossociais. Sobre a relação dialética entre essência e aparência, descortiná-la não significa negar seus incontestáveis avanços históricos nas formas de cuidado em saúde e nos processos terapêutico-pedagógicos de dependentes de substâncias psicoativas e pessoas com diferentes transtornos mentais.

Como exercício de uma crítica e autocrítica radical do existente fora e dentro de nós, cabe compreender o quanto a reforma nos serviços de saúde mental avançou no tocante ao seu horizonte de intenções e como tem se efetivado na vida concreta. Tal processo permitiu compreender as possíveis relações entre a educação do olhar e a semiformação humana diante de processos terapêutico-pedagógicos realizados por professores de educação física em quatro CAPS-AD da cidade de Goiânia.

Isso implica pensar nas condições objetivas e subjetivas de construção da Rede de Atenção Psicossocial para se efetivar a reforma nos serviços de saúde mental no

município de Goiânia como política pública de acordo com os marcos legais. Os limites práticos da exequibilidade da reforma nos serviços de saúde em Goiânia têm relação com a quase inexistente dinâmica de atendimento no território onde as pessoas vivem; as equipes multidisciplinares, em geral, são pequenas nos serviços em funcionamento; as condições de trabalho e os recursos materiais para os atendimentos são muito limitados; existe a dificuldade de colocar em prática os princípios da lógica psicossocial devido a múltiplas limitações psicossociais de distintas dimensões e ao predomínio de uma política pública no Brasil patrimonialista que utiliza o dinheiro arrecadado dos impostos para financiar diferentes serviços de saúde da esfera privada em detrimento da esfera pública estatal.

No Brasil, as malhas da semi formação, associadas aos processos de educação do olhar, parecem ainda mais fortes que em muitos países. Isso demonstra como o predomínio do senso comum ainda orienta as nossas ações e é reprodutor de toda sorte de preconceitos, estereótipos e estigmatizações que tornam o cenário mais caótico e de difícil ruptura histórica no tocante à problemática complexa e multifacetada das toxicomanias.

Assim, reitera-se a necessidade de amplo debate sobre o processo de regulamentação do uso de todas as substâncias psicoativas ainda consideradas ilícitas em nosso país. Tal processo, construído com ampla participação da sociedade civil, pode gerar rupturas históricas necessárias em contraposição as múltiplas determinações psicossociais que só reforçam a desumanização.

Evidentemente, não se trata de idealizar a regulamentação do uso de drogas como o fim último para solução de todos os nossos problemas quanto ao seu uso. No entanto, a regulamentação, por si só, já contribuiria para a ruptura de inúmeros tabus psicossociais acerca do seu uso e estabeleceria novas formas de reconhecimento de identidades até então coagidas pela mera existência em uma lógica etnocêntrica mercantil própria do capitalismo.

Além disso, para que as práticas terapêutico-pedagógicas de educação em saúde nos CAPS se tornem efetivas é mister construí-las sob as bases ao mesmo tempo da ludicidade e da criticidade. Nesse sentido, a educação física pode oportunizar outras experiências do tempo livre, estabelecendo a tensão entre a educação do olhar para uma verdadeira formação.

Portanto, é na construção de uma educação em saúde, com autonomia e resistência dentro e fora dos CAPS-AD, que será possível buscar outras sínteses históricas possíveis.

O momento atual anuncia a necessidade de articular a paciência histórica sem perder de vista um novo horizonte balizado pela emancipação humana, que gere as rupturas necessárias com os distintos mecanismos culturais e ideológicos de dominação oriundos do capitalismo tardio e de qualquer regime totalitário explicitados ao longo desta tese.

Não se trata portanto de idealizar a processo terapêutico-pedagógico como prática social isolada que irá garantir as rupturas com ordem existente no que ela apresenta de mais perversa e desumanizada. A emancipação em qualquer modelo de sociedade que tenha a dominação como fundamento é oriunda da resistência que não é emancipação plena, mas a emancipação possível. Tal horizonte só será alcançado por meio de rupturas nas condições objetivas da existência em sua infraestrutura que apresenta sua primazia, mas tem na tensão dialética com as condições subjetivas e em sua superestrutura na direção da construção e materialização (não perdendo a tensão necessária entre imanência e transcendência) para a superação da barbárie e da dominação em suas múltiplas dimensões na direção da autonomia e emancipação humana.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz & Terra, 1995.
- ADORNO, T. W. **Teoria da semicultura**. Disponível em: <<http://adorno.planetaclix.pt/tadorno.htm>>. Acesso em: 5 jan. 2015.
- ADORNO, T. W. Notas marginais sobre Teoria e Práxis. In: _____. **Palavras e Sinais. Modelos Críticos 2**. Tradução de Maria Helena Ruschel; Supervisão de Álvaro Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985
- ANDRÉ, Marli; LÜDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- ANDRÉ, Marli; LÜDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1996.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papirus, 1993.
- BRANDÃO, C. R.; BORGES, M. C. **A pesquisa participante: um momento de educação popular**. Programa de Formação Continuada em Educação, Saúde e Cultura Populares, 2007.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria n.º 1.028**, de 1º de julho de 2005.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Reforma Psiquiátrica e Política de Saúde Mental no Brasil**. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/relatorio_15_anos_caracas.pdf>. Acesso em: 27 maio 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Mais sobre os serviços em Saúde Mental**. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/cidadao/acoes-e-programas/conte-com-a-gente/leia-mais-conte-com-a-gente>>. Acesso em: 21 nov. 2015.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9761.htm. Acesso em: jun. 2019
- CASTELLANI FILHO, L. et al. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 2009.
- CARNEIRO, Henrique. **As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX**. Outubro, São Paulo, v. 6, p.115-128, 2002.
- CARVALHO, Joselice Moreira de Souza Carvalho et al. **Abordagem teórica sobre a loucura e a reforma psiquiátrica no Brasil**. Disponível em:

<<http://www.conhecer.org.br/enciclop/2009/abordagem%20teorica.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2015.

CIRQUEIRA, Márcio Vinicius de Brito. **Programa de atenção integral ao louco infrator: perspectivas de formação e inclusão social**. 2011. 167 f. Dissertação Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Disponível em: <https://ppge.fe.ufg.br/up/6/o/Dissert__Marcio_Vinicius_Cirqueira.pdf?1334231834>. Acesso em: 2 nov. 2015.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências Técnicas para Atuação de Psicólogos (os) no CAPS – Centro de Atenção Psicossocial**. Disponível em: <<http://www.crpso.org.br/portal/comunicacao/diversos/cd-saude>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

COSTA, Juliana Martins. **Toxicomania: uma forma de existir?** Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Instituto de Psicologia, 2005.

D'ELIA FILHO, Orlando Zaccone. **Acionistas do nada: quem são os traficantes de drogas**. Rio de Janeiro: Reavan, 2007.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Disponível em: <http://minhateca.com.br/paulocesart/Documentos/DEBORD*2cGuy-A+Sociedade+do+Espectaculo,21781104.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2015.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 7. ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

DIÁRIO DE GOIÁS. **CREDEQ de Aparecida de Goiânia não tem data para funcionar**. Disponível em: <<http://diariodegoias.com.br/cidades/14637-credeq-de-aparecida-de-goiania-nao-tem-data-para-funcionar>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

ESCOHOTADO, Antonio. **Historia general de las drogas**. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

FERNANDES, Ribeiro Vagner; FUZINATTO, Aline Mattos. **Drogas: proibição, criminalização da pobreza e mídia**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal de Santa Maria, 2012.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Hucitec, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

FREUD, Sigmund. **O Ego e o id e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2015.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. Disponível em: <<http://lacan.orgfree.com/freud/textosf/alemoprincipiodeprazer.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

FURTADO, Rita Márcia Magalhães. O descompasso entre as maneiras de ver e sentir nas sociedades contemporâneas. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 84-91, jan./abr. 2015.

FURTADO, Roberto Pereira et al. O trabalho do professor de educação física no CAPS. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 41-52, jan./mar. 2015. Disponível em: <seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/download>. Acesso em: 2 nov. 2015.

FURTADO, Roberto Pereira et al. Desinstitucionalizar o cuidado e institucionalizar parcerias: desafios dos profissionais de Educação Física dos CAPS de Goiânia em intervenções no território. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 26, n.1, p.183-195, 2017.

GOIÂNIA. **Atendimento Psiquiátrico – Secretaria Municipal de Saúde**. Disponível em: <<http://www.saude.goiania.go.gov.br/html/secretaria/saudemental/atendimento.shtml>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

GOIÁS. **CREDEQ**. Disponível em: <<http://www.credeq-go.org.br/>>. Acesso em: 3 nov. 2015.

GOIÁS. **Rede de Atenção em Saúde Mental em Goiânia**. Disponível em: <http://www.mpggo.mp.br/portal/system/resources/rede_de_atencao_em_saude_mental_-_goiania_-_atualizada_em_2011.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2015.

GOMES, Rebeca Rodrigues et al. Motivações e expectativas na busca de tratamento para o uso abusivo e dependência de crack, álcool e outras drogas. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 326-335, set./dez. 2015.

HAROCHE, Claudine. **A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

HAROCHE, Claudine. Crise da consciência contemporânea e expansão de um saber não-acumulativo (A universidade em questão). **História e Perspectivas**, Uberlândia, v. 32, n. 33, p.11-35, jan./jul./ago./dez. 2005.

HAROCHE, Claudine. Maneiras de ser e de sentir na aceleração e a ilimitação contemporânea. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 359-378, julho/diciembre 2011.

HAROCHE, Claudine. O sujeito diante da aceleração e da ilimitação contemporâneas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 851-862, out./dez. 2015.

HOBBSBAWM, Eric J. **A era do capital**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2002.

HORKHEIMER, Max. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: BENJAMIN, Walter; HORKHEIMER, Max, ADORNO; Theodor W., HABERMAS, Jürgen. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p.117-161. (Col. Os Pensadores, v. XLVIII).

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996.

LOBO FILHO, Sílvio. **A concepção biologicista na educação física: o discurso do corpo e suas relações saber e poder**. 2003. 250 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUNARDI, Valéria Lerch. Problematizando conceitos de saúde, a partir do tema da governabilidade dos sujeitos **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 20, n.1, p. 26-40, jan. 1999.

MAAR, Wolfgang Leo. Educação Social. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 83, p. 459-476, ago. 2003.

MADALOSSO, Adriana Ribeiro Martins. Iatrogenia do cuidado de enfermagem: dialogando com o perigo no cotidiano profissional. **Rev. Latino-americana Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 3, p. 11-17, jul. 2000.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. Fonte Digital: Nélon Jahr Garcia. Disponível em: <<https://neppec.fe.ufg.br/up/4/o/brumario.pdf>>. Acesso: 25 nov. 2015.

MARX, Karl. **O Capital. Livro I**. São Paulo: Nova Cultura, 1996.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MÉSZÁROS, István. **O século XXI: socialismo ou barbárie**. São Paulo: Boitempo, 2003.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque. Uma educação do olho: as imagens na sociedade urbana, industrial e de mercado. **Cadernos Cedes**, Campinas, ano XXI, n. 54, ago. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n54/5267.pdf>>. Acesso em: 1 mar. 2016.

MORAES, Daniel Cardoso de; BARRETO NETO, Heráclito Mota. **Panorama conceitual e histórico do uso de drogas: uma necessária compreensão da autonomia, para além do proibicionismo imediatista**. Florianópolis: CONPEDI, 2014.

NETTO, José Paulo. **O que é marxismo**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

NERY FILHO, Antônio et al. **Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropológicas**. Salvador: EDUFBA: CETAD, 2009.

NEUVALD, Luciane; GUILHERMETI, Paulo. A semiformação no curso de Pedagogia: uma reflexão introdutória. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO – Confluências. Santa Maria, 2., 2006. **Anais...** Santa Maria: Facos, 2006. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/026e4.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

OLIEVENSTEIN, Claude. **Destino do toxicômano**. São Paulo: ALMED, 1985.

PACHECO, Sofia Uchôa Cavalcanti et al. A importância do empoderamento do usuário de CAPS para (re)construção do seu projeto de vida. **Mental**, Barbacena-MG, v. 12, n. 22, p. 72-89, jan./jun. 2018.

PARANÁ. **Rede de Atenção Psicossocial**. Disponível em: <<http://www.saude.pr.gov.br/arquivos/File/RAPS.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

PINTO, Ana Raquel Rodrigues Loio. **A Construção da Toxicodependência como doença através das práticas**. 2012. 92 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Médica) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra, Portugal.

PINTO, Rômulo Fabriciano Gonzaga. **As contribuições da educação crítica para a emancipação do sujeito toxicômano**. 2016. 236 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

PINTO, Rômulo Fabriciano Gonzaga. **As relações entre a epidemiologia e a indústria cultural: fomentando o discurso da educação física para a construção do padrão de corpo saudável**. Monografia orientada pelo prof. Dr. Tadeu J. R. Baptista para obtenção do título de licenciatura plena em Educação Física pela UEG, 2006.

RIBEIRO, Lorena Araújo et al. As oficinas terapêuticas nos centros de atenção psicossocial. **Rev. Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 12, n. 4, p. 516-522, out./dez. 2008.

SATO, Miriam Keiko de S. A propaganda e a publicidade de medicamentos e a informação ao consumidor. **Revista de Direito Sanitário**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 89-115, nov. 2002.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2009.

SIQUEIRA, D. F.; TERRA, M. G; SOCCOL, K. L. S.; CANABARRO, J. L., MORESCHI, C. Motivos atribuídos por usuários à procura de tratamento em um centro de atenção psicossocial álcool e drogas. **REME – Rev. Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 22, 2018.

SOARES, C. L.; TAFFAREL, C. N. Z.; VARJAL, E. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUSA, Gardênia Machado et al. Perfil de usuários atendidos no centro de atenção psicossocial álcool e drogas: possíveis relações entre comorbidades e álcool. **Revista Interdisciplinar NOVAFAPI**, Teresina, v. 5, n. 2, p. 9-14, abr./maio/jun. 2012.

TELLES, Yuri X. A. Siqueira et al. **A indústria cultural e indústria da saúde**: um olhar frankfurtiano sobre a saúde coletiva, no âmbito da lógica do consumo. Disponível em: <<http://www.abrapso.org.br>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

TORCATO, Carlos Eduardo Martins. Breve história da proibição das drogas no Brasil. **Inter-Legere**, Natal-RN, n. 15, p. 138-162, jul./dez.2014.

TRAD, Sérgio. Mídia e drogas: confrontando texto e contexto da publicidade comercial e de prevenção. In: CETAD Observa. **Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropológicas**. Salvador: 2009. Disponível em: <http://www.twiki.ufba.br/twiki/pub/CetadObserva/ReducaoRiscosDanos/M%EDdia_e%E3o.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2015.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

VERONA, Humberto et al. **Subjetividade do consumo de álcool e outras drogas e as políticas públicas brasileiras**. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2010.

WACHS, Felipe. **Educação Física e Saúde Mental**: uma prática de cuidado emergente em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). 2008. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

WARMLING, Diego Luiz; VERAS, Thor João de Sousa. Choque & modernidade: Benjamin às voltas com Freud. **Kínesis**, v. IX, n. 21, p. 43-61, dez. 2017.

XAVIER, Edgar de Andrade. **A teoria marxiana da história:** uma abordagem crítica interdisciplinar. 2007. 102 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ANEXO I

	HOSPITAL E MATERNIDADE DONA IRIS	
---	---	--

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Educação do Olhar e Semiformação

Pesquisador: ROMULO FABRICIANO GONZAGA PINTO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 87649618.2.0000.8058

Instituição Proponente: Universidade Federal de Goiás - UFG

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.688.777

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da teoria crítica da Escola de Frankfurt. Considera-se que a educação do olhar pode contribuir para o contexto de semiformação e que os mecanismos culturais e ideológicos de dominação, como a Indústria Cultural, se impõem com o propósito de massificação do humano. Elaboram-se as seguintes questões: como o sujeito toxicômano e os profissionais de saúde mental podem apreender as imagens disseminadas pela Indústria Cultural? É possível um processo de educação do olhar para se compreender a regulamentação e o controle social do uso de substâncias psicoativas?

Objetivo da Pesquisa:**Objetivo Primário:**

Compreender como os profissionais de saúde mental e o sujeito toxicômano podem apreender as imagens disseminadas pela Indústria Cultural e sua possível vinculação com um processo de educação do olhar que possa ter relação com as políticas de regulamentação relacionada ao controle social do uso de substâncias psicoativas.

Objetivo Secundário:

Entender o advento da política proibicionista das drogas e sua articulação com a semiformação humana;

Endereço: EMILIO POVOA Bairro: VILA REDENÇÃO UF: GO Município: GOIANIA Telefone: (62)3956-8860	CEP: 74.845-250 E-mail: centrodeestudoshmdl@gmail.com
--	--



Continuação do Parecer: 2.688.777

Identificar os processos de educação do olhar e sua possível relação com as maneiras de ver e sentir na contemporaneidade relacionada com as toxicomanias;

Situar a Indústria Cultural como mecanismo central de dominação humana no que concerne aos fluxos sensoriais contínuos relacionados a semiformação humana no campo das toxicomanias.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Na nova versão, pesquisador acrescentou os benefícios e os riscos da pesquisa e os cuidados para minimizá-los.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa visa contribuir com a compreensão da educação do olhar nos CAPS-AD em Goiânia relacionada ao processo histórico de regulamentação e controle social do uso de substância psicoativas, colaborando para uma reflexão ampla relevância sob os pontos de vista social e científico.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Pesquisador modificou o TCLE, acrescentando os riscos e benefícios da pesquisa e anexou o roteiro de entrevista.

Recomendações:

Modificar os dados do CEP da UFG no TCLE para o CEP HMDI. Modelo enviado em anexo.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não existem pendências na nova versão.

Considerações Finais a critério do CEP:

acatado pelo colegiado

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_modelo_cep.docx	29/05/2018 13:31:08	Patrícia Gonçalves Evangelista Marçal	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1101109.pdf	14/05/2018 20:18:11		Aceito
Outros	ROTEIRO_ENTREVISTA_SEMIESTRUTURADA_PARA_USUARIOS_DO_CAP	14/05/2018 20:17:28	ROMULO FABRICIANO	Aceito

Endereço: EMILIO POVOA
Bairro: VILA REDENÇÃO CEP: 74.845-250
UF: GO Município: GOIANIA
Telefone: (62)3956-8860 E-mail: centrodeestudoshmdi@gmail.com

 HOSPITAL E MATERNIDADE DONA IRIS Comitê de Ética em Pesquisa	
--	--

Continuação do Parecer: 2.688.777

Outros	I_GIRASSOL_CEP.docx	14/05/2018 20:17:28	GONZAGA PINTO	Aceito
Outros	ROTEIRO_DE_ENTREVISTA_SEMIES TRUTURADA_PROFESSOR_DE_EDU CACAO_FISICA_CEP.docx	14/05/2018 20:16:54	ROMULO FABRICIANO GONZAGA PINTO	Aceito
Outros	ROTEIRO_DE_ENTREVISTA_SEMIES TRUTURADA_DOS_USUARIOS_COM_ 18_ANOS_OU_MAIIS_CEP.docx	14/05/2018 20:16:21	ROMULO FABRICIANO GONZAGA PINTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PROFESSOR_DE_EDUCACAO_FISICA_DO_CAPS_CORRIGIDO.docx	14/05/2018 20:03:04	ROMULO FABRICIANO GONZAGA PINTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PARA_USUARIOS_DO_CAPS_COM_18_ANOS_OU_MAIIS_CORRIGIDO.docx	14/05/2018 20:02:38	ROMULO FABRICIANO GONZAGA PINTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_PARA_USUARIOS_DO_CAPS_MENORES_DE_18_ANOS_CORRIGIDO.docx	14/05/2018 20:02:12	ROMULO FABRICIANO GONZAGA PINTO	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.docx	26/03/2018 20:19:16	ROMULO FABRICIANO GONZAGA PINTO	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_PREENCHIDA_CEP_UFG_DOC.docx	26/03/2018 20:16:22	ROMULO FABRICIANO GONZAGA PINTO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TERMODECOMPROMISSOCEPASSIN ADORITA.JPG	26/03/2018 20:12:34	ROMULO FABRICIANO GONZAGA PINTO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DECLARACAO_DE_ANUENCIA_SMS_GOIANIA.JPG	26/03/2018 20:11:36	ROMULO FABRICIANO GONZAGA PINTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODOOUTORADOROMULOUFG CEP2018.docx	26/03/2018 19:59:12	ROMULO FABRICIANO GONZAGA PINTO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	26/03/2018 19:57:53	ROMULO FABRICIANO GONZAGA PINTO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: EMILIO POVOA Bairro: VILA REDENCAO UF: GO Município: GOIANIA Telefone: (62)3956-9860	CEP: 74.845-250 E-mail: centrodeestudosmd@gmail.com
--	--

	HOSPITAL E MATERNIDADE DONA IRIS	
Continuação do Parecer: 2.688.777		

GOIANIA, 04 de Junho de 2018

Assinado por:
Patrícia Gonçalves Evangelista Marçal
(Coordenador)

Endereço: EMILIO POVOA	CEP: 74.845-250
Bairro: VILA REDENCAO	
UF: GO Município: GOIANIA	
Telefone: (62)3956-9860	E-mail: centrodeestudosimdi@gmail.com

ANEXO II

Roteiro de Entrevista semiestruturada Professor de Educação Física

1. O que você espera do tratamento realizado pelo CAPS?
2. Quais são as imagens que vem a sua mente quando você pensa na condição do usuário de drogas?
3. Quais são os programas televisivos que você assiste?
4. Quais gêneros literários você prefere ler?
5. Qual gênero fílmico você gosta de assistir?
6. Você já algum estudo sobre a relação das pessoas com as drogas? Se sim, qual?
7. Qual ou quais são as influências que a educação do olhar relativa a história de vida do usuário atendido no CAPS pode contribuir com a condição de semiformação e sofrimento psicossocial?
8. Como se dá o planejamento das intervenções terapêutico-pedagógicas realizadas por você nesta Unidade de Saúde?
9. Quais são as finalidades que você pretende alcançar ao longo da sua intervenção terapêutico-pedagógica?
10. Quais referências visuais você acredita que podem contribuir com um processo contra hegemônico que corrobore com a construção da autonomia e emancipação dos usuários por você atendidos?
11. Você acredita que a educação do olhar pode exercer influência sobre as concepções de homem, mundo, sociedade e sobre a relação dos ser humano com as substâncias psicoativas? Se sim, qual ou quais seriam?
12. Quais são as concepções teóricas que fundamentam sua prática terapêutico-pedagógica no CAPS?
13. O que você pensa sobre a política que estabelece a existência de drogas lícitas e ilícitas?
14. O que pensa sobre a regulamentação das drogas que são hoje consideradas ilícitas?

ANEXO III

1. O que você espera do tratamento no CAPS?
2. Quais são as imagens que vem a sua mente quando pensa sobre o uso de drogas?
3. Quais são os programas televisivos que você assiste? O que mais gosta nestes programas?
4. Quais livros costuma ler? O que você mais gosta nas leituras?
5. Quais são os filmes que você gosta de assistir? O que você mais gosta nesses filmes?
6. Que tipo de leitura já fez sobre a relação das pessoas com as drogas?
7. Você lê jornal? Quais jornais costuma ler? O que mais gosta de ler nos jornais?
8. Você tem smartphone e ou computador? Utiliza as redes sociais? Quais são as que você utiliza com mais frequência? Tem preferência por alguma? Quais são atividades que você mais realiza nas redes sociais?
9. Qual ou quais imagens te ajudam a se sentir melhor em relação ao tratamento no CAPS? (Imagem mental ou imagem mecânica)
10. Quando está em momentos difíceis da sua vida quais imagens vem a sua mente?
11. O que você pensa sobre a política que estabelece a existência de drogas lícitas e ilícitas?
12. O que você pensa sobre a possibilidade da regulamentação do uso de determinadas drogas que são ilícitas hoje?

ANEXO IV

1. O que você espera do tratamento no CAPS?
2. Quais são as imagens que vem a sua mente quando pensa sobre o uso de drogas?
3. Quais são os programas televisivos que você assiste? O que mais gosta nestes programas?
4. Quais livros costuma ler? O que você mais gosta nas leituras?
5. Quais são os filmes que você gosta de assistir?
6. Que tipo de leitura já fez sobre a relação das pessoas com as drogas?
7. Você lê jornal? Quais jornais costuma ler? O que mais gosta de ler nos jornais?
8. Você tem smartphone e ou computador? Utiliza as redes sociais? Quais são as que utiliza com mais frequência? Tem preferência por alguma? Quais são atividades que você mais realiza nas redes sociais?
9. Qual ou quais imagens te ajudam a se sentir melhor em relação ao tratamento no CAPS? (Imagem mental ou imagem mecânica)
10. Quando está em momentos difíceis da sua vida quais imagens vem a sua mente?
11. O que você pensa sobre a política que estabelece a existência de drogas lícitas e ilícitas?
12. O que pensa sobre a regulamentação das drogas que são hoje consideradas ilícitas?

ANEXO V

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA USUÁRIOS DO CAPS MENORES DE 18 ANOS

1. Título da pesquisa: “EDUCAÇÃO DO OLHAR E SEMIFORMAÇÃO”.
 2. Esta pesquisa tem como objetivo compreender como os professores de educação física e vocês usuários dos CAPS-AD podem ou não ser influenciados por imagens que são expostas todos os dias por diferentes mídias (televisão, rádio, internet, cinema, propagandas) e sua possível relação com um processo de educação do olhar que possa estar relação com a manutenção ou construção de políticas do nosso país de regulamentação e de controle social do uso de drogas.
 3. Sua participação na pesquisa é voluntária. Ela não proporciona nenhum tipo de benefício financeiro. Se você não quiser participar da pesquisa, isso não resultará em qualquer prejuízo para o seu tratamento.
 4. Você será indenizado(a) por qualquer dano que venha a sofrer com a sua participação na pesquisa (nexo causal).
 5. A pesquisa referida está sendo desenvolvida pelo doutorando Rômulo Fabriciano Gonzaga Pinto para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás. O pesquisador irá participar das intervenções do professor de Educação Física na mesma condição que você que é por ele atendido em Grupo e ou individualmente. Durante a intervenção do professor de Educação Física o pesquisador irá gravar em áudio as intervenções realizadas e poderá fazer anotações caso você concorde e os demais membros do grupo também.
 6. A pesquisa conta com a orientação da Professor Doutora Rita Márcia Magalhães Furtado.
 7. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso às anotações do pesquisador que estará, também, a disposição para esclarecimento de eventuais dúvidas com o pesquisador pelos telefones: (62) 98239-6017; (62) 98511-8542 e (62) 98298-7991. As chamadas podem ser feitas inclusive a cobrar.
 8. As informações coletadas nas observações serão utilizadas exclusivamente na tese de doutorado do pesquisador. Neste trabalho será garantido o seu anonimato ou das pessoas citadas por você. Também não serão especificados o nome e cidade do serviço de saúde (CAPS). Os serviços serão citados apenas como participantes na introdução do trabalho.
 9. Os dados coletados ficarão arquivados por um período de cinco anos e serão utilizados para fins exclusivos desta pesquisa.
 10. Em qualquer momento da pesquisa você poderá desistir de sua participação. Caso este seja seu desejo, não será feita nenhuma referência a manifestações suas no grupo.
 11. Serão feitas duas cópias deste termo. Uma ficará com você e outra com o pesquisador.
- Eu, _____, acredito ter sido esclarecido sobre a pesquisa e sobre o conteúdo deste termo. Concordo voluntariamente com a participação do menor de idade que está sob minha responsabilidade na pesquisa.

Assinatura dos pais ou responsáveis

Assinatura do pesquisador

Local

____/____/____
Data

ANEXO VI

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA USUÁRIOS DO CAPS COM 18 ANOS OU MAIS

1. Título da pesquisa: “EDUCAÇÃO DO OLHAR E SEMIFORMAÇÃO”.
2. Esta pesquisa tem como objetivo compreender como os professores de educação física e vocês usuários dos CAPS-AD podem ou não ser influenciados por imagens que são expostas todos os dias por diferentes mídias (televisão, rádio, internet, cinema, propagandas) e sua possível relação com um processo de educação do olhar que possa estar relação com a manutenção ou construção de políticas do nosso país de regulamentação e de controle social do uso de drogas.
3. Sua participação na pesquisa é voluntária. Ela não proporciona nenhum tipo de benefício financeiro. Se você não quiser participar da pesquisa, isso não resultará em qualquer prejuízo para o seu tratamento.
4. Você será indenizado(a) por qualquer dano que venha a sofrer com a sua participação na pesquisa (nexo causal).
5. A pesquisa referida está sendo desenvolvida pelo doutorando Rômulo Fabriciano Gonzaga Pinto para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás. O pesquisador irá participar das intervenções do professor de Educação Física na mesma condição que você que é por ele atendido em Grupo e ou individualmente. Durante a intervenção do professor de Educação Física o pesquisador irá gravar em áudio as intervenções realizadas e poderá fazer anotações caso você concorde e os demais membros do grupo também.
6. A pesquisa conta com a orientação da Professora Doutora Rita Márcia Magalhães Furtado.
7. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso às anotações do pesquisador que estará, também, a disposição para esclarecimento de eventuais dúvidas com o pesquisador pelos telefones: (62) 98239-6017; (62) 98511-8542 e (62) 98298-7991. As chamadas podem ser feitas inclusive a cobrar.
8. As informações coletadas nas observações serão utilizadas exclusivamente na tese de doutorado do pesquisador. Neste trabalho será garantido o seu anonimato ou das pessoas citadas por você. Também não serão especificados o nome e cidade do serviço de saúde (CAPS). Os serviços serão citados apenas como participantes na introdução do trabalho.
9. Em qualquer momento da pesquisa você poderá desistir de sua participação. Caso este seja seu desejo, não será feita nenhuma referência a manifestações suas no grupo.
10. Serão feitas duas cópias deste termo. Uma ficará com você e outra com o pesquisador.

Eu, _____, acredito ter sido esclarecido sobre a pesquisa e sobre o conteúdo deste termo. Concordo, voluntariamente, em participar da pesquisa.

Assinatura do participante Assinatura do pesquisador

_____ / ____ / _____

Local

Data

ANEXO VII

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO CAPS

1. Título da pesquisa: “EDUCAÇÃO DO OLHAR E SEMIFORMAÇÃO”.
2. Esta pesquisa tem como objetivo compreender como os professores de educação física e os usuários dos CAPS-AD podem apreender as imagens disseminadas pela Indústria Cultural e sua possível vinculação com um processo de educação do olhar que possa ter relação com as políticas de regulamentação relacionada ao controle social do uso de substâncias psicoativas.
3. Sua participação na pesquisa é voluntária. Ela não proporciona nenhum tipo de benefício financeiro.
4. Você será indenizado(a) por qualquer dano que venha a sofrer com a sua participação na pesquisa (nexo causal).
5. A pesquisa referida está sendo desenvolvida pelo doutorando Rômulo Fabriciano Gonzaga Pinto para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás. O pesquisador irá participar das intervenções do professor de Educação Física na mesma condição que você que é por ele atendido em Grupo e ou individualmente. Durante a intervenção do professor de Educação Física o pesquisador irá gravar em áudio as intervenções realizadas e poderá fazer anotações caso você concorde e os demais membros do grupo também.
6. A pesquisa conta com a orientação da Professora Doutora Rita Márcia Magalhães Furtado.
7. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos dados coletados pelo pesquisador que estará, também, a disposição para esclarecimento de eventuais dúvidas com o pesquisador pelos telefones: (62) 98239-6017; (62) 98511-8542 e (62) 98298-7991. As chamadas podem ser feitas inclusive a cobrar.
8. As informações coletadas nas observações serão utilizadas exclusivamente na tese de doutorado do pesquisador. Neste trabalho será garantido o seu anonimato ou das pessoas citadas por você. Também não serão especificados o nome e cidade do serviço de saúde (CAPS). Os serviços serão citados apenas como participantes na introdução do trabalho.
9. Em qualquer momento da pesquisa você poderá desistir de sua participação. Caso este seja seu desejo, não será feita nenhuma referência a manifestações suas no grupo.
10. Serão feitas duas cópias deste termo. Uma ficará com você e outra com o pesquisador.

Eu, _____, acredito ter sido esclarecido sobre a pesquisa e sobre o conteúdo deste termo. Concordo, voluntariamente, em participar da pesquisa.

Assinatura do professor participante

Assinatura do pesquisador

Local

____/____/_____
Data